



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**O GÊNERO À MARGEM: A representação da travestilidade**  
**na página do *Facebook* Travesti Reflexiva**

**RUHAN VICTOR OLIVEIRA DOS SANTOS**

**SÃO CRISTÓVÃO**

**Junho/2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**O GÊNERO À MARGEM: A representação da travestilidade**  
**na página do *Facebook* Travesti Reflexiva**

**RUHAN VICTOR OLIVEIRA DOS SANTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Renata Barreto Malta.

**SÃO CRISTÓVÃO**

**Junho/2018**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586g Santos, Ruhan Victor Oliveira dos  
O gênero à margem: a representação da travestilidade na página do *Facebook* Travesti Reflexiva/ Ruhan Victor Oliveira dos Santos; orientadora Renata Barreto Malta. – São Cristóvão, 2018. 370 f.:il.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

1. Comunicação – Aspectos sociais. 2. Identidade de gênero. 3. *Facebook* (Rede social on-line). 4. Movimentos sociais. 5. Análise de conteúdo (Comunicação). 6. Travestis. I. Malta, Renata Barreto, orient. II. Título.

CDU: 316.77-055.3



Universidade Federal de Sergipe  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

### ATA DE SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO MESTRADO EM COMUNICAÇÃO UFS

**Título do trabalho:** "O gênero à margem: a representação da travestilidade na página do Facebook Travesti Reflexiva."

**Aluno:** RUHAN VICTOR OLIVEIRA DOS SANTOS

**Data da defesa:** 23/06/2018

Às 09h30 (nove e trinta) do dia 23 do mês de junho de 2018, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe realizou a Defesa da Dissertação do discente RUHAN VICTOR OLIVEIRA DOS SANTOS denominada "O gênero à margem: a representação da travestilidade na página do Facebook Travesti Reflexiva", conforme o que estabelece a Resolução 60/2014/CONEPE/UFS, que regula o funcionamento do PPGCOM/UFS. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores RENATA BARRETO MALTA (PPGCOM-UFS) orientadora, LILIAN CRISTINA MONTEIRO FRANCA - avaliadora Interna (PPGCOM-UFS) e JAQUELINE GOMES DE JESUS - avaliadora Externa (IFRJ). A sessão solene de Defesa ocorreu na Dd 06, sala 08. Após o discente proceder à apresentação da dissertação, a banca fez os questionamentos e comentários referentes ao trabalho, os quais foram respondidos pelo discente. Ao final, a banca reuniu-se reservadamente e considerou o discente RUHAN VICTOR OLIVEIRA DOS SANTOS APROVADO no Curso de Mestrado em Comunicação da UFS com o conceito A.

Cidade Universitária "Prof. José Aloísio de Campos", 23 de junho de 2018

Prof. Dra. RENATA BARRETO MALTA - orientadora (PPGCOM-UFS)

Prof. Dra. LILIAN CRISTINA MONTEIRO FRANCA - avaliadora Interna (PPGCOM-UFS)

Prof. Dra. JAQUELINE GOMES DE JESUS - avaliadora Externa (IFRJ)

Coordenadora do Departamento de Comunicação Social, andar superior, sala 1, Secretária PPGCOM, Cidade Universitária  
Prof. José Aloísio de Campos - Av. Marechal Rondon, 1.100 - Jardim Rosa Elze - Telefone (79) 3234-6404 / 6408 -  
CEP: 49106-905 - São Cristóvão/SE Home Page: <http://www.posgraduacao.ufs.br/ppgcom>



## DEDICATÓRIA

Esta dissertação é especialmente dedicada a nós da comunidade LGBTQ+ e a todas às identidades marginais do gênero e da sexualidade: as *manas*, as *monas*, aos *viados*, as *bichas*, as *poc*, aos *sapatões* e em especial a todas as travestis e pessoas trans. Para além de sobreviver, que possamos prosperar, rir, amar, sonhar e inspirar. Resistamos!

## AGRADECIMENTOS

Honrando a todos aqueles que vieram antes, agradeço ao Grande Mistério por essa fantástica e surpreendente experiência que foi o mestrado acadêmico: a exemplo do objeto de análise aqui proposto, ao concluir esta dissertação também parto como um novo indivíduo. Ao PPGCOM-UFS pela oportunidade, bem como a todo seu excelente corpo docente e técnico pela construção conjunta desta pesquisa. A CAPES, pela concessão de uma bolsa de estudo durante o último ano de pesquisa, importante fator ao nosso desenvolvimento.

A Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata Barreto Malta, orientadora do trabalho, que me ofereceu seu apoio irrestrito e serviu como constante fonte de inspiração. Sua apaixonante e política abordagem em relação às questões de gênero e aos estudos culturais é algo que marcou profundamente este trabalho e minha atuação acadêmica – e assim deverá permanecer por um longo tempo. Sua ousadia em desbravar comigo um tema tão urgente quanto necessário também deve ser ressaltada. Obrigado por tudo. A Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jaqueline Gomes de Jesus, por ter contribuído com seu importante olhar tanto em suas obras, utilizadas aqui como referências, como também durante os períodos de qualificação e defesa dessa dissertação.

A Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lilian Cristina Monteiro França, minha primeira orientadora durante a graduação e que de maneira gentil e afetuosa também participou do encerramento desta jornada atrás das etapas de qualificação e defesa. Suas dicas e *insights* numerosos foram marcantes e sua original atuação em sala de aula é uma das principais razões que me levam a querer lecionar e a ocupar este espaço.

À Sofia Fávero, criadora da página *Travesti Reflexiva*, por ter incentivado tantos de nós através de suas publicações a repensarmos questões de gênero no cotidiano, e também pela participação fundamental em nossas etapas de análises e entrevistas. Seus milhares de seguidores no *Facebook* provavelmente continuarão lembrando-se de você: continue a nos provocar aonde quer que você vá.

Estendo minha gratidão também aos meus pais José (*in memoriam*) e Mary, aos meus avós, João e Jó, e aos familiares, amigos, colegas e mestres que de alguma forma vibraram e transmitiram apoio a esta jornada. A Ayná Corrêa e Michele Tavares, por seus fortes incentivos. A minha gata, Shanti, que por diversas vezes sentou-se amorosamente em meu

colo enquanto escrevia essas páginas. A todos aqueles que se propuseram a escutar e discutir sobre os mecanismos do gênero e da opressão durante essa jornada.

*“Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”.*

Marshall Berman

*“Entre ser homem e ser mulher, eu quero ser eu”.*

MC Linn da Quebrada

## RESUMO

Potencialmente subversiva, a travestilidade e a experiência transexual são constantemente pontos de embate na discussão atual sobre questões de gênero. Esta pesquisa visa investigar de que forma a página do *Facebook Travesti Reflexiva*, grande página de destaque sobre a travestilidade e a transexualidade que esteve em atividade no Brasil entre 2012 e 2016, com cerca de 198.356 curtidas (acesso em 09/05/2018), representou a travestilidade. Através do arcabouço teórico dos Estudos Culturais, das contribuições de Judith Butler (2003) e dos trabalhos sobre cibercultura e movimentos sociais de Manuel Castells (1999), Pierry Levy (1999), Gohn (1997) e outros pesquisadores, busca-se compreender quais significados implícitos e explícitos referentes à identidade travesti podem ser percebidos através de suas publicações *online* e se, em alguma instância, essa página potencializa discussões e ativismo relacionados às questões de gênero também *offline*. Adotamos para o desenvolvimento metodológico a junção de procedimentos presentes nos campos da Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e o uso de entrevistas para compreender a atuação da *Travesti Reflexiva* também como um discurso ideológico, com possibilidades representativas para a travestilidade, a experiência transexual e as vivências e reivindicações desses indivíduos.

Palavras-chave: identidade; representação; travestilidade; *Facebook*; ativismo;

## ABSTRACT

Potentially subversive, the transsexual experience is constantly clashing in the current discussion on gender issues. This research aims to investigate in which way the *Facebook page Travesti Reflexiva*, large page of prominence on transsexuality that was in activity in Brazil between 2012 and 2016, with about 198,356 followers (access on 05/09/2018), represented the transsexuality. Through the theoretical framework of Cultural Studies, the contributions of Judith Butler (2003) and the works on cyberculture and social movements of Manuel Castells (1999), Pierry Levy (1999), Gohn (1997) and other researchers, we try to understand which implicit and explicit meanings referred to the trans identity can be perceived through their online publications and if, in some instance, this page allows for discussions and activism related to gender issues also offline. We adopted for the methodological development the joint procedures present in the fields of Content Analysis, Discourse Analysis and the use of interviews to understand the performance of *Travesti Reflexiva* also as an ideological discourse, with representative possibilities for transsexual experience and the claims of these individuals.

Keywords: identity; representation; transsexual; Facebook; activism;

## RESUMEN

Potencialmente subversiva, la travestilidad y la experiencia transexual son constantemente puntos de enfrentamiento en la discusión actual sobre cuestiones de género. Este trabajo pretende investigar de qué forma la página de *Facebook Travesti Reflexiva*, gran página de destaque sobre la travestilidad y la transexualidad que estuvo en actividad en Brasil entre 2012 y 2016, con cerca de 198.356 curtidas (acceso en 09/05/2018), representó la travestilidad. A través del marco teórico de los Estudios Culturales, de las contribuciones de Judith Butler (2003) y de los trabajos sobre cibercultura y movimientos sociales de Manuel Castells (1999), Pierry Levy (1999), Gohn (1997) y otros investigadores, se busca comprender cuáles los significados implícitos y explícitos referentes a la identidad travesti pueden ser percibidos a través de sus publicaciones *online* y si en alguna instancia esta página potencializa discusiones y activismo relacionados con las cuestiones de género también *offline*. Hemos adoptado para el desarrollo metodológico la unión de procedimientos presentes en los campos del Análisis de Contenido, Análisis de Discurso y el uso de entrevistas para comprender la actuación de la *Travesti Reflexiva* también como un discurso ideológico, con posibilidades representativas para la travestilidad, la experiencia transexual y las vivencias y reivindicaciones de esos individuos.

Palabras clave: identidad; representación; travesti; *Facebook*; activismo;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Página pública Travesti Reflexiva no Facebook	17
Figura 2 – Assassinatos de pessoas trans e gênero diversas no mundo	47
Figura 3 – Protocolo de Análise Katarini Giroldo Miguel	118
Figura 4 – Postagem 3 de janeiro de 2015	122
Figura 5 – Postagem 8 de janeiro de 2015	123
Figura 6 – Postagem 29 de janeiro de 2015	124
Figura 7 – Postagem dia 29 de janeiro de 2015	124
Figura 8 – Postagem 6 de janeiro de 2015	126
Figura 9 – Postagem 6 de janeiro de 2015	126
Figura 10 – Postagem 9 de janeiro de 2015	127
Figura 11 – Postagem 9 de janeiro de 2015	128
Figura 12 – Postagem 22 de janeiro de 2015	129
Figura 13 – Postagem 22 de janeiro de 2015	129
Figura 14 – Postagem 22 de janeiro de 2015	129
Figura 15 – Postagem 22 de janeiro de 2015	130
Figura 16 – Postagem 22 de janeiro de 2015	130
Figura 17 – Postagem 22 de janeiro de 2015	130
Figura 18 – Postagem 20 de janeiro de 2015	132
Figura 19 – Postagem 1 de janeiro de 2015	132
Figura 20 – Postagem 1 de janeiro de 2015	133
Figura 21 – Postagem 13 de fevereiro de 2015	136
Figura 22 – Postagem 3 de fevereiro de 2015	137
Figura 23 – Postagem 13 de fevereiro de 2015	137
Figura 24 – Postagem 7 de fevereiro de 2015	139
Figura 25 – Postagem 7 de fevereiro de 2015	140
Figura 26 – Postagem 16 de fevereiro de 2015	140
Figura 27 – Postagem 12 de fevereiro de 2015	141
Figura 28 – Postagem 12 de fevereiro de 2015	141
Figura 29 – Postagem 14 de fevereiro de 2015	142
Figura 30 – Postagem 14 de fevereiro de 2015	143
Figura 31 – Postagem 10 de fevereiro de 2015	143
Figura 32 – Postagem 10 de fevereiro de 2015	144
Figura 33 – Postagem 10 de fevereiro de 2015	144
Figura 34 – Postagem 27 de fevereiro de 2015	147
Figura 35 – Postagem 16 de março de 2015	149
Figura 36 – Postagem 13 de março de 2015	150
Figura 37 – Postagem 30 de março de 2015	150
Figura 38 – Postagem 19 de março de 2015	151
Figura 39 – Postagem 19 de março de 2015	153
Figura 40 – Postagem 21 de março de 2015	154
Figura 41 – Postagem 29 de março de 2015	154
Figura 42 – Postagem 31 de março de 2015	154
Figura 43 – Postagem 17 de março de 2015	155
Figura 44 – Postagem 20 de março de 2015	155
Figura 45 – Postagem 11 de março de 2015	156
Figura 46 – Postagem 12 de março de 2015	156
Figura 47 – Postagem 12 de março de 2015	157



Figura 48 – Postagem 22 de março de 2015	157
Figura 49 – Postagem 14 de março de 2015	158
Figura 50 – Postagem 8 de março de 2015	158
Figura 51 – Postagem 8 de março de 2015	159
Figura 52 – Postagem 8 de março de 2015	159
Figura 53 – Postagem 16 de março de 2015	160
Figura 54 – Postagem 19 de março de 2015	160
Figura 55 – Postagem 23 de março de 2015	161
Figura 56 – Postagem 2 de março de 2015	161
Figura 57 – Postagem 2 de março de 2015	162
Figura 58 – Postagem 26 de março de 2015	163
Figura 59 – Postagem 26 de março de 2015	163
Figura 60 – Postagem 4 de março de 2015	164
Figura 61 – Postagem 19 de março de 2015	165
Figura 62 – Postagem 19 de março de 2015	165
Figura 63 – Postagem 30 de março de 2015	166
Figura 64 – Postagem 4 de março de 2015	167
Figura 65 – Postagem 11 de março de 2015	168
Figura 66 – Postagem 19 de março de 2015	168
Figura 67 – Postagem 16 de março de 2015	169
Figura 68 – Postagem 16 de março de 2015	170
Figura 69 – Postagem 4 de março de 2015	173
Figura 70 – Postagem 27 de março de 2015	174
Figura 71 – Postagem 2 de março de 2015	175
Figura 72 – Postagem 2 de março de 2015	176
Figura 73 – Postagem 3 de março de 2015	176
Figura 74 – Postagem 3 de março de 2015	177
Figura 75 – Postagem 4 de março de 2015	178
Figura 76 – Postagem 19 de março de 2015	178
Figura 77 – Postagem 19 de março de 2015	179
Figura 78 – Postagem 10 de março de 2015	179
Figura 79 – Postagem 10 de março de 2015	180
Figura 80 – Postagem 10 de março de 2015	180
Figura 81 – Postagem 10 de março de 2015	180
Figura 82 – Postagem 13 de março de 2015	181
Figura 83 – Postagem 25 de março de 2015	183
Figura 84 – Postagem 28 de março de 2015	184
Figura 85 – Postagem 29 de março de 2015	184
Figura 86 – Postagem 29 de março de 2015	185
Figura 87 – Postagem 30 de março de 2015	186
Figura 88 – Postagem 15 de março de 2016	189
Figura 89 – Postagem 17 de março de 2016	189
Figura 90 – Postagem 17 de março de 2016	190
Figura 91 – Postagem 17 de março de 2016	190
Figura 92 – Postagem 17 de março de 2016	191
Figura 93 – Postagem 8 de março de 2016	192
Figura 94 – Postagem 22 de março de 2016	193
Figura 95 – Postagem 17 de março de 2016	194
Figura 96 – Postagem 18 de março de 2016	195
Figura 97 – Postagem 24 de março de 2016	196

Figura 98 – Postagem 19 de março de 2016	196
Figura 99 – Postagem 19 de março de 2016	197
Figura 100 – Postagem 27 de março de 2016	197
Figura 101 – Postagem 27 de março de 2016	198
Figura 102 – Postagem 9 de março de 2016	198
Figura 103 – Postagem 9 de março de 2016	199
Figura 104 – Postagem 9 de março de 2016	199
Figura 105 – Postagem 16 de março de 2016	200
Figura 106 – Postagem 3 de março de 2016	202
Figura 107 – Postagem 3 de março de 2016	202
Figura 108 – Postagem 20 de março de 2016	204
Figura 109 – Protocolo de Análise Katarini Giroldo Miguel	206
Figura 110 – Postagem dia 29 de janeiro de 2015	207
Figura 111 – Postagem dia 29 de janeiro de 2015	212
Figura 112 – Postagem 3 de fevereiro de 2015	213
Figura 113 – Postagem 30 de março de 2015	218
Figura 114 – Postagem 17 de março de 2016	223

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Modelo de Categorização Inicial	119
Tabela 2 – Curtidas, comentários e compartilhamentos da página T.R em janeiro de 2015	121
Tabela 3 – Temáticas frequentes janeiro de 2015	125
Tabela 4 – Origem do material compartilhado janeiro de 2015	131
Tabela 5 – <i>Links</i> e <i>sites</i> janeiro de 2015	133
Tabela 6 – Curtidas, comentários e compartilhamentos da página T.R em fevereiro de 2015	135
Tabela 7 – Temáticas frequentes fevereiro de 2015	138
Tabela 8 – Origem do material compartilhado fevereiro de 2015	145
Tabela 9 – <i>Links</i> e <i>sites</i> fevereiro de 2015	145
Tabela 10 – Curtidas, comentários e compartilhamentos da página T.R em março de 2015	148
Tabela 11 – Temáticas frequentes março de 2015	151
Tabela 12 – Origem do material compartilhado março de 2015	172
Tabela 13 – <i>Links</i> e <i>sites</i> março de 2015	173
Tabela 14 – Reações, comentários e compartilhamentos da página T.R em março de 2016	188
Tabela 15 – Temáticas frequentes março de 2016	191
Tabela 16 – Origem do material compartilhado março 2016	200
Tabela 17 – <i>Links</i> e <i>sites</i> março de 2016	201
Tabela 18 – Temáticas gerais abordadas pela T.R.	247
Tabela 19 – Origem do material compartilhado pela T.R.	249
Tabela 20 – Origem do material compartilhado pela T.R.	249

## LISTA DE SIGLAS

ADHONES - Associação de Defesa Homossexual de Sergipe

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

AMOSERTRANS - Movimento Sergipano de Transexuais e Travestis

APA - *American Psychiatric Association*

ASTRA - Direitos Humanos e Cidadania LGBT

CBO - Classificação Brasileira de Ocupações

CDHM - Comissão de Direitos Humanos e Minorias

GGB- Grupo Gay da Bahia

DSM-V - Manual Diagnóstico Estatístico de Transtorno Mental

EBC - Empresa Brasileira de Comunicação

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

Flacso - Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

LGBT + - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e mais

ICD 10 - Código Internacional de Doenças

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

OMS - Organização Mundial de Saúde

RTB - Rede Trans Brasil

TGEU - *Transgender Europe*

TMM - *Trans Murder Monitoring*

T.R. - *Travesti Reflexiva*

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNIDAS - Associação de Travestis Unidas na Luta pela Cidadania

UNIT - Universidade Tiradentes

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	16
<b>CAPÍTULO 1 – O GÊNERO À MARGEM</b>	19
1.1 – Fêmeas, sagradas e profanas: que mulher é essa na História?	20
1.2 – Deslocamentos e tensões das identidades na modernidade	33
1.3 – Elas, as <i>Transvestigeneres</i>	47
<b>CAPÍTULO 2 – O PESSOAL É POLÍTICO: O ATIVISMO NA ERA DIGITAL</b>	66
2.1 – O pessoal é político: trajetória dos movimentos sociais contemporâneos	67
2.2 – O movimento LGBTQ+ no Brasil	79
2.3 – Internet e ativismo: a apropriação política na era digital	98
<b>CAPÍTULO 3 – EU MESMA, TRAVESTI: A <i>TRAVESTI REFLEXIVA</i> EM REDE</b>	112
3.1 – A página do <i>Facebook Travesti Reflexiva</i>	113
3.2 – Procedimentos metodológicos	117
3.3 – Análise de Conteúdo	121
3.3.1 – Janeiro de 2015	121
3.3.2 – Fevereiro de 2015	135
3.3.3 – Março de 2015	148
3.3.4 – Março de 2016	188
3.4 – Análise de Discurso	206
3.4.1 – Janeiro de 2015	206
3.4.2 – Fevereiro de 2015	213
3.4.3 – Março de 2015	218
3.4.4 – Março de 2016	223
3.5 – Entrevista com a <i>Travesti Reflexiva</i>	226
3.6 – Resultados Finais	247
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	258

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	262
<b>APÊNDICE A</b> Levantamento de páginas com temática trans no <i>Facebook</i>	270
<b>APÊNDICE B</b> Entrevista com a <i>Travesti Reflexiva</i>	277
<b>ANEXO A</b> Publicações analisadas da <i>Travesti Reflexiva</i>	303
<b>ANEXO B</b> Textos autorais da <i>Travesti Reflexiva</i> na íntegra	340

## INTRODUÇÃO

Ao abordarem-se as construções identitárias para além do binarismo biológico entre homem e mulher e da diferenciação entre as próprias categorias de sexo e gênero a partir de uma perspectiva culturalista, uma questão constantemente subversiva social e culturalmente são a travestilidade e a experiência transexual. Enquanto as denominações de travesti e travestilidade carregam tanto estigma quanto uso político e são comumente associadas à marginalidade, a transexualidade designa toda pessoa que lida de forma diferente com o gênero que lhe foi atribuído. Simplificando, "[...] mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como homem" (JESUS, 2012, p.8).

Para Jesus (2012), essas definições ainda são cercadas de controvérsia no debate atual, visto que "[...] as pessoas transgênero não se “travestem” no sentido original da terminologia, e que há os termos transexual e *crossdresser* para se referir a dimensões melhor definidas da vivência transgênero" (JESUS, 2012, p.9). Inseridas em um delicado contexto teórico e prático, como seria a representação da trajetória dessas experiências em um site de relacionamento social, mais especificamente no *Facebook* brasileiro? Segundo a ONG internacional *Transgender Europe* (TGEU), entre 2008 a 2016 o Brasil foi o país que mais matou travestis e transexuais no mundo (TGEU, 2016, *online*). Por aqui, a travestilidade e a transexualidade *offline* frequentemente associam-se a um intenso cenário de luta e resistência, ainda que nem sempre necessariamente organizado coletivamente.

Se na realidade brasileira *offline* a travestilidade reverbera possibilidades incontáveis de significados, no *Facebook*, onde a atuação da página *Travesti Reflexiva* se desenvolveu, não foi muito diferente. Administrada por Sofia Fávero, sergipana, 24 anos, travesti, ativista e graduanda em Psicologia, a *Travesti Reflexiva* foi um página de destaque sobre a travestilidade e a transexualidade em atividade no Brasil entre 2012 e 2016, com cerca de 198.356 curtidas (acesso em 09/05/2018), que abordou questões trans em suas postagens não só compartilhando conteúdo diverso da internet sobre a travestilidade e a experiência trans, como também produzindo material autoral, no formato de textos em primeira pessoa, sobre o tema.

O que esta pesquisa busca investigar é de que forma a representação da travestilidade é construída através do conteúdo publicado nessa página, buscando perceber quais significados implícitos e explícitos podem ser compreendidos a respeito da travestilidade e a relação deste cenário com o *offline*. Pretende-se também compreender se em alguma instância a atuação da página potencializa discussões e ativismo relacionados às questões de gênero.

Figura 1 – Página pública *Travesti Reflexiva* no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/travestilidade/?fref=ts> (Acesso em 15/05/2018).

Do ponto de vista pessoal, a principal motivação deste trabalho é a própria trajetória deste pesquisador, como homem cisgênero<sup>1</sup> ou cis, gay e jornalista, galgada também em um profundo interesse nas diferentes maneiras pelas quais as sexualidades e os gêneros considerados como dissidentes ou minorias organizam-se para resistir (ou na maioria dos casos, existir) aos avanços e investidas conservadoras, violentas e intolerantes de diversos setores da sociedade à diversidade humana, quase sempre norteados por princípios de “naturalidade” ou “dever”.

Como percurso metodológico da investigação proposta, adotamos a junção de procedimentos presentes nos campos da Análise de Conteúdo (AC), para a construção de um cenário geral de temas e atuações quanto ao objeto aqui explorado, Análise de Discurso (AD), para buscar significados na construção narrativa sobre a travestilidade, e o uso de entrevista em profundidade semiestruturada, para aprofundar e compreender a atuação da *Travesti*

<sup>1</sup>Expressão que significa conformidade entre corpo, identidade e performatividade de gênero criado a partir das contribuições da teoria feminista. O conceito será apresentado no capítulo 1.



*Reflexiva* também como um discurso ideológico, com possibilidades representativas para a travestilidade e a experiência trans.

No primeiro capítulo problematizamos a categoria de “mulher” ao longo do tempo, contrapondo os argumentos biológicos da construção da fêmea, à pungente questão da dominação masculina e da abordagem culturalista que reposiciona o papel e significado do ser mulher em uma política de gênero pós-genitália. Em seguida, discutimos a formação identitária no complexo processo de constituição do sujeito moderno, para, por último, situarmos a própria experiência transexual, suas vivências e possibilidades representativas no cenário brasileiro atual.

No segundo capítulo buscamos apresentar um panorama da evolução dos movimentos sociais na contemporaneidade, bem como a própria trajetória do movimento LGBT + (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e mais) na luta por conquistas de direito. Ademais, inserimos um breve contexto sobre a evolução da internet e do ciberespaço, bem como das apropriações políticas e das mutações nas diferentes formas de ativismo na era digital. No terceiro capítulo exploramos o objeto de pesquisa proposto, as representações da travestilidade na página do *Facebook Travesti Reflexiva*, apresentando também um breve histórico sobre sua origem e evolução.

É ainda no referido capítulo que se concentra o trabalho empírico: investigamos os métodos de atuação da página, apresentando um panorama dos temas e tópicos mais abordados por seu conteúdo e uma análise do discurso de alguns textos autorais da enunciadora sobre a travestilidade por lá veiculados, criteriosamente selecionados; também problematizamos discussões e ativismos relacionados às questões de gênero geradas pela *Travesti Reflexiva*, tanto dentro do *Facebook* como também em relação ao desenvolvimento de sua atuação *offline*.

Desta forma, pretendemos contribuir para a discussão e aos avanços acadêmicos na área dos estudos sobre gênero e sexualidade, propondo um panorama teórico-conceitual sobre a diversidade da travestilidade na sociedade brasileira, bem como suas possibilidades representativas e das diferentes constituições de ativismo e lutas de direito no tocante ao embate entre o real x virtual, desenvolvidas tanto dentro como fora da Internet e, especificamente, do *Facebook*.

## **CAPÍTULO 1**

### **O GÊNERO À MARGEM**

Neste capítulo investigamos a construção da categoria de “mulher” ao longo da história, abordando aspectos centrais dessa categorização, como a presença constante do argumento biológico, que posiciona a própria existência da mulher no que seriam seus deveres naturais de fêmea e na própria genitália, como também das diferentes formas de opressão criadas por esse discurso e suas diferenciações, aprofundadas pela dominação masculina através do tempo.

Apresentamos, logo depois, abordagens culturalistas surgidas a partir do século XX sobre a noção de gênero e a relação do indivíduo com o corpo, focando-se na experiência do próprio sujeito enquanto ser inserido em um contexto social, cultural e econômico, e de fatores constituintes de uma política de gênero pós-genitália e do fator biológico; problematizamos também a atuação do discurso hegemônico da heteronormatividade, constitutivo de corpos e sexualidades, e do constante desenvolvimento de um cenário de deslocamentos e contestações das noções de masculinidade e feminilidade, principalmente no tocante à travestilidade e a experiência trans.

Esses processos de deslocamentos são neste capítulo também discutidos ao abordarmos os processos de construção, tensões e deslocamentos identitárias do sujeito moderno, pautados pela dicotomia entre identidade e diferença. No âmbito dessas mudanças na chamada era pós-identitária, é nítido o potencial de versatilidade e das inúmeras possibilidades constitutivas do eu, e da maneira como as mais diversas características passam a se agrupar nas delimitações de novas e constantes identidades, bem como, naturalmente, passam a se desenvolver também questões importantes quanto à representação desses mesmos sujeitos.

Por fim, buscamos constituir uma trajetória que apresente a posição de travestis e pessoas trans no cenário brasileiro, tanto em relação à variedade de nomenclaturas adotadas quanto à vivência desses indivíduos, como também relacionado tópicos internacionalmente relevantes da travestilidade e a experiência trans no país, como violência, educação e prostituição, dilemas frequentemente associados ao contexto brasileiro.

### 1.1 – Fêmeas, sagradas e profanas: que mulher é essa na história?

“Que seja homem é natural” (BEAUVOIR, 1970, p. 1970), é uma das primeiras afirmações de Simone de Beauvoir em sua obra “O Segundo Sexo”. “A pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher” (BOURDIEU, 1999, p. 32), diz Pierre Bourdieu em “A Dominação Masculina”. Foucault (1984), em “História da Sexualidade II” aponta a moral onde mulheres “[...] aparecem a título de objetos ou no máximo como parceiras às quais convém formar, educar e vigiar, quando as tem sob seu poder, e das quais, ao contrário, é preciso abster-se quando estão sob o poder de um outro (pai, marido, tutor)” (FOUCAULT, 1984, p. 24).

As três citações em espaços temporais diversos suscitam perspectivas em comum: a primeira, a categoria naturalizante e universal do papel de homem, e a segunda, a posição secundária, subordinada e misteriosa de mulher, quase como ser não nomeado, constituída através da constituição do outro. Mas o que o que atribuiu ao macho sua soberania? Beauvoir (1970) investigou os limites das categorizações de gênero entre o homem e a mulher, concentrada em esclarecer sobre quais circunstâncias aconteceu essa submissão ao longo da história e, principalmente, qual papel a elas caberia: de o “o outro”, a fêmeas, sagradas ou profanas, que mulher é essa através do tempo?

Beauvoir (1970) problematiza a própria categoria “mulher” ao questionar os significados comumente atribuídos a ela: a condição biológica de fêmea, a contribuição da psicanálise a respeito da sexualidade e da libido, e a relação entre o materialismo histórico e a extensa conexão de privilégios no desenvolvimento da sociedade. Ainda que não consiga determinar exatamente um marco de existência da dominação para esse processo, “[...] subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não aconteceu” (BEAUVOIR, 1970 p. 13), a autora concentra seus esforços a priori em investigar um argumento complexo e constantemente reproduzido, o da perspectiva biológica da divisão entre os sexos.

A categoria de fêmea é seu ponto de partida, termo advindo da biologia que confina o ser mulher ao sexo, e que por isso mesmo é considerado essencialista. A partir das relações observadas na natureza entre esses dois arquétipos – o de macho e fêmea – Beauvoir (1970) problematiza a construção de estereótipos significativos ligados a essa relação de dominação, que reafirmam constantemente a fêmea como o ser frágil, maternal e servil e o macho como

viril, forte e voraz. Entre essas características constitutivas do ser, substâncias íntimas quase naturalmente irrecusáveis, há claro, uma perfeita relação de coerência que favorece o “chamado da natureza” para a cópula e a perpetuação da espécie.

É neste próprio caráter perfeitamente naturalizante de papéis de gênero baseados na reprodução e na força física que Beauvoir (1970) aponta algumas fraturas: existem tanto espécies na natureza cujas células se dividem solitariamente, como também as que se multiplicam assexuadamente e em partenogênese<sup>2</sup>; e até processos embrionários onde a fecundação do macho não é necessária ou é levada em segundo plano para a perpetuação da linhagem. Embora alguns pesquisadores apontem que esse tipo de divisão possa causar problemas congênitos ou falta de vitalidade e rejuvenescimento entre as futuras gerações da espécie, torna-se inegável o número de atos de reprodução na natureza cuja participação do macho é dispensável.

Se a biologia constata a divisão dos sexos, para Beauvoir (1970) é também nela que se observa sucessivamente instável sustentar papéis fixos de macho e fêmea que hajam linearmente entre as inúmeras espécies da natureza e seus atos coexistentes de reprodução, fator este que leva a autora à conclusão que:

Uma sociedade não é uma espécie: nela, a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica. Não é enquanto corpo é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores (BEAUVOIR, 1970, p. 56).

Bourdieu (1999) colabora às críticas ao modelo biológico afirmando que o mesmo “[...] legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (BOURDIEU, 1984, p. 33.). O autor também problematiza o constructo formado em torno das definições sociais dos órgãos sexuais, que prossegue tomando o masculino como medida de todas as coisas, qualificando-se como “produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças” (BORDIEU, 1999, p. 23).

---

<sup>2</sup>Mendes, 1946, p. 265.

Neste ponto, vale salientar o quanto a sexualidade é um campo vasto de disputas de poder, e de como o próprio argumento biológico pode refletir a manutenção de privilégios a um papel específico de gênero e a continuidade da opressão binária. Profundamente enraizada em nossas noções sobre gênero e sexualidade, o binarismo foi bastante influenciado pela lógica aristotélica. Como explicam Zanoni, Bitencourt e Farina (2016), essa lógica estabelece princípios fundamentais estabelecidos em eixos centrais: o da identidade (o que é verdade não pode deixar de ser), o da não contradição (em situações de contradição, uma premissa deve ser necessariamente verdadeira, e a outra, falsa), e o do terceiro excluído (só pode haver verdadeiro e falso, e não há meio termo para isso).

Cultural e socialmente, a discussão de gênero baseado no binarismo estará instigada a sempre elencar experiências e identidades melhores ou piores, verdadeiras ou falsas, fracas ou fortes. Mas para quem? Reafirmando-se, por exemplo, constantemente à mulher que devido a sua condição biológica de fêmea, e, portanto, frágil e inferior, sua existência deverá então ser devotada à servidão do macho e da reprodução, a quem interessa esse discurso? Não coincidentemente, um dos argumentos mais subversivos do campo da sexualidade problematiza uma perspectiva irrecusável: foram, em sua esmagadora maioria, os homens que frequentemente se encarregaram de contar a história das mulheres ao longo do tempo.

Foucault (2007) define a sexualidade como “um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder” (FOUCAULT, 2007, p. 114). O autor também associa ao termo “poder” as todas as relações entre um ponto e outro, provindas de todos os lugares e reproduzidas a cada instante, espaços de embate em situações estratégicas numa sociedade, sendo indispensável o ato de se:

[...] Levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso (FOUCAULT, 2007, p. 18).

É neste cenário complexo que a dominação masculina se desenvolve, reinventa e permanece ativa. Bourdieu (1999), como Beauvoir (1970), explica que a força da dominação masculina dispensa datas específicas ou mesmo justificativas: ela é ratificada no próprio funcionamento de todas as coisas, como a divisão do trabalho, o local de fala em público, relações afetivas, o clima e a natureza, construindo filtros específicos de compreensão em uma imensa realidade binária e sexuada do mundo. Bourdieu (1999) afirma que:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem natural das coisas”, como se diz por vezes para falar o que é normal, natural, e, portanto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivo das coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 1999, p. 14).

Bourdieu (1999) considera a dominação masculina como um processo histórico e incessante de reprodução, que se atualiza constantemente não só através da atuação de aspectos específicos, como a violência física e simbólica (simbolismo no sentido da subjetividade na objetividade, de concessões e naturalizações de dominados a dominantes) praticadas pelo próprio macho, como também da influência de instituições como a família, o Estado, a Igreja ou a escola.

Um dos claros exemplos desta discussão são as investigações sobre sexualidade e libido efetuadas pela Psicanálise no século XX. Beauvoir (1970) critica a colaboração deste modelo, que teve em Sigmund Freud um de seus principais representantes, em relação às conceptualizações do ser mulher, ao argumentar que as definições de libido, e até mesmo os complexos de Édipo<sup>3</sup> também contribuem na construção de uma sexualidade feminina destinada a ser subjetivada, sempre pensada explicitamente a partir de um forte referencial masculino.

Neste raciocínio reafirma-se o falo como instrumento de transcendência do macho, que coloca o pênis como o aparelho genital masculino e também estratégia de realização, extensão e do valor de cada indivíduo. Observa-se uma profunda relação entre o falo e a libido masculina com a dominação exercida pelo macho: ele, enquanto dotado de pênis, é desbravador, realizador, logo é ser humano; a mulher, enquanto subjetiva, secundária e subconscientemente castrada, é fêmea confinada a objeto de realização sexual; ora profana, corroída por sua natureza instável e histérica, ora sagrada e objetificada, metáfora de solo fértil, moeda de troca e de premiação ao homem que a conquista e “a deflora”.

Para Bourdieu (1999) é justamente essa visão de mundo sobre a genitália, que associa honra, falo e virilidade que reafirma constantemente a divisão relacional entre os gêneros masculino e feminino, fortalecendo determinadas concepções essencialistas que conduzem o macho e a fêmea como categorias hierarquizadas, pautadas novamente em uma construção

---

<sup>3</sup>Mecanismos da Psicanálise, compilados por Sigmund Freud, para explicar os processos de constituição das identidades masculinas e femininas em crianças e a relação das mesmas com suas genitálias e seus genitores.

social dos corpos (e de uma economia produtiva e norma sexual, mais tarde exploradas) que serve a um modelo bastante específico de privilégios e dominação.

Tais argumentos, no entanto, não foram exclusividade da Psicanálise, que como especialização, faz parte de uma longa trajetória de abordagem da sexualidade pela própria medicina. Foucault (2007) que considera a prática médica como servil e um dos mais importantes mecanismos de controle e poder, a determina também como um “imenso aparelho para produzir a verdade, mesmo que para mascará-la no último momento” (FOUCAULT, 2007, p. 64), sendo “involuntariamente ingênua nos melhores casos, e, voluntariamente mentirosa, nos mais frequentes” (FOUCAULT, 2007, p. 62). Diagnósticos que associavam livremente a mulher à histeria, ou orientações sexuais diversas as mais diversas patologias severas foram – e ainda são em muitos casos – mais frequentes do que gostaríamos.

Anterior a essa lógica proposta pela ciência médica, fica claro também o quanto o discurso religioso não definiu a mulher em termos mais democráticos, pelo contrário: perpetuou, em sua maioria, a condição feminina de subalternidade. Tradições ascéticas, monásticas e paternalistas, como a Igreja Católica, muito antes de ameaçadas pelo racionalismo proposto pelo Iluminismo e a ascensão da classe burguesa a partir do século XVII, reafirmam sucessivamente em seus dogmas o papel central do homem; vide a antológica criação do mundo, onde o feminino é novamente caracterizado como incompleto, quando se afirma que da costela de Adão, se fez Eva<sup>4</sup>, e que parte inicialmente, se não de forma exclusiva, de Eva a ação incorreta que os expulsam do paraíso<sup>5</sup>.

Relatos muito menos sutis sobre a mulher podem ser observados não só no desenvolvimento do discurso católico ocidental (entre uma gestação sagrada sem cópula a partir da pureza virginal<sup>6</sup>, ou de citações de apedrejamento às adúlteras profanas<sup>7</sup>), como também em outras tradições religiosas pelo mundo, como o islamismo radical, que é rigoroso

---

<sup>4</sup>“E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão”. Gênesis 2:22. Outro trecho: “Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem”. 1 Coríntios 11:9. Disponível no endereço: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/busca?p=2&q=adao+e+eva> (Acesso em 08/02/2017).

<sup>5</sup>“Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi”. Gênesis 3:12. Disponível no endereço: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/busca?p=2&q=adao+e+eva> (Acesso em 08/02/2017).

<sup>6</sup>“Foi assim o nascimento de Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, mas, antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito Santo”. Mateus 1:18. Disponível no endereço: [https://www.bibliaon.com/versiculo/mateus\\_1\\_18/](https://www.bibliaon.com/versiculo/mateus_1_18/) (Acesso em 08/02/2017).

<sup>7</sup>“Fizeram-na ficar em pé diante de todos e disseram a Jesus: ‘Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério. Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres’”. João 8:5. Disponível no endereço: [https://www.bibliaon.com/joao\\_8/](https://www.bibliaon.com/joao_8/) (Acesso em 08/02/2017).

quanto à aparência feminina com o uso instituído de burcas e véus<sup>8</sup>, quanto a pouca condescendência em relação às adúlteras<sup>9</sup>, sujeitas aos açoites em praças públicas. Interessante perceber estabelecer um paralelo da atuação dessas tradições na contemporaneidade: como os exemplos de Malala Yousafzai, ganhadora do Nobel da Paz em 2014, que foi baleada aos 15 anos por se destacar na luta pela educação das meninas e adolescentes no Paquistão<sup>10</sup>, e o de Barbara Jatta, que em 2016 se tornou a primeira mulher na história a ocupar o cargo de diretora dos museus do Vaticano<sup>11</sup> desde sua criação.

“Terra, Mãe, Deusa, não era ela para o homem uma semelhante: era além do reino humano que seu domínio se afirmava: estava, portanto, fora desse reino. A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens” (BEAUVOIR, 1970, p. 59). Nem mesmo um ponto em comum constantemente reafirmado como sagrado em diversas correntes religiosas, como o casamento, pareceu oferecer à mulher uma maior diversidade de papéis. Oprimidas dentro da estrutura familiar, elas frequentemente são encaradas como instrumentos da realização individual de seus maridos, que tendem a percebê-las muito menos como parceiras e muito mais como objetos:

Mulheres são negadas como sujeitos da troca e da aliança que se instauram através delas, mas reduzindo-as a condição de objetos, ou melhor, de instrumentos simbólicos da política masculina: destinadas a circular como signos fiduciários e a instituir assim relações entre os homens, elas ficam reduzidas à condição de instrumentos de produção ou de reprodução do capital simbólico e social (BOURDIEU, 1999, p. 56).

Tal definição problematiza a potencialidade do casamento heterossexual principalmente como uma aliança entre homens: para aproximar laços, fundir negócios, forma de atestar a honra, a hombridade e o próprio papel de macho realizador. Esse aspecto é também investigado na leitura sobre a obra de Lévi-Strauss realizada por Beauvoir (1970), bem como pode ser observado ao longo da própria história humana, como nas vivências de

---

<sup>8</sup>“Dize às fiéis que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres suas servas, seus criados isentas das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para que não chamem à atenção sobre seus atrativos ocultos”. Alcorão Sagrado 24:31-32. Disponível no endereço: <http://www.ibeipr.com.br/ibei.php?path=alcorao/annur> (Acesso em 08/02/2017).

<sup>9</sup>“Quanto à adúltera e ao adúltero, vergastai-os com cem vergastadas, cada um; que a vossa compaixão não vos demova de cumprir a lei de Deus, se realmente credes em Deus e no Dia do Juízo Final. Que uma parte dos fiéis testemunhe o castigo.” Alcorão Sagrado 24:2-3. Disponível no endereço: <http://www.ibeipr.com.br/ibei.php?path=alcorao/annur> (Acesso em 08/02/2017).

<sup>10</sup>Disponível no endereço: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/10/saiba-quem-e-malala-yousafzai-paquistanesa-que-ganhou-nobel.html> (Acesso em 08/02/2017).

<sup>11</sup>Disponível no endereço: <http://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/papa-francisco-nomeia-primeira-mulher-diretora-dos-museus-do-vaticano-20682012> (Acesso em 08/02/2017).



personagens como Helena de Tróia<sup>12</sup> e D. Catarina da Áustria<sup>13</sup>, mulheres cujo valor de fêmea e de troca foram fundamentais na construção de estratégias políticas e econômicas.

Neste panorama, a questão da virilidade torna-se crucial. Para Bourdieu (1999), a virilidade tem que “[...] ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de “verdadeiros homens” (BOURDIEU, 1999, p. 65). Butler (2003), a partir das contribuições de Luce Irigaray, discute também o conceito de *homossociais*: homens cujas práticas heterossexuais se destinam a estreitar os laços afetivos e de companheirismo entre os próprios homens e a partir da conquista da mulher como objeto, destinada ao prazer sexual e às funções reprodutivas.

A condição monogâmica nessa estrutura de funcionamento marital é outro interessante mecanismo a ser investigado; sua presença ou não, não o torna necessariamente menos opressor para a figura feminina. Mesmo quando a monogamia não é considerada como regra fundamental dessa constituição, a condição de alguma liberdade sexual é de maneira constante naturalmente estendida aos homens, e renegada à mulher, conforme, por exemplo, as determinações do Islamismo quanto ao direito do marido de se unir a mais de uma esposa<sup>14</sup>. Se o adultério na lei islã resulta em açoites para ambos, quais as possibilidades de um homem ser condenado por isto, se a ele é permitido à relação oficial com outras mulheres através de múltiplos casamentos?

O homem pode então passar não só a acumular propriedades, como também a acumular mulheres de maneira oficiosa: outro fator investigado por Beauvoir (1970) através do materialismo histórico, buscando respostas no desenvolvimento econômico social que as perspectivas biológicas e essencialistas de fêmea falharam em sugerir. Para a autora, embora seja evidente a contribuição da instituição da propriedade privada como um importante fator para a opressão feminina e para a ascensão da estrutura familiar galgada na figura do pai, o

---

<sup>12</sup>Para Outeiro (2011) Helena de Tróia foi “uma aristocrata habilidosa, uma sacerdotisa prestigiada pela própria deusa que servia, e considerada prostituta por ousar fazer uma escolha que contrariava o paradigma comportamental feminino estabelecido. [...] criada a partir de elementos femininos concretos e presentes na sociedade retratada pelos poemas de Homero” (OUTEIRO, 2011, p. 44).

<sup>13</sup>Silva (2013) reconstitui a história de D. Catarina da Áustria. Infanta de Tordesilhas, na Espanha, Catarina casou-se aos 18 anos com D. João III, de Portugal, de aliança política entre os dois países no século XVI, assumindo o reino português após a morte do marido.

<sup>14</sup>“Se temerdes ser injustos no trato com os órfãos, podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres. Mas, se temerdes não poder ser equitativos para com elas, casai, então, com uma só, ou conformai-vos com o que tender à mão. Isso é o mais adequado, para evitar que cometais injustiças”. Alcorão Sagrado 4:3-4. Disponível no endereço: <http://www.ibeipr.com.br/ibei.php?path=alcorao/annissa> (Acesso em 08/02/2017).

patriarcado, a inabilidade feminina na gestão de novos instrumentos produtivos desde a Antiguidade - como o avanço entre os instrumentos de pedra para os de cobre, a necessidade rudimentar de dominar a natureza e expandir a agricultura - não explicam por si só a crescente exclusão da mulher das atividades econômicas, nem seu status recorrente de também ser considerada *parte* da propriedade masculina.

Para Beauvoir (1970) essa noção só faz sentido quando se considera a totalidade da vida humana em geral, principalmente quando se aprofunda no estigma sempre presente da mulher como objeto de prazer e servidão, reprodutora e meio no qual o macho encontra para si mesmo um sentido. Neste ponto, Beauvoir (1970) nos esclarece que não é nem a biologia, o pênis, o falo ou técnicas produtivas que determinam por si mesmos a opressão e o significado do ser mulher.

Para descobrir a mulher não recusaremos certas contribuições da biologia, da psicanálise, do materialismo histórico, mas consideraremos que o corpo, a vida sexual, as técnicas só existem concretamente para o homem na medida em que os apreende dentro da perspectiva global de sua existência. O valor da força muscular, do falo, da ferramenta só se poderia definir num mundo de valores: é comandado pelo projeto fundamental do existente transcendendo-se para o ser (BEAUVOIR, 1970, p. 80).

Beauvoir (1970) então faz uma importante contribuição para os estudos de gênero que viriam a seguir, ao problematizar um dos maiores suportes da experiência humana e social: o corpo. “Se o corpo não é uma coisa, é uma situação: é a nossa tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos” (BEAUVOIR, 1970, p. 54). Para a autora é o corpo enquanto instrumento de si e inserido em determinados contextos que permite vasta gama de significados e ideias que permeiam a experiência de cada indivíduo, afirmando-se ainda que “[...] não é o corpo objeto descrito pelos cientistas que exige concretamente e sim o corpo vivido pelo sujeito. [...] Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade” (BEAUVOIR, 1970, p. 59).

As contribuições de Beauvoir (1970) nesse sentido foram dinâmicas e provocaram discussões dimensionais. Primeiro, no âmbito da militância dos novos movimentos sociais<sup>15</sup>, sua argumentação sobre o corpo mulher foi de grande influência na segunda fase do movimento feminista, entre as décadas de 1960 e 1970. Sua famosa frase, “não se nasce mulher, torna-se” estava em plena consonância com a pauta feminista daquele momento, que bradava o “pessoal é político” e trazia como principais reivindicações a autoridade da mulher

<sup>15</sup>Abordamos esse tema em maior profundidade no próximo capítulo.

sobre seu próprio corpo, questionando os direitos reprodutivos e questões pungentes em relação à inserção no mercado de trabalho, como equanimidade salarial (embora nada disso, no entanto, tenha tornado Beauvoir unanimidade até os dias atuais).

Academicamente, as investigações a respeito do corpo suscitadas por Beauvoir (1970) também favoreceram o campo discursivo para novas indagações e pesquisas sobre questões de gênero que problematizem esse ponto de vista, assim como da própria categoria de mulher. Outros autores e autoras herdaram suas indagações e continuaram a revigorar e alimentar o arcabouço teórico desse cenário, que recebeu constantemente contribuições importantes de outras pesquisadoras feministas, como Judith Butler (2003), que revisita a obra da autora francesa para dissertar sobre sua subversiva abordagem da sexualidade e dos gêneros.

Butler (2003) é um dos principais nomes do que posteriormente convencionou-se a se delimitar no fim do século XX e no início do século XXI de crítica política da genitalidade, a política pós-genital do gênero, que de forma ainda mais incisiva contesta a teoria de superioridade de sexualidade genital, ao visualizar sexo, gênero e desejo em relações descontínuas e não necessariamente ligados à genital de cada indivíduo. Essa corrente de pensamento favoreceu espaço para o diálogo sobre questões de gênero, dominação masculina e o próprio papel (e opressão) da mulher não só dentro como fora da academia.

Talvez ainda menos unanimidade que Simone de Beauvoir, Butler (2003) propõe uma abordagem crítica a categoria de mulher, problematizando o sujeito do próprio movimento feminista. Quem é a mulher que o feminismo pretende representar? Para Butler (2003), a representação é um jogo duplo: inspirada nas estruturas jurídicas e constituidoras da lei apontadas por Foucault, a autora investiga os mecanismos de criação de sujeitos que os próprios movimentos dizem representar, o que novamente é um pilar polêmico da discussão sobre militância e uma ruptura questionável na legitimidade das políticas de representação.

Para a autora, o feminismo não é uma categoria una das mulheres: na formação da própria identidade há múltiplos fatores a serem considerados, como raça e classe, e até mesmo as diferentes formas de opressão e a influência do patriarcado, que não se apresentam da mesma forma a todas as mulheres. Desta noção, percebe-se que não há homogeneidade na própria figura feminina, ainda que o feminismo haja como catalisador de reivindicações muitas vezes comuns de um determinado grupo, ele é constituído por uma gama de mulheres com histórias e desafios muito próprios de cada vivência. As políticas de representação neste sentido, que também problematizamos aqui posteriormente, são sempre instáveis e

inflamáveis, tanto que para Butler (2003) a superação da exigência de se constituir um único sujeito mulher seria o caminho para a evolução do feminismo.

Butler (2003), que considera que "[...] o corpo só ganha significado no discurso do contexto das relações de poder" (BUTLER, 2003, p. 137), apresenta em seu conceito noções paradigmáticas, continuando a apontar como Beauvoir (1970), o corpo como instrumento de construção constante, desafiando conceitos e significados do que é masculino e feminino para além de características biológicas de sexo.

[...] Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim torna-se mulher decorre que mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e re-significações. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais reificadas, a própria cristalização é uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios sociais. Para Beauvoir, nunca se pode tornar-se mulher em definitivo, como se houvesse um *telos* a governar o processo de aculturação e construção. O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser (BUTLER, 2003, p. 58).

É justamente esse “devir”, o emblemático “tornar-se” de Beauvoir que Butler (2003) reinterpreta como transgressivo: se mulher é um vir a ser, outros corpos podem qualificar-se como tal sem necessariamente partirem de uma perspectiva biológica pautada na vagina. Para Butler (2003), esse vir a ser não seria produto de uma essência própria, uma substância naturalmente existente e permanente no indivíduo, por que se essa substância é permanente, ela tende a se manifestar em padrões já culturalmente estabelecidos, o que provavelmente nos levaria de volta às concepções do sistema binário homem  $\times$  mulher pautados nas genitálias. As noções de sexo, gênero e desejo, portanto, só podem fazer sentido quando são inteligíveis e coerentes entre si.

Se não há substância íntima, vocação ou “chamado na natureza” de ser mulher (ou homem) concretamente definida, Butler (2003), a partir de Nietzsche, desmistifica a metafísica do ser e entende que não há ser, fazer, por trás do outro; o gênero então se enquadra nas definições de performatividade: não há um conjunto concreto de atributos ligados a um sexo ou a outro, o gênero é performativamente construído por expressões ao longo da vida do indivíduo, seguindo uma relação de coerência conjuntural entre sexo, gênero e desejo e a partir das influências e coerções do ambiente social e coletivo.

Ao sugerir essa descontinuidade subversiva, Butler (2003) também esclarece duas constituições importantes na discussão sobre gênero. A primeira, é a necessária diferenciação entre as categorias de sexo e gênero, considerando que o sexo é uma “interpretação política e cultural do corpo, não existe a distinção sexo/gênero em linhas convencionais; o gênero é embutido no sexo, e o sexo mostra ter sido gênero desde o princípio” (BUTLER, 2003, p. 165). A segunda é atenção por ela dedicada a revelar estruturas de poder que influenciam nos mecanismos de categorização dos corpos, como a Matriz Heterossexual.

Assim como Beauvoir (1970), Butler (2003) revisa as obras de Lévis-Strauss e a contribuição da Psicanálise, nas figuras de Freud e Lacan, problematizando o papel do macho como definidor da ordem e o discurso do desejo heterossexual como legítimo e naturalizado, ambos os fatores essenciais para a construção de uma economia produtiva dos corpos, claramente destinados a engendrar as diversas relações de poder já estabelecidas. Para a autora, o próprio Tabu do Incesto e suas consequências psicanalíticas, como os complexos de Édipo, reforçam concepções binárias de gênero e sexualidade, visto que nas teorias originais o desejo inicial das crianças é sempre direcionado ao genitor de sexo oposto (é, portanto aí, para Butler (2003), que homossexualidade é criada: justamente pela própria negação do desejo nesses processos).

De que corpos, que mulheres, fala-se, então? Se há uma descontinuidade do gênero, onde sexo não determina gênero, e nem mesmo gênero determina a sexualidade, e se não há à priori gêneros verdadeiros ou falsos, e qualquer menção a normas denunciaria um próprio princípio regulador, Butler (2003) investiga as dimensões da corporeidade, explorando as definições de sexo anatômico, identidade e performance de gênero.

[...] No lugar de uma identificação original a servir como causa determinante, a identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (BUTLER, 2003, p. 197).

Para Butler (2003), que também aborda as teorias de atos de fala da linguística de John L. Austin e da obra de pesquisadores como Jacques Derrida, essa identidade de gênero é performativamente consolidada. Ela se constitui através de atos de gênero que criam o próprio gênero, considerando que sem esses mesmos atos não haveria gênero algum, visto que não existe essência original e o gênero não é um dado absoluto da realidade, muito menos da genitália.

Ainda que estes atos sejam realizados muitas vezes baseados nos modelos socialmente disponíveis e frutos de relações constantes de poder, é deste ponto de cisão e descontinuidade do gênero e da sexualidade que se visualiza a inserção discursiva de uma maior pluralidade de corpos e das práticas sexuais na cultura: passamos a acomodar a legitimidade de vivências à priori tão aparentemente minoritárias, subversivas e desqualificadas como, por exemplo, mulheres com pênis e homens com vagina, para citar-se o mínimo da infinidade de possibilidades sexuais e de gênero existentes fora dos binarismos.

Ao questionar-se tão incisivamente os limites da categoria de mulher, do binarismo e da própria construção social da genitália e das concepções de masculinidade e feminilidade, Butler (2003) atribui uma transgressiva gama de significados para experiências subalternas ou excluídas como a de homens e mulheres *drag queens* e *drag kings*, pessoas homossexuais, bissexuais, intersexuais e transexuais, e até mesmo para lésbicas como um tipo muito específico de terceiro gênero<sup>16</sup>, entre outras tantas vivências que não necessariamente encaixam-se em uma única determinação, como o termo *queer*<sup>17</sup>, investigado pela autora.

Nesta pesquisa, é justamente a travestilidade e a transexualidade enquanto ruptura significativa de gênero e toda sua gama de significações em relação ao termo “mulher” que temos concentrado nossos esforços. Para Bento (2006), “a experiência transexual caracteriza-se pelos deslocamentos. Quando se afirma: ‘sou um/a homem/mulher em um corpo equivocado’, está se afirmando que o gênero está em disputa com o corpo sexuado” (BENTO, 2006, p. 106). Ainda segundo Bento (2006):

Não existe uma “identidade transexual”, mas posições de identidades organizadas através de uma complexa rede de identificações que se efetivam mediante movimentos de negação e afirmação aos modelos disponibilizados socialmente para se definir o que seja um homem/mulher de “verdade” (BENTO, 2006, p. 201).

Para continuarmos a explorar os significados da experiência transexual inseridos no cenário de concepções da política pós-genital do gênero, faz-se necessário antes uma breve incursão sobre o próprio processo de construção e deslocamento das identidades e representações do sujeito na modernidade. Esses processos são amplamente explorados

---

<sup>16</sup>Butler (2003) investiga a noção da lésbica como terceiro gênero, conceito introduzido por Monique Wittig que sugere que ao recusar a heterossexualidade normativa intrínseca no binarismo homem-mulher (e da noção da mulher heterossexual como única e legítima), a mulher lésbica então se encaixa como uma terceira definição de gênero.

<sup>17</sup>Para Lopes (2001) *queer* pode ser considerado como estranho e esquisito, significando também colocar-se contra a normalização e a heteronormatividade. Exploraremos o termo em nosso segundo capítulo.

através das contribuições do arcabouço teórico dos Estudos Culturais, que veremos a seguir na segunda parte deste capítulo.

## 1.2 – Deslocamentos e tensões das identidades na modernidade

Como importante impulso teórico para muitos dos conceitos neste trabalho desenvolvidos, iniciamos este ponto com uma breve trajetória dos estudos culturais: primeiro, porque como arcabouço teórico-conceitual interdisciplinar, sua longa e especial trajetória nas pesquisas sobre comunicação, identidade e cultura é por si mesmo elucidativa; depois, pela intrínseca relação de muitas de suas definições com as principais premissas desta pesquisa, assim como a do próprio trabalho intelectual que as compõem. Em suma, os estudos culturais favorecem o campo ao qual de muitas formas nosso trabalho torna-se amplamente herdeiro.

Segundo Johnson (2006) os primeiros encontros dos estudos culturais foram com a crítica literária, a partir da atuação de pesquisadores como Raymond Williams e Richard Hoggart e também do grupo de historiadores do Partido Comunista britânico dos anos de 1940 e 1950, que problematizavam a transição do feudalismo para o capitalismo e a influência da teoria proposta por Karl Marx nesse processo. Esse cenário de apropriações e discussões das proposições marxistas em vertentes históricas e culturais de lutas sociais e relações de poder possibilitaram o surgimento do movimento da “Nova Esquerda” e de crescentes críticas a pontos centrais da teoria marxista.

Para Stuart Hall (2003), “[...] em nenhum momento os estudos culturais e o marxismo se encaixaram perfeitamente, em termos teóricos” (HALL, 2003, p. 191). O autor, e um dos grandes representantes desse movimento, também afirma que “os estudos culturais britânicos e o marxismo tem primeiro que ser compreendidos como o envolvimento com um problema: não como uma teoria, nem mesmo com uma problemática” (HALL, 2003, p. 191). As principais críticas de Hall (2003), bem como de outros pesquisadores dos Estudos Culturais, também giraram em torno do reducionismo, economicismo e eurocentrismo observados na teoria marxista, e de uma constante contestação das noções de base e superestrutura: ambas as observações buscavam investigar o papel e influência cada vez maior do contexto cultural, que por sua vez fora pouco abordado na obra de Marx (por questões de tempo, interesse ou compreensão, entre tantas outras especulações suscitadas posteriormente).

“Muitos dos caminhos levam a Marx, mas as apropriações precisam ser mais amplas” (JOHNSON, 2006, p. 14), aponta Johnson (2006). Ainda que salientando as divergências entre teorias, o autor também delimita três premissas importantes da influência do marxismo sob os estudos culturais:



[...] A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estrutura racial das relações sociais e com as opressões de idade. A segunda é que cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira, que se reduz das outras duas, é que a cultura não é um campo determinado, mas um local de diferença e lutas sociais (JOHNSON, 2006, p. 13).

Também se herdaram do ponto de partida da questão marxista a discussão de conceitos importantes para os estudos culturais, como os termos hegemonia e ideologia (embora, claro, estes conceitos não tenham sido propriamente originados por Marx, e sim também amplamente investigados por ele em relação ao capital). A ideia de hegemonia sugere processos de dominação e subordinação de significados, valores e crenças de um determinado grupo sob outro. Williams (1979) também define hegemonia como:

Todo conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no sentido mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes (WILLIAMS, 1979, p.113).

Para Williams (1979) o que é considerado hegemônico é dominante, complexo e multifacetado; ele constitui uma visão, um modo de vida que é constantemente atualizado e tem impacto em toda a área da experiência vivida. Embora a formação hegemônica seja um processo longo e represente intensas disputas históricas de poder, essas características não determinam necessariamente que não haja uma resistência a esse processo, manifestações culturais contrárias que evoluem concomitantemente. Hall (2003) afirma que:

A hegemonia cultural nunca é uma questão de vitória ou dominação pura (não é isso que o termo significa); nunca é um jogo cultural de perde-ganha; sempre tem a ver com mudança no equilíbrio de poder nas relações da cultura; trata-se de mudar as disposições e configurações do poder cultural e não se retirar dele (HALL, 2003, p. 320).

Ainda que o hegemônico não seja uníssono nem ofereça apenas meios passivos de dominação, Williams (1979) também explora os conceitos de contrahegemonia<sup>18</sup>, e

---

<sup>18</sup>O conceito de contrahegemonia aqui apresentado foi uma reflexão de Williams (1979) realizada a partir do pensamento de Gramsci publicada em “Marxismo e Literatura”. Foram de Gramsci algumas das mais valiosas contribuições que constituíram o cenário que determina o que é hegemonia. Para o autor italiano, conforme compartilhado por Williams (1979) a totalidade do processo de concepção de hegemonia vai além dos conceitos

hegemonia alternativa, que fazem referência às formas de política e cultura alternativas que ocorrem com frequência e oferecem algum tipo de resistência a uma dominação que nunca é total ou exclusiva; são ações e ideias que, embora afetadas pelas coerções e pressões do hegemônico, são também considerados como “rompimentos significativos em relação a estes, e que podem em parte ser neutralizados, reduzidos ou incorporados, mas que, em seus elementos mais ativos, surgem como independentes e originais” (WILLIAMS, 1979, p. 117).

Vem também de Williams (1985) uma das reflexões mais importantes dos Estudos Culturais, a própria definição de cultura. Para o autor, esse termo em todos os seus usos iniciais foi um substantivo de processo: o cultivo de algo, basicamente colheitas ou animais, que depois passou também a agregar a ideia de desenvolvimento humano ou para servir como sinônimo de civilização. Williams (1985), após detalhadas análises em diferentes sistemas de sentido e linguagem, reconheceu três categorias ativas e amplas de uso para o termo:

(I) o substantivo independente e abstrato que descreve um processo geral de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, a partir do século XVIII.; (II) o substantivo independente, seja usado geralmente ou especificamente, que indica um modo particular de vida, seja de um povo, um período, um grupo ou a humanidade em geral, de Herder e Klemm. Mas também temos que reconhecer (III) o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e práticas de atividade intelectual e especialmente artística (WILLIAMS, 1985, p. 90, tradução nossa<sup>19</sup>).

Situados em um cenário cultural amplamente modificado através dos tempos, tanto a questão do hegemônico quanto da contrahegemonia e hegemonia alternativa tornam-se elementos ainda mais significativos quando os situamos juntos às questões de gênero e sexualidade. Se a heterossexualidade é construída como norma, e a ela podemos associar a alcunha de hegemônico, não é necessariamente por que represente a *maioria*, mas por associar uma prática ou vivência específica a um grupo dominador e detentor de privilégios culturalmente, dinâmica que também pode ser observada nas categorias de homem e “branquitude”<sup>20</sup>, por exemplo. No entanto, como nunca há uma dominação pura, existem as

---

de ideologia e cultura, considerando que a dominação e a subordinação devem ser compreendidas como um processo social total, relacionado às distribuições específicas de influência e poder.

<sup>19</sup>No original: “(I) the independent and abstract noun which describes a general process of intellectual, spiritual and aesthetic development, from C18; (II) the independent noun, whether used generally or specifically, which indicates a particular way of life, whether of a people, a period, a group, or humanity in general, from Herder and Klemm. But we have also to recognize (III) the independent and abstract noun which describes the works and practices of intellectual and especially artistic activity” (WILLIAMS, 1985, p. 90).

<sup>20</sup>Para Dyer (1997) a categoria de raça é geralmente associada apenas às pessoas não brancas, visto que pessoas brancas não são racialmente apontadas ou nomeadas: são consideradas “apenas humanas”. O autor aponta que a branquitude funciona como a norma humana, e a este fato são atribuídos poder e privilégios. Para um maior aprofundamento, ver Richard Dyer (1997).

experiências de resistência, como a homo e a transexualidade, o ser mulher e a negritude, entre outras vivências que são frequentemente afetadas pelas disputas das relações de poder.

Tais conceitos nos auxiliam, por exemplo, a aprofundar as análises do objeto de pesquisa deste trabalho, as representações da travestilidade. Através desse viés cultural, se a categoria “mulher” foi frequentemente pensada como subordinada na história, a partir de um referencial que torna o ser homem hegemônico e garante ao masculino biológico certos privilégios, e se o gênero sempre foi pensado como sexo, como argumenta Butler (2003), as experiências de travestis e mulheres transexuais são no mínimo duplamente contrahegemônicas: primeiro, por tornarem-se mulheres, segundo, por constituírem-se como travestis ou mulheres trans, uma lógica posta à margem dos gêneros naturalizados de “homem” e “mulher” pautados nas genitálias. Outro conceito que se faz importante neste cenário, intimamente ligado aos complexos elementos citados acima, é o de ideologia.

As definições de ideologia passaram por diferentes e complexos processos de investigação, como nas obras de Louis Althusser e Antonio Gramsci, e frequentemente são problematizadas para além de sistemas de crenças ou produção de significados, não sendo apenas associadas aos pensamentos e as ideias, mas também a práticas sociais, contrapondo seu caráter teórico ao pragmático, como explica Hall (2003):

O problema da ideologia, portanto, concerne às formas pelas quais ideias diferentes tomam conta da mente das massas. [...] Está relacionada principalmente com os conceitos e linguagens do pensamento prático que estabilizam uma forma particular de poder e dominação; ou que reconciliam e acomodam as massas em seu lugar subordinado na formação social. Está relacionada ainda aos processos pelos quais as novas formas de consciência e as novas concepções de mundo emergem, capazes de conduzir as massas em uma ação histórica contra o sistema dominante (HALL, 2003, p. 320).

Com as noções citadas acima e a relação das mesmas com o marxismo, já temos uma visão de alguns fundamentos basilares dos estudos culturais. Para Johnson (2006) eles podem ser definidos em relação às “[...] formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, em uma síntese bastante perigosa, talvez uma redução [...] dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais” (JOHNSON, 2006, p. 25). Johnson (2006) leva em consideração a relevância do contexto cultural e as disputas de poder que permeiam nossas relações, visto que “[...] nada na cultura é tomado como dado, tudo é produzido” (JOHNSON, 2006, p. 72). Hall (2003) também visualiza a cultura de forma semelhante, acrescentando que “[...] a cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”” (HALL, 2003, p. 29).

De carácter interdisciplinar, Escosteguy (2006) contribui a este ao afirmar que nos estudos culturais “não se constituem numa nova disciplina, mas resultam da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites. É um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo dos aspectos culturais da sociedade” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 137). Outra importante prerrogativa apontada pela autora se constitui no crescente interesse sobre as “[...] estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura de sua tradição elitista para as práticas cotidianas” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 143).

Hall (2003) também ressalta a atuação dos estudos culturais como projeto intelectual e político na produção de um conhecimento considerado útil e próximo às relações sociais do cotidiano, exigindo dos intelectuais não só um conhecimento mais amplo e profundo, como também uma maior responsabilização individual para a transmissão dessas ideias. Viabilizando caminhos para uma maior apropriação intelectual e política, influenciado também pelo conceito de intelectual orgânico presente nas obras de Gramsci, Hall (2003) afirma que os estudos culturais não se tratam de “[...] antiteoria, mas tem a ver com as condições e os problemas inerentes ao desenvolvimento do trabalho intelectual e teórico como prática política” (HALL, 2003, p. 195).

Em sua jornada evolutiva, tanto no *Centre of Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham ou em sua vertente norte-americana, os estudos culturais apresentaram diversos momentos centrais de deslocamentos históricos, que impactaram diretamente em sua realização. A virada linguística foi um destes; as contribuições dos trabalhos estruturalistas, pós-estruturalistas e semióticos, que tiveram em Jacques Derrida, John L. Austin e Ferdinand de Saussure célebres representantes foram de grande influência. Para Hall (2003) esse momento foi crucial ao demonstrar a posição indispensável da linguagem para qualquer estudo de cultura, “[...] a expansão da noção do texto e da textualidade, quer como fonte de significado, quer como aquilo que escapa e adia o significado, o reconhecimento da heterogeneidade e da multiplicidade dos significados” (HALL, 2003, p. 198).

O feminismo e as questões de raça e etnia foram temáticas de grande relevância no desenvolvimento dos estudos culturais. A ruptura causada pelo movimento de mulheres é por Hall (2003) considerada especialmente impactante: primeiro pelo alcance do lema “o pessoal é político”, que sugere a questão da vivência íntima e subjetiva como motivo propulsor de

política, ativismo e prática intelectual; segundo, pela demonstração da posição central do termo poder na vida cotidiana, bem como sua natureza sexuada e a dominação presente nas relações entre os gêneros.

Hall (2003) narra que o feminismo chegou como um “[...] ladrão à noite, invadiu; interrompeu, fez um barulho inconveniente, aproveitou o momento, cagou na mesa dos estudos culturais” (HALL, 2003, p. 196). Para o autor, o “[...] feminismo arrombou a janela, todas as resistências” (HALL, 2003, p. 197), e além das explosivas críticas as estruturas sociais e as relações de poder, fez também os próprios pesquisadores do centro de estudos de Birmingham refletirem seus privilégios e seu papel enquanto homens. Não menos subversiva, a abordagem política e intelectual das categorias de raça e etnia fizeram com que os estudos culturais “[...] colocassem na sua agenda as questões críticas de raça, a política racial, a resistência ao racismo, questões críticas da política cultural, consistiu numa ferrenha luta teórica” (HALL, 2003, p. 197).

Tanto as contribuições da virada linguística e do feminismo, quanto as investigações a respeito de raça e etnia foram essenciais para a evolução da discussão teórica em torno de um conceito estratégico, ampla e constantemente problematizado pelos estudos culturais: a questão da identidade. Para Hall (2003) “[...] essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linguagem dos genes, seja constituída de nosso eu mais interior” (HALL, 2003, p. 28). Para o autor historicamente na questão das identidades “antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais” (HALL, 2011, p. 25).

Identidade para quem? Há um cenário de constantes problematizações identitárias ligadas ao próprio contexto cultural, com recortes de classe, raça e gênero, que envolve os indivíduos na modernidade. Um dos principais pontos dessa querela é justamente a contestação não só sobre a fixação e durabilidade das identidades, como também da própria existência – ou necessidade – das mesmas na sociedade pós-colonial da modernidade, por vezes tão avessa às categorias imutáveis; um cenário que era frequentemente reduzido às expectativas e pressões de cisgeneiridade, heteronormatividade, matrimônio e a monogamia enfrenta resistência cada vez maior de experiências subalternas como travestis lésbicas, homens transexuais gays, casamentos e famílias homoafetivas, relacionamentos abertos e o aborto.

Adicione-se a esse panorama a crítica que investiga também as estruturas que influenciam na produção das identidades e suas relações de poder, como a Biologia e as ciências médicas, a religião e a Igreja Católica, e está oficialmente invocado um dos tópicos mais calorosos de debates intelectuais nas últimas décadas: a crise da identidade.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de “um sentido de si” estável é chamada, algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentramento dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo (HALL, 2011, p. 9).

Anterior a esse ponto de ruptura – e das emblemáticas perspectivas que depois ocasionarão a política pós-identitária – Hall (2011) esquematiza uma interessante trajetória das concepções associadas às formações das identidades dos sujeitos, abordando os conceitos do sujeito do Iluminismo, da Sociologia e o próprio indivíduo moderno. O sujeito do Iluminismo era centrado na consciência e na razão galgados num núcleo íntimo indivisível, enquanto as noções de sujeitos sociológicos posicionavam o indivíduo como pouco autônomo e também num núcleo íntimo, atribuindo sua formação às interações simbólicas e significativas com o mundo ao seu redor. Ambas as concepções, para Hall (2003) “suturam” o sujeito à estrutura, estabilizando “[...] tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2003, p. 12).

Esses conceitos, como aponta Hall (2003), se tornam cada vez mais dissonantes quando analisamos os sujeitos na modernidade: há um crescente colapso, uma ruptura das concepções que centralizam e essencializam as identidades. Crescem as contradições, os desconfortos, a convivência de elementos antes considerados como antagônicos numa mesma identidade em um processo problemático, instável, de durabilidade provisória e resultado imprevisível. Ocorrem mudanças estruturais relevantes tornando a identidade não uma categoria fixa, mas um processo “definido historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2011, p. 13). Hall (2003) ainda acrescenta que:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos

confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, como cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2011, p. 13).

Neste ponto, dentro de nosso particular interesse quanto às categorias de mulher e transexualidade e a discussão sobre gênero na internet, é interessante refletir também sobre as características da modernidade, do pós-moderno e do pós-colonial. O que estes recortes temporais, tão amplamente utilizados não só dentro das universidades e das produções acadêmicas, mas no engajamento político intelectual, podem significar, afinal? No fim, o momento sobre qual falamos - a modernidade - nos diz muito sobre seus próprios fenômenos.

Utilizamos o conceito de modernidade baseado em Giddens (1991), que afirma que "[...] nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização" (GIDDENS, 1991, p. 50), e reflete esse panorama como a "[...] a modernidade vindo a entender-se a si mesma ao invés da superação da modernidade enquanto tal" (GIDDENS, 1991, p. 97). Para o autor:

Pós-modernismo, se é que significa alguma coisa, é mais apropriado para se referir a estilos ou movimentos no interior da literatura, artes plásticas e arquitetura. Diz respeito a aspectos da reflexão estética sobre a natureza da modernidade (GIDDENS, 1991, p. 45).

Como cita Giddens (1991), uma das características mais marcantes desse momento é que "fomos deixados com perguntas que uma vez pareceram ser respostas [...]. Uma consciência geral deste fenômeno se filtra em ansiedades cuja pressão todos sentem" (GIDDENS, 1991, p. 48). O autor ainda ressalta o impacto e influência dessas mudanças no cotidiano, visto que "não vivemos ainda num universo social pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas" (GIDDENS, 1991, p. 50).

Observa-se também, neste sentido, um sentimento suspeito de saudosismo, rememoração a uma época diferente da de agora, e que implicitamente não volta mais, um tempo e uma comunidade – “imaginadas”, como explora Hall (2013) em suas contribuições. Woodward (2011) acrescenta:

Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial (Woodward, 2011, p. 25).

Quando analisamos o atual cenário internacional, estas preposições em absoluto não se tornam distantes. Pensemos, por exemplo, o desagradável caso do Presidente Donald Trump nos EUA nos primeiros meses de seu mandato em 2017, indicando que gostaria de construir muros nas fronteiras do país com o México para barrar a imigração<sup>21</sup>, ou revogando leis que permitiam crianças e adolescentes travestis e transgêneros a usarem nas escolas públicas os banheiros aos quais suas identidades de gênero se identificassem<sup>22</sup>, ou mesmo o caso da Grã-Bretanha com o *Brexit*<sup>23</sup>. Construções de muros, revogação de leis sobre direitos civis e imigração, nos reafirmam que as velhas certezas de comunidades imaginadas ao redor do globo continuam a agir.

Tais perspectivas – por vezes cômicas, palpáveis, às vezes assustadoras – podem também ser refletidas e confrontadas através das proposições diaspóricas investigadas por Hall (2003). O autor que reposiciona a diáspora e o deslocamento das fronteiras reais e simbólicas como um importante mecanismo cultural, cujos movimentos constantes de deslocamento e descentramento das identidades criam modelos subversivos de cultura que também potencializam as possibilidades de construção das identidades: “[...] na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2003, p. 27).

A modernidade enquanto recorte temporal representa também uma imensa mudança histórica de paradigmas nas estruturas e instituições sociais e na identidade cultural, através de processos de impacto citados por Hall (2011) como a Reforma e o Protestantismo, o Humanismo Renascentista, o Iluminismo e de forma mais contemporânea, a globalização. O avanço desse fenômeno mais recente, bem como das transformações em instituições como a família, a Igreja ou a escola, o desenvolvimento os meios de comunicação de massa a partir do século XX, alteraram profundamente as sociedades modernas, que se tornaram “sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2011, p. 15).

Hall (2011) afirma que “[...] o que aconteceu à concepção de sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento” (HALL, 2011, p. 25). Não é, portanto, que não se passe a existir sujeito ou identidade alguma – conforme esbravejam e insistem as estratégias conservadores que pretendem deslegitimar e

<sup>21</sup>Disponível no endereço: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/01/25/o-mexico-pagara-pelo-muro-de-um-jeito-ou-de-outro-diz-casa-branca.htm> (Acesso em 03/03/2017).

<sup>22</sup>Disponível no endereço: <http://oglobo.globo.com/sociedade/trump-proibe-uso-de-banheiros-de-acordo-com-identidade-de-genero-20967314> (Acesso em 03/03/2017).

<sup>23</sup>*Brexit* é a abreviação das palavras em inglês *Britain* (Grã-Bretanha) e *exit* (saída). Designa a saída do Reino Unido da União Europeia. Disponível no endereço: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36555376> (Acesso em 17/05/2018).



oprimir práticas intelectuais e políticas – as identidades se descentram, se pluralizam. Isto ocorre, principalmente, a partir da influência de cinco momentos de grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas em relação às questões identitárias, processos de repercussão enumerados por Hall (2011).

A primeira destas descentrações foi a contribuição de Karl Marx, que em seu trabalho deslocou a essência universal do homem a seus atributos individuais. A segunda foi a descoberta do inconsciente e das subjetividades das teorias psicanalíticas em Freud e Lacan, no sentido de que indivíduos, quando crianças, aprendem gradualmente a construção do eu em uma lógica muito diferenciada, como a Fase do Espelho<sup>24</sup>, que posiciona a identidade como algo formado ao longo do tempo. Depois, há a influência de Saussure, que considera a linguagem como um sistema social preexistente a nós e de significados não fixos, o que determina que como a língua, a identidade também não pode estabelecer um significado final.

O quarto grande momento citado por Hall (2011) é a influência de Foucault e a noção de poder disciplinar e seu desdobramento ao longo do século XIX, principalmente sobre atuação das novas instituições que policiam as atividades dos indivíduos, assim como também suas “[...] práticas sexuais e sua vida familiar, sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado, dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas ‘disciplinas’ das Ciências Sociais” (HALL, 2011, p 43.)

O quinto e último momento é a influência dos novos movimentos sociais a partir da década de 1960, como o feminismo, que não só trouxe questões pessoais para o âmbito político, como também questionou “arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc” (HALL, 2011, p. 45). Cada uma das descentrações citadas trouxe significativa influência às conseqüentes; no entanto, devido à complexidade de cada uma delas, neste trabalho oferecemos maior ênfase aos quatro e o quinto momentos, intimamente concatenados a nossa proposta teórica.

Todo o caráter de transformação pelos momentos acima suscitados fez com que as práticas cotidianas passassem a ser constantemente reanalisadas. A sociedade não é uma totalidade e não se produz “[...] através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma,

---

<sup>24</sup> “[...] a criança que não está ainda coordenada e não possui qualquer autoimagem como uma pessoa “inteira”, se vê ou se “imagina” a si própria refletida – seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no “espelho” do olhar do outro – como uma “pessoa inteira” (Lacan, 1977)” (Hall, 2011, p. 37).

como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo descentrada ou deslocada para fora de si mesma” (HALL, 2011, p. 17). Neste ponto, a modernidade e as identidades passam a ser caracterizadas pelo antagonismo e pela diferença entre os sujeitos. Hall (2011) chega mesmo a afirmar que:

[...] em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2011, p. 39.).

Para Woodward (2011) “[...] as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWARD, 2011, p. 40). Silva (2011) também afirma que “[...] assim como a identidade depende da diferença, a diferença dependa da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2011, p. 75). Silva (2011) prossegue afirmando que identidade e diferença são atos criados por meio da linguagem, ativamente fabricados em contextos sociais e culturais e não podem ser compreendidas fora dos sistemas pelos quais adquirem sentido: ou seja, não é a natureza, mas a cultura que as compõe.

Woodward (2011) prossegue afirmando que a marcação da diferença é fundamental na construção dos sistemas de classificação, formas pelas quais podemos oferecer significado as nossas experiências individuais. Esses sistemas de classificações por vezes são organizados em estruturas binárias de oposição, uma distinção que sugere a ordem social das coisas e que demonstra como “uma identidade é sempre produzida em relação a uma outra” (WOODWARD, 2011, p. 47). Exemplos dessas dicotomias podem ser observados em expressões como natureza/cultura, masculino/feminino, homem/mulher, razão/emoção, certo/errado; a autora também ressalta o quanto essas posições binárias sugerem que um dos elementos componentes é “sempre mais valorizado ou mais forte que o outro” (WOODWARD, 2011, p. 51), o que também reflete a influência da lógica aristotélica.

Silva (2011) também aborda esta questão, ao apontar como “em uma posição binária um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa” (SILVA, 2011, p. 82). O autor ressalta como essa relação favorece formas privilegiadas de hierarquização das identidades, ao apontar essa normalização como “um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e

diferença” (SILVA, 2011, p. 82), processo que contribui, por muitas vezes, para a naturalização das identidades hegemônicas, como as categorias de homem, da homossexualidade e da cisgêneridade.

Hall (2003) contribui à discussão a partir da obra de Derrida, ao abordar o conceito de *différance* do filósofo francês, que considera que o termo não funciona estático ou categoricamente, e sim “através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim” (HALL, 2003, p. 33). Woodward (2011) considera que o trabalho de Derrida “[...] sugere uma alternativa ao fechamento e à rigidez das oposições binárias. Em vez de fixidez, o que existe é contingência. O significado está sujeito ao deslizamento” (WOODWARD, 2011, p. 54).

Para Silva (2011), esse deslizamento da *différance* de Derrida baseia-se na própria estrutura da linguagem para associar a identidade a algo que é sempre definido pelo que substitui, ou seja, pelo que *não é*, e também a eterna ilusão da presença que não se concretiza, como palavras que fornecem sinônimos em suas definições no dicionário. Nesse panorama de incontáveis possibilidades de identidades e diferenças é que a representação pode se tornar tão importante. Para Silva (2011) a representação pode ser compreendida como um sistema de atribuição de significados, de sentidos, ligados a língua e a cultura podendo apresentar aspectos ambíguos, indefiníveis, e intrinsecamente ligados a relações de poder; para o autor, “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e de determinar a identidade” (SILVA, 2011, p. 91). Woodward (2011) colabora:

A representação inclui as práticas de significações e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2011, p.17).

Woodward (2011) segue investigando as relações de poder, cultura e significado em um cenário tão controverso quanto o da representação. A autora cita uma noção de “constrangimento”, que é também explorada por Butler (2003), que é fundamental: enquanto

as possibilidades do eu podem ser inúmeras, nós também somos coagidos de diferentes maneiras pelas relações sociais e de poder (e em grande parte, pelas formas de policiamento das instituições sociais, como explora Foucault) a adotar diferentes posições de identidade que forneçam sentido à nossas experiências individuais. É claro que esse sentido tende a conservar uma expectativa e uma pressão para ser baseado nos referenciais socialmente disponíveis, e por isso mesmo, construídos a partir de elementos culturais hegemônicos.

Ainda que num cenário da modernidade de mudanças constantes torna-se quase *ingênuo* a possibilidade de acreditar que possamos simplesmente “não ser nada” ou mudarmos nossas identidades levemente sem considerar as influências hegemônicas e as coerções que dela se originam nos diferentes contextos aos quais estamos inseridos. Silva (2011) afirma que identidade e diferença “não são simplesmente definidas, elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2011, p. 81). O Brasil certamente não é o país que mais mata pessoas LGBTQ+ no mundo porque aqui aceita-se com naturalidade a diferença na diversidade sexual e de gênero.

Consequentemente é também ingênuo acreditar nesse sentido que sistemas de representação, importantes mecanismos de poder, significação e legitimidade, possam significar homogeneamente *todas* as possibilidades identitárias. A representação também passa a incluir “[...] o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividades” (WOODWARD, 2011, p. 19). Questões representativas transformam-se então em um complexo jogo de ausências, presenças e contestações: não só se preenche de significados quem é representado, e mais importante, a partir de quais elementos essa representação ocorre, como também se problematiza o que ou quem é inviabilizado.

Na representação, assim como nas construções das identidades, não há zona segura, um reduto teórico que visa estabelecer uma conclusão final sem discussões ou problematizações. É também através dessas noções que os próprios estudos culturais se caracterizam, ao manter “[...] questões políticas e teóricas numa tensão não resolvida e permanente. [...] permitem que essas questões se irrite, se perturbem e se incomodem reciprocamente, sem insistir numa clausura teórica final” (HALL, 2003, p. 200). Esse pensamento, no entanto, não torna a investigação intelectual da representação menos

importante. “É também possível ler os textos como formas de representação desde que se compreenda que estamos sempre analisando a representação de uma representação” (JOHNSON, 2006, p. 107), afirma Johnson (2006).

Essa leitura das representações é assim considerada porque ela nunca é apenas simplesmente descritiva; ela é performática. Para Silva (2011), “[...] o que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente estamos apenas descrevendo” (SILVA, 2011, p. 93). O que se questiona e investiga-se, portanto, são as *tensões* e problemáticas que cercam as questões identitárias, representativas e suas possibilidades de viabilização. Tomemos a experiência da travestilidade aqui um de nossos temas centrais, como exemplo. Seria pretensioso se sugeríssemos ao final deste trabalho que as representações analisadas na página do *Facebook Travesti Reflexiva* indicam que *todas* as travestis tanto dentro como fora do *Facebook* se comportam desta ou daquela forma determinada.

Portanto, nossa posterior análise não funcionará então no sentido de identificar padrões de significado que naturalizem e generalizem experiências de travestilidade, mas de buscar elementos que possam contribuir para a compreensão de um cenário heterogêneo do gênero à margem, que talvez nunca chegue mesmo a ser universal: o próprio tornar-se mulher, de Beauvoir (1970) e Butler (2003) jamais encontrou reduto final. A representação pode não sugerir uma realidade dada e fixa sobre um determinado fato, mas fornece uma gama de significados que ajudam a construir interpretações sobre os diferentes aspectos que compõem a realidade complexa de um fenômeno social. Naturalmente, o ponto final a ser explorado neste capítulo é a justamente a travestilidade e experiência transexual e seu multifacetado processo de identidades e vivências no contexto cultural brasileiro.

### 1.3 – Elas, as *Tranvestigeneres*

Na história brasileira do século XVI, Dandara é descrita<sup>25</sup> (ainda que baseada em muitas incertezas, vista a constante narrativa masculina dos fatos) como uma guerreira astuta, que dominava técnicas de capoeira e teria lutado ao lado do companheiro Zumbi dos Palmares contra as forças coloniais no Quilombo de Palmares, região que hoje pertence ao município de Alagoas. Em uma dessas batalhas, para não voltar a ser presa, Dandara teria se jogado de um abismo. No século XXI, em 2017, desta vez em Fortaleza (CE), uma nova trajetória de luta se acrescenta a descendência brasileira daquelas chamadas de Dandara: a Dandara travesti, 42 anos, morta brutalmente por sete homens em um sessão de espancamento, pauladas e tiros, cujo vídeo de homicídio tornou-se mundialmente notícia<sup>26</sup> dado grau de perversidade.

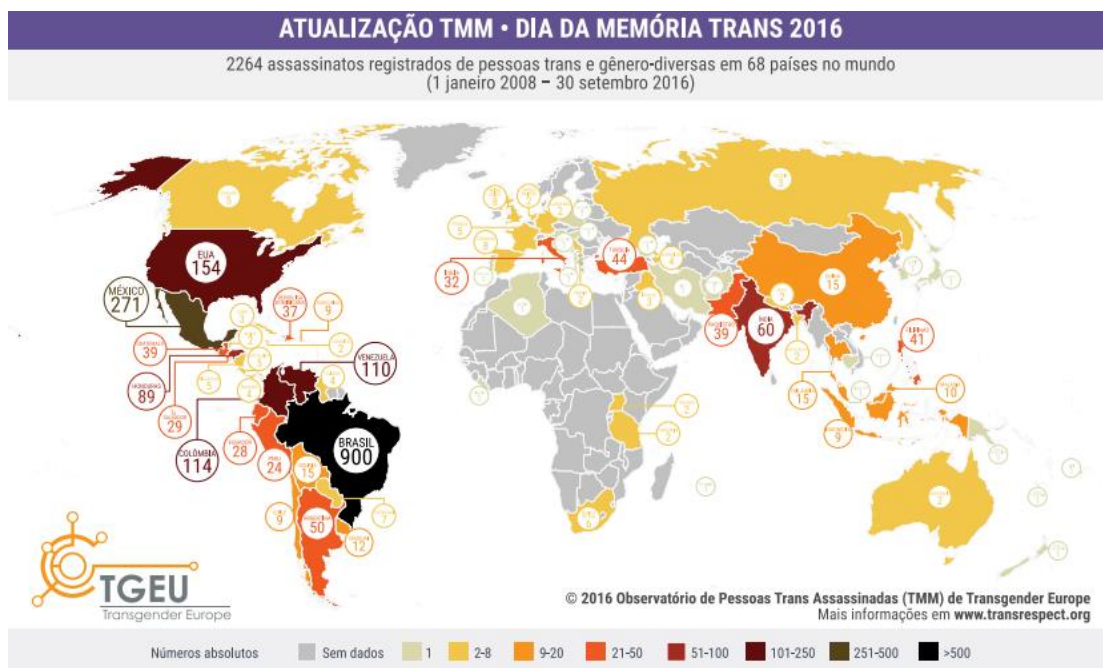
Segundo o relatório<sup>27</sup> *Trans Murder Monitoring* (TMM) publicado em 2016 através da ONG *Transgender Europe* (TGEU), entre 1º de outubro de 2015 e 30 de setembro de 2016, o Brasil foi o país que mais matou transexuais no mundo. Dos 295 homicídios identificados no período, 123 aconteceram no Brasil, mais que o dobro dos números atribuídos ao segundo colocado, o México (53). O Brasil lidera isoladamente o mesmo *ranking* há oito anos. Dos 2264 assassinatos categorizados pela TGEU desde o início do projeto, de 2008 a 2016, 900 aconteceram no Brasil, mais que o triplo do segundo colocado, o México (271), conforme se observa no gráfico abaixo:

Figura 2 – Assassinatos de pessoas trans e gênero diversas no mundo

<sup>25</sup>Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/historia/descrita-como-heroina-dandara-mulher-de-zumbi-tem-biografia-cercada-de-incertezas-14567996> (Acesso em: 31/03/2017).

<sup>26</sup>O caso foi noticiado em portais internacionais como o *The Mirror*, disponível em: <https://goo.gl/iK7vGF> (Acesso em: 31/03/2017), BBC, disponível em: <https://goo.gl/KFe5nF> (Acesso em: 31/03/2017), e *NY Times*, disponível em: <https://goo.gl/jTETTw> (Acesso em: 31/03/2017).

<sup>27</sup>Disponível em: <http://transrespect.org/en/tmm-trans-day-remembrance-2016/>. (Acesso em: 31/03/2017).



Fonte: [http://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT\\_TMM\\_TDoR2016\\_2008-2016\\_Map\\_PT.pdf](http://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT_TMM_TDoR2016_2008-2016_Map_PT.pdf)  
(Acesso em 31/03/2017).

De acordo com o relatório do *Grupo Gay da Bahia* (GGB), uma das poucas instituições no país a realizarem monitoramento constante da violência contra LGBTQ+, a cada 19 horas uma pessoa LGBTQ+ foi morta ou se suicidou no Brasil em 2017. O relatório também registrou um aumento de 30% nos homicídios de pessoas LGBTQ+ em 2017 em relação ao ano anterior, passando de 343 para 445, um recorde desde que o monitoramento começou a ser realizado e que posiciona o Brasil como o país que mais mata pessoas LGBTQ+ no mundo; aqui se morre mais do que em países do Oriente Médio e da África onde existe pena de morte para diversidade sexual e de gênero.

Como causa das mortes, o relatório aponta o uso predominante de armas de fogo (30,8%), seguido por armas brancas perfuro-cortantes (25,2%). O GGB também detalha que 56% dessas mortes acontecem em vias públicas, 37% dentro da própria residência, e 6% em estabelecimentos privados. Das 445 vítimas documentados em 2017, 194 eram gays (43,6%), 191 trans (42,9%), 43 lésbicas (9,7%), 5 bissexuais (1,1%). Na categoria gay o relatório incluiu homossexuais masculinos, andróginos, *drag queens*, transformistas e *crossdressers*, pois se reconheciam socialmente como homossexuais, enquanto a categoria trans inclui travestis, mulheres transexuais e homens trans. O GGB também aponta um aumento de 6% no óbito de pessoas trans, concluindo que o risco de uma travesti ou pessoa trans morrer vítima da transfobia é 22 vezes maior do que para gays.

Segundo o dossiê “A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans”<sup>28</sup>, da *Rede Trans Brasil* (RTB) em 2017, um agravante dos dados da violência contra pessoas trans no país é que muitos dos assassinatos de travestis, mulheres e homens transexuais são registrados como mortes de homens e mulheres cisgênero homossexuais, sendo inclusive muitas vezes desta forma divulgados pela imprensa. Para Bento (2014), essa violência é estrutural e advém do gênero, o que demonstra que, mesmo após a morte, “há um processo contínuo de esvaziamento e apagamento da pessoa assassinada” (BENTO, 2014, p.1). Bento também chama atenção para os requintes de crueldade desses crimes, que apontam uma morte ritualizada, visto que “não basta um tiro fatal, ou uma facada precisa ou um atropelamento definitivo. Os corpos são mutilados por dezenas de facadas, por inúmeros tiros” (BENTO, 2014, p. 2).

Estima-se, segundo Indianare Siqueira, travesti e ativista do grupo *TransRevolução* em entrevista realizada a *Revista Forum* em janeiro de 2015<sup>29</sup>, que travestis e transexuais brasileiros (as) tenham expectativa de vida em torno de 30 anos, menos da metade da média de 75,4 anos da população do país em geral declarada pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* em 2016 (IBGE, 2016, p. 22). Para Bento (2014), o avanço da violência contra pessoas trans pode ser considerado *transfeminicídio*, fenômeno que se “[...] caracteriza como uma política disseminada, intencional e sistemática de eliminação da população trans no Brasil, motivada pelo ódio e nojo” (BENTO, 2014, p. 2). Bento (2014) acrescenta que o transfeminicídio seria “[...] a expressão mais potente e trágica do caráter político das identidades de gênero. A pessoa é assassinada porque além de romper com os destinos naturais do seu corpo-generificado, faz isso publicamente” (BENTO, 2014, p. 2).

Para Jesus (2012), “[...] mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem” (JESUS, 2012, p. 15). Jesus (2012) define então em oposição, as pessoas cisgênero, como “[...] pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento” (JESUS, 2012, p. 10). O debate sobre denominações definitivas a partir de vivências de gênero trans é uma odisseia discursiva, principalmente quando pautada na pluralidade das identidades e experiências de seus indivíduos. Vale

<sup>28</sup>Disponível em <http://redetransbrasil.org/dossiecirc2016.html>. (Acesso em: 31/03/2017).

<sup>29</sup>Disponível no endereço: <http://www.revistaforum.com.br/2015/01/29/nossa-luta-contratransfobia-nao-se-resume-um-unico-dia-de-visibilidade-diz-indianara-siqueira/> (Acesso em: 31/03/2017).



pontuar também que a expressão cisgênero originou-se a partir das contribuições da teoria transfeminista, sobre a qual falaremos no próximo capítulo dessa dissertação.

Jesus (2012) narra que o termo transexual foi codificado em 1966 pelo endocrinologista Henry Benjamim para definir procedimentos de atendimento clínico para pessoas trans. Para a RTB (2017), por exemplo, transexual é um termo que “[...] surge para medicalizar determinada parcela dessa população, enquanto a travesti ainda está ligada a marginalidade, havendo desta maneira um processo de separação higienista” (RTB, 2016, p. 52). Para Jesus (2012):

No Brasil, ainda não há consenso sobre o termo, vale ressaltar. Há quem se considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo *queer*, outros, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero (JESUS, 2012, p. 10).

Neste trabalho, como forma de melhor situar os sujeitos em suas pluralidades de experiências, optamos por utilizar os termos trans, pessoas trans, experiência trans, travestis e transgêneros, e também o neologismo *tranvestigeneres*, junção dos termos Transexual, Travesti e Transgênero utilizado pela travesti e ativista Indianare Siqueira<sup>30</sup>. Seja qual for a nomenclatura, o caráter é de descentralização, deslocamento entre sexo e gêneros e das identidades essencialistas entre homem e mulher. “Entre ser homem e ser mulher, eu quero ser eu” (TRIP, 2016), afirma MC Linn da Quebrada, em entrevista<sup>31</sup> à *Revista TRIP* em 2016, onde se considera uma “terrorista do gênero” (TRIP, 2016, online).

O deslocamento das identidades trans, no entanto, como os próprios dados sobre violência demonstram, é inserido num constante cenário de contestações e disputas em relação à heteronormatividade e ao sistema cisgênero. A própria alcunha do termo transexual, firmado por Henry Benjamim, carregava um objetivo específico: a patologização dessas identidades, um dos maiores estigmas enfrentados por essa população. A transexualidade atualmente está inclusa no *Código Internacional de Doenças* (CID 11) e no *Manual*

---

<sup>30</sup>Indianare Siqueira é travesti, prostituta, ativista e vereadora suplente do Rio de Janeiro pelo PSOL-RJ. Em entrevistas, textos e palestras, constantemente utiliza o termo “transvestigeneres” como sinônimo para pessoas trans, uma forma política e inclusiva de referência às diversas identidades e experiências trans. A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jaqueline Gomes de Jesus rememorou durante nossa banca de defesa a origem do termo “transvestigeneres” a uma conversa de bar entre Indianare e outra ativista trans, Erika Hilton.

<sup>31</sup>Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/trip-tv/mc-linn-da-quebrada-em-entrevista-ao-trip-tv-genero-sexo-religiao-e-funk>. (Acesso em 31/03/2017).

*Diagnóstico Estatístico de Transtorno Mental* (DSM-V), publicações da *Organização Mundial de Saúde* (OMS) e da *American Psychiatric Association* (APA), respectivamente.

As experiências dos grupos sociais subordinados são apresentados como patológicas, como problemas que exigem uma intervenção não na organização da sociedade como um todo, mas nas atitudes ou nos comportamentos do próprio grupo que as sofre (JOHNSON, 2006, p. 50).

O CID referiu-se à experiência trans até 2017 como *transexualismo*, uma terminologia que cujo próprio sufixo já invoca noção de doença; além disso, o código atribui a todos os corpos trans o mesmo desejo essencialista de “ter cirurgia e tratamento hormonal para tornar o corpo o mais congruente possível ao sexo preferido” (CID-10, 2015, p. 64) (tradução própria)<sup>32</sup>. Já o DSM-V, que engloba enfermidades como esquizofrenia e demência, caracteriza a transexualidade como “disforia de gênero”, que “foca a disforia como um problema clínico, e não como identidade por si própria”, (DSM-V, 2014, p. 452), e que apresenta como diagnóstico “incongruências acentuadas entre o gênero que lhes foi designado (em geral ao nascimento, conhecido como gênero de nascimento) e o gênero experimentado/expresso” (DSM-V, 2014, p. 453). Após 28 anos, em 2018 a OMS atualizou o termo transexualidade de transtorno de gênero à “incongruência de gênero”<sup>33</sup>.

O CID também promoveu atualizações, e com o CID-11 em 2018 realocou a transexualidade da lista de transtornos mentais para a lista de transtornos de saúde sexual<sup>34</sup>. A edição foi bastante comemorada por ativistas e membros da comunidade LGBTQ+, embora ainda se questione bastante a própria permanência da transexualidade no código em geral. Alguns argumentos apontam que a presença contínua do termo no documento pode favorecer o acesso às demandas específicas de saúde para pessoas *transvestigeneres*. Porém, essa própria ideia também é fortemente influenciada pelo peso da medicalização compulsória, com seus laudos e relatórios, e até mesmo pela estrutura precária das próprias instituições de saúde para receber e atender pessoas trans.

Embora com muitos avanços notáveis nos últimos anos, argumenta-se também que foi essa visão médica pautada na biologia e seus diagnósticos que possibilitou por muito tempo e para grande parte de pessoas *transvestigeneres* o acesso a direitos civis, como a mudança de

<sup>32</sup>No original: “[...] wish to have surgery and hormonal treatment to make one's body as congruent as possible with one's preferred sex” (ICD-10, 2015, p. 64).

<sup>33</sup>Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/saude/2018/05/apos-28-anos-oms-vai-atualizar-classificacao-de-doencas-e-reformular.html>. (Acesso em 17/05/2018).

<sup>34</sup>Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-e-ativista-elogia-decisao-da-oms-de-tirar-transexualidade-da-lista-de-doencas-mentais/>. (Acesso em 24/07/2018).

documentos ou o início do processo de transição para a real identidade de gênero, seja através de um tratamento hormonal ou até mesmo de uma cirurgia de transgenitalização<sup>35</sup>, se for o caso. Bento (2014) problematiza as determinações do CID-10 e do DSM-V ao acrescentar que:

A inclusão no DSM (Manual Diagnóstico Estatístico de Transtorno Mental) e no CID (Código Internacional de Doenças) da transexualidade não foi respaldada por nenhum teste. Não há nenhum exame clínico objetivo que possibilite ao saber médico e às ciências psi (refiro-me à psicologia, à psiquiatria e à psicanálise) afirmarem que os sujeitos que vivem as experiências de gênero em desacordo com o estabelecido hegemonicamente sejam portadores de transtornos mentais. (BENTO, 2014, p. 173).

Bento prossegue (2004) ao afirmar que:

Não existe um processo específico para a constituição das identidades de gênero para os/as transexuais. O gênero só existe na prática, na experiência, e sua realização se dá mediante reiteraões cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino, em um jogo, muitas vezes contraditório e escorregadio, estabelecido com as normas de gênero. O ato de pôr uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporais são atos que fazem o gênero, que visibilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada dos gêneros (BENTO, 2004, p. 144).

A autora narra então dois processos importantes na construção da visão patologizante das pessoas trans, paradigmas que determinam não só a travestilidade e a experiência transexual como distúrbio a ser tratado, como também determinam quais indivíduos podem ser considerados ou não como *transexuais de verdade*. O primeiro deles é a teoria do psicanalista Robert Stoller. Para Stoller, as experiências transexuais “serão interpretadas e normatizadas como distúrbios, aberrações, doenças” (BENTO, 2004, p. 152), que tem como principal causa uma falha na constituição do Complexo de Édipo, geralmente causada por uma disfunção no papel super protetor da mãe. Bento (2004) explica que:

Ela (a mãe) é uma mulher que não consegue resolver o complexo da castração. Sua inveja do pênis não tem limite. Os cuidados e os mimos dispensados ao filho são caracterizados pelo excesso. Seu filho é seu falo, o que gera uma relação de simbiose extrema entre ele e ela, excluindo a figura paterna. Com essa exclusão, o complexo de Édipo não se instaura (BENTO, 2004, p. 151).

Na perspectiva storelliana, a função do terapeuta e do tratamento consiste em induzir o conflito de Édipo para desenvolver a masculinidade ou feminilidade da criança. Bento (2004)

---

<sup>35</sup>Jesus (2012) a define como “procedimento cirúrgico por meio do qual se altera o órgão genital da pessoa para criar uma neovagina ou um neofalo. Preferível ao termo antiquado “mudança de sexo” (JESUS, 2012, p. 30).

narra que para Stoller a terapia começava a dar frutos quando os meninos passavam a ser sexualmente curiosos, amplamente hostis e distantes de suas mães. Bento (2004) argumenta que a realidade da mãe super-protetora é dificilmente encontrada nas relações de travestis e transexuais com suas genitoras: grande parte dos casos envolve violência e exclusão, como reflexo da compreensão e aceitação dessas mães por seus filhos(as) travestis e transexuais e suas identidades de gênero, sendo comum que “entre os 13 e 16 anos as pessoas trans fogem de casa e encontram na prostituição o espaço social para sobrevivência financeira e construção de redes de sociabilidade” (BENTO, 2014, p. 2).

O paradigma seguinte abordado por Bento (2004) faz novamente menção ao trabalho do endocrinologista Henry Benjamim. Benjamim constrói sua teoria associando a travestilidade ou a transexualidade a uma má formação cromossômica e a condição hormonal de cada organismo. Para ele, a transexualidade era uma enfermidade cujo acompanhamento psiquiátrico e terapêutico não era tratamento suficiente, sendo o próprio Benjamim um defensor das cirurgias de transgenitalização para os *transexuais de verdade*, cujo diagnóstico, diferente de Stoller, poderia levar em conta a auto identificação do paciente. Bento argumenta que:

O/a "verdadeiro/a transexual", para Benjamim, é fundamentalmente assexuado e sonha em ter um corpo de homem/mulher, obtido pela intervenção cirúrgica. Essa cirurgia lhe permitiria desfrutar de status social do gênero com o qual se identifica, ao mesmo tempo em que permitiria exercer a sexualidade apropriada, com o órgão apropriado. Nesse sentido, a heterossexualidade é definida como a norma a partir da qual se julga o que são "um homem e uma mulher de verdade (BENTO, 2004, p. 163).

Bento (2004) discute essa afirmação ao ponderar as relações que pessoas trans possuem com sexo e seu próprio corpo, que conforme se especula no senso comum, nem sempre é motivo de extrema agonia e desconforto. Luana Muniz, travesti brasileira conhecida como “Rainha da Lapa” e presidente da *Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro*, por exemplo, afirmou em uma entrevista<sup>36</sup> para o jornal chileno *The Clinic*, que “[...] só não fui operada da cintura, das panturrilhas, dos pés, das mãos e do pau. Meu pau está aqui, eu o amo, e, se pudesse, o aumentaria” (*THE CLINIC*, 2016) (Tradução do autor<sup>37</sup>).

<sup>36</sup>Disponível em: <http://www.theclinic.cl/2016/08/26/luana-muniz-la-reina-de-lapa-en-mi-epoca-de-oro-atendi-hasta-50-hombres-en-una-noche/>. Acesso em: (31/03/2017).

<sup>37</sup>No original: "¿Cuántas cirugías te has hecho? Varias. Solo no tengo cirugía en la cintura, en las pantorrillas, en los pies, en las manos, ni en mi polla. Mi polla está acá, la amo y, si pudiese, la aumentaría" (*THE CLINIC*, 2016).

“Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade” (LOURO, 2007, p. 14). Butler (2007) explora essa temática ao investigar a materialidade dos corpos, “como um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície” (BUTLER, 2007, p. 163). A autora aponta para a existência de uma matriz que, ao mesmo tempo em que produz os locais de domínio e seus sujeitos, também produz uma série de corpos abjetos, estranhos, constituídos através da exclusão e que também são necessários para que o domínio seja realizado, tornando-se, no fim, ainda que pelo princípio da exclusão, da identidade e diferença, corpos que pesam, que importam.

Para Butler (2007), no entanto, a performatividade desses corpos, ainda que por vezes transgressivas, são sempre citacionais e não são um "ato" singular, pois ela tende a ser sempre “uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição” (BUTLER, 2007, p. 167). A autora ainda afirma que:

Nesse sentido, a matriz das relações de gênero é anterior à emergência do "humano". Consideremos a interpelação médica que, apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser "neutro" em um "ele" ou em uma "ela": nessa nomeação, a garota torna-se uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse tornar-se garota da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma (BUTLER, 2007, p. 161).

No caso de travestis e pessoas trans esse processo de performatividade ligado à identidade de gênero pode ser observado na complexa transição, processo ou dispositivo transexualizador, como cita Bento (2004): uma longa trajetória que pode envolver desde tratamentos hormonais e implantes de silicone industrial clandestinos<sup>38</sup>, como também as exigências que Programas de Resignação<sup>39</sup> demandam de seus candidatos; este último um

---

<sup>38</sup>A *Rede Trans Brasil* (2017) chama atenção para o número crescente de mortes de pessoas *transvestigeneres* após aplicação de silicone industrial, uma substância utilizada em peças automobilísticas, que pode ser clandestinamente injetada para “turbinar” lábios, seios e nádegas de pessoas trans com baixo poder aquisitivo. O procedimento, que apresenta restrições da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), oferece risco à saúde, provocando desde deformações graves ao óbito.

<sup>39</sup>Processos e diagnósticos médicos que visam comprovar e tratar a transexualidade, oferecendo as pessoas trans laudos que permitem o início do tratamento hormonal, mudança do nome nos documentos, e/ou o percurso até a cirurgia de transgenitalização. No Brasil, há Programas de Resignação oferecidos pelo Sistema Único de Saúde

cronograma intrincado que pode incluir tempo de terapia psicológica, terapia hormonal, teste da vida real<sup>40</sup>, de personalidade, exames de rotina e a própria cirurgia de transgenitalização, performances de gênero não no sentido puramente teatral, mas influenciadas pelos modelos de homem/mulher socialmente disponíveis.

Outra perspectiva observada por Bento (2004) contraposta em relação a de Benjamim é a diversa orientação sexual de pessoas tranvestigeneres. Enquanto o conceito do endocrinologista é pautado na heteronormatividade dos corpos, ressaltando-se inclusive, esta “conformidade”, como principal objetivo das cirurgias de transgenitalização, Bento (2004) chama atenção para a existência de homens transexuais gays e de mulheres transexuais lésbicas, importantes deslocamentos entre identidade de gênero e orientação sexual. Para a autora, “[...] já não é apenas o corpo que se apresenta em divergência com a identidade de gênero, a sexualidade também se desloca de um referente biológico” (BENTO, 2004, p. 166). Bento (2004) ainda afirma que:

Não existe transexual de verdade, mas transsexualidades. [...] A experiência transexual põe em destaque elementos que revelam o funcionamento das normas de gênero, e ao revelá-las, cria um campo contraditório de deslocamentos de fixações dessas mesmas normas. (BENTO, 2004, p. 171).

Mesmo numa era pós Stoller e Benjamim, o referencial patológico é constantemente reinventado por um número sem fim de permanentes insistências científicas em desconsiderar os contextos culturais aos quais estamos inseridos para buscar uma motivação genética, uma alteração hormonal, uma causa biológica específica da transexualidade. Nos últimos anos são inúmeros os estudos e descobertas “alarmantes” e “inovadoras” sobre o gene trans<sup>41</sup> ou a última hipótese sobre as identidades de gênero na gestação<sup>42</sup>, quando pouco se questiona por onde andar o gene cisgênero e heterossexual que deveria garantir a todos nós a sagrada normalidade e conformidade dos corpos.

---

(SUS) no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO); Hospital de Clínicas de Porto Alegre, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre (RS); Hospital Universitário Pedro Ernesto, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (RJ); Fundação Faculdade de Medicina, da Universidade de São Paulo (USP); e Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife (PE). Geralmente, para aqueles (as) que optam pela cirurgia, o processo completo tem duração de cerca de dois anos, com uma longa fila de espera.

<sup>40</sup>“Consiste na obrigatoriedade de o/a “candidato/a” usar, durante todo o dia, as roupas comuns ao gênero identificado. O teste da vida real começa já na admissão do/a “candidato/a” no Programa” (BENTO, 2006, p. 49).

<sup>41</sup>Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7689007.stm>. (Acesso em: 31/03/2017).

<sup>42</sup>Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2016/09/transgenero-origem-pode-ser-biologica-e-comecar-na-gestacao.html>. (Acesso em: 31/03/2017).

Para Foucault (2007) “a produção da verdade é inteiramente infiltrada pelas relações de poder” (FOUCAULT, 2007, p. 69). Há, portanto, de se questionar também por quem são feitos e a quem servem essas pesquisas e da norma clara que constantemente guia esses estudos: os referenciais hegemônicos de raça, gênero, e sexualidade, possivelmente as mesmas tradições de complexas relações de poder e privilégio que até recentemente encabeçavam o racismo científico, a incapacidade feminina, o antissemitismo ou a homossexualidade como doença. A prática médica científica está comprovadamente mais envolvida em episódios controversos na história da humanidade do que aqui é cabível discutir, sendo a travestilidade e a transexualidade, neste caso, mais um desses desagradáveis e infelizes capítulos recentes.

O estigma da patologização impulsiona uma trajetória de frequentes e sucessivas exclusões para travestis e pessoas trans, principalmente pelos discursos da família, da igreja, da comunidade, da escola e do mercado de trabalho, que para Foucault (2007), agem para “determinar em seus funcionamentos e suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer, que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana” (FOUCAULT, 2007, p. 17), através de intensa vigilância, algo mesmo como uma “polícia do sexo: regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (FOUCAULT, 2007, p. 31).

Na travestilidade e na experiência transexual, um dos primeiros episódios frequentemente marcantes é o abandono do seio familiar. A constituição da estrutura da própria família foi bastante influenciada pelo discurso religioso, que através de mecanismos como o da confissão e da penitência, possibilitavam não apenas “confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso” (FOUCAULT, 2007, p. 27). Ainda segundo Foucault (2007) a partir dos séculos XVIII e XIX há um movimento focal em direção à monogamia heterossexual, o que gerou uma “intervenção da Igreja a sexualidade conjugal e sua repulsa às fraudas contra a procriação” (FOUCAULT, 2007, p. 41) com significados explícitos dos papéis de homem e mulher<sup>43</sup> e um número sem fim de recomendações a comportamentos considerados sexualmente dissidentes, como homens que se deitam com outros homens<sup>44</sup> e afins.

---

<sup>43</sup>“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. Gênesis 1:27. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1/27>. (Acesso em: 01/04/2017).

<sup>44</sup>“Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é”. Levítico, 18:22. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/lv/18>. (Acesso em: 31/03/2017).

Se para as adúlteras não faltaram pedras na história do catolicismo, para os homossexuais também não se pouparam a violência e a exclusão. A relação entre homo, travestilidade e transexualidade, é inclusive, curiosa; ela reflete as complexidades dos processos de auto identificação e sociabilidade. Travestis e pessoas trans podem nem sempre enxergar a si mesmas como desse modo no princípio: muitas vezes as primeiras percepções sobre si podem girar apenas em torno dos referenciais de orientação sexual, como a homossexualidade.

Peres (2005) apontou em seu trabalho de campo em Londrina (PR), que a transição da auto identificação de homossexual para *transvestigeneres* pode ser realizada a partir de processos de identificação como, por exemplo, com “a imagem da travesti nas esquinas dos pontos de batalha ou fazendo shows pela televisão” (PERES, 2005, p. 58). À medida que esse processo de transição começa a ocorrer e passam a surgir as performatividades de gênero relacionadas aos gêneros adotados, diferentes maneiras de exclusão também começam a avançar. O autor afirma que:

[...] Incrementadas pelo desejo de se transformar [...] são raras as famílias que conseguem expressar tolerância e estabelecer uma relação de aceitação e convívio tranquilo. Na maioria das vezes essas pessoas são agredidas verbal e fisicamente, sendo muitas vezes expulsas de suas casas (PERES, 2005, p. 54).

Peres (2005) argumenta que a exclusão do seio familiar pode potencializar a hostilização por meio da vizinhança e da comunidade, que limitam a existência de locais *adequados* ou não para essas pessoas. O autor narra casos de pessoas *transvestigeneres* que deixam a convivência familiar e são absorvidas em comunidades de socialização características, passando então a morar em “pensões que alugam quartos para travestis ou em repúblicas previamente montadas por uma travesti “mais esperta” (mais velha), que administra as vagas e cobra pelas diárias, pela moradia e alimentação” (PERES, 2005, p. 62), apontando também como o impacto de diferentes tipos de exclusão, estigma e marginalidade podem colaborar na construção de “relações impessoais entre as travestis, com baixa expressão de afetividade e baixa autoestima” (PERES, 2005, p. 64).

Para Foucault (2007) “o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo” (FOUCAULT, 2007, p. 11). O autor já sugeria o quanto à abordagem da sexualidade na sociedade moderna tende a desestabilizar indivíduos cujas vivências não se encaixem nas normas centrais, principalmente através de sucessivas estratégias de apagamento e deslegitimação que reforçam e atribuem uma ideia de



naturalidade e conformidade a uma situação que pode ser na verdade um constructo, um silenciamento sintomático baseado em disputas e relações de poder. Um dos pontos essenciais neste cenário pode ser questionar não só os altos números relacionados ao transfeminicídio no país, mas também investigar porque grandes setores da sociedade considerem estes sucessivos processos de exclusão com uma indiferença quase natural. Qual o nível de incômodo causado por essas vivências?

Embora as relações de discriminação familiares possam ser largamente experimentadas por pessoas *transvestigeneres*, esse cenário não é de generalização absoluta; há travestis e pessoas transexuais que resignificam as relações com suas famílias pós-transição, bem como há indivíduos que não experimentam qualquer exclusão da família. Peres (2005) também chama atenção para os recortes de classe, ao apontar as vivências de travestis e transexuais de famílias de classes desfavorecidas, que não experimentam a exclusão total por serem provedoras de seus lares ou por se estabelecerem profissionalmente de forma rentável em ofícios formais.

Assim como família e a vizinhança são frequentemente instrumento de exclusão, a escola também pode representar mais um espaço de segmentação e preconceito. Para Foucault (2007):

As instituições escolares ou psiquiátricas com sua numerosa população, sua hierarquia, suas organizações espaciais e seu sistema de fiscalização constituem, ao lado da família, uma outra maneira de distribuir o jogo dos poderes e prazeres; porém, também indicam região de alta saturação sexual com espaços ou ritos privilegiados, como a sala de aula, o dormitório, a visita ou a consulta. Nelas são solicitadas e implantadas as formas de uma sexualidade não conjugal, não heterossexual, não monogâmica. [...] A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação á sua hipocrisia: é perversa real e diretamente (FOUCAULT, 2007, p. 47).

Louro (2008) acrescenta que:

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando<sup>45</sup> outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc também praticam tal pedagogia, seja

---

<sup>45</sup>Louro (2008) define como excêntrico “aquele ou aquilo que está fora do centro; é o extravagante, o esquisito; é, também, o que tem um centro diferente, um outro centro” (LOURO, 2008, p. 44). Centro, por sua vez, é definido como o que é universal, uno e estável, sendo a margem, caracterizada como particularidade, diversidade e instabilidade. Louro (2007) acrescenta que “em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada” (LOURO, 2007, p. 15).

coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos distantes e contraditórios (LOURO, 2007, p. 31).

A autora afirma que mesmo que ainda inseridos num contexto de negação/saturação atribuído às crianças e adolescentes, aqueles cujo comportamento “se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam “marcados” como figuras que se desviam do esperado” (LOURO, 2007, p. 26). Esse ambiente de constante policiamento faz com que os espaços para os indivíduos cujas experiências não se adequam a heteronormatividade sejam novamente cada vez menos disponíveis, “restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação” (LOURO, 2007, p. 27).

Não coincidentemente, no Brasil a evasão escolar entre travestis e transgêneros<sup>46</sup> é de 82%, segundo o defensor público João Paulo Carvalho Dias, presidente da *Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil* (OAB). Embora se careça de dados mais específicos especula-se que essa evasão aconteça em grande parte entre a infância e a adolescência; uma pesquisa<sup>47</sup>, desenvolvida por Miriam Abramovay com apoio da *Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais* (Flacso) em 2015, chamada “Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?”, ilustra o ambiente potencialmente hostil a pessoas *transvestigeneres* em escolas públicas brasileiras.

No estudo, que ouviu 8.283 estudantes na faixa de 15 a 29 anos no ano letivo de 2013, 19,3% dos entrevistados afirmaram que não gostariam de ter uma colega de classe travesti, homossexual, transexual ou transgênero. Quando se analisa separadamente as categorias, 7,1% não queriam ter travestis como colegas de classe, posição que fica atrás apenas de Bagunceiros (41,4%) e “Puxa-Saco” do Professores (27,8%). A rejeição também é largamente pontuada em outros exemplos de diversidade sexual, com homossexuais (5,3%), transexuais (4,4%) e transgêneros (2,5%) (dados que também ilustram como a terminologia *travesti* é de fato mais marginalizada).

Tais dados podem inicialmente sugerir ações pedagógicas que visasse reverter à situação; isto, se essas próprias estratégias não fossem por muitas vezes elas mesmas problemáticas. Louro (2008) analisa as consideradas “estratégias de inclusão” adotadas pela grande parte dos projetos pedagógicos das instituições escolares: como resposta às denúncias de ausência das trajetórias dos grupos historicamente marginalizados, as instituições

<sup>46</sup>Disponível em: <http://flacso.org.br/?p=15833>. (Acesso em: 31/03/2017).

<sup>47</sup>Disponível em: [http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB\\_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf](http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf). (Acesso em: 31/03/2017).

geralmente desenvolvem ações e projetos pouco eficientes que acabam por reforçar e “manter o lugar especial e problemático das identidades “marcadas”, e mais do que isso, acabam por apresentá-las a partir das representações e narrativas construídas pelo sujeito central” (LOURO, 2008, p. 45).

Quando jovens e expulsas de casa, com baixo nível de escolaridade e forte estigma impulsionado pela transfobia<sup>48</sup>, grande parte de travestis e pessoas trans encontra dificuldades para inserção no mercado de trabalho qualificado. Especula-se que 90% dessa população esteja envolvida na prostituição, de acordo com Cris Stefanny, presidenta da *Associação Nacional de Travestis e Transexuais* (ANTRA) em entrevista<sup>49</sup> a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) em 2015. “Simplesmente não há oportunidades de trabalho. As poucas que não estão nas ruas estão em serviços subalternos, ou limpando o chão ou como cabeleireiras” (EBC, 2015, *online*) afirma Stefanny. Nas ruas, a vulnerabilidade é maior também à violência do Estado, com inúmeros casos de suborno, extorsão e estupros, principalmente pela controversa situação da regulamentação da prostituição no país<sup>50</sup>.

Se for preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos de produção, pelo menos nos do lucro. O rendez-vous e a casa de saúde serão tais lugares de tolerância: a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica [...] (FOUCAULT, 2007, p. 10).

A relação com a prostituição é complexa, e também está intimamente ligada a hipersexualização dos corpos de travestis e mulheres trans, estereótipo que posiciona e cristaliza pessoas *transvestigeneres* como trabalhadoras do sexo e de libido sempre atuante (o que nem sempre pode ocorrer, devido a série de tratamentos hormonais que podem ser adotados). O Brasil, por exemplo, é o país no mundo que mais procura pelo termo *shemale*, expressão vulgar para travesti, no *site* pornográfico *RedTube*<sup>51</sup>, além de ser um dos destinos de turismo sexual mais procurados. “A lei é constitutiva do desejo e da falha que o instaura” (FOUCAULT, 2007, p. 91), diz Foucault (2007). O cenário é tão escandalosamente contraditório, que a própria Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), um documento

<sup>48</sup> “[...] extensa série de percepções estereotipadas negativas e de atos discriminatórios contra homens e mulheres transexuais e travestis” (JESUS, 2013, p. 106).

<sup>49</sup> Disponível no endereço: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/11/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de-trabalho> (Acesso em 31/03/2017).

<sup>50</sup> Apesar da prostituição não ser uma profissão formalmente regulamentada no Brasil, trabalhadores do sexo podem registrar-se na Previdência Social como autônomos, enquadrados no código 5198-05 do CBO, onde a contribuição é de 20% sobre o rendimento. “Pagamos impostos, e quem se beneficia? A sociedade. Toda sociedade é cafetina, e o governo é o grande dono do puteiro” (CARTA CAPITAL, 2015, *online*), diz Indianare Siqueira em entrevista a Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/questoes-da-prostituicao-segundo-as-prostitutas-7420.html>. (Acesso em 31/03/2017).

<sup>51</sup> Disponível no endereço: <https://www.pornhub.com/insights/redtube-brazil>. (Acesso em 31/03/2017).

oficial da Previdência Social, chegou a apresentar até 2011 no código 5198-05 os termos travesti e transexual como sinônimos para a ocupação de Profissional do Sexo. O termo foi editado “ante a protestos do movimento social transgênero” (JESUS, 2013, p. 106).

Este panorama, no entanto, tem apresentado algumas reviravoltas positivas nos últimos anos, com a existência de iniciativas públicas, particulares e principalmente de ONGs, que visam oferecer educação formal e diversas oportunidades de emprego para pessoas *transvestigeneres*, como o *site* Transempregos<sup>52</sup>, o programa Transcidadania<sup>53</sup>, da Prefeitura de São Paulo, e os cursinhos preparatórios para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como o PreparaNem<sup>54</sup>, no Rio de Janeiro, o To Passada<sup>55</sup>, no Paraná, o EducaTrans<sup>56</sup>, em Aracaju, entre outros.

Judicialmente, há poucas alternativas que visem respaldar especificamente as vivências das pessoas trans. A mais promissora delas, o Projeto de Lei 5002/13<sup>57</sup>, a Lei da Identidade de Gênero ou João W. Nery, de autorias dos deputados Jean Wyllys (Psol-RJ) e Erika Kokay (PT-DF), que visa principalmente reconhecer o direito da identidade de gênero a todos os indivíduos e simplificar, por exemplo, os processos de retificação dos documentos sem laudo médico que ateste patologia, está há anos para ser discutida na pauta da *Comissão de Direitos Humanos e Minorias* (CDHM) da Câmara dos Deputados. Bento (2014) sugere que que “a votação/aprovação de leis que garantem conquistas para os excluídos (econômicos, dos dissidentes sexuais e de gênero) são feitas a conta-gotas, aos pedaços. E assim se garante que os excluídos sejam incluídos para continuarem a ser excluídos” (BENTO, 2014, 166).

Enquanto não houve uma regulamentação específica, pessoas *transvestigeneres* continuaram a acionar judicialmente o pedido para retificação dos documentos, munidos dos onipresentes laudos médicos, processo que pode ser dispendioso e lento, ficando muitas vezes à mercê da interpretação de um juiz (a) que pode ou não ser favorável a causa ou a “transexualidade de verdade” do requerente. Pequenos avanços para a experiência trans vêm a migalhas, como o Decreto nº 8727<sup>58</sup> de abril de 2016, cujo artigo 1º dispõe “sobre o uso do

<sup>52</sup>Disponível no endereço <http://www.transempregos.com.br/>. (Acesso em 01/04/2017).

<sup>53</sup>Disponível no endereço <https://goo.gl/ey8DFP>. (Acesso em 01/04/2017).

<sup>54</sup>Disponível no endereço <https://www.facebook.com/PreparaNem/>. (Acesso em 01/04/2017).

<sup>55</sup>Disponível no endereço <https://www.facebook.com/topassadactba/>. (Acesso em 01/04/2017).

<sup>56</sup>Disponível no endereço <https://www.facebook.com/educatravesti/?fref=ts>. (Acesso em 01/04/2017).

<sup>57</sup>Disponível no endereço <https://goo.gl/06kUQY>. (Acesso em 01/04/2017).

<sup>58</sup>Disponível no endereço: <https://goo.gl/oXumsC>. (Acesso em 01/04/2017).

nome social<sup>59</sup> e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional” (BRASIL, Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016), decisão considerada por Bento (2014) uma “gambiarra legal” (BENTO, 2014, p. 165). Em 2018, o Supremo Tribunal de Justiça (STF) decidiu que *transvestigeneres* poderão mudar registro civil sem necessidade de cirurgia ou autorização judicial<sup>60</sup>.

Outro avanço simbólico recente foi a aplicação<sup>61</sup> da Lei da Maria da Penha para a casos de agressão contra travestis e mulheres transexuais; embora se problematize que as decisões de aplicação são aleatórias e fiquem a cargo das interpretações de tribunais de justiça. Todos os dados e fatos citados neste capítulo corroboram num complexo cenário representativo para a trajetória de travestis e pessoas trans: frequentemente estigmatizadas, marginalizadas e determinadas a espaços permitidos ou não, a representação *transvestigeneres* na cultura e suas produções é pouco multifacetada e heterogênea, marcada tanto por um constante silenciamento dessas histórias, quanto por disputas e estratégias para desconstruir essencialismos e estereótipos relacionados às suas vivências.

Apontar o surgimento dessa representação e seu alcance histórico é uma tarefa árdua, visto que uma “[...] análise presentista não considera a especificidade histórica da transexualidade, fundamentada na medicalização da sexualidade que ocorreu no século XIX e que instituiu um sistema de classificação individuais” (BENTO, 2006, p. 111), ainda que se possa contabilizar abundantemente, por exemplo, inúmeros relatos de homens e mulheres através dos tempos cujas performances de gênero seriam consideradas opostas ao padrões. Segundo Jesus (2013):

Entre os povos nativos norte-americanos, pessoas que hoje identificaríamos como transexuais eram conhecidas como *Berdaches*, atualmente mais conhecidos como *Two-Spirit* (Dois Espíritos), referindo-se à ideia de que eram pessoas que viviam papéis de dois gêneros ou que eram de um terceiro gênero. [...] No povo Mohave, que habita a região do Rio Colorado, no

<sup>59</sup>“Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero” (JESUS, 2012, p. 30).

<sup>60</sup>Ver mais em: <https://glo.bo/2FiLC2z>.

<sup>61</sup>Disponível no endereço: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2016/06/lei-maria-da-penha-entenda-quando-lei-pode-ser-aplicada>. (Acesso em 01/04/2017).

Deserto de Mojave, pessoas que hoje identificaríamos como mulheres transexuais eram chamadas de Alyha, eram tratadas com nomes femininos, referências de gênero femininas e precisavam assumir hábitos considerados femininos, como costurar; já os homens tidos por nós como transexuais eram chamados de Hwame, tratados como homens e, quando casados, seguiam os tabus requeridos de maridos quando suas esposas menstruavam (ROSCOE, 1996, p. 361) (JESUS, 2013, p. 102).

Jesus (2013), no trecho acima, nos esclarece o quanto a experiência sexual e de gênero pode não ter sido menos diversa ao longo do tempo, e como esta mesma multiplicidade de atuações pode ser reinterpretada através de diferentes referenciais culturais. Bento (2006) ressalta como o estigma da patologização continuou fortemente ligado a histórias das pessoas trans, citando como importante marco representativo o caso de Herculine Barbin, narrado pelo médico francês Ambroise Tardieu no livro de 1874, *Question Medico-Legale de L'Identite: Dans Ses Rapports Avec Les Vices de Conformation Des Organes Sexuels*. Na obra, o autor trata o sexo como questão biológica, determinando o comportamento fator irrelevante configurando-se como “precursor da forma contemporânea do saber médico em interpretar os corpos e sua relação com a sexualidade e a identidade de gênero” (BENTO, 2006, p. 110), uma atitude presente nas mais variadas produções culturais até os dias atuais.

No século XX, encontramos histórias de alcance e potencialmente representativas para travestis e pessoas trans através de novos pontos de vista, como as trajetórias de Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera<sup>62</sup>, mulheres transexuais as quais se atribui papéis fundamentais nos protestos de *Stonewall*, NY, um marco na história das lutas por direito LGBT + na década de 1960, nos EUA. Outra trajetória de destaque e talvez ainda pouco conhecida é a de Tracy “Africa” Norman<sup>63</sup>, a primeira *top model* negra e transgênero, que fez sucesso em campanhas para a *Avon* e a *Clairol's* em meados da década de 1970. Já em 1981, Caroline “Tula” Cossey<sup>64</sup> se tornou a primeira *Bond Girl*<sup>65</sup> *transvestigeneres*, embora sua condição como tal só tenha vindo à tona anos depois.

No Brasil, uma das muitas histórias de potencial representativo de travestis e pessoas trans que não foram silenciadas foi a da travesti Rogéria, que morreu em 2017, aos 74 anos. Rogéria foi uma atriz e vedete participante de inúmeras produções culturais, que “foi fazer-se

<sup>62</sup>Disponível no endereço: [http://www.huffpostbrasil.com/entry/marsha-johnson-sylvia-rivera-logo\\_us\\_576da1a2e4b0dbb1bbbbaa257](http://www.huffpostbrasil.com/entry/marsha-johnson-sylvia-rivera-logo_us_576da1a2e4b0dbb1bbbbaa257). (Acesso em 01/04/2017).

<sup>63</sup>Disponível no endereço <http://nymag.com/thecut/2015/12/tracey-africa-transgender-model-c-v-r.html>. (Acesso em 01/04/2017).

<sup>64</sup>Disponível no endereço <http://www.mirror.co.uk/3am/celebrity-news/transgender-bond-girl-caroline-cossey-9292969>. (Acesso em 01/04/2017).

<sup>65</sup>Título icônico oferecido as atrizes que interpretavam papéis de destaque nos filmes da franquia *James Bond*.

artista no fatídico ano de 1964, início da ditadura militar no Brasil, atuando em *Les Girls*, o primeiro espetáculo nacional de transexuais, dirigido por João Roberto Kelly<sup>66</sup> (EL PAÍS, 2017, *online*). O período da ditadura, conforme narra o dossiê da RTB (2017), foi marcado por estratégias de “medir” o corpo das travestis, recolher suas imagens para “investigação” a fim de determinar quão ameaçadoras elas poderiam ser. O risco que apresentavam, nas palavras da polícia, era de corromper e incentivar a juventude” (RTB, 2017, p. 18), embora a própria Rogéria se coloque como exceção<sup>67</sup>, ao se considerar a “travesti da família brasileira” (EL PAÍS, 2017, *online*).

Já na década de 1980, foi Roberta Gambine Moreira, a Roberta Close, um importante referencial representativo para a travestilidade e a experiência trans. Close foi a primeira modelo transexual a posar para a *Playboy*, desfilando também para grifes internacionais como Thierry Mugler e Jean Paul Gaultier tornando-se depois apresentadora e atriz. No fim dos anos 1990 e no século XXI há também produções culturais e histórias de pessoas trans que se tornaram potencialmente representativas no Brasil, como as trajetórias de João W. Nery, Laerte, Jaqueline Gomes de Jesus, Lea T, Valentina Sampaio, Maria Clara Araújo, Thammy Miranda, Amara Moira, Luma Andrade, Luiza Coppieters, Indianare Siqueira, e no mundo, com Chaz Bono, Jazz Jennings, Caitlyn Jenner, Laverne Cox, Jamie Clayton entre tantos outros nomes que avançam sendo protagonistas de suas próprias histórias.

Neste trabalho, investigamos a representação presente no conteúdo da página do *Facebook Travesti Reflexiva*, administrada pela sergipana Sofia Fávero e que conta com cerca de 198.356 curtidas (acesso em 09/05/2018), e a sua contribuição nesse cenário, buscando identificar quais significados implícitos e explícitos podem ser percebidos sobre a travestilidade através do conteúdo publicado na página e sua relação com real x virtual; compreendendo, desta forma, a atuação da *Travesti Reflexiva* como um discurso ideológico com possibilidades representativas para a travestilidade, a experiência trans e as vivências e reivindicações de pessoas *transvestigeneres* em um contexto constante de luta e re(existência). No capítulo a seguir, exploramos dois importantes elementos dessa jornada: a

---

<sup>66</sup>Disponível no endereço: [http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/03/cultura/1483460379\\_082451.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/03/cultura/1483460379_082451.html). (Acesso em 01/04/2017).

<sup>67</sup>“Olha para mim. Eu lá era um perigo para a ditadura? Não, querida. Já era gay, me vestia de mulher, e ainda ia me meter em política? Não me interessava”, diz Rogéria em entrevista ao jornal El País em 2017. Disponível no endereço: Disponível no endereço: [http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/03/cultura/1483460379\\_082451.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/03/cultura/1483460379_082451.html). (Acesso em 01/04/2017).

trajetória dos movimentos sociais na contemporaneidade e as apropriações políticas e ativismo na internet.



## **CAPÍTULO 2**

### **O PESSOAL É POLÍTICO: O ATIVISMO NA ERA DIGITAL**

Iniciamos este capítulo explorando a trajetória dos movimentos sociais contemporâneos, suas definições e perspectivas, a linha do tempo de seu desenvolvimento e seu modelo de atuação pautado nas reivindicações baseadas nas demandas das identidades, que deu ênfase ao pessoal como político e possibilitou a organização de grupos de atuações e relevância histórica e atual, como o feminismo, o movimento LGBTQ+, o movimento negro, ambiental, entre outros.

A seguir, investigamos o desenvolvimento desses novos movimentos sociais no Brasil, principalmente o LGBTQ+ e o transfeminismo, explorando suas diversas fases evolutivas no país e suas características constituídas, assim como os diversos dilemas conceituais e representativos que hoje são pauta de sua atuação. Depois, buscamos contextualizar a internet como importante elemento de apropriação política, reconstituindo seu histórico e o associando ao contexto das demandas sociais e políticas dos indivíduos, contrapondo também o significado das experiências da cibercultura e seus efeitos entre o real x virtual.

Neste último tópico debatemos, por fim, também a evolução do ativismo na era digital. Nele, problematizamos as múltiplas maneiras pelas quais causas e movimentos políticos podem encontrar na internet diferentes estratégias de atuação e o impacto que essas novíssimas dinâmicas reverberam nas estratégias tradicionais de ativismo e militância dos novos movimentos sociais, ao mesmo tempo em que também se questiona a relevância e alcance desses novos modelos de atuação digital de ativismo em nosso cenário atual.

## 2.1– O pessoal é político: trajetória dos movimentos sociais contemporâneos

Antes do *Facebook*, o debate sobre gênero e sexualidade, dentre outras questões de relevância social, esteve em outro lugar: é preciso rememorar os pontos marcantes dessa discussão social, esclarecendo principalmente os fenômenos históricos que propuseram pautar esses debates. Nesse quesito, o papel dos movimentos sociais torna-se fundamental. Para GOHN (1997) a própria definição de movimento social é controversa, devido a grande amplitude de correntes teóricas que podem influenciar sua conceptualização. No entanto, ao reconstituir essa trajetória, a autora elabora algumas deduções:

[...] movimento social refere-se à ação dos homens na história. Esta ação envolve um fazer - por meio de um conjunto de procedimentos - e um pensar - por meio de um conjunto de ideias que motiva ou dá fundamento à ação. Trata-se de uma práxis, portanto. Podemos ter duas acepções básicas de movimento: uma ampla, que independe do paradigma teórico adotado, sempre que se refere às lutas sociais dos homens, para a defesa de interesses coletivos amplos ou de grupos minoritários; conservação de privilégios; obtenção ou extensão de benefícios e bens coletivos etc. A outra acepção se refere a movimentos sociais específicos, concretos, datados no tempo, e localizados num espaço determinado. (GOHN, 1997, p. 247).

Touraine (2006) também problematiza as definições de movimentos sociais, elaborando uma conceptualização que considera as mutações das sociedades contemporâneas:

O essencial, aqui, é reservar a ideia de movimento social a uma ação coletiva que coloca em causa um modo de dominação social generalizada. Entendo que uma relação social de dominação só pode suscitar uma ação que mereça o nome de movimento social se atuar sobre o conjunto dos principais aspectos da vida social, ultrapassando as condições de produção em um setor, de comércio ou de troca ou, ainda, a influência exercida sobre os sistemas de informação e de educação (TOURAINÉ, 2006, p. 18).

Para Touraine (2006), independente de conflitos limitados ou não e da presença de ideologias mais ou menos elaboradas, quando falamos de movimentos sociais significa “colocarmo-nos no ponto de vista dos atores, isto é, dos atores que são, ao mesmo tempo, conscientes do que têm em comum, ou seja, dos mecanismos de conflitos e dos interesses particulares que os definem uns contra os outros” (TOURAINÉ, 2006, p. 20). O autor também destaca que a própria ideia de movimento sociais “se opôs ao pensamento que coloca a razão de ser das condutas coletivas nos problemas estruturais de um certo tipo de sistema, geralmente definido em termos econômicos” (TOURAINÉ, 2006, p. 20).

Melucci (1989) também considerava complexa a tarefa de definir conceitualmente movimentos sociais, afirmando que "há várias abordagens que são difíceis de comparar" (MELUCCI, 1989, p. 54). Entretanto, a partir de uma série de conceitos agregados, como o de conflito, que é por ele definido como "uma relação entre atores opostos, lutando pelos mesmos recursos aos quais ambos dão um valor" (MELUCCI, 1989, p. 57), o autor define movimento social como "uma forma de ação coletiva baseada na solidariedade, desenvolvendo um conflito, rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação" (MELUCCI, 1989, p. 57).

Melucci (1989) segue comentando que estes movimentos "dispendem uma grande parte de seus recursos tentando manter sua unidade e conseguir uma certa homogeneidade com um campo social composto de vários elementos" (MELUCCI, 1989, p. 56) e que eles devem "ser examinados não à luz das aparências ou da retórica, mas como sistemas de ação" (MELUCCI, 1989, p. 51). Estas ações então agem através de uma junção específica com a "interação de objetivos, recursos e obstáculos, como uma orientação intencional que é estabelecida dentro de um sistema de oportunidades e coerções [...] que operam num campo sistêmico de possibilidade e limites" (MELUCCI, 1989, p. 52).

Alonso (2009) rememora três grandes teorias de explicação para os movimentos sociais, construindo um debate sobre as principais ideias e seus autores. Antes do surgimento dessas teorias, de 1930 a 1960, havia uma abordagem baseada na estrutura da sociedade e em elementos de personalidade, defendida por autores diversos como Riesman e Adorno. Para este grupo, a mobilização coletiva tenderia muito mais a eclodir como irracionalidade ou frustração, e o principal argumento disseminava que o individualismo exacerbado havia criado personalidades narcisísticas através do caráter cômodo da dominação do capitalismo tardio em sociedades de massa.

Para Alonso (2009) as reflexões deste grupo apontavam que a "explicação tinha pilares psicossociais, amparando-se em emoções coletivas, e tom sombrio, ressoando o contexto de avanço dos regimes totalitários" (ALONSO, 2009, p. 50). Com os anos 1960, e o ressurgimento de mobilizações que não estavam ligados estritamente ao movimento operário ou questões de classe, mas penetravam muito profundamente em aspectos diversos da vida cotidiana - como as mobilizações sobre raça, gênero e estilo de vida, como o ambientalismo e o pacifismo - enquadrar tais fenômenos em teorias como a do marxismo e do funcionalismo, grandes campos de conhecimento do século XX, não se tornou tarefa fácil.

Houve uma ruptura significativa na própria estruturação enquanto movimentos, que não objetificavam mais a tomada do Estado, e sim produzir mudanças a curto e longo prazo nos ideais sociais e culturais da lógica dominante através de diversas estratégias, como a persuasão. A imagem clássica do operário comum sai de cena e observa-se uma gama de indivíduos em busca de demandas pós-materiais, termo utilizado por Alonso (2009) para caracterizar os:

[...] jovens, mulheres, estudantes, profissionais liberais, sobretudo de classe média, empunhando bandeiras em princípio também novas: não mais voltadas para as condições de vida, ou para a redistribuição de recursos, mas para a qualidade de vida, e para afirmação da diversidade de estilos de vivê-la (ALONSO, 2009, p. 51).

É a partir de 1970, e em grande parte para explicar o surgimento e desenvolvimento destes fenômenos que surgem as três grandes teorias relacionadas aos movimentos sociais. A primeira delas, a Teoria de Mobilização dos Recursos (TMR), surge no extremo oposto dos paradigmas baseados na emoção coletiva, e desenvolveu suas ideias a partir do princípio da racionalização, investigando o sentido e organização dos movimentos sociais e seus processos de mobilização quase como uma empresa. Partindo do pressuposto da deliberação individual, a ação coletiva só poderia se viabilizar a partir da "presença de recursos materiais (financeiros e infraestrutura) e humanos (ativistas e apoiadores) e de organização, isto é, da coordenação entre indivíduos doutro modo avulsos" (ALONSO, 2009, p. 52). Esse aspecto mostrou-se claro na burocratização e na hierarquização dos próprios movimentos sociais, que trouxe características bastante análogas à estruturação de partidos políticos.

A TMR passou distante de ser unanimidade: se em território norte-americano obteve um grande impacto na produção científica, experimentou pouca ressonância na América Latina e de quebra a antipatia de movimentos de esquerda, que se recusavam a se identificar com esta conjuntura aparentemente empresarial de ação. Essa abordagem também sofreu críticas ao dar ênfase ao aspecto racional com demasiada intensidade e deixar outros conceitos fundamentais, como o de cultura, um tanto de lado - processos como a construção das identidades coletivas, entre outros, não foram abordados em profundidade. Neste panorama de discussões, outras duas teorias surgem com a missão de reparar algumas arestas: a *Teoria do Processo Político* (TPP) e a *Teoria dos Novos Movimentos Sociais* (TNMS). Para Alonso (2009), estas teorias nascem da exaustão das discussões marxistas sobre possibilidades de revolução, afirmando que:

Ambas se insurgiram contra explicações deterministas e economicistas da ação coletiva e contra a ideia de um sujeito histórico universal. As

duas constroem explicações macro-históricas que repelem a economia como chave explicativa e combinam política e cultura na explicação dos movimentos sociais. Contudo, a TPP investe numa teoria da mobilização política enquanto a TNMS se alicerça numa teoria da mudança cultural (ALONSO, 2009, p. 53).

Construída principalmente a partir do estudo de casos europeus, a TPP que teve como grandes destaques os pesquisadores Tilly e Tarrow, investiga os mecanismos de organização que norteiam os macroprocessos políticos no Ocidente, e trouxe importantes parâmetros políticos para a discussão, como o conceito de "estrutura de oportunidades políticas" (EOP), um senso de situação que conforme apresenta mudanças, oportuniza expressões e reivindicações de grupos sociais cujo acesso tende a ser politicamente restrito.

Para Alonso (2009), “em EOP favoráveis, grupos insatisfeitos organizam-se para expressar suas reivindicações na arena pública” (ALONSO, 2009, p. 55). Este aspecto rememora o caráter organizacional da TMR, com o adendo de que na TPP, os agentes coletivos “não são preexistentes; eles se formam por contraste durante o próprio processo contencioso. A TPP adiciona um elemento cultural à explicação. A coordenação depende de solidariedade” (ALONSO, 2009, p. 55) o que cria uma combinação imprescindível entre pertencimento a uma categoria e a densidade das redes interpessoais dos indivíduos.

Alonso (2009) ressalta que é justamente a partir desde conjunto de ações que a TPP considera um movimento social: somente diante das oportunidades políticas favoráveis; a "TPP prioriza uma estrutura de incentivos e/ou constrangimentos políticos, que delimita as possibilidades de escolha dos agentes entre cursos de ação" (ALONSO, 2009, p. 56). Nesse aspecto, uma das interessantes contribuições é que não passa tanto mais a haver o clássico embate Estado x sociedade, mas segundo a TPP, categorias mutáveis que variam entre "detentores de poder", que possuem controle e acesso ao governo que rege a população, e os "desafiantes", que visam obter essa influência e o acesso aos recursos. Este pensamento categoriza então os movimentos sociais como “uma forma histórica de expressão de reivindicações, que não existiu sempre, nem em toda a parte” (ALONSO, 2009, p. 57).

Alonso (2009) conta que embora a TPP tenha superado intelectualmente a TRM, experimentado maior longevidade tanto nos EUA quanto na Europa e gerado também mais reflexões para a cultura em relação à ação coletiva do que a TRM, muitos dos conceitos da TPP não apresentaram variações numa mesma conjuntura. Essa teoria também não atraiu muitos adeptos na América Latina e no Brasil. A situação iria mudar paulatinamente com a chegada dos principais teóricos dos Novos Movimentos Sociais, Alain Touraine, Jürgen

Habermas e Alberto Melucci, que mesmo que não formassem uma escola propriamente dita, produziram uma interpretação de forte ênfase cultural para movimentos sociais.

Para esses autores uma nova sociedade se vislumbraria para além das alterações geradas pelo capitalismo, que giravam bastante em torno da produção industrial do trabalho, para dar lugar também a novos agentes e temas de mobilizações coletivas. Focados na pressão social e em formas de persuasão, essas novas mobilizações:

Não teriam uma base social demarcada. Seus atores não se definiriam mais por uma atividade, o trabalho, mas por formas de vida. Os “novos sujeitos” não seriam, então, classes, mas grupos marginais em relação aos padrões de normalidade sociocultural. Isto é, poderiam vir de todas as minorias excluídas (Touraine lista negros, hispânicos, índios, homossexuais, mulheres, jovens, velhos, intelectuais) e teriam em comum uma atitude de oposição. Seus exemplos principais são os movimentos feminista e ambientalista (ALONSO, 2009, p. 60).

Alonso (2009) comenta que para Habermas, por exemplo, após o conflito típico entre capital e trabalho do século XIX, o Estado passou por um processo de hipertrofia, o que desencadeou a expansão da burocratização e da normatização tanto jurídica quanto administrativa para a esfera da vida privada e individual. Na cultura, a partir dessas características, duas tendências se reforçaram: a expansão da monetarização e da burocratização, o que gerou “um emprobecimento cultural, uma colonização do mundo da vida” (ALONSO, 2009, p. 61). Alonso (2009) prossegue argumentando que a partir deste ponto movimentos sociais se configurariam “não mais motivados por questões redistributivas, mas empenhados numa luta simbólica em torno de definições da boa vida” (ALONSO, 2009, p. 62).

Ainda a partir de Habermas, Alonso (2009) identifica dois tipos de movimentos: os “movimentos de liberação”, com caráter emancipatório e ofensivo, como os de direitos civis, e os “movimentos defensivos”, que envolveriam riscos potenciais de usinas nucleares, poder militar e uso de informações pessoais. A seguir ocorre também a distinção em mais dois tipos de movimentos - os tradicionais, que tem como base social a velha base classe média e pouco dinamismo, como movimentos de vizinhança e pais de alunos, e os “novos” movimentos sociais genuínos, que fazem críticas das instituições políticas e propõem novas formas de cooperação e comunidade, como o feminismo e os movimentos ambientalistas e pacifistas. Para Alonso (2009):

Os novos movimentos sociais defenderiam formas autogestionárias, novos modelos participatórios e a criação de “contrainstituições”, protegidas da influência dos partidos de massa, da indústria cultural e

da mídia, nas quais a comunicação livre fosse possível. Fariam, então, uma “política expressiva”, desvinculada de qualquer demanda por bens ou cargos políticos, e voltada para a afirmação de identidades e para a preservação da autonomia e de formas de vida sob ameaça da racionalização sistêmica levada a cabo pelo Estado e pelo mercado (ALONSO, 2009, p. 62).

Neste novo panorama novas demandas passaram a serem agregadas através de novos elementos, principalmente construídos através das identidades e processos de identificação dos sujeitos em debate, bem como de demandas que falassem diretamente à diferentes aspectos de suas vidas. Também passaram a surgir novas estratégias de mobilizações e informação que influenciaram profundamente tanto a autogestão destes grupos enquanto movimentos políticos, como também sua atuação frente aos desafios propostos pelas forças de opressão, fossem o próprio Estado, o mercado, ou outras instituições de saberes formais como a escola ou a igreja.

Touraine (1989) também segue explanando sobre o surgimento dos novos conflitos sociais no cenário da sociedade pós-industrial a partir do século XX, no qual os papéis do sistema político e de seus componentes tendem a serem maiores, assim como a geração de conflitos. Para Touraine (1989) há o desenvolvimento do conflito constante entre o sagrado e o tradicional, no qual o sagrado desaparece e é cercado por um mundo que gira em torno de conflitos sociais; para o autor, este processo de desaparecimento do sagrado pode ser descrito como "o desaparecimento da tradição, ou seja, além, do que é transmitido do passado, das regras de organização social e cultural fundadas sobre a manutenção ou a sobrevivência da coletividade" (TOURAINÉ, 1989, p. 7).

Estes tipos de conflito geram uma crise dos mecanismos de reprodução social, reivindicações e enfraquecimento de sistemas de ensino, o que leva diversas problematizações para um imenso domínio da vida privada, como a família, a educação e as relações sexuais. Algo extremamente palpável, por exemplo, nas rupturas de gênero e afetividade para além de estruturas como a cisgêneiridade, a heterossexualidade, a monogamia ou o matrimônio. Touraine (1989) afirma também que esse tipo de declínio age diretamente sobre o papel de pessoas instruídas que antes serviam como mediadores das categorias excluídas do sistema.

Neste cenário, gestão e controle sociais se aproximam, quando continua a haver o deslocamento de um domínio social particular para a integração a todos. Esse tipo de observação apresenta uma profunda transformação central nos conflitos sociais, e para Touraine (1989):

Não é mais em nome do cidadão ou em nome do trabalhador que podem ser conduzidas grandes lutas reivindicatórias contra um aparelho de dominação que rege cada vez mais o conjunto da sociedade para orientá-la em direção a um certo tipo de desenvolvimento; é em nome das coletividades, definidas pelo seu existir mais do que por sua atividade (TOURAINÉ, 1989, p. 10).

Touraine (1989) ressalta que "contra uma dominação global, a resistência não pode ser limitada a um papel social; ela só adquire importância quando mobiliza o conjunto da coletividade" (TOURAINÉ, 1989, p. 10), trazendo como exemplo o papel importante desempenhado por estudantes, que por conta da densidade enquanto categoria e tempo de duração dos estudos conseguem oferecer resistência a diversas demandas que se impõem diretamente sobre eles. Touraine (1989) argumenta que para as novas mobilizações a partir da década de 1960 o trabalho passa a não ocupar um papel central e é englobado em perspectivas mais amplas, deixando de ser um personagem principal na chamada sociedade pós-industrial, que se distancia das ideias da revolução operária enquanto se observa um número cada vez maior de partidos e movimentos comunistas ou socialistas tornarem-se "progressivos" ou "democratas".

A partir daí para Touraine (1989) pode-se observar o desenvolvimento de movimentos sociais que transcendem o chamado "estatuto de transmitido" e se apoiam em "estatuto adquirido", como o movimento de mulheres, negros e índios, tendendo a surgir na mesma medida na qual os aparelhos de gestão e controle crescem e se impõem à sociedade, o que possibilita a aparição das consideradas minorias, forças de oposição e resistência. Neste panorama, a integração social em muitas sociedades, principalmente a ocidental, torna-se um instrumento essencial de poder, visto que neste caso ela "não parte do alto, do centro da decisão, mas de baixo: o consumo hierarquiza e integra, multiplicando as marcas do nível social" (TOURAINÉ, 1989, p. 12).

Se antes era centralmente o trabalho, neste ponto é o consumo que também assume papel central, fator que desperta uma série de valores relacionados à proteção e influência de grandes empresas e seus equivalentes. É por vezes essa própria aculturação de imagens de normalidade e centralidade de grandes organizações que podem criar os grupos marginais. Touraine (1989) sugere o exemplo dos processos de medicalização e atribuição de justificativas médicas para problemas essencialmente sociais:

Por toda a parte existe uma tendência muito forte "a medicalizar" problemas sociais. As dificuldades escolares de uma criança poderiam ser explicadas por sua origem social ou pela natureza das normas



escolares. Ora, poderosas forças questionam em jogo para fazerem esta criança aparecer como um doente. Isso pode aparecer como um progresso com relação a reações mais brutais, como acusá-la de preguiça ou declará-la não inteligente, mas trata-se evidentemente de um mecanismo de redução dos problemas sociais a problemas de marginalidade. Levando-se esta tendência ao extremo, encerram-se os oponentes políticos em hospitais psiquiátricos (TOURAINÉ, 1989, p. 13).

Não é este o comportamento padrão que podemos visualizar desde o racismo científico, passando pelas tentativas de provação do masculino como sexo e gênero fortes e das homossexualidades e transexualidades como patologias de gênero? Para Touraine (1989) passam justamente a aparecer "a reivindicação e o conflito onde apenas existia a repressão ao desvio" (TOURAINÉ, 1989, p. 12), ligando quaisquer referências a normas sociais a uma ideologia dominante, e por isso mesmo, com ampla possibilidade de questionamentos. Touraine (1989) volta a refletir então que a partir de 1970 "o conflito não está mais associado a um setor considerado fundamental na atividade social, à infraestrutura da sociedade, ao trabalho em particular; ele está em toda parte" (TOURAINÉ, 1989, p. 13).

Touraine (1989) também observa o surgimento de mecanismos importantes e centrais, como "um aparelho central impessoal e integrador, que mantém sob seu controle, além de uma "classe de serviço", uma maioria silenciosa que projeta à sua volta um certo número de minorias excluídas, fechadas, subprivilegiadas ou até mesmo negadas" (TOURAINÉ, 1989, p. 14). Toda essa discussão, não por acaso, rememora também o complexo sistema produzido pelas forças de hegemonia e contrahegemonia, investigadas pelo arcabouço dos Estudos Culturais, e a relevância das contribuições de Foulcaut, com o seu conceito de poder, nesse processo.

Touraine (1989) ainda cita como exemplo a formação de guetos, e da criação de subculturas ou anticulturas dependentes do núcleo central, bem como das comunidades de jovens como locais de contestação, retiro e dependência. A partir deste ponto a marginalidade torna-se uma linha tênue e para o autor parece "cada vez mais difícil perceber diretamente conflitos fundamentais 'puros'. Tudo se mistura, marginalidade e exploração, defesa do passado e reivindicação referente ao futuro" (TOURAINÉ, 1989, p. 14), ambas situações de fácil associação junto às vivências das comunidades LGBTQ+ através do tempo. Para Touraine (1989) a questão torna-se objetiva: onde houver ordem, deve haver contestação, pois a ordem tende a esconder interesses e conflitos; o autor então define a sociedade nesse aspecto

como "uma luta de interesses opostos pelo controle da capacidade de agir sobre si mesma" (TOURAINÉ, 1989, p. 17).

Como Touraine (1989), Melucci (1989) chama atenção para o quanto os conflitos da sociedade podem afetar a vida rotineira das pessoas, para além de confrontos com o sistema político e o Estado, “eles se concentram nas necessidades de auto-realização, mas não numa orientação política, porque contestam a lógica do sistema nos campos culturais e na vida cotidiana das pessoas” (MELUCCI, 1989, p. 54). Melucci (1989) prossegue reiterando que “os conflitos sociais contemporâneos não são apenas políticos, pois eles afetam o sistema como um todo [...] tem uma orientação antagônica, que surge e altera a lógica das sociedades complexas” (MELUCCI, 1989, p. 54).

Melucci (1989) considera que os novos atores em mobilizações inseridos nesse contexto são cada vez mais temporários e “proféticos”, afirmando que existe uma luta por “projetos simbólicos e culturais, por um significado e uma orientação diferentes da ação social. Eles tentam mudar as vidas das pessoas, acreditam que a gente pode mudar nossa vida cotidiana quando lutamos por mudanças mais gerais na sociedade” (MELUCCI, 1989, P. 59). Para o autor, portanto:

A situação normal do movimento hoje é ser uma rede de pequenos grupos imersos na vida cotidiana que requerem um envolvimento pessoal na experimentação e na prática da inovação cultural. Eles surgem apenas para fins específicos, como, por exemplo, as grandes mobilizações pela paz, pelo aborto, contra a política nuclear etc. A rede submersa, embora composta de pequenos grupos separados, é um sistema de troca (pessoas e informações circulando ao longo da rede, algumas agências, como rádios livres locais, livrarias, revistas que fornecem determinada unidade) (MELUCCI, 1989, p. 61).

Melucci (1989) ainda cita outros dois aspectos importantes nesse aspecto, a latência, que permite a criação e prática de novos códigos culturais, como as diferenças sexuais; e a visibilidade, que demonstra uma posição lógica à política pública, e que aponta para problemas na lógica social ao mesmo tempo em que pode sugerir alternativas culturais possíveis. Para Melucci (1989) ambos os polos são recíprocos e correlacionados, e esse próprio modelo organizacional engendra o objetivo em si mesmo, visto que “uma maneira diferente de nomear o mundo repentinamente reverte os códigos dominantes. O meio, o próprio movimento como um novo meio, é a mensagem” (MELUCCI, 1989, p. 62). Se o meio é a mensagem, o pessoal também se torna político.

Melucci (1989) acrescenta que apesar dos movimentos sociais muitas vezes estarem além dos conceitos de vencedor e perdedor, pois sua própria existência é uma reversão dos sistemas simbólicos dominantes, eles também "produzem a modernização, estimulam a inovação e impulsionam a reforma" (MELUCCI, 1989, p. 62). Nesse quesito, Melucci (1989) analisa o movimento de mulheres, que em sua concepção não fala apenas para mulheres, mas para toda a sociedade: ainda que a busca por direitos e cidadania seja fundamental, é o direito por ser diferente que passa a ser mais o objetivo dos movimentos sociais.

Para Alonso (2009), as teorias particulares e repletas de nuances de Touraine, Habermas e Melucci, confluem no mesmo postulado central sobre os movimentos sociais da segunda metade de século XX, onde há grande ênfase cultural nas mobilizações:

Para todos, uma mudança macrossocial teria gerado uma nova forma de dominação, eminentemente cultural (por meio da tecnologia e da ciência) e borrado as distinções entre público e privado, acarretando mudanças nas subjetividades e uma nova zona de conflito. As reivindicações teriam se deslocado dos itens redistributivos, do mundo do trabalho, para a vida cotidiana, demandando a democratização de suas estruturas e afirmando novas identidades e valores. Estaria em curso uma politização da vida privada (ALONSO, 2009, p. 67).

Na América Latina, Alonso (2009) narra que houve grande aceitação das contribuições da TNMS, mas em termos gerais, como nos lembra Scherer-Warren (2008) é importante iniciar a discussão da trajetória das redes de movimentos sociais na América Latina relembrando que por aqui a luta emancipatória demonstrou características marcantes, ao salientar a existência histórica de Estados oligárquicos e autoritários, e de sistemas sociais excludentes e profundamente marcados por desigualdade sociais e discriminação a uma parcela considerável da população. Para a autora:

Dessa forma, as principais mobilizações populares no período colonial, antes do que antissistêmicas declaradas, foram de rejeição, de negação e de afastamento dos sistemas excludentes (como os movimentos messiânicos, movimentos separatistas, formação de quilombos e resistência indígena), ou ainda, na mesma lógica separatista, podemos lembrar o anarco-sindicalismo, que vigorou na primeira república brasileira. (SCHERER-WARREN, 2008, p 505).

Scherer-Warren (2008) aponta que é ainda de maneira tímida que surgem principalmente a partir do século XIX ações coletivas reivindicativas, como as de operários, camponeses e indígenas na América Latina. Enquanto nesse período existem algumas concessões do Estado para direitos sociais específicos, é apenas em meados do século XX que começam a surgir contestações populares de caráter mais politizado, que possuíam autonomia

e liberdades relativas ao Estado e com pressões sociais para mudanças nas estruturas sociais. A autora cita como exemplos as Ligas Camponesas e os movimentos comunitários ligados a teologia da libertação em vários países latino-americanos, como também o surgimento do novo sindicalismo e de vários novos movimentos sociais nas décadas de 1970 e 1980.

Com instalação da ditadura militar na segunda metade do século XX, Scherer-Warren (2008) descreve dois modelos principais de manifestação de resistência: a das organizações clandestinas, como guerrilhas e partidos de teor comunista ou socialista, e das manifestações cívicas públicas contra o poder autoritário e a repressão aos direitos civis e políticos, marcadas pela supressão das forças armadas. Após o processo de democratização, constitui-se um movimento cidadão que reivindica em busca da regulamentação ou criação de novos direitos, principalmente nas pautas civis e políticas, sociais, culturais, ambientes e de gênero.

Esse novo modelo de movimento, já no final do século XX e no início do novo milênio começa a organizar-se mais e a valorizar formas de participação institucionais, como audiências públicas e assembleias, percebendo assim "a oportunidade do exercício do "controle social pela cidadania", considerado como um meio político adequado e legítimo para a expansão da democracia" (SCHERER-WARREN, 2008, p. 506). Gohn (2011) ressalta o retorno do ator social nas ações coletivas, principalmente em processos radicais democráticos e o ressurgimento de lutas sociais, além da retomada de movimentos populares urbanos de bairros e das articulações formadas entre movimentos urbanos e rurais, como nos casos dos protestos do MST no Brasil.

E se a rua foi o cenário emblemático dessas lutas, Gohn (2011) aponta para certo declínio a partir da década de 1990, o que gerou uma tendência de desmobilização após a dissolução do regime militar. Gohn (2011) pondera, no entanto, ao afirmar que os "movimentos sociais dos anos 1970/1980, no Brasil, contribuíram decisivamente, via demandas e pressões organizadas, para a conquista de vários direitos sociais, que foram inscritos em leis na nova Constituição Federal de 1988" (GOHN, 2011, p. 342).

Mesma com certa desmobilização, a década de 1990 resguardou o surgimento de movimentos importantes, como o Ética na Política, que obteve grande participação no processo de *impeachment* do Ex-Presidente da República Fernando Collor, com a participação dos "cara-pintadas", como também o avanço das políticas neoliberais, que incluíam movimentos como "contra as reformas estatais, a Ação da Cidadania contra a Fome, movimentos de desempregados, ações de aposentados ou pensionistas do sistema

previdenciário" (GOHN, 2011, p. 342). Outro fator interessante desse período foi o fortalecimento das Organizações Não Governamentais (ONGs) e de entidades do terceiro setor.

Gohn (2011) também ressalta a organização dos grupos ligados a gênero e raça na década de 1990 no Brasil, como o de mulheres e também da atuação do movimento homossexual, que organizou protestos e marchas, além também do movimento negro, que "deixou de ser predominantemente movimento de manifestações culturais para ser, sobretudo, movimento de construção de identidade e luta contra a discriminação racial" (GOHN, 2011, p. 343).

Assim, surgiram os novos tipos de movimentos, demandas, identidades e repertórios, ultrapassando fronteiras e solicitando a reorganização constante de modelos de atuação, que correspondam às novas estruturas econômicas e políticas, às reformas neoliberais e a inserção de atendimento na área social pelo Estado. Constituído deste cenário como ponto de partida, em nosso próximo tópico investigaremos o desenvolvimento desses novos movimentos sociais, principalmente relacionados aos grupos LGBT+ no país.

## 2.2– O movimento LGBT+ no Brasil

A construção do movimento LGBT+, como veremos neste tópico, é heterogênea, apresenta por vezes contradições e diferentes pautas e sua própria delimitação enquanto “comunidade” é marcada por tensões e cisões específicas, principalmente pela visibilidade das identidades as quais ele se propõe a representar. Neste cenário, o surgimento do sujeito homossexual é um interessante ponto de partida. Para Louro (2001):

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Categorizado e nomeado como desvio da norma, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação – um lugar incômodo para permanecer. Ousando se expor a todas as formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora de seus limites (LOURO, 2001, p. 542).

Para além da categoria de desviante e de todas as ações de coerção que ela subentende, através do argumento de Louro (2001) já podemos observar um tipo de associação que marca profundamente a construção das identidades nos movimentos de gênero e orientação sexual: o termo homossexual, que em tese deveria fazer menção apenas a sujeitos gays do gênero masculino é também estendido para compreender mulheres, numa ação que irá se desdobrar de diferentes maneiras. O fato também nos aponta em como desde o princípio o papel do homem cisgênero, branco e homossexual esteve como central na construção desses movimentos, ainda que ele ao longo do tempo também passe a agregar outras identidades.

Ao analisar o surgimento dos movimentos LGBT+ no nas primeiras décadas do século XX no mundo, McRae (2011) descreve em seu argumento elementos de construção identitária dos próprios militantes, principalmente desses homens cisgênero homossexuais, descritos como “[...] realmente bastante respeitáveis, frequentemente escudando suas reivindicações atrás de títulos médicos e quase invariavelmente procurando angariar as simpatias do *establishment*” (MACRAE, 2011, p. 25).

Ao rememorar as origens do movimento homossexual, McRae (2011) cita o Instituto de Ciência Sexual em Berlim, em 1929, onde havia “[...] clima de seriedade e respeitabilidade

do que era então uma espécie de quartel general do movimento homossexual" (MCRAE, 2011, p. 25), que posteriormente foi saqueado e teve a sua biblioteca incinerada em uma fogueira durante a ascensão e perseguição de Adolf Hitler com a Alemanha nazista. Para McRae (2011) "[...] o advento do nazismo e do estalinismo significou o fim de toda militância homossexual até a conclusão da II Guerra Mundial" (MCRAE, 2011, P. 26), completando que foi apenas após esse período que se observou uma retomada das campanhas por direitos para os homossexuais.

Já nos EUA no mesmo período estruturaram-se uma série de organizações semiclandestinas, como a *Mattachine Society*, que visava a integração de homossexuais através de estratégias mais moderadas e de cautela. É notável também neste período a associação da homossexualidade como estigma e patologia, algo que pode ser considerado um reflexo da repressão da sociedade americana da época. McRae (2011) também narra o aparecimento de grupos similares como o *Arcadie*, da França, o *Forbundet 48*, da Dinamarca e o *COC*, da Holanda, no mesmo período.

É no fim da década de 1960, inspirado pelos movimentos de contracultura, como o movimento hippie, que surge o *Gay Liberation Front*, um grupo mais radical e com postura questionadora da sociedade. Um de seus marcos simbólicos foi a luta nos famosos guetos gays de Nova York contra a políticas de repressão da polícia local, numa série de embates que deram origem aos episódios conhecidos como *Stonewall*, um marco para o movimento LGBT+ no mundo, principalmente pela participação de outras identidades, como lésbicas, pessoas *transvestigeneres* e *drag queens*. Para além de um contexto de violência, repressão e agressão, *Stonewall* representou principalmente resistência, "[...] além de evidenciar uma fúria inusitada contra seus tradicionais repressores" (MACRAE, 2011, p. 26).

Posteriormente também surgiram movimentos semelhantes ao redor do mundo, por vezes até mais radicais e violentos, que demandavam por uma mudança radical na própria sociedade visando "[...] a abolição das diferenças entre os papéis sexuais desempenhados pelo homem e pela mulher, juntamente com os padrões estereotipados de masculinidade e feminilidade" (MACRAE, 2011, p. 27). A partir daí, McRae (2011) cita a incorporação de várias táticas de agressão aos padrões e valores estabelecidos, principalmente através de abordagens de "escândalo" e da "desmunhecação" (MCRAE, 2011, p. 27). Para o autor, esse tipo de comportamento faz relação direta com identidades estigmatizadas, que "[...] além das outras dificuldades inerentes à sua condição específica, ainda está sujeito a um permanente

bombardeio de “conselhos” sobre como portar-se e como encarar a sua identidade” (MACRAE, 2011, p. 27).

No Brasil, Facchini (2003) identifica três ondas do movimento homossexual, que também começa bastante pautado na figura do homem cisgênero gay, até evoluir para mobilizações que se propõem a ser representativas com outras identidades e suas pautas. Facchini (2003) sugere que o termo aqui pode ser compreendido como:

[...] o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados a livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento (FACCHINI, 2003, p. 84).

Facchini (2003) conta que a primeira onda do movimento homossexual brasileiro surgiu na década de 1970 e possuía ações mais voltadas a questão da sociabilidade e as alternativas do “gueto”, uma atuação que a priori poderia ser categorizada como pouco politizada. Um dos marcos deste período foi o surgimento do grupo SOMOS em São Paulo, em 1978, que adquiriu grande visibilidade e notoriedade tornando-se também um modelo de militância para outros grupos e pesquisadores no país e que foi no princípio formado exclusivamente por homens cisgênero e homossexuais.

Concomitante ao desenvolvimento desse grupo houve também a atuação fundamental de dois veículos de comunicação importantes: o *Lampião da Esquina*, com seu papel estratégico de atuação para os movimentos, e a *Revista Versus*, ligada a Convergência Socialista e a imprensa alternativa, ambos também em 1978. O SOMOS a princípio chamou-se *Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais*, sendo rebatizado no mesmo ano como *Grupo de Afirmação Homossexual (SOMOS)*. A partir daí há o desenvolvimento de vários debates ligados às questões de gênero, inclusive com a posterior chegada de mulheres lésbicas como novas integrantes, e a formação de dois novos grupos, o *Eros* e o *Liberto*.

Facchini (2003) identifica uma polarização crescente a esse momento, quando “militantes do SOMOS passaram a defender uma estratégia de transformação social que passava por uma aliança com outras minorias, movimento de trabalhadores e grupos de esquerda” (FACCHINI, 2003, p. 89). Para além do surgimento de conflitos sobre lideranças e outras questões administrativas, Facchini (2003) aponta também uma “tendência homogeneizadora: mais do que sendo descoberta, uma identidade homossexual estava sendo



construída [...] aprendia-se a ser homossexual, ou melhor, militante homossexual” (FACCHINI, 2003, p. 90).

Ainda fortemente marcado pela pauta da sociabilidade homossexual, o SOMOS tratava a bissexualidade como “subterfúgio para não assumir a homossexualidade, era criticada, embora, em alguns momentos, a prática bissexual fosse até mesmo glorificada como subversão de todas as regras” (FACCHINI, 2003, p.), e também considerava como prioridade de discussão a problematização da monogamia e da possessividade nos relacionamentos afetivos e o combate às todas as formas de autoritarismo e opressão.

Como marcos desta primeira onda, Facchini (2003) aponta a organização do *1º Encontro de Homossexuais Militantes*, que se realizou na *Associação Brasileira de Imprensa* (ABI) no Rio de Janeiro, em 1979, e outros eventos como o *1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados* (EGHO) e o *1º Encontro Brasileiro de Homossexuais* (EBHO), ambos realizados em 1980 em São Paulo. No mesmo período, a questão identitária volta a crescer e a se tornar tópico central no movimento, havendo uma cisão no SOMOS: surgem também o *Grupo Lésbico-Feminista*, posteriormente rebatizado de *Grupo de Ação Lésbico-Feminista* (GALF) e o *Grupo de Ação Homossexualista*, posteriormente renomeado de “*Outra Coisa*”.

Após uma série de dissoluções e cisões desses grupos a partir da década de 1980, nesse mesmo período também chega ao fim o *Lampião da Esquina*, um importante instrumento estratégico para os grupos, acontecimento que acarreta profundas transformações na atuação dos movimentos. Essas fraturas também se associavam ao fato de ficar cada vez mais difícil aglomerar todas as identidades presentes nos movimentos sob a única alcunha de homossexual. Para Louro (2001):

Para muitos (especialmente para os grupos negros, latinos e jovens), as campanhas políticas estavam marcadas pelos valores brancos e de classe média e adotavam, sem questionar, ideais convencionais, como o relacionamento comprometido e monogâmico; para algumas lésbicas, o movimento repetia o privilégio masculino evidente na sociedade mais ampla, o que fazia com que suas reivindicações e experiências continuassem secundárias face às dos homens gays; para bissexuais, sadomasoquistas e transexuais essa política de identidade era excludente e mantinha sua condição marginalizada. Mais do que diferentes prioridades políticas defendidas pelos vários ‘sub-grupos’, o que estava sendo posto em xeque, nesses debates, era a concepção da identidade homossexual unificada que vinha se constituindo na base de

tal política de identidade. A comunidade apresentava importantes fraturas internas e seria cada vez mais difícil silenciar as vozes discordantes (LOURO, 2001, p. 545).

Facchini (2003) argumenta também que tanto o fim do *Lampião da Esquina* quanto a dissolução de alguns grupos estiveram ligados às características do novo momento brasileiro no pós-ditadura. Segundo a autora, “[...] a continuidade num período pós-redemocratização exigiria uma adaptação do ideário e do estilo de militância desses grupos ao novo contexto” (FACCHINI, 2003, p. 95). Além de fatores econômicos que poderiam dificultar a mobilização de ativistas, como o desemprego e a inflação, a autora também aponta fatores como o fato de que “[...] o espaço dado para a homossexualidade em meios de comunicação convencionais e a expansão de um mercado voltado para homossexuais teriam produzido uma ilusão de liberdade e de que a organização política não era necessária” (FACCHINI, 2003, p. 95).

Embora exista essa ideia progressiva de declínio a partir da década de 1980 e em 1990 durante a construção da segunda onda do movimento sexual e de gênero no Brasil, Facchini (2003) rememora a atuação de outros grupos fora do eixo RIO-SP, como o *Grupo Gay da Bahia* (GGB) e o *Triângulo Rosa*, liderados na época por João Antônio Mascarenhas e Luiz Mott, respectivamente. Enquanto o SOMOS envolveu-se em projetos que visavam a transformação social como um todo, grupos como o GGB e o *Triângulo Rosa* priorizavam “[...] uma ação mais pragmática, voltada para a garantia dos direitos civis e contra a discriminação e violência dirigidas aos homossexuais” (FACCHINI, 2003, p. 98). Vale ressaltar, inclusive, que atualmente ainda é do GGB o principal relatório acerca da violência de gênero do país.

Outras características específicas dessa segunda fase descritas por Facchini (2003) são o uso da palavra gay, indo de encontro a uma estratégia anti estrangeirismo fincada pelo SOMOS no primeiro momento, e uma crescente preocupação com a organização administrativa dos grupos, como com a fixação de uma sede e a escolha de uma diretoria. Outra característica especial apontada nessa segunda onda por Facchini (2003) diz respeito aos próprios militantes e as percepções de sua política de atuação. Para os ativistas dos primeiros grupos, as principais atividades, inclusive do SOMOS, giravam em torno do reconhecimento e do compartilhamento de relatos pessoais, fortalecendo o fato de que do “[...] ponto de vista dos militantes da época, era muito forte a ideia de uma transformação social ampla, construída a partir da intimidade e do cotidiano” (FACCHINI, 2003, p. 101).

Já para os ativistas do segundo momento, "[...] política tem um sentido muito mais pragmático e muito menos ancorado nas experiências e vivências pessoais dos próprios militantes" (FACCHINI, 2003, p. 71). A autora também acrescenta que estes novos grupos tenderam a perceber a identidade homossexual como "[...] algo já dado, seja por se perceberem para além da necessidade uma atividade de autoajuda, ou por entenderem que tal identidade já houvesse sido construída pelo trabalho dos grupos anteriores" (FACCHINI, 2003, p. 101). Para Facchini (2003) passa a existir uma "[...] oscilação entre a defesa da legitimidade da homossexualidade e a apologia dos aspectos contestatórios de sua marginalidade" (FACCHINI, 2003, p. 101).

Foi nesse mesmo período e durante o processo de elaboração da defesa da inclusão da não discriminação da homossexualidade na Constituição, que surgiu o consenso entre militância e academia para a utilização da expressão "orientação sexual", reduzindo a potência das controvérsias em relação à ideia de opções de gênero. Orientação sexual, no entanto, também não deixa de apontar uma perspectiva essencialista, onde tende "[...] muitas vezes a reanimar a ênfase em explicações da homossexualidade a partir de uma essência, inata ou adquirida em tenra idade" (FACCHINI, 2003, p. 102). Para Facchini (2003), a "[...] necessidade de desvinculação da imagem da homossexualidade de seus aspectos marginais passa a ser uma característica bastante presente nessa segunda onda do movimento" (FACCHINI, 2003, p. 102), o que inclusive levou alguns grupos a não tornar a epidemia de AIDS, por exemplo, como sua pauta principal, como foi o caso do grupo *Triângulo Rosa*.

A questão da AIDS em específico, também conhecida como "peste gay" ou "câncer gay", embora tenha concentrado grandes esforços de militância e ativismo também foi até certo ponto fator de desmobilização, dado a redução drástica do número de grupos em atividade depois da segunda metade da década de 1980. Facchini (2003) reflete esse cenário considerando o "[...] poder de desmobilização das propostas de liberação sexual, e, ainda, pelo fato de muitas lideranças terem se voltado para a luta contra a AIDS, criando as primeiras respostas da sociedade civil à epidemia" (FACCHINI, 2003, p. 93).

Para além de um profundo sentimento de homofobia exacerbado despertado pela AIDS, Louro (2001) também aponta o surgimento de redes de solidariedade, onde alianças baseadas além das identidades despertavam um "[...] sentimento de afinidade que une tanto os sujeitos atingidos (muitos, certamente, não homossexuais) quanto seus familiares, amigos, trabalhadores e trabalhadoras da área da saúde, etc" (LOURO, 2001, p. 545). Com o combate

à doença, Louro (2001) também aponta um importante deslocamento dos discursos, que deixavam de ficar estritamente focados nas identidades para falar de forma mais abrangente em “práticas sexuais”.

Marcada pelo surgimento de inovações estratégicas, novos posicionamentos políticos, alianças e apoio de diversos atores sociais incluindo o poder público, essa série de transformações puderam dar início a partir da década de 1990 à terceira onda do movimento sexual e de gênero do país. Como aponta Facchini (2003) a partir de 1992 a quantidade de grupos volta a crescer, com novas movimentações no eixo Rio-Nordeste e também de Rio Grande do Sul e Minas Gerais, com a participação de novos grupos lésbicos e de ONGs. Paralelo a isso, a demanda por inserção de novas identidades e representação também continuava a crescer.

Enquanto a AIDS ainda pairava como pauta principal, outras questões como o casamento gay, educação sexual nas escolas e discriminação religiosa passaram também a estar em voga, além da delimitação de bandeiras comuns, como saúde e luta contra violência. É em 1995 que após longos debates durante o 8º *Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas* (EBGL, que até o começo da década, era apenas EBH) surge a *Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis* (ABGLT), que quando formalizada obteve filiação de cerca de 80% dos grupos de gays, lésbicas e/ou travestis presentes, embora, como narra Facchini (2003), o fato também tenha ocorrido sobre protestos de outros movimentos.

Facchini (2003) narra que outro fator marcante aconteceu durante o 8º EBGL, quando houve a aprovação do termo "travestis" para inclusão no nome dos seguintes encontros do movimento; no 9º EGBLT, por exemplo, começaram a surgir dados específicos de participação dos ativistas, onde se verificou que das 338 pessoas presentes, 53% eram homens; 42% mulheres; 4% travestis; e 1% transexuais. Facchini (2003) argumenta que a crescente inclusão de lésbicas, travestis e transgênero deveu-se “[...] tanto a existência de sujeitos assim identificados no interior do mesmo quanto a momentos políticos propícios para sua inclusão” (FACCHINI, 2003, p. 122).

É também na década de 1990 que surge o termo *GLS* (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) que para Facchini (2003) tem sua origem associada ao nome de André Fisher, na época colunista do jornal *Folha de São Paulo* e idealizador do *Mix Brasil*, o primeiro *site GLS* brasileiro na internet, que depois também veio a desdobrar-se em feiras, eventos e festivais. A palavra simpatizante presente na sigla esteve ligada principalmente a o ideal norte-americano

de *gay-friendly*, para inclusão dos indivíduos de identidades não gay ou lésbica em espaços e mercados segmentados a esse público. Para Facchini (2003), o "[...] *GLS* afirma identidades reconhecidas pelo movimento, ao mesmo tempo em que procura preservar o espaço de uma certa ambiguidade classificatória" (FACCHINI, 2003, p. 121). Como pode-se perceber, *GLS* continuou ainda muito pouco representativo para outras identidades, como bissexuais, travestis e pessoas trans.

Em 2000, na cidade de Porto Alegre há um importante avanço em relação a visibilidade de pessoas *transvestigeneres* com a criação da *Associação Nacional de Travestis e Transexuais* (ANTRA), que é uma rede nacional que articula em todo o Brasil 127 instituições voltadas para a promoção da cidadania de travestis e pessoas trans através de diversas estratégias e linhas de atuação. Em seu *site*, a ANTRA define como missão “identificar, mobilizar, organizar, aproximar, emponderar e formar travestis e transexuais das cinco regiões do país para construção de um quadro político nacional a fim de representar nossa população na busca da cidadania plena e isonomia de direitos” (ANTRA, 2009, *online*).

Em termos gerais, a odisseia nominal por representação com o nome do movimento sobre gênero e orientação sexual seguiu durante a década de 1990 e ainda recebeu algumas atualizações: com o *GLS*, o S da sigla saiu da cena para a inserção de pessoas bissexuais e trans, com a formação do *GLBT* (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis). Como aponta Miskolci (2011), já no século XXI outra mudança de impacto aconteceu em 2008 durante a primeira *Conferência Nacional GLBT – Direitos Humanos e Políticas Públicas*, quando houve a ordenação das letras da sigla reposicionando o L à frente. A questão da identidade, juntamente aos aspectos de representação e visibilidade tornam-se cada vez mais pontos centrais.

A militância de movimentos sociais relacionados a sexo, gênero e orientação sexual brasileira raramente demonstrou internamente algum tipo de unanimidade. A ideia de “sopa de letrinhas”, por exemplo, associada às mudanças constantes da sigla LGBTQ+ (que além das siglas já citadas, hoje pode também variar entre *LGBTQIA*, *LGBTTTQI* entre outras) são cada vez mais recorrentes. O próprio senso de “comunidade” associado às questões LGBTQ+ é por si mesmo problematizável. Para Miskolci (2011) o coletivo LGBTQ é uma comunidade imaginada, que “[...] extrapola seu escopo quando é empregada para se referir ao conjunto da população que vivencia sua sexualidade em desacordo com as convenções culturais dominantes” (MISKOLCI, 2011, p. 43). O autor completa:

Ao empregar, neste contexto, frases como “a população LGBT”, membros do movimento, do Estado ou mesmo da academia ontologizam um grupo político histórico e socialmente delimitado como se fosse algo acabado e generalizado na experiência social cotidiana. Também tendem a reduzir muitas sexualidades a apenas às oficialmente contempladas na sigla atual do movimento, deixando de reconhecer a existência de outras, com singularidades e demandas ainda por serem reconhecidas (MISKOLCI, 2011, p. 43).

A celeuma da identidade e da representação dentro desses grupos não se construiu de forma gratuita. Geralmente partimos do pressuposto que a junção de certas características em comum a cerca de direitos e injustiças sociais podem aproximar sujeitos e suas reivindicações, e é fato que podem ocorrer experiências em relação a sistemas de opressão e exclusão que apontem para margens similares; mas é também absolutamente palpável que nem todos os indivíduos, ainda que em condição de margem paralelas, irão experimentar formas de opressão da mesma forma. É aí que as contribuições dos Estudos Culturais, por exemplo, tornam-se essenciais, principalmente para a atenção debruçada para a análise da cultura também a partir dos recortes de gênero, raça e classe.

No caso das próprias travestis, no exemplo das que estão nas universidades ou em situação de prostituição, das que são negras ou brancas, com o suporte familiar ou não, com cirurgias de transgenitalização ou sem intervenções cirúrgicas ou hormonais, percebe-se que é impossível criar algum tipo de generalização em termos de travestilidade; esses fatores influem inclusive em sua sociabilidade e mobilizações. Neste ponto torna-se imprescindível conjugarmos as pluralidades: passam a serem consideradas experiências diversas para as identidades subalternas e marginais, através de homossexualidades, bissexualidades, lesbianidades, travestilidade e transexualidades.

Estas questões, que cresceram sendo discutidas na academia nos últimos anos, ganharam ainda mais fôlego com as contribuições de teóricas como Butler (2003), com a sua política pós-genital do gênero, e também com os estudos que abordam o tema da interseccionalidade. Para Crenshaw (2002), o conceito de interseccionalidade age ao incluir nas discussões “[...] questões raciais nos debates sobre gênero e direitos humanos e incluir questões de gênero nos debates sobre raça e direitos humanos. Ele procura também desenvolver uma maior proximidade entre diversas instituições” (CRENSHAW, 2002, p. 8). Crenshaw (2002) também afirma que “[...] uma das razões pelas quais a interseccionalidade constitui um desafio é que, francamente, ela aborda diferenças dentro da diferença” (CRENSHAW, 2002, p. 9).

A autora chama atenção para a multiplicidade das categorias de discriminação, que não se resumem de maneira isolada a raça ou gênero, mas se embaralham em função de grupos de características diversos, como classe, idade ou deficiência, o que demonstra que "[...] a interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos [...] A visão tradicional da discriminação opera no sentido de excluir essas sobreposições" (CRENSHAW, 2002, p.10). Em termos de movimentos, Crenshaw (2002) aponta "[...] um problema duplo: a discriminação em si e a invisibilidade dessa discriminação dentro dos movimentos políticos e das políticas intervencionistas" (CRENSHAW, 2002, p. 14).

E se as formas de ser são inúmeras e interseccionais, a relevância e a urgências das pautas e as estratégias de ativismo são multiplicadas ao infinito de acordo com as prioridades de cada grupo, que cada vez menos se sentem impelidos a militarem em movimentos cujas pautas homogeneizem por completo a luta de direitos. Facchini (2003) chama atenção para atuações que provocam "[...] um movimento formado por coletivos que, em boa parte, se reproduziam por fissões e, na ausência de um inimigo externo claro, elegiam como inimigo seus próprios pares na militância de preferência entre os mais próximos" (FACCHINI, 2003, p. 114). Para Miskolci (2011):

[...] política sexual não se resume apenas a uma de suas frentes, como a de demanda de igualdade jurídica por meio dos direitos sexuais, antes a um conjunto de atores que dialogam e disputam sobre o estabelecimento de uma agenda de luta em meio a um contexto social dinâmico (MISKOLCI, 2011, p. 38).

Em termos de ativismo e militância, a partir das contribuições de Goffman, McRae (2011) demonstra a delimitação de dois papéis para as identidades estigmatizadas: os alienados ou os autênticos, tipos de atuações contraditórias que enfatizam ao mesmo tempo tanto "[...] a necessidade do estigmatizado se integrar na sociedade tão bem quanto possível e a importância dele não tentar negar o seu estigma e o grupo de estigmatizados ao qual pertence" (MCRAE, 2011, P. 27). McRae (2011) ainda argumenta que:

Mesmo que ele queira ignorar o seu estigma, sempre lhe é cobrado um posicionamento e, portanto, torna-se compreensível, especialmente da parte de indivíduos mais autoafirmativos, um comportamento que ao menos ocasionalmente enfatize a condição estigmatizada. Outros indivíduos poderão optar por um modo de ação contrário, adotando uma prática de camuflagem de sua condição estigmatizada (MCRAE, 2011, p. 27).

Citando Oscar Wilde - “a naturalidade é uma pose tão difícil de se manter”- McRae (2011) questiona também os padrões de naturalidade atribuídos as noções de masculinidade e feminilidade. Partindo da obra de Sontag em 1966, o autor analisa as contribuições do *camp* como uma forma de ver o mundo, uma forma de ativismo muitas vezes percebida entre as *bichas* e as travestis. O autor define essa atuação como um tipo de sensibilidade que possibilita compreender “[...] a natureza artificial de categorias sociais e a arbitrariedade dos padrões de comportamento. A força do *camp* repousa em grande parte no seu humor corrosivo e iconoclasta” (MCRAE, 2011, p. 32).

Esse tipo de atuação “fechativa”, assim como a *desmunhecação*, claramente não é unanimidade e é na maioria das vezes rechaçada por membros da própria comunidade LGBT+: há argumentos que apontam que tais estratégias não são sérias o suficiente, o que pode demonstrar mais uma vez a referência a um padrão de masculinidade ainda fixo. Para Colling (2011), “[...] não podemos cair no erro de usar, com a melhor das intenções libertadoras, exatamente os mecanismos que nos oprimiram e que continuam nos oprimindo” (COLLING, 2011, p. 12).

Nesta discussão, um dos argumentos constantemente utilizados por Colling (2011) pode ser visualizado na corrida científica observada nos últimos anos para identificar o gene gay ou o gene trans: como andarão os estudos que investigam o gene heterossexual? Essa subversão latente a heteronormatividade dos corpos é uma das características principais de dois dos maiores pontos de cisão e discussão no movimento contemporâneo LGBT+ no Brasil e suas formas de ativismo: a teoria *queer* e o transfeminismo, que tanto no país como no mundo, agem discutindo e problematizando profundamente questões identitárias e as categorias de sexo, gênero e orientação sexual.

O *queer* é em essência um fator contestador a toda norma. Para Louro (2001) esta teoria tem como oposição “[...] a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante” (LOURO, 2001, p. 546). Louro (2001) também afirma que “ao alertar para o fato de que uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir, os teóricos e as teóricas *queer* sugerem uma teoria e uma política pós-identitárias” (LOURO, 2001, p. 549). Para Butler (2002):

O termo *queer* surge como uma interpelação que levanta a questão do lugar ocupado pela força e oposição, estabilidade e variabilidade, dentro da performatividade. O termo “*queer*” funcionava como uma



prática linguística cuja finalidade era embaraçar o sujeito que nomeia, ou melhor, produzir um sujeito através dessa interpelação humilhante. A palavra "*queer*" adquire sua força precisamente a partir da repetida invocação que acabou ligando-a à acusação, à patologização e ao insulto. Esta é uma invocação através da qual um laço social entre comunidades homofóbicas é formado através do tempo. A interpelação repete, como em um eco, interpelações passadas e liga aqueles que a pronunciam, como se falassem em uníssono ao longo do tempo (BUTLER, 2002, p.318) (tradução nossa)<sup>68</sup>.

Butler (2002) associa ao *queer* todos os corpos e identidades abjetas, experiências não assimiladas pelas estruturas de poder hegemônico presentes nas categorias inteligíveis de sexo e gênero que tendem a ser excluídas e oprimidas a partir de mecanismos como o da heterossexualidade compulsória e da heteronormatividade. Não inclusas nesses modelos socialmente disponíveis de identidade, essas experiências tampouco se interessam em delimitar-se em quaisquer outros modelos cujos elementos de construção ainda façam alguma referência à norma, como nos casos dos binarismos homem/mulher, hétero/gay. Não há em si uma tendência ou um desejo de absorção ou de naturalização das diferenças - o *queer* parte justamente do demarcador performativo da sua condição de marginalização, exclusão e diferença para questionar todos os processos e mecanismos de ordem e opressão.

Ligado a correntes mais amplas do pós-estruturalismo, o *queer* como posicionamento político e teórico surgiu quase ao mesmo tempo a partir da década de 1990 nas universidades e movimentos organizados dos EUA. Para Pelúcio (2014), essa teoria vai de encontro a uma tendência regulatória dos corpos, das sexualidades e das subjetividades, constituindo-se como “[...] uma ordem que recusa outros arranjos sexuais e de gênero que não estejam conformados a uma moralidade burguesa, medicalizada e marcadamente eurocentrada” (PELÚCIO, 2014, p. 28). No Brasil, ela disseminou-se principalmente através da academia com a leitura da obra de Judith Butler a partir da década de 1990. Pelúcio (2014) narra que a ideia de transformar a injúria em bandeira política, um dos cerne do próprio conceito de *queer*, nem sempre foi bem recebido no país, nem dentro nem fora das universidades.

Primeiro, por conta de sua dificuldade de tradução: no Brasil, assim como em outros locais do mundo, não chegamos a uma tradução em comum para o *queer*, um termo que em

<sup>68</sup>No original: “El término queer emerge como una interpelación que plantea la cuestión del lugar que ocupanla fuerza y la oposición, la estabilidad y la variabilidad, dentro de la performatividad. El término "queer" operó como una práctica lingüística cuyo propósito fue avergonzar al sujeto que nombra o, antes bien, producir un sujeto através de esa interpelación humillante. La palabra "queer" adquire su fuerza precisamente de la invocación repetida que terminó vinculándola con la acusación, la patologización y el insulto. Esta es un invocación mediante la cual se forma, através del tiempo, un vínculo social entre las comunidades homofóbicas. La interpelación repite, como en un eco, interpelaciones pasadas y vincula a quienes la pronuncian, como si éstos hablaran al unisono a lo largo del tiempo” (BUTLER, 2002, p.318).

seu contexto original resume um grande número de expressões de abjeção. Pelúcio (2014), no entanto, nos dá uma importante colaboração ao propor a “teoria cu”:

Assumir que falamos a partir das margens, das beiras pouco assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro *queer*, nos assumimos como teóricas e teóricos cu. Eu não estou fazendo um exercício de tradução dessa vertente do pensamento contemporâneo para nosso clima. Falar em uma teoria cu é acima de tudo um exercício antropofágico, de se nutrir dessas contribuições tão impressionantes de pensadoras e pensadores do chamado norte, de pensar com elas, mas também de localizar nosso lugar nessa “tradição”, porque acredito que estamos sim contribuindo para gerar esse conjunto farto de conhecimentos sobre corpos, sexualidades, desejos, biopolíticas e geopolíticas também (PELÚCIO, 2014, p. 33)

Cu ou *Queer*, essa teoria em si não é unanimidade também quando o assunto é militância e ativismo LGBTQ+. Pelúcio (2014) descreve que há no *queer* um impulso de desafiar a normatividade e as identidades que até então nortearam em grande parte a luta por direitos e a construção desses movimentos. Para a autora, o *queer* como atuação de um pensamento crítico age incitando uma revisão teórica e política, “[...] questionando não os sujeitos que “encarnam” identidades, mas a ordem social e cultural que as constitui como aceitáveis e normais ou abjetas e patológicas” (PELÚCIO, 2014, p. 33).

Para Colling (2011), além da discussão sobre adoção ou casamento gay, por exemplo, considera-se que não se pode “[...] apenas afirmar identidades homossexuais, mas também problematizar constantemente as identidades heterossexuais” (COLLING, 2011, p. 19). Pelúcio (2014) acrescenta que se trata de “[...] operar a partir da desconstrução como método capaz de nos dar pistas de como alguns discursos chegam a instituir verdades sobre comportamentos, corpos, pessoas, instituições” (PELÚCIO, 2014, p. 34). E embora estes argumentos apresente-se de forma clara, a resistência não tende a ser menor: uma grande parcela de grupos de ativismo LGBTQ+ encaram essas preposições como uma estratégia de deslegitimação, identificando numa política não identitária um processo de desqualificação e enfraquecimento do histórico de luta LGBTQ+.

Paralelo a isso, há um curioso caso de organização do *queer* também como movimento: há siglas de comunidades LGBTQ que incluem o *Queer*, embora esse mesmo Q em tese devesse ser o contestador de toda norma, e portanto, de categorias fixas, dos nomes e orientações já dados; talvez ele não precisasse estar ali, principalmente por conta de um

posicionamento político majoritariamente pós identitário. Porém, a contradição parece mesmo andar lado a lado quando o assunto é identidade.

Não menos subversivo, o transfeminismo surge na vanguarda da legitimação das identidades trans e da busca pelo protagonismo em suas próprias lutas. É também contraditório perceber o quanto pessoas trans ao longo da história, ao mesmo tempo em que sempre se constituíram como umas das parcelas mais vulneráveis dentro das próprias minorias, também tenham experimentado uma constante invisibilidade quando inseridas em grupos e movimentos de militância e ativistas tanto feministas quanto LGBTQ+.

No caso do movimento LGBTQ+ o protagonismo masculino e cisgênero ainda é bastante notável, e enquanto no feminismo existem correntes bastante inclusivas, outras mais radicais tendem a não incluir mulheres trans em seus grupos. Essa resistência de alguns feminismos em relação à participação de *transvestigeneres* não se desenvolveu sem fazer barulho. Ao investigar a realização dos *Encontros Feministas Latinoamericanos e do Caribe* realizados entre as três últimas décadas do século XX e nos primeiros anos do século XXI, Coacci (2014) narra, por exemplo, que para muitas mulheres cisgênero naqueles eventos havia um temor de que a “[...] presença de tais sujeitos restringisse os direitos e as estratégias feministas, de que as pessoas trans fossem representantes dos homens dentro do movimento feminista” (ADRIÃO, TONELLI, MALUF *apud* COACCI, 2014, p. 140).

Coacci (2014) também salienta a percepção de alguns movimentos que consideram a participação de mulheres trans no feminismo como “[...] homens estupradores de mulheres, como uma penetração não desejada no espaço das mulheres” (STRYKER *apud* COACCI, 2014). Para além das reações muitas vezes notoriamente transfóbicas, a questão da interseccionalidade também se insere como fundamental: podemos identificar o mesmo tipo de impulso que também fez as mulheres negras constituírem seu próprio feminismo; o fator do protagonismo da luta e da urgência e especificidade das pautas em relação a demanda de direitos baseadas nas experiências de um grupo específico que produz vivências de opressão e exclusão diferenciadas.

Para Vergueiro (2012) uma reflexão crítica sobre as identidades e experiências transgêneros e não cisgêneras perpassam pela discussão do próprio conceito analítico de cisgeneiridade através de um processo de descolonização e despatologização das identidades trans. Vergueiro (2012) sugere que uma atuação crítica a partir deste conceito deve levar em conta estratégias que consistem em problematizar a “[...] hierarquização sistêmica das

perspectivas cisgêneras acima das transgêneras e não-cisgêneras, e em encontrar formas de resistência individuais e sociais a este regime” (VERGUEIRO, 2012, s/n).

A autora ainda pondera que, embora essas identidades trans tenham alcançado alguns direitos na contemporaneidade torna-se evidente “[...] que estas possibilidades são severamente limitadas pela ausência praticamente absoluta delas em posições decisórias, sejam elas em instituições médicas, jurídicas, ou acadêmicas” (VERGUEIRO, 2012, s/n). Para Vergueiro (2012) este cenário colonizador se desenvolve através de três aspectos interligados em si:

(1) o ideológico, que posiciona a cisgeneridade como superior ou central em relação às transgeneridades e não-cisgeneridades; (2) o político, que exclui individualidades e perspectivas políticas transgêneras e não-cisgêneras de esferas de decisão – particularmente daquelas que *xs* afetam mais diretamente; e (3) o individual, que inferioriza, psicológica e socialmente, subjetividades transgêneras e não-cisgêneras (VERGUEIRO, 2012, s/n).

Outro fator central nos argumentos de Vergueiro (2012) é como todo esse sistema (ou *cistema*?) consegue infiltra-se nos campos mais variados da vida, reposicionando cada vez mais a cisgeneiridade como norma desde os direitos mais básicos, como nos processos para troca do nome em documentos oficiais<sup>69</sup>, nas cirurgias realizadas prematuramente em bebês intersexuais, ou até mesmo na já citada ausência dessas pessoas em muitas posições sociais, inclusive na produção de conhecimento dentro das universidades. Quantxs travestis e pessoas trans mestrxs ou doutorxs<sup>70</sup> conhecemos?

Para Vergueiro (2012) “[...] a posição colonizada destas pessoas faz com que suas possibilidades políticas se restrinjam a demandar dignidade, equidade e recursos dentro de uma estrutura construída por e para pessoas cisgêneras” (VERGUEIRO, 2012, s/n). É neste ponto que o transfeminismo se torna tanto urgente quanto necessário. Koyama (2003), em seu “*The Transfeminist Manifest*”, um marco do transfeminismo, sugere uma leitura crítica de todas as vivências de gênero e das influências heterossexuais e patriarcais e das implicações deles resultantes. Para a autora, “[...] o transfeminismo acredita que existem tantas formas de ser mulher como existem mulheres e que devemos ser livres para tomar as nossas próprias decisões sem culpa” (KOYAMA, 2003, s/n) (tradução nossa)<sup>71</sup>. Para Jesus & Alves (2010):

<sup>69</sup>Em 2018, o Supremo Tribunal de Justiça (STF) decidiu que *transvestigeneres* poderão mudar registro civil sem necessidade de cirurgia ou autorização judicial. Ver mais em: <https://glo.bo/2FiLC2z>.

<sup>70</sup>A inserção do “x” para substituição de artigos que sugerem gênero é uma conhecida estratégia política para representar outras possibilidades de gênero para além de binarismos entre masculino e feminino.

<sup>71</sup>No original: “Transfeminism believes in the notion that there are as many ways of being a woman as there are women, that we should be free to make our own decisions without guilt” (KOYAMA, 2003, s/n).

O transfeminismo reconhece a interseção entre as variadas identidades e identificações dos sujeitos e o caráter de opressão sobre corpos que não estejam conforme os ideais racistas e sexistas da sociedade, de modo que busca emponderar os corpos das pessoas como eles são (incluindo as trans), idealizados ou não, deficientes ou não, independentemente de intervenções de qualquer natureza; ele também busca emponderar todas as expressões sexuais das pessoas transgênero, sejam elas assexuais, bissexuais, heterossexuais, homossexuais ou com qualquer outra identidade sexual possível (JESUS & ALVES, 2010, p. 15).

Koyama (2003) também enumera alguns pontos centrais de discussão do transfeminismo. Um deles é o privilégio masculino, que é problematizado junto à influência do feminismo branco e de classe média, principalmente oriundo dos movimentos lésbicos da década de 1970. Koyama (2003) não considera necessariamente a existência de uma negação a essa concepção, mas pondera que a experiência em si rememora muito mais uma conjuntura onde se observa um tipo de “[...] acesso limitado ao privilégio masculino, dependendo de quão cedo procedeu à transição e de que forma vive como mulher, mas contemporaneamente sofre enormes desvantagens sociais, emocionais e econômicas por ser trans” (KOYAMA, 2003, s/n) (tradução nossa)<sup>72</sup>.

Outro tópico explorado pela autora são os argumentos biológicos inversos pautados na genitália ao qual Koyama (2003) responde com a afirmação de que tanto o sexo quanto o gênero são construções sociais. O transfeminismo reacende o caráter culturalista de uma política pós-genital do gênero ao insistir na descontinuação de noções de gênero pautada na naturalidade dos corpos e nos essencialismos advindos da biologia. Koyama (2003) também chama atenção para a relação de pessoas trans com seus corpos e aos direitos reprodutivos, afirmando que “[...] o direito à escolha não é uma questão exclusivamente heterossexual ou não-trans é, fundamentalmente, o direito que as mulheres têm a determinar o que fazem com os seus corpos” (KOYAMA, 2003, s/n) (tradução nossa)<sup>73</sup> e que o transfeminismo também traz como desafio “[...] exigir que a sociedade respeite quaisquer resoluções que cada um de

---

<sup>72</sup>No original: “limited access to male privilege depending on how early she transitioned and how fully she lives as woman, but at the same time she experiences vast emotional, social, and financial disadvantages for being trans” (KOYAMA, 2003, s/n).

<sup>73</sup>No original: “the right to choose is not exclusively a heterosexual issue nor a non-trans issue, as it is fundamentally about women having the right to determine what they do with their own bodies” (KOYAMA, 2003, s/n).

nós faça e que diga respeito ao seu próprio corpo e expressão de gênero” (KOYAMA, 2003, s/n) (tradução nossa)<sup>74</sup>.

Outro ponto abordado pelo manifesto e que também é considerado central é a questão da violência. Koyama (2003) considera a parcela de travestis e pessoas trans extremamente vulnerável, principalmente por conta de crimes e agressões motivados pela transfobia em uma sociedade que é problematicamente misógina. A autora também sugere que essa luta contra violência deve incluir o âmbito econômico, visto a grande margem de exclusão e posições subalternas de pessoas trans na área profissional. O manifesto então sugere a construção de novas estratégias, redes de apoio, abrigos para mulheres trans e a criação de novas organizações voltadas ao acolhimento e segurança dessas pessoas.

Para Coacci (2014) a “[...] corrente transfeminista no Brasil vem se desenvolvendo principalmente pela e na internet por meio de *blogs* de pessoas trans, grupos no *Facebook*, listas de *e-mails*, perfis no *twitter*, no *tumblr* e em outras redes sociais” (COACCI, 2014, p. 152), tendência que também podemos observar no caso do nosso objeto de análise, a página *Travesti Reflexiva*. Em sua pesquisa, Coacci (2014) também entrevista ativistas e pessoas trans de destaque na militância brasileira, como Aline Freitas e viviane v. Aline, uma importante militante desde a década de 1990, foi precursora e criou um *blog* chamado *Transfeminismo* no início dos anos 2000. Na entrevista publicada em 2014, ela afirma que prefere atualmente se referir ao movimento como feminismo transgênero ou apenas feminismo.

Já viviane v ao ser entrevistada também diz não ter certeza sobre a existência de um transfeminismo brasileiro, embora reconheça que ainda que possa não haver uma estrutura política organizada como movimento, estratégias e atividades como a do *site* e grupo *Transfeminismo* no *Facebook* tenham todo potencial para tal. Tanto Aline quanto viviane se declararam como feministas durante a entrevista, ressaltando, entretanto, terem ressalvas quanto as diferentes correntes situadas nesse movimento; “[...] o feminismo me dá essa inspiração para dizer que sim, eu posso ser mulher independente do meu corpo” (VERGUEIRO *apud* COACCI, 2014, p. 153). Ainda na mesma entrevista, “[...] afirmam ambas que no Brasil os conflitos com outras feministas são mais virtuais, discussões pelo *Facebook*, em *blogs* e etc, raramente saindo para o espaço *offline*” (COACCI, 2014, p. 156).

---

<sup>74</sup>No original: “challenges us to consider ways in which social and political factors influence our decisions, but ultimately demands that society respect whatever decisions we each make regarding our own bodies and gender expressions” (KOYAMA, 2003, s/n).

Pontos de embate não são raridade. Enquanto algumas ativistas possam discordar da excessiva ênfase atribuída ao ser mulher por alguns movimentos de travestis e mulheres trans, como a própria Viviane V na citada entrevista, há também discordâncias quanto ao uso do termo transgênero, um termo guarda-chuva de possível caráter higienizador. Nesse meio tempo as fronteiras podem se embarçar, como se observa com Indianare Siqueira, por exemplo: uma ativista *transvestigeneres* de destaque no Brasil que também organiza há anos no Rio de Janeiro a *Marcha das Vadias*, um importante protesto feminista. Paralelo a isso, o embate em relação ao movimento LGBTQ+ e a hierarquização de pautas também continua, horas mais pungente que outras, mas constantemente com argumentos e ações transversais.

Além disso, vale também a reflexão que nem todos os movimentos de travestis e pessoas trans sejam transfeministas e/ou se reconheçam como tal. Este talvez seja um reflexo da própria interseccionalidade de raça e classe: uma parcela considerável das associações e grupo, como a ANTRA, por exemplo, tem uma histórica atuação focada nas lutas de direitos, pessoas em situação de rua ou prostituição, e o transfeminismo possui bases fortemente marcadas pela problematização de pontos-chaves da teoria feminista e na política pós-genital do gênero, um contexto mais teórico e acadêmico nem sempre acessível. Há também dentro desses próprios movimentos embates identitários de legitimidade sobre características de performatividade para quem seria travesti, mulher e até mesmo ativista “de verdade”.

De qualquer maneira, parece ser inerente ao transfeminismo o questionamento a toda norma que vise controlar os corpos e as sexualidades, investigando até mesmo a própria noção de gênero e a construção das identidades trans. Em outra obra de referência para o transfeminismo, *The Empire Strikes Back: a Posttranssexual Manifesto*, Stone (1987) propõe em tom subversivo:

A essência da transexualidade é o ato de passar. Um transsexual que passa está obedecendo ao imperativo derrideano: "Os gêneros não devem ser misturados. Não misturarei gêneros". Eu não poderia pedir a um transsexual nada mais inconcebível do que renunciar a passar, ser conscientemente "lido", ler-se em voz alta - e por essa leitura perturbadora e produtiva, começar a escrever-se nos discursos pelos quais foi escrito - em efeito, então, tornar-se um (atenção - ousar dizer de novo?) pós-transsexual (STONE, 1987, S/N) (tradução nossa)<sup>75</sup>.

---

<sup>75</sup>No original: "The essence of transsexualism is the act of passing. A transsexual who passes is obeying the Derridean imperative: "Genres are not to be mixed. I will not mix genres". I could not ask a transsexual for anything more inconceivable than to forgo passing, to be consciously "read", to read oneself aloud--and by this troubling and productive reading, to begin to write oneself into the discourses by which one has been written--in effect, then, to become a (look out-- dare I say it again?) posttranssexual" (STONE, 1987, S/N).

Por sua vez, Koyama (2003) aponta novos movimentos de entrelaçamento entre as fronteiras, ao afirmar que “as várias formas de feminismo, ativismo *queer*, transfeminismo e outros movimentos progressistas, todas elas atacam porções diferentes de um mesmo alvo, que é o patriarcado heterossexista” (KOYAMA, 2003, s/n) (tradução nossa)<sup>76</sup>. A celeuma da identidade parece nunca dar trégua: da mesma forma que como anunciou Butler (2003), é quase utópico o consenso da categoria de mulher, parece igualmente heroico sustentar uma única categoria LGBT+, Trans ou Travesti no singular.

A seguir, analisaremos como o surgimento da internet e do ciberespaço foi um importante fenômeno na sociabilidade e no reconhecimento dessas identidades, bem como também o impacto profundo que a comunicação mediada por computador causou na construção de estratégias de militância na contemporaneidade, que resguardou tanto oportunidades imensas de crescimento e atuação quanto inúmeros desafios que põem em cheque a própria noção do que é ativismo.

---

<sup>76</sup>No original: “Various forms of feminisms, queer activism, transfeminism, and other progressive movements all attack different portions of the common target, which is the heterosexist patriarchy” (KOYAMA, 2003, s/n).



### 2.3– Internet e ativismo: a apropriação política na era digital

Os fatores da multiplicidade de identidades e estratégias de militância tornam-se ainda mais interessantes quando os situamos em um ambiente repleto de possibilidades e significações como a internet e suas redes sociais. Para Castells (1999), rede pode ser compreendida como “um conjunto de nós conectados [...] sendo nós uma ponta na qual o nó se encontra” (CASTELLS, 1999, p. 563). Esses nós, então, estariam ligados ao desenvolvimento das atividades humanas que historicamente se organizam ao redor de redes e possibilitam a realização de diversos processos produtivos e de experiência, poder e cultura e seus efeitos de transformação e dominação na sociedade.

É nesse panorama que a internet, uma rede interativa, se desenvolve. Criada nas últimas três décadas do século XX, a internet foi “[...] consequência de uma fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural” (CASTELLS, 1999, p. 82). Fator contracultural este que também pode estar ligado ao surgimento dos novos movimentos sociais a partir de 1960, como a força dos movimentos ambientalistas, pacifistas, gay e de mulheres, que moveriam demandas por “formas autogestionárias, novos modelos participatórios e a criação de ‘contrainstituições’, protegidas da influência dos partidos de massa, da indústria cultural e da mídia, nas quais a comunicação livre fosse possível” (ALONSO, 2009, p. 63).

A internet como essa teia de alcance mundial e desigualmente distribuída cresceu através das concepções e combinações de inúmeros aplicativos, navegadores, *softwares* e diferentes estratégias e é considerada por Castells (1999) como a “espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC): é a rede que liga a maior parte das redes” (1999, p. 431). Para Manovich (2001), assim como a invenção da impressão de tipos móveis no século XIV e a da fotografia no século XIX tiveram um grande impacto no desenvolvimento da sociedade e da cultura, a comunicação mediada por computadores se configurou como uma nova revolução dos *media*, sinalizando uma significativa mudança de formas de produção, distribuição e comunicação.

Manovich (2001), que salienta a importância e contínuo alcance das revoluções prévias, também ressalta o quanto mais profundo este novo momento é, afetando todos os estágios de comunicação como aquisição, manipulação e distribuição, e também todos os

tipos de *media*, como textos, imagens e sons. É justamente este espaço dentro da comunicação mediada por computadores com sua quantidade imensurável de informação e comportamento humano que Levy (1999) conceitua como ciberespaço, destacando o potencial expansivo e comunicacional deste cenário, ao afirmar que:

[...] O crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. [...] Estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas desse espaço nos planos econômico, político, cultural e humano (LEVY, 2009, p. 11).

O termo ciberespaço e seu desdobramento em diferentes cenários é o que dá origem à expressão cibercultura, definida por Levy (2009) como “[...] um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço” (2009, p. 17). Lemos (2009) colabora com essa definição ao ressaltar o potencial da cibercultura como fator especial e recombinate “emitindo, na produção de conteúdo, conectando, em processos coletivos e colaborativos, produzindo inteligências coletivas e alterando as condições de vida, reconfigurando a cultura e a vida social” (LEMOS, 2009, p. 46).

Entretanto, qual seria a dimensão entre o *online* e o *offline*? Qual o pressuposto a seguir, por exemplo, para interpretar as identidades e suas formas de ativismo político também no *offline*? Este é outro importante ponto ao qual Levy (1999) contribui ao analisar o impacto e significados das relações e comportamentos do ciberespaço no cotidiano *offline*. Partindo das investigações e análise das perspectivas técnicas, da informática e da filosofia, Levy (1999) desconsidera que haja uma hierarquia excludente entre real e virtual, posicionando o virtual como uma importante dimensão da realidade, “fonte indefinida de atualizações” (LEVY, 1999, p. 48), o que colabora de forma interessante a uma discussão mais abrangente.

Neste sentido, Moraes (2000), como Levy (1999), afirma não considerar o ciberespaço em uma dimensão aparte dos dilemas sociais *offline* afirmando que:

Embora a práxis virtual seja pautada por especificidades que a distinguem claramente dos meios convencionais, há uma relação de complementaridade com o real, que resulta na progressiva hibridação de recursos tecnológicos. Os processos não se anulam, eles se acrescentam e se mesclam. Acabamos por acumular dados e experiências que, isoladamente, nenhuma das partes poderia produzir (MORAES, 2000, p. 114).

A temática da identidade em rede aprofunda-se em Castells (2010), que a define como “[...] o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 2010, p. 22). Esse autor também contextualiza identidade, informatização e movimentos sociais, considerando o impacto transformador desses movimentos no direcionamento das atenções para as relações da norma heterossexual e da influência e dominação no patriarcado na sociedade.

Moraes (2000) narra que foi na segunda metade da década de 1990 que a internet passou a crescer como interessante aliado nas lutas sociais, principalmente por conta da potencialidade de disseminação de informações em meio a estruturas de comunicação dominadas por veículos e meios hegemônicos concentrados em monopólio. O autor exemplifica que foi neste período que grupos como *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra* (MST), a *Central Única dos Trabalhadores* (CUT), a *Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria*, a *Anistia Internacional*, o *Human Rights Watch*, o *Greenpeace*, a *Ordem dos Advogados do Brasil* e o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) do México, para citar alguns, tiveram seus contatos com a *web*.

Moraes (2000) aponta pontos interessantes dessa sinergia entre *online* e *offline* citando casos reais de como *websites*, *e-mails*, *links* e abaixo-assinados virtuais mudaram positivamente a atuação de ONGs e movimentos sociais. O ativismo em rede, ou ciberativismo, levou grupos a divulgar na internet “informações e reivindicações sem mediação, com o objetivo de buscar apoio e mobilização para uma causa; criar espaços de discussão e troca de informação; organizar e mobilizar indivíduos” (RIGINATO, 2003, p. 03). Para Scherer-Warren (2006), redes e movimentos sociais na internet aproximaram-se potencialmente, pois:

[...] As redes desempenhariam um papel estratégico, enquanto elemento organizativo, articulador, informativo e de “atribuição de poder” (*empowerment/emponderamento*) de coletivos e de movimentos sociais no seio da sociedade civil e na sua relação com outros poderes instituídos (SCHERER; Warren *apud* FERREIRA e PAIVA, 2013, p. 13).

Moraes (2001), apesar de reconhecer a potencialidade do processo do ciberativismo, pondera também sua execução ao apontar três fatores que podem influenciar uma estratégia bem-sucedida. O primeiro deles é o alinhamento de uma proposta junto ao seu público-alvo, construindo uma atuação mais focada dentro do contexto generalizado da *web*; o segundo é a contradição de estar num ambiente *online* hiper-veloz e ter de lidar com hábitos culturais e

políticos frequentemente difíceis de mudar; e o terceiro diz respeito à heterogeneidade de pensamentos e identidades presentes dentro dos próprios movimentos sociais.

O debate sobre a militância virtual trouxe interessantes tópicos de discussão nos últimos anos, principalmente focados em sua eficácia. Houve, por exemplo, o surgimento de expressões “a morte da militância” e de verbetes como *slakctivism*, ou “ativismo de preguiçosos”, que questiona a atuação do ativismo digital atual. No dicionário *online* Oxford, *slacktivism* é definido como “[...] ações performadas via internet em apoio a causas políticas ou sociais encaradas como uma demonstração de pouco tempo ou envolvimento” (OXFORD, 2014, *online*) (tradução própria)<sup>77</sup>, e ilustra tais ações como a assinatura de uma petição *online* ou participação em grupos virtuais. No ciberespaço, analisando os últimos três anos parecem-nos que o ativismo digital tem encontrado mesmo na *hashtag* uma forma cada vez mais acessível de cibermilitância<sup>78</sup>.

Em junho de 2015, por exemplo, ao saber da aprovação do casamento gay nos USA pela *Suprema Corte* norte-americana, o Presidente Obama e os perfis públicos da Casa Branca em *sites* de redes sociais compartilharam a *hashtag* *#LoveWins*. Pouco tempo depois, interagentes do mundo inteiro fizeram a *hashtag* viralizar por toda a rede em uma atitude de celebração à diversidade. Quatro meses depois no mesmo ano, no Brasil foi tempo de *#MeuAmigoSecreto*, uma campanha criada por mulheres para denunciar abusos cometidos por homens tomar os holofotes.

Já numa mesma temática sobre raça e gênero, também testemunhamos desde a enorme repercussão do *#BelaRecatadaEDoLar*<sup>79</sup>, que virou inclusive *meme*, como o surgimento e fortalecimento de campanhas tais como *#BlackLivesMatter*<sup>80</sup>, *#HeForShe*<sup>81</sup>, *#FightFor15*<sup>82</sup> ou *#EstuproNãoÉCulpaDaVítima*<sup>83</sup>, sem falar, é claro, do onipresente *#ForaTemer*<sup>84</sup>. Cada vez mais, a discussão e o potencial crescimento do ativismo na era digital tem se tornado questão delicada no cenário da militância.

---

<sup>77</sup>No original: “Actions performed via the internet in support of a political or social cause but regarded as requiring little time or involvement” (OXFORD, 2014).

<sup>78</sup>Termo utilizado por Moraes (2001) para definir formas de militância e ativismo no ciberespaço.

<sup>79</sup>Campanha online criada em protesto a matéria “Bela, Recatada e do Lar” produzida pela revista *Veja*.

<sup>80</sup>Campanha criada em 2014 nos EUA em protesto contra a violência da polícia norte-americana em relação à população negra.

<sup>81</sup>Campanha criada pela ONU em 2015 pela igualdade de gênero.

<sup>82</sup>Campanha criada em 2015 por melhores condições de trabalho e pagamento em redes de *fast food* norte-americanas.

<sup>83</sup>Campanha brasileira criada em 2016 em suporte a vítima de um estupro coletivo no Rio de Janeiro.

<sup>84</sup>Campanha criada em protesto ao governo pós-impeachment da Presidenta Dilma Rousseff.

Mundo afora, algumas pesquisas tem buscado problematizar o fato: quais seriam os efeitos de assinar ou endossar causas *online*? Um estudo realizado pela *Georgetown University's Center for Social Impact Communication and Ogilvy Public Relations Worldwide* em 2011 com indivíduos com mais de 18 anos constatou, por exemplo, que norte-americanos que apoiam causas frequentemente através de *sites* de redes sociais participam mais que o dobro das atividades de militância, *online* e *offline*, quando comparados a militantes que não utilizam os mesmos *sites*. A pesquisa também demonstra que aqueles que desenvolviam estratégias de ciberativismo poderiam comparecer duas vezes mais a eventos importantes de militância.

Outra pesquisa realizada em novembro de 2015 pela *New York University's Center for Data Science* e a *University of Pennsylvania's Annenberg School for Communication*, analisou a atividade no *Twitter* durante o movimento *American Occupy* em 2011, os protestos de *Gezi Park* em 2013 e o do Oscar de 2014. O estudo aponta que os indivíduos que não estiveram diretamente envolvidos em protestos, incluindo aqueles que só deram *retweet* uma vez no conteúdo disponível, criaram conteúdo visual comparável ao mesmo nível dos participantes que estiveram fisicamente presentes. Segundo os autores, este fato poderia colaborar na transformação desses protestos em reais movimentos sociais e na prolongação de sua discussão na rede.

Já no Brasil, um levantamento realizado em setembro de 2016 pela Fundação Telefônica Vivo chamado Juventude Conectada, ouviu 1.440 pessoas de 15 a 29 anos de todas as regiões do país para entender seus comportamentos na internet. Os dados foram significativos: 100% desses jovens disseram estar conectados todos os dias, com 61% considerando importante manifestar opinião em *sites* de redes sociais e outros 50% manifestando ter medo de abordar temas polêmicos. Os assuntos campeões na incidência de conflitos são justamente os que apresentam ligações com tensões, causas e movimentos sociais, como homofobia, racismo e questões de gênero, como o machismo. Os jovens também chamaram atenção para a probabilidade cada vez maior de conflitos *online* se desdobrarem para o *offline*.

De qualquer maneira, ao mesmo tempo em que sabemos que a estrutura do ciberespaço pôde facilitar estratégias, comunicações, baratear custos e protagonizar momentos históricos no mundo, como a Primavera Árabe ou a eleição do Ex-Presidente Barack Obama nos EUA em 2009, também é notável que o próprio desenvolvimento da tecnologia e da *web*

impôs seus desafios aos movimentos organizados ou a outras iniciativas cidadãs e de direitos. Controvérsias à parte, talvez seja mais interessante aqui não focar apenas na questão da eficácia e da potencialidade de ações de cibern militância isoladas em si mesmas, mas inseri-las em um contexto onde também podemos pensar sobre qual momento histórico se desponha e as atuais condições de atuação na internet, bem como sobre quem estamos falando quando chamamos “ativistas”.

Entre a internet como um paraíso da militância ou o mausoléu do ativismo, aqui nos propomos a refletir esse processo problematizando as questões estratégicas de comunicação e acesso, aliadas também a influência da cultura nos processos de construção das identidades em rede na modernidade. Esse aspecto cultural é também explorado por Serres (2004), que contextualiza a cultura no cenário de avanços tecnológicos locais e globais e na relação dos indivíduos:

Contrariamente ao que se pensava, o telefone celular reafirmou os laços comunitários da família. É verdade que seu uso reveste-se também de uma dimensão global. Mas é precisamente esta combinação de usos locais e globais, de ferramentas como o celular ou a internet, que faz da utilização desses instrumentos um espaço tão amarrado, granuloso e semeado de obstáculos e de passagens, como o espaço cultural. [...] a cultura designa duas coisas: de um lado, ela se caracteriza pelo processo de aculturação, isto é, a “viagem” que permite, a partir das vizinhanças, reencontrar o outro. De outro lado, a cultura está erigida sobre uma singular decisão do indivíduo, pois ele decide: não, eu não pertencço a essa cultura ali. Vivemos uma considerável transformação do sujeito cognitivo, da ciência objetiva e da cultura coletiva (SERRES, 2004, p. 8).

Também considerando as questões culturais inseridas no cenário tecnológico local e global, Martel (2016) inicia um interessante diálogo onde afirma que a internet é uma fragmentação. O autor considera que “as internets, no plural, são todas fragmentadas, muito distintas umas das outras, muito territorializadas e as fronteiras se mantêm” (MARTEL, 2016, p. 12). Questionando a própria ideia de globalização e de aldeia global sem fronteiras, Martel (2016) define essas fronteiras como presentes na própria linguagem e na esfera cultural na qual elas se inserem, construindo assim um senso de comunidade e pertencimento ao território que habitamos. Desta forma, a internet é em vias de fato muito mais geolocalizada do que global.

Tal argumento demonstra que existem diferentes maneiras de lidar com o digital, como em países mais ou menos desenvolvidos, estrutura de acesso, incentivo tecnológico e outros fatores fundamentais. Segundo um estudo chamado Desempenho Comparado de

Preços do Celular, desenvolvido pela consultoria Teleco e publicado em 2017, o valor da internet móvel no Brasil, por exemplo, é o quarto mais barato do mundo, atrás apenas da Rússia (US\$ 5,9), China (US\$ 4) e Índia (US\$ 1,20). É inegável que um fator como esse tenha toda possibilidade em influenciar apropriações políticas e outras estratégias de movimentos sociais na internet.

Antes mesmo de pressupor que indivíduos possam se reunir em torno de causas ou bandeiras em comum através de mecanismos digitais, temos que ponderar que todos nós estamos primeiramente ligados a estruturas culturais e materiais diversificadas, baseadas nas características da localização de onde falamos, e são elas em grande parte que tendem a influenciar a nossa atuação. Quando se afirma que a internet modificou profundamente a atuação de grupos e movimentos sociais organizados, essa frase dificilmente poderá ser uma generalização, se anterior a isso o contexto aos quais essas mesmas ações estiverem inseridas não apresentar condições favoráveis para tal.

Destas condições, das mais adversas às mais abundantes, é de onde tendem a surgir ações de criatividade e inovação tecnológica, como no caso da China, onde estratégias para burlar a censura na internet são constantemente criadas e re combinadas por grupos de resistência, ou em alguns países da África, que como cita Martel (2016) comunidades desenvolvem seus próprios sistemas e aplicativos digitais em escassas condições de produção. Para além das questões de localização e acesso, Martel (2016) também cita outro interessante aspecto da atuação digital: com uma imensa gama de informações e material disponível na internet nem sempre é possível ser lido, ouvido ou assistido; apenas estar *online* na rede não é sinônimo de visibilidade.

Para além de conseguir estar conectado é preciso também encontrar maneiras de tornar-se relevante para não desaparecer em meio à infinidade de conteúdo disponível no ciberespaço. Flichy (2016) cita, por exemplo, que três milhões de *blogs* surgem a cada mês no mundo, e a cada minuto cem horas de vídeo são enviados ao *YouTube* pela rede. Com imenso material *online* disponível é natural que mecanismos de seleção e filtragem fossem criados ao longo do tempo, impactando assim todo o nosso processo de interação *online*. É daí que surge uma das maiores polêmicas da atualidade que se potencializa frequentemente: a atualização dos algoritmos.

Em 2016, por exemplo, o *Facebook* anunciou uma atualização relevante em seus algoritmos, uma mudança intitulada “Ajudando a garantir que você não perca histórias de

amigos” (FACEBOOK, 2016, online) (tradução nossa)<sup>85</sup>. No comunicado oficial, o *site* noticiava que passaria a privilegiar as publicações de amigos e familiares no *News Feed* de cada interagente. Para além de valores afetivos e familiares que o *Facebook* provavelmente está muito pouco interessado em desenvolver, na prática isso representou que muitas páginas, principalmente *fanpages* públicas passaram a ter muito menos visibilidade de seus conteúdos, porque o próprio *Facebook* passou a diminuir drasticamente seu alcance orgânico, que acontece sem a utilização de anúncios dentro do *site*.

Isso também significou que além do alcance orgânico diminuir, as publicações tenderam a aparecer constantemente para as mesmas pessoas. Em 2018, uma mudança semelhante também aconteceu no *Instagram*, outra rede social digital que é mantida pelo *Facebook* e é também uma das mais utilizadas no mundo. Com barreiras impostas pelos próprios meios de comunicação antes considerados como um dos mais democráticos e acessíveis, uma das alternativas encontradas para lidar com esses novos tempos já era prontamente oferecida pelo próprio *Facebook*: impulsionar cada publicação através dos anúncios, que podem ser faturados em cartão de crédito ou boleto, em dólar e real, a partir de R\$1 por dia.

Martel (2016) narra o caso de que quando um administrador posta em sua *fanpage* do *Facebook*, ele tende só atender 7% dos seus seguidores; um reflexo desse uso de algoritmos que tendem a selecionar o conteúdo que é disposto na rede, e um claro modelo de negócios para empresas que passam a oferecer anúncios em troca de visibilidade. Analisemos o caso da *Travesti Reflexiva*, nosso objeto de estudo: através dessa porcentagem, ainda que um caso de sucesso, com 198.242 curtidas, apenas cerca de 13.876 pessoas poderiam visualizar as publicações da *fanpage* em seus *feeds* hoje, se a página ainda estivesse ativa. Não é difícil imaginar o impacto dessas métricas nas estratégias de páginas menores ou ainda com poucos seguidores. Neste quesito, questões como interatividade e engajamento, tão fundamentais para estratégias de apropriação política na internet, parecem enfrentar fortes barreiras.

Primo (2003) chama atenção para o fato da interatividade, principalmente relacionada a questões de colaboração e cooperação, ser na verdade um constante diálogo mediado por computador, “o relacionamento entre os participantes vai sendo construído durante o processo, tendo um impacto na evolução das interações subsequentes” (PRIMO, 2003, p. 6). O autor também pondera mudanças “qualitativamente de acordo com a relação mantida entre

---

<sup>85</sup> Na íntegra: “Helping Make Sure You Don’t Miss Stories from Friends” (FACEBOOK, 2016, online).



os envolvidos, variando progressivamente da interação mais reativa (programada e determinística) à de maior envolvimento e reciprocidade, a interação mútua” (PRIMO, 2003, p. 6). Primo (2003) também sugere um termo mais adequado para referir-se aos internautas, e ao invés de usuários, propõe a alcunha de interagentes.

Se a relação com nossos contatos não continuar sendo constante e interativa na rede, como um processo (muitas vezes, influenciada por laços e fatores do mundo *offline*), podemos gradualmente perder também o contato dentro da rede, dispostos às sugestões artificiais de algoritmos baseados em nossas supostas preferências. A utilização de algoritmo é algo que pode influenciar profundamente este cenário, principalmente se levarmos em conta que esse tipo de estratégia se quer se restringe a *sites* de relacionamento social e permeiam muitos outros endereços na *web*. E como a quantidade de dados tende a crescer cada vez mais, a utilização de algoritmos pode tornar-se menos certa: podemos tanto ser bombardeados centenas de vezes com as mesmas sugestões de conteúdo, quanto recebermos material que em nada tem a ver conosco.

Esse aspecto mercadológico, que inclui também certa materialidade da esfera pública e da economia política em relação a mídias sociais é também explorada por Fuchs (2015), que a partir de Habermas, enfatiza:

Segundo Habermas, pode-se dizer que a mídia social tem o potencial de ser uma esfera pública e o mundo da vida da ação comunicativa; porém, esta esfera é limitada pela mídia direcionada pelo poder político e pelo dinheiro, então as empresas possuem e controlam — e o estado monitora — os dados dos usuários das mídias sociais. A mídia social contemporânea como um todo não forma a esfera pública, mas, de alguma forma, é controlada por empresas e pelo estado, os quais colonizam e, assim, destroem os potenciais de esfera pública da mídia social (FUCHS, 2015, p. 58).

Fuchs (2015) segue analisando este panorama, e a partir de um estudo de *Dal Yong Jin* publicado em 2013 apresenta dados interessantes: em uma análise das plataformas de internet mais usadas no mundo descobriu-se que 98% delas eram administradas por organizações lucrativas; 88% usavam publicidade direcionada; 72% estavam sediadas nos EUA; 17%, na China; 3%, no Japão; 4%, Rússia; 2%, Reino Unido; 1%, no Brasil; e 1%, na França, concluindo assim a existência de uma espécie de “imperialismo das plataformas” em vigor. Para Fuchs (2015) esse tipo de dominação tecnológica construída fortemente a partir de um modelo capitalista pode resultar numa internet dominada pela lógica de controles políticos e econômicos.

Fuchs (2015) também ressalta a atuação de grupos como o *Anonymous*, *Wikileaks*, *Occupy* e outras organizações de direitos humanos, que seguem questionando liberdade, contradições e desigualdade como formas de resistência a este cenário. Para Fuchs (2015):

Não precisamos de mais mercado, propaganda e comércio na mídia social, mas de mais plataformas baseadas na lógica dos bens e do serviço público. Precisamos de mais visibilidade para eles. E precisamos de mais recursos para eles. Precisamos da descolonização do mundo e da internet para que sejam menos baseados no poder burocrático e econômico e mais ligados à racionalidade comunicativa e à lógica da esfera pública. Não há problema se mais informações privadas tornarem-se públicas para fins de comunicação se as empresas, o estado e outros não tiverem o poder de fazer mau uso e prejudicar os cidadãos com elas (FUCHS, 2015, p. 64).

Mas é claro que nem só de grupos como o *Occupy* são formados os movimentos sociais na internet. Para além das problemáticas de acesso e visibilidade impostas pelo próprio ciberespaço e *sites* de redes sociais digitais, também devemos pensar na própria categoria de “ativista”. Flichy (2016) ressalta que “[...] a *web* contemporânea tornou-se o reino dos amadores” (FLICHY, 2016, p. 14) e discorre também que os amadores ocuparam local de destaque desde o no início do século XXI na considerada internet de massa, por onde “[...] suas produções não são mais marginais. Elas se encontram hoje no núcleo do dispositivo de comunicação. Os amadores não têm competências específicas nem diplomas distintivos, e, ainda assim, sua fala tornou-se onipresente, indispensável” (FLICHY, 2016, p. 14).

Flichy (2016), bastante influenciada pelas noções de Michel de Certeau, que analisou o cotidiano e a ação “[...] realizada pelo indivíduo comum que adapta os saberes e desenvolve práticas refratárias e originais, de bricolagens que podem levar a descobertas” (FLICHY, 2016, p. 15), narra que a figura do amador se tornou central principalmente pela ampliação da escolaridade e da potencialidade da internet de adquirir conhecimento e difundir opiniões. Flichy (2016), conta que “[...] o amador encontra-se a meio caminho entre o homem ordinário e o profissional, entre o leigo e o virtuoso, o ignorante e o sábio, o cidadão e o homem político” (FLICHY, 2016, p. 15).

Para a autora, a cidadania é uma das principais áreas onde as práticas amadoras se desenvolvem. Ela acrescenta que “[...] o amador da coisa pública é um cidadão que deseja se informar por conta própria, exprimir abertamente sua opinião, desenvolver novos modos de engajamento” (FLICHY, 2016, p. 38) e que este grupo também pode dividir-se em outros dois: os de amadores da política e do ativismo amador. Estes grupos delimitariam ações diferentes, onde “[...] se alguns trazem a forma de uma troca estruturada de argumentos

racionais, outros correspondem mais a um modelo conversacional em que se debate de maneira polêmica, por vezes decaindo numa guerra de insultos” (FLICHY, 2016, p. 38). Tais situações não estão nada distantes de nossas *timelines*.

Assim, existem duas maneiras de atuação dentro desses grupos: as que acontecem no espaço íntimo, que supõe um movimento de expor o íntimo dirigido a um número limitado de receptores, e ao clássico modelo de espaço público, onde há uma responsabilidade maior sobre o enunciador e muitas vezes o conflito é compreendido como forma de argumentação política. Esse exército de amadores é um bom exemplo das profundas transformações que a internet causou e tem provocado na ação política de cidadãos na modernidade. Enquanto há argumentos apocalípticos sobre o fim do ativismo na era digital ou até mesmo o fim dos militantes, Flichy (2016) chama atenção para uma reconfiguração, “[...] não que a ação política dos indivíduos tenha cessado, mas ela toma outra forma” (FLICHY, 2016, p. 43).

As redes políticas que, nos anos 1950 ou 1960, substituíram as grandes organizações verticais são hoje mobilizadas pela iniciativa de indivíduos que defendem uma causa precisa, de modo intenso e por um período de tempo limitado. Tem-se, assim, a transição de um “engajamento por filiação”, no interior de uma determinada organização, para um “engajamento alforriado”. O nós minúsculo que unifica indivíduos singulares, motivados pela dimensão pessoal de sua ação, foi substituído pelo Nós que reúne atores anônimos e lhes impõe um modo de visibilidade particular (aquele da classe operária, por exemplo). A fala individual é substituída pela fala coletiva expressa pelos porta-vozes devidamente nomeados (FLICHY, 2016, p. 43).

Uma das transformações mais relevantes desse novo cenário talvez tenha sido de que ações de ativismo digital não precisem mais necessariamente de identidades coletivas; se a força do “pessoal é político” foi o lema agregador de bandeiras e grupos décadas atrás, no século XXI crescem o número de movimentos e organizações que não demandam se quer presença física, com o uso de estratégias que utilizem o *e-mail* ou o *WhastApp*, e que também se estruturam nas contribuições e conhecimentos específicos de cada indivíduo para uma causa específica. Para Flichy (2016), “[...] há meio século, a identidade política poderia estruturar a identidade individual, mas hoje o engajamento é limitado à própria ação. O indivíduo investe na luta uma de suas próprias facetas” (FLICHY, 2016, p. 43).

E se são várias as facetas, como são as identidades, elas pode estar ligado a uma pluralidade ímpar de causas e movimentos tanto em curto como em longo prazo: pensemos nos movimentos atuais de cabelos cacheados, crespos, *vegan*, *raw food* e por aí vai: eles não

parecem multiplicar-se por segundo? Talvez não nos caiba enfim delimitar se todas as derivadas ações desse momento serão eficazes ou não, e como julgar eficácia se não através de paradigmas de situações do passado? É com cautela que devemos observar esse novo momento: nem como em 1960, nem como o declínio final de um movimento e de teorias que por si mesmas sempre foram muito mais processos em constante mutação do que acontecimentos estáticos e isolados em pontos finais.

Para Flichy (2016), “[...] as práticas amadoras possibilitam uma produção de informações e de opiniões importantes. De aparência modesta, elas se tornaram indispensáveis à vida social e política” (FLICHY, 2016, p. 45). Ironicamente, os argumentos do que deve ou não ser considerado ativismo, a relevância ou não do ciberespaço na militância e da durabilidade de nossas causas, todas essas questões perpassam pelo ideal da democracia. Se o pressuposto das lutas sociais muitas vezes recai em ser ouvido, dar voz à, ou até mesmo retomar o poder e a liberdade de ser para si, para uma identidade (*empowerment*, empoderamento), é no mínimo contraditório se passarmos a desconsiderar e excluir as vozes e movimentos dos quais não gostamos, não consideramos eficazes ou suficientemente legítimos.

De uma maneira ou de outra, fato é que a liquidez contemporânea exigiu e continua demandando novas formas de militância e ativismo, principalmente em um cenário tão transformador como o da internet, e como afirma Giddens (1991), “[...] a história não pode ser vista como uma unidade, ou como refletindo certos princípios unificadores de organização e transformação” (GIDDENS, 1991, p. 11). Analisando a relação entre tradição e modernidade, o autor também acrescenta que “[...] as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 39).

Para Giddens (1991), “[...] não podemos controlar a vida social completamente, mesmo considerando que nós mesmos a produzimos e reproduzimos em nossas ações” (GIDDENS, 1991, p. 136). O autor ainda acrescenta:

[...] Os interesses dos oprimidos não são uniformes e frequentemente colidem entre si, enquanto as mudanças sociais benéficas com frequência exigem o uso de poder diferencial mantido apenas pelos privilegiados. Ademais, muitas mudanças benéficas ocorrem de maneira involuntária (GIDDENS, 1991, p. 137).

Já para Berman (1982), ser moderno é um *mix* entre os paradoxos de ser revolucionário e conservador; é estar aberto a novas possibilidades e ao mesmo “[...] aterrorizado pelo abismo niilista as quais tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz” (BERMAN, 1982, p. 12). Com pitadas de ironia, recurso considerado intrínseco da própria modernidade, Berman (1982) também afirma que para ser moderno é preciso ser anti-moderno, visto que “[...] tem sido impossível agarrar e envolver as potencialidades do mundo moderno sem abominação e luta contra algumas das suas realidades mais palpáveis” (BERMAN, 1982, p. 13). Ainda para o autor:

[...] A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar” (BERMAN, 1982, p. 13).

Berman (1982) acrescenta que “[...] a moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazão de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades” (BERMAN, 1982, p. 20). Neste sentido, o pessoal é político não é extinto em si mesmo; ele é multiplicado. A modernidade, como recorte temporal, representa também uma imensa mudança histórica e gradual de paradigmas nas estruturas e instituições sociais e na identidade cultural. Há movimentos constantes de deslocamento e descentramento que criam modelos subversivos de cultura e que também potencializam as possibilidades de construção das identidades: “[...] na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2003, p. 27). Hall (2011) ainda acrescenta que “[...] as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, Stuart; in SILVA (org.), 2011, p. 112).

Pensemos, por exemplo, em campanhas como “*você não precisa ser gay para lutar contra homofobia*” ou trans, ou lésbica para combater qualquer tipo de preconceito. A não necessidade de uma identidade em comum para militância abre uma prerrogativa: podemos estar tanto mais empáticos (como fruto de uma construção histórica e democrática que permite a alguns processos de identificação a uma causa apesar das retaliações de elementos hegemônicos), tanto quanto focados na construção de nosso próprio conteúdo amador. Agora pensemos como o movimento feminista se ramificou entre as vertentes negra, lésbica e

transfeminista. Ou até mesmo nas atuais discussões sobre local de fala ou protagonismo dentro dos movimentos sociais: nesta novíssima discussão, parece cada vez mais comprometedor afirmar o que é ou não “ativismo de verdade”, ou quem é ou não “ativista de verdade”.

O próprio embate entre *online* e *offline* em termos de ativismo parece requerer por novas abordagens, novos pontos de vista e discussões teóricas. Como, em uma sociedade que caminha para sua completa digitalização, continuaremos a refletir sobre os movimentos sociais no ciberespaço? Sabemos através das contribuições de diversos autores, que *online* e *offline*, como diferentes dimensões do real não são excludentes; mas através de quais perspectivas continuaremos a pensar ativismo na modernidade, com um número crescente de militâncias passageiras e de indivíduos que acumulam ou desvencilham-se de causas com agilidade e facilidade?

Em todo caso, tudo isso parece interligado através de processos de identificação, identidade: ela pode até não ser mais fator determinante na militância, principalmente no ciberespaço, mas continua sem dúvidas como o combustível máximo de toda essa discussão. A seguir, nas análises do conteúdo publicado na página *Travesti Reflexiva*, encontraremos interessantes percepções que contribuem a essa discussão.

### CAPÍTULO 3

#### EU MESMA, TRAVESTI: A *TRAVESTI REFLEXIVA* EM REDE

Este capítulo marca um momento decisivo deste trabalho, a trajetória empírica, com o desenvolvimento de nossos procedimentos metodológicos ao explorarmos o conteúdo publicado pela página do *Facebook Travesti Reflexiva* entre janeiro e março de 2015 e março de 2016. Iniciamos a discussão apresentando um breve histórico de páginas públicas sobre a experiência trans no *Facebook* Brasil, reconstituindo também os critérios que nos levaram a escolha desta página em específico, sua relação com o cenário sergipano e o próprio recorte de análise que deu origem ao *corpus*.

Em seguida, apontamos os procedimentos metodológicos centrais desta pesquisa, dos campos da Análise de Conteúdo (AC), Análise de Discurso (AD) e na aplicação de entrevista em profundidade. Exibimos também nossas primeiras pré-categorias de análise, bem como nossas quatro fases gerais de desenvolvimento metodológico. Depois, abordamos com maior densidade o próprio conteúdo da página, ao compartilhar dados sobre número de publicações, temas e categorizações, através da A.C., significados implícitos e explícitos através da A.D., e análises e inferências a partir da entrevista com a própria *Travesti Reflexiva*.

A partir daí apresentamos nossos resultados gerais a respeito de temas e estratégias de atuação da página, como também buscamos debater e elencar os significados sobre a travestilidade encontrados no conteúdo publicado pela *Travesti Reflexiva* e sua relação entre o real x virtual. Também discutimos a potencialidade da página para gerar discussões a respeito de questões de gênero e sua repercussão relacionada a formas de ativismo e a sua atuação junto aos movimentos sociais também *offline*.

### 3.1– A página do *Facebook Travesti Reflexiva*

*Site* de relacionamento mais utilizado no Brasil, segundo pesquisas do próprio *Facebook* e de órgãos como *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE), em 2015 uma média de 92 milhões de pessoas acessaram o *Facebook*, ou 45% de toda a população brasileira. De lá para cá, segundo o relatório *Digital in 2017*, realizado pela *We Are Social* em parceria com a *Hootsuite*, esse número já cresceu: agora se acredita que 58% da população brasileira acessa redes sociais digitais. No caso do cenário brasileiro, para além do alcance gigantesco do *Facebook* na rede e sua imensa influência material e simbólica, vale também ponderar o papel impulsionador da estrutura da internet desenvolvida no país: por aqui é muito comum a venda de pacotes de franquia de navegação pelas operadoras de telefonia, principalmente com as modalidades de 3G e 4G na telefonia móvel. Nesse esquema, que muitas vezes é de menor custo, a navegação em redes sociais digitais tende a ser bastante privilegiada.

Segundo um levantamento prévio realizado para a produção do projeto que deu origem a esta dissertação, até 26 de junho de 2016 existiam 137 páginas públicas no *Facebook* que abordaram a travestilidade e a experiência transexual. Este arquivo segue no apêndice deste trabalho, a partir da página 270. Essas páginas foram encontradas pela própria ferramenta de busca do *Facebook* através de palavras-chaves Trans, Transex, Transexuais e Travestis e também por meio das sugestões de páginas semelhantes exibidas por esse mesmo *site*. Como forma de reconstituir um cenário de trajetórias da representação da travestilidade no *Facebook* no Brasil e também para delimitar-se o objeto empírico, aplicamos algumas categorizações nos dados acima encontrados. A primeira categorização buscou simular uma linha do tempo a partir da data de criação desse material: 27 das 137 páginas públicas foram criadas em 2016; 64 em 2015; 20 em 2014; 10 em 2013; 14 em 2012; 01 em 2011; e 01 em 2008. Todas estas páginas seguem elencadas em um *ranking* ao final deste trabalho.

Podemos, por exemplo, inferir como possibilidade para o pico de criação dessas páginas entre 2015 e 2016, a intensificação dos debates, tensões *offline* e possibilidades representativas na mídia que cercaram a travestilidade e a transexualidade neste recorte de tempo, como o decreto federal para uso do nome social no setor público<sup>86</sup>, as aplicações

---

<sup>86</sup>Disponível no endereço: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm) (Acesso em 31/12/2016).



inéditas da Lei Maria da Penha para travestis e mulheres transexuais<sup>87</sup>, a participação de mulheres transexuais em capas de revista<sup>88</sup>, campanhas de beleza<sup>89</sup>, e até mesmo na abertura das Olimpíadas do Rio 2016<sup>90</sup>.

A segunda categorização girou em torno da criação de eixos temáticos relacionados ao conteúdo publicado nessas páginas. Das 137 páginas, 55 tratavam sobre o que delimitamos como trans, cultura e afins, que abordava campanhas e projetos do setor público, iniciativas de grupos e coletivos da sociedade civil, humor, poesia, ilustração, pessoas e outras produções de cunho artístico; 50 páginas falavam de forma mais específica sobre travestilidade e transexualidade feminina; e 32 sobre transexualidade masculina. Vale ressaltar que grande parte dessas páginas, principalmente as relacionadas a travestilidade e transexualidade feminina possuíam forte viés sexualizado.

A terceira categorização diz respeito à quantidade de *likes* em cada página, que pressupõem a potencialidade de alcance de uma determinada representação no *Facebook*; a quarta abordava a frequência de atualização de conteúdo, já que se fez necessária à coleta de dados que fossem coerentes em um recorte de tempo definido; e a quinta, por sua vez, correspondeu à diversidade de conteúdo publicado por essas páginas. Considerou-se relevante não só o material compartilhado nesse *site*, que pode incluir imagens, vídeos e *hiperlinks* já existentes em outros espaços da internet, mas principalmente a consistência de material autoral produzido pelo próprio enunciador para a publicação no *Facebook*, conteúdo considerado com maiores possibilidades de significados.

Portanto, excluímos da análise final as 55 páginas públicas sobre trans, cultura e afins, já que estas apresentavam limitações ao veicularem publicações majoritariamente compostas por material compartilhado, e depois, das pré-categorias de Transexualidade Feminina e Transexualidade Masculina definiu-se o objeto que melhor obedecesse aos critérios apontados em relação a possibilidades de alcance, conteúdo publicado e que apresentasse densidade executável durante o tempo proposto de pesquisa.

---

<sup>87</sup>Disponível no endereço: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2016/08/1797829-lei-maria-da-penha-podera-valer-em-agressoes-a-transexuais-e-travestis.shtml> (Acesso em 31/12/2016).

<sup>88</sup>Disponível no endereço: <http://www.vanityfair.com/hollywood/2015/06/caitlyn-jenner-bruce-cover-annie-leibovitz> (Acesso em 02/03/2017).

<sup>89</sup>Disponível no endereço: <http://revistaglamour.globo.com/Beleza/Cabelo/noticia/2016/03/dia-da-mulher-loreal-paris-divulga-video-com-modelo-transgenera.html> (Acesso em 02/03/2017).

<sup>90</sup>Disponível no endereço: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36912561> (Acesso em 02/03/2017).

A *Travesti Reflexiva* foi criada em 2012 por Sofia Fávero, uma travesti sergipana e foi atualizada frequentemente até 2016, possuindo diversidade de conteúdo entre material compartilhado e material autoral. Após ter a página excluída ou bloqueada por diversas vezes, sua versão mais recente esteve *online* desde 2014, sendo retirada do modo público em 2016 (em nossa entrevista com Sofia ao final deste capítulo exploramos mais esses assuntos). A T.R. contou com o maior número de curtidas entre as páginas analisadas, com cerca de 198.356 curtidas (acesso em 09/05/2018). Em quatro anos de atuação, Fávero conquistou visibilidade nacional através de sua performance com a página, sendo *blogueira*<sup>91</sup>, palestrante<sup>92</sup> e membro de diversos projetos de relevância, como com o *Fundo das Nações Unidas para a Infância* (UNICEF)<sup>93</sup>.

Paralelamente, sua vivência pessoal *offline* também ganhou destaque em 2014, quando tornou-se manchete<sup>94</sup> ao ser agredida em uma tentativa de abuso sexual dentro de um ônibus em Aracaju (SE). Fávero, que é universitária, já se declarou feminista, afirma “[...] eu estou nessa luta por outras pessoas e não por mim<sup>95</sup>” (NLUCON, 2014), e ativista, esclarece “[...] sou travesti e ativista, são bandeiras indissociáveis<sup>96</sup>” (GALILEU, 2016), fez parte da comissão organizadora das quatro edições da *Semana de Visibilidade Trans de Sergipe*, do EducaTrans, projeto sergipano que visa estimular a entrada de pessoas *transvestigeneres* no ensino superior, e é também membro da *Associação e Movimento Sergipano de Transexuais e Travestis* (AMOSERTRANS).

Jovem, branca e universitária, a experiência de Fávero não é mais uma enquanto *transvestigeneres*: diferente das vivências marginais relacionadas a travestis e pessoas trans que lotam nossos noticiários, seu trabalho à frente da página T.R. marcou profundamente para milhares de seguidores do *Facebook* novas noções sobre gênero e sexualidade. Embora não

<sup>91</sup>Fávero foi por diversas vezes autora convidada do *blog* Blogueiras Feministas. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/author/blog-convidada/>. (Acesso em 21/04/2017).

<sup>92</sup>Em nossas análises prévias do conteúdo da página, encontramos diversos registros de eventos aos quais Fávero participou tanto como convidada especial ou palestrante, principalmente durante o ano de 2015.

<sup>93</sup>Fávero foi uma das quatro personalidades convidadas a participar da ação #EuFaloSobre, a respeito da conscientização sobre HIV, desenvolvida pela UNICEF no *Twitter* em 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unicef-abre-suas-redes-sociais-nesta-terca-feira-1-para-jovens-vivendo-e-convivendo-com-hiv/>. (Acesso em 21/04/2017).

<sup>94</sup>Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/brasil/travesti-sofre-abuso-tenta-se-defender-e-agredida-em-onibus-de-aracaju-12510730.html>. (Acesso em 21/04/2017).

<sup>95</sup>Trecho retirado de uma entrevista de Fávero ao jornalista Neto Lucon em seu *site* sobre visibilidade trans em 2014. Disponível em: <http://www.nlucon.com/2014/08/travesti-reflexiva-sofia-favero-transfobia.html>. (Acesso em 21/04/2017).

<sup>96</sup>Trecho retirado de uma entrevista de Fávero ao *site* da Revista Galileu sobre ativismo digital em 2016. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/08/sou-travesti-e-ativista-sao-bandeiras-indissociaveis.html> (Acesso em 21/04/2017).

seja nosso objetivo principal investigar profundamente questões de raça e classe que cercam a própria figura de Fávero, também fica claro o quanto alguns desses fatores pareceram fornecer interessantes oportunidades de acesso para o desenvolvimento de seu trabalho no *Facebook*.

Para análise das publicações da página definiu-se o recorte temporal de quatro meses, incluindo-se o primeiro trimestre de 2015 e março de 2016. O ano de 2015 foi escolhido por ser o ano de surgimento de nossa pesquisa e pela *Travesti Reflexiva* estar em plena atividade, discutindo assuntos contemporâneos em relações às questões de gêneros naquele momento. Já o recorte dos meses foi pensado a partir da celebração de duas datas representativas em relação a gêneros e sexualidade, o dia 29 de janeiro, Dia Internacional da Visibilidade Trans, e o 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

Chegamos a analisar também o primeiro trimestre completo de 2016, mas não só a inclusão detalhada dessas análises extrapolaria nossas condições hábeis de tempo e de trabalho, como também os resultados verificados nesse período se mostraram bastantes semelhantes às implicações observadas no ano anterior. Por fim, para oferecer uma nova perspectiva da atuação da *Travesti Reflexiva* no ano em que a página chegou ao fim, optamos por inserir apenas o mês de março de 2016. No total, neste período descrito analisaremos 121 publicações da T.R. No próximo ponto, apresentamos como ocorrerão a análise e interpretações dessas postagens, baseados nos procedimentos metodológicos apresentados no início deste capítulo.

### 3.2 – Procedimentos Metodológicos

Para Fragoso, Recuero e Amaral, “[...] a internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação [...] procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar” (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p. 13-14). Após a pré-análise do objeto de pesquisa deste projeto, propomos inicialmente para o desenvolvimento metodológico a junção dos procedimentos de investigação e interpretação presentes na Análise de Conteúdo (AC), proposta por Bardin (1977), do protocolo de análise concebido por Miguel (2014), localizado no campo da Análise de Discurso (AD), e das técnicas de entrevista em profundidade exploradas por Minayo (2009).

Para Bardin (1977), a análise de conteúdo é compreendida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 31). Esse tipo de análise aplicado pode fornecer o aparato teórico e técnico para construção de dados, que através de etapas como categorização, inferência, descrição e interpretação de informações, aponta formatos, temas, expressões e comportamentos relevantes que auxiliam a compreender o funcionamento do objeto de pesquisa. Gomes (2009) contribui ao apontar que “através da análise de conteúdo, podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (GOMES, 2009, p. 84). O autor também ressalta a abrangência dessa técnica ao apontar possibilidades de seu uso tanto nas perspectivas de pesquisa quantitativas quanto nas qualitativas.

Aliada a abrangência investigativa da A.C., Miguel (2014) nos oferece outro interessante instrumento metodológico ao criar seu protocolo no campo da Análise de Discurso. Miguel (2014) parte da obra de inúmeros teóricos da A.D., como Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau, num viés que também pode se estabelecer como “uma relação entre corpo e discurso, que não é o necessariamente dito, mas se mostra, e está diretamente ligado aos 'atos' da enunciação” (MIGUEL, 2014, p. 25). Miguel (2014) então apresenta um protocolo dividido em três eixos principais, *análise do texto linguístico*, *componentes externos ao texto* e o *contexto*. Tal protocolo se torna interessante para esta pesquisa por considerar não apenas o conteúdo que é textual ou não, mas também por sua

adequação ao ambiente virtual, como análise de repercussão, conforme se pode visualizar na esquematização dos eixos citados abaixo:

Figura 3 – Protocolo de Análise Katarini Giroldo Miguel

- |           |  |
|-----------|--|
| <b>1.</b> | <b>Análise do texto linguístico</b>        |
| 1.1       | Itens lexicais de destaque                 |
| 1.2       | Técnicas de argumentação identificadas     |
| 1.3       | Elementos de destacabilidade               |
| <b>2.</b> | <b>Componentes externos ao texto</b>       |
| 2.1       | Fotos/ desenhos/imagens                    |
| 2.2       | Vídeos                                     |
| 2.3       | Cores/cena predominante                    |
| <b>3.</b> | <b>Repercussão - contexto</b>              |
| 3.1       | Conteúdo presente nas Redes sociais?       |
| 3.2       | Repercutiu em outros meios de comunicação? |

Como nosso objetivo é analisar as representações da travestilidade no conteúdo publicado na página *Travesti Reflexiva*, propomos aqui quatro etapas de desenvolvimento metodológico. Na primeira etapa, delimitamos duas formas de pré-categorias para seleção de conteúdo: material compartilhado, M.C. (*hyperlinks*, imagens e vídeos) e material autoral, M.A. (textos construídos pela própria enunciadora da página para o *Facebook*, cuja extensão de significados pode ser mais profunda).

Na segunda etapa, após definidas as pré-categorias, todas foram submetidas com maior profundidade à A.C. orientada por Bardin (1977). Esta foi uma forma de se constituir uma visão geral de temáticas, expressões e modos de atuação que se repetiram e se tornaram relevantes para a compreensão do funcionamento da página *Travesti Reflexiva*, principalmente em relação à construção de unidades de sentidos que possam permear com maior densidade a diversidade do material publicado e que permitam inferências e

interpretações. Submetemos todo o conteúdo da T.R. ao mecanismo criado abaixo, que reuniu informações que consideramos fundamentais:

**Tabela 1 – Modelo de Categorização Inicial**

<b>DATA</b>	<b>CATEGORIA</b>	<b>TIPO</b>	<b>CONTEXTO</b>	<b>PALAVRAS CHAVE</b>
-------------	------------------	-------------	-----------------	---------------------------

Em *Data*, inscrevemos o dia, mês e ano da publicação; em *Categoria*, se ele foi M.C. ou M.A., em *Tipo*, a especificação da categoria escolhida, se é texto, *hiperlink*, vídeo, entre outros; e em *Contexto*, informações sobre as circunstâncias da publicação. Em *Palavras-chave*, procuramos destrinchar até no máximo cinco unidades temáticas de cada postagem, que servem para construir um mapeamento de assuntos reincidentes.

Na terceira etapa, com a análise em específico do material autoral, aqui compreendido potencialmente como de grande expressividade e pertinência por ser construído pela própria enunciadora, aplicamos a A.D. através do protocolo criado por Miguel (2014) no texto mais repercutido de cada mês de análise. Acreditamos que nesta etapa será possível aprofundar a questão da identidade e da representação sobre a travestilidade com maior quantidade de sentidos e direcionamentos, principalmente quando se considera a existência de textos escritos inclusive em primeira pessoa.

Na quarta e última etapa realizamos uma entrevista com Sofia Fávero, a *Travesti Reflexiva*. Para Minayo (2009) a entrevista como fonte de informação oferece dois tipos de dados: primeiro, podem servir como base numérica e estatística para a elaboração de censos e outros tipos de documento; segundo, como um instrumento de abordagem e aproximação ao indivíduo, construindo um diálogo para aprofundar a investigação da realidade por ele vivenciada. Consideramos esse segundo olhar interessante, pois colaborou na construção de diferentes perspectivas além da do pesquisador sobre o objeto proposto.

Com Sofia realizamos uma entrevista em profundidade semiestruturada, técnica "que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada" (MINAYO, 2009, p. 64). Neste contato, buscamos por informações que auxiliaram na construção da trajetória da página no *Facebook* e sua atuação além internet, discutindo também algumas revelações que o próprio trabalho de campo dessa pesquisa pôde apontar em seu desenvolvimento. Adiante, daremos seguimento à apresentação de nossos dados em cada mês de análise, primeiro com as

técnicas de A.C., depois com os procedimentos de A.D., através do protocolo de Miguel (2014), e por último com a apresentação da própria entrevista com a *Travesti Reflexiva* e a sua interpretação.

### 3.3 – Análise de Conteúdo

A partir da aplicação da A.C, apresentamos a seguir as interpretações de nossas análises para o primeiro trimestre de 2015 e março de 2016, nosso recorte de *corpus* para o conteúdo da *Travesti Reflexiva* e que representa ao mesmo tempo os resultados de nossas duas fases iniciais de desenvolvimento metodológico. Cada mês foi analisado separadamente e aplicamos sobre essas postagens as categorizações e procedimentos citados anteriormente, expondo como resultado inferências acerca de temas e estratégias de atuação da página, bem como os possíveis significados implícitos e explícitos em relação à travestilidade, a experiência trans e o impacto da *Travesti Reflexiva* sobre a discussão de questões de gênero no *Facebook*.

#### 3.3.1 – Janeiro de 2015

Em janeiro de 2015, primeiro mês de nossas análises, contabilizamos 20 publicações na página da T.R. Destas, 11 foram classificadas como M.C. e nove foram categorizadas como M.A. (todas as publicações analisadas em nosso corpus seguem a partir da página 303 nos anexos deste trabalho). Agregamos em média os números de curtidas, comentários e compartilhamentos gerados pelas publicações no período citado, conforme ilustramos na tabela abaixo:

**Tabela 2 – Curtidas, comentários e compartilhamentos da página T.R em janeiro de 2015**

<b>CURTIDAS</b>	50.517
<b>COMENTÁRIOS</b>	1.539
<b>COMPARTILHAMENTOS</b>	8.548

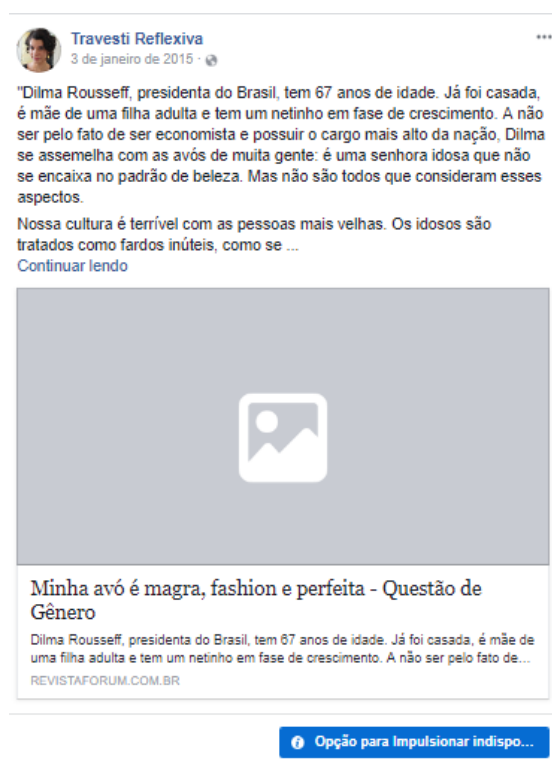
As possibilidades de reações das publicações no primeiro trimestre de 2015 são reduzidas a estas três – curtir, comentar e compartilhar – porque naquele momento o *Facebook* ainda não havia disponibilizado completamente as formas mais avançadas de engajamento atuais, como os botões *Amei*, *HAHA*, *Grr*, e *Triste*, que virão a aparecer linearmente apenas no primeiro trimestre de 2016. Ainda em 2015 há presenças esporádicas da reação *Amei*, que aparece de maneira inconstante. Acreditamos que esta ferramenta ainda estivesse em fases de testes e ajustes neste período, e como ela não aparece de maneira



constante nas publicações analisadas em 2015, optamos por não contabilizarmos neste momento.

Os dados numéricos apresentados ao longo de nossas análises ganharão maior conotação quando comparados às análises dos outros meses, cujas inferências seguem ao longo deste capítulo. Iniciando em janeiro, a postagem com maior número de curtidas (6.400) e compartilhamentos (2.048) no M.C. é um *link* do *blog Questão de Gênero* da Revista Forum que traz um texto chamado “Minha avó é magra, fashion e perfeita”. Nele, a autora Jarid Arraes discorre sobre como o machismo, a misoginia e a relação da sociedade com o envelhecimento influenciam as críticas à imagem da então presidenta Dilma Rousseff.

Figura 4 – Postagem 3 de janeiro de 2015



A publicação mais comentada (300) do mês e que também repete o bom desempenho em curtidas (6.400) da postagem anterior é um *print* de um *tweet* do dia 8 de janeiro:

Figura 5 – Postagem 8 de janeiro de 2015



Nestas duas publicações nos chamam atenção à abordagem a dois temas bastante relevantes na discussão de gênero atual, a representação da mulher e o machismo. Enquanto o primeiro aborda a relação dos padrões femininos de beleza e a expectativa masculina acerca disto, o segundo menciona a diversidade sexual e a pluralidade das identidades LGBTQ+, que podem ser vivenciadas de maneira cada vez mais múltipla. Importante perceber também o quanto a temática pareceu ser bem recebida pelo público da página, visto o número de curtidas, comentários e compartilhamentos, bem como as possibilidades de significados que poderão ser percebidas mais adiante em relação ao uso do *link* e do *print tweet* pela T.R.

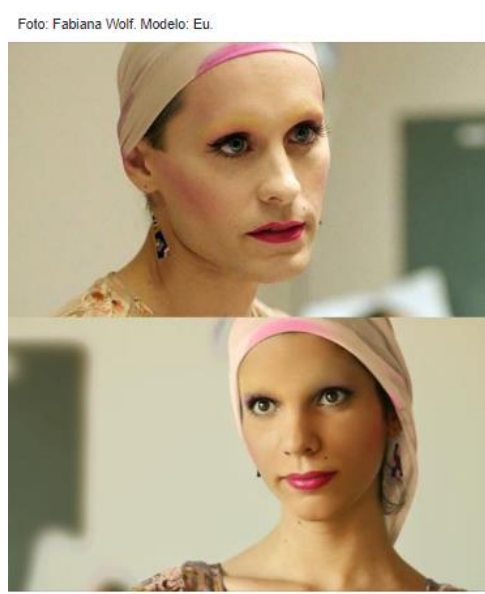
Quanto ao M.A. a postagem com maior número de curtidas (5.900), comentários (348) e compartilhamentos (1.267) é um texto publicado no dia 29 de janeiro sobre representação e visibilidade trans. Provavelmente inspirada pela data (29 de janeiro é o dia internacional da visibilidade trans), a T.R faz uma longa análise sobre a representação *transvestigeneres* na cultura, principalmente através do papel do ator cisgênero Jared Leto, que interpreta uma personagem travesti no filme *Clube de Compras de Dallas*, performance que lhe rendeu um Globo de Ouro e um Oscar em 2014:

Figura 6 – Postagem 29 de janeiro de 2015



T.R questiona porque vemos poucas travestis e pessoas trans interpretando papéis de personagens *transvestigeneres* - uma problemática importante que norteia muitas das discussões acerca de visibilidade e representação atualmente. Um fato interessante é que a imagem que acompanha o texto traz a T.R. reproduzindo a mesma fotografia do ator Jared Leto, fato que será analisado em maior profundidade em nosso próximo tópico:

Figura 7 – Postagem dia 29 de janeiro de 2015



A seguir, analisamos a questão das temáticas gerais do conteúdo publicado em janeiro de 2015 através de palavras-chave, conforme tabela abaixo:

**Tabela 3 - Temáticas frequentes janeiro de 2015**

<b>MATERIAL COMPARTILHADO</b>	<b>MATERIAL AUTORAL</b>
PESSOAS TRANS (12)	PESSOAS TRANS (9)
EDUCAÇÃO (7)	TRAVESTI (7)
TRANSFOBIA (2)	TRANSFOBIA (3)
HUMOR (2)	EDUCAÇÃO (1)
RELAÇÕES ASSOCIADAS A GÊNERO (4)	CISGÊNERO (1)
EVENTOS (1)	CULTURA (1)
POLÍTICA (1)	

As palavras chaves acima elencadas foram selecionadas através de temas centrais disponíveis em cada postagem, podendo estar associadas a uma mesma publicação. Elas sinalizam possíveis unidades de sentido para o conteúdo disposto na página. Em cada mês apresentamos o *ranking* específico do período analisado, e ao final deste capítulo também apresentaremos as temáticas gerais dos quatro meses de análise entre 2015 e 2016, que devem apontar informações essenciais para a compreensão da atuação da T.R no *Facebook* e como ela pode representar a travestilidade.

Em janeiro de 2015 encontramos no M.C maior incidência dos temas Pessoas Trans (12), Educação (7) e Transfobia (2), enquanto no M.A. destacam-se também Pessoas Trans (9), Travesti (7) e Transfobia (3). Em *Pessoas Trans* agregamos as publicações que tiveram pessoas *transvestigeneres* e/ou questões ligadas a essa vivência específica como foco central do conteúdo. Nesta categoria, relacionada ao M.C., por exemplo, encontramos uma notícia sobre estudantes que pressionam pela nomeação de uma professora trans como reitora no CE, a divulgação do 1º Encontro Nacional de Homens Trans (ENAHT), uma notícia sobre o *Transcidadania*, programa da Prefeitura de São Paulo que pagou salário mínimo para travestis estudarem, entre outros conteúdos também ligados a Educação (7) e Transfobia (2).

**Figura 8 – Postagem 6 de janeiro de 2015**



Figura 9 – Postagem 6 de janeiro de 2015



Figura 10 – Postagem 9 de janeiro de 2015



A mesma palavra chave, Pessoas Trans (9), associada ao M.A. foi também destaque e revelou reflexões bastante pertinentes. Há dois textos no mesmo dia, 9 de janeiro, sobre o mercado de trabalho e a questão trans no Brasil que parecem claramente influenciar um ao outro. O ponto de partida é quando T.R compartilha a transfobia vivenciada por uma amiga trans em seu ambiente de trabalho (o que também nos leva a tentar investigar, nas análises seguintes, o quanto questões pessoais de Sofia Fávero e seu círculo de contatos influenciam no conteúdo página).

Figura 11 – Postagem 9 de janeiro de 2015



Há ainda outros seis textos postados de uma só vez no dia 22 de janeiro que parecem fazer parte de uma iniciativa “educativa” da página: questões como respeito para o uso do artigo feminino para tratamento das travestis, a questão do nome social, do correto uso do termo transfobia para violência sofrida por pessoas trans (e da não generalização da homofobia para todos), as diferenças entre identidade de gênero e orientação sexual, cirurgias de transgenitalização, e o termo cisgênero são tratados de maneira dinâmica, leve, acessível e bastante ilustrativa:



Figura 12 – Postagem 22 de janeiro de 2015

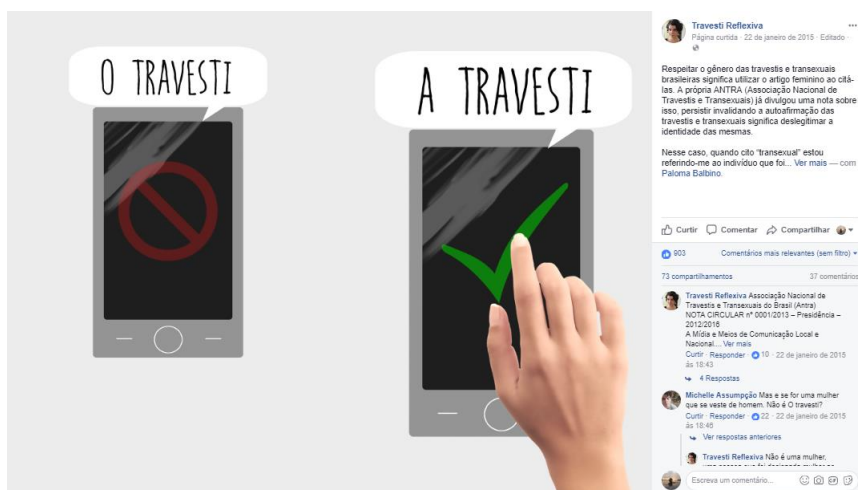


Figura 13 – Postagem 22 de janeiro de 2015

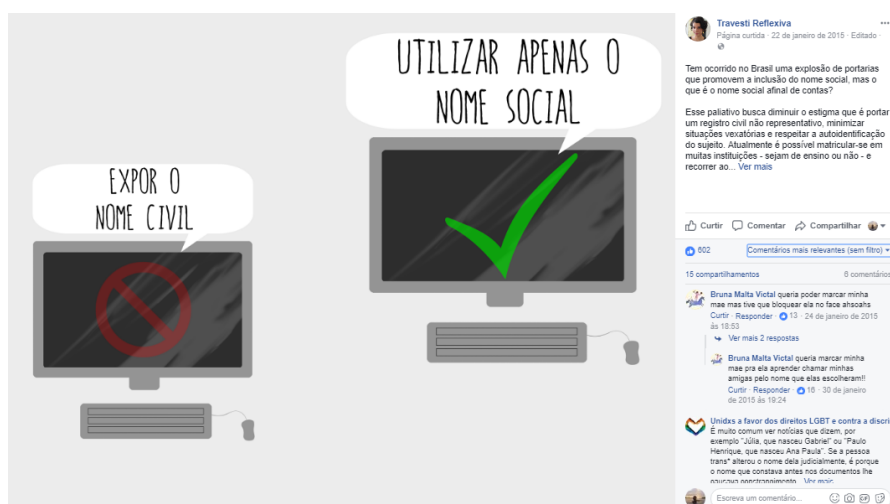


Figura 14 – Postagem 22 de janeiro de 2015





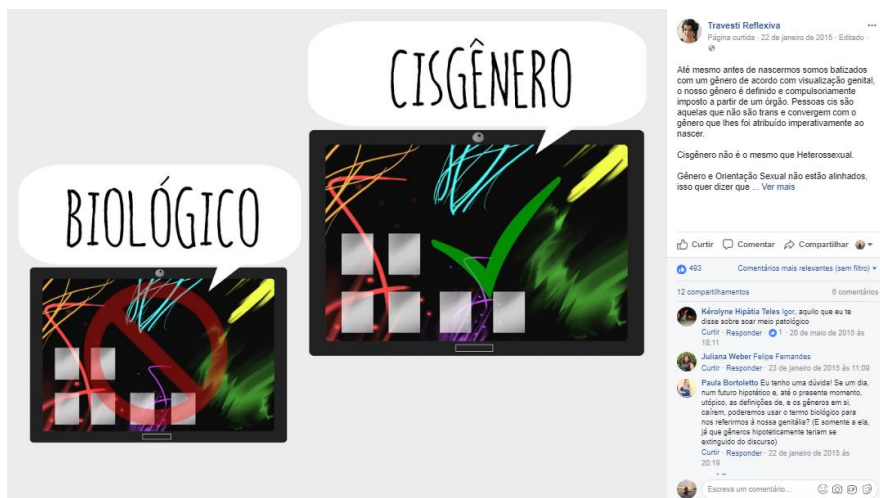
Figura 15 – Postagem 22 de janeiro de 2015



Figura 16 – Postagem 22 de janeiro de 2015



Figura 17 – Postagem 22 de janeiro de 2015



O cuidado estético das imagens em coerência com os textos também chama atenção, e nos leva acreditar que, se original assim como os textos, este conteúdo possa ter sido programado com antecedência. Isso confirmaria o objetivo da T.R. em discutir e divulgar questões relacionadas a experiências trans, visto que todas as temáticas do texto são associadas à algumas pautas legítimas da luta por direitos e respeito da experiência trans e da travestilidade.

O uso da palavra Travesti (7), que destacamos como chave no M.A., é também interessante, e a ela demos ênfase também para averiguar os contextos de sua inserção, visto que nosso objetivo é perceber a representação da travestilidade. Muitas vezes compreendida como uma expressão marginalizada, além de nomear a página, a palavra travesti é também amplamente utilizada nas publicações. Parece inclusive haver uma preocupação em sempre garantir o uso de ambas as palavras – travesti e transexual – em mesmas frases, talvez para garantir uma atuação mais inclusiva para um número maior de identidades, o que demonstra que, como afirma Bento (2006), existem transexulidades, outro ponto ao qual ficaremos atentos nas análises de próximos meses. Adiante, investigamos as fontes e origem do conteúdo do M.C. disposto na página neste mês:

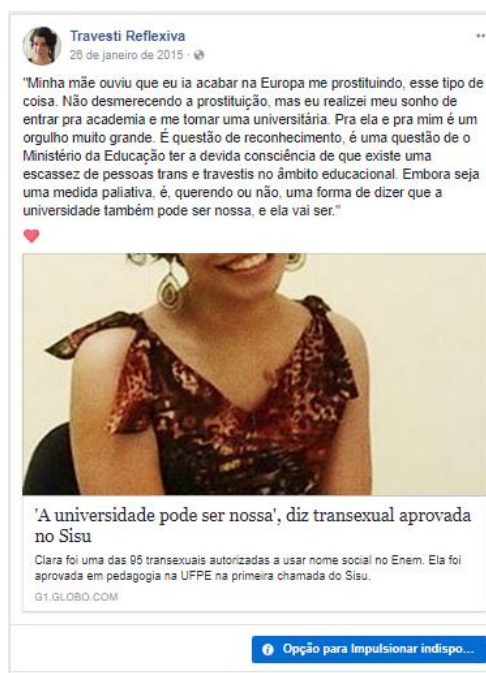
**Tabela 4 - Origem do material compartilhado janeiro de 2015**

LINK (7)
YOUTUBE (1)
FOTO FACEBOOK (1)
TEXTO FACEBOOK (1)
PRINT TWEET (1)

O conteúdo compartilhado através de *Link* (7) foi destaque no mês. Optamos por analisar a categoria *YouTube* separadamente por que acreditamos que neste caso pode haver significados específicos ligados ao compartilhamento de *links* e os diversos canais e plataformas de conteúdo disponíveis nesse *site*. Neste mês, por exemplo, o vídeo do *YouTube* em questão foi um *link* do *Canal das Bee*, produção com temática *LGBT+*, com uma entrevista com Amanda Palha, ativista transfeminista que aparece para discutir sobre política de esquerda.



Figura 20 – Postagem 1 de janeiro de 2015



Enquanto Daniela Andrade discutia em seu texto sobre transfobia e exclusão familiar ao relatar o caso de um recente suicídio de uma jovem trans, Maria Clara Araújo foi personagem central de uma entrevista sobre pessoas trans na universidade para o portal *G1*. A aprovação de Maria Clara no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) foi inclusive notícias em diferentes veículos de comunicação. Ainda em relação aos demais *links*, os categorizamos também de acordo com seus *sites* de origem:

Tabela 5 – *Links* e *sites* janeiro de 2015

LINK	SITE
“Homem é detido após pintar tanque de guerra de rosa, em São Gonçalo”	extra.globo.com
“Minha avó é magra, fashion e perfeita – Questão de gênero”	revistaforum.com
“Estudantes pressionam pela nomeação de professora trans como reitora no CE”	www.folhauol.com.br

“Cantora coloca camisinha na perna para zombar de homens que dizem ter membro muito grande”	techmestre.com
“Prefeitura de São Paulo pagará salário mínimo para travestis estudarem”	oglobo.globo.com
“Transexualidade na escola: banheiro”	revistacapitolina.com.br
“A universidade pode ser nossa – diz transexual aprovada no SISU”	g1.globo.com

Tematicamente, o material compartilhado faz maior relação a Pessoas Trans (4), Educação (4) e Relações associadas a gênero (3). Nesta última categoria, incluímos todo material que faz menção à discussão sobre gênero, representação de homens e mulheres, afetividades e sexualidades, como no caso do texto sobre a ex-presidenta Dilma Rousseff ou sobre a notícia de uma cantora que colocou uma camisinha na própria perna para zombar de alguns homens que se recusavam a usar preservativo.

Ainda sobre os *links*, também nos chama atenção a utilização heterogênea de fontes de informação, que contempla tanto portais de notícia da grande mídia, como *G1* e os jornais *Folha de São Paulo*, *O Globo* e *Extra*, como também endereços de mídia alternativa, como *Revista Forum*, *TechMestre* e *Revista Capitolina*. Em suma, é nítido e até esperado - principalmente se levarmos em consideração quem fala, quem faz a página – que pessoas trans dominem parte massiva do conteúdo.

Este fato faz-nos questionar o quanto a T.R parece estar disposta não só a divulgar de maneira mais plural narrativas de pessoas *transvestigeneres*, como também a abordar de maneira mais profunda e até didática algumas questões dessas vivências através de seus textos autorais, com temas tão pertinentes, como nome social e identidade de gênero, por exemplo. Parece-nos importante salientar também o quanto pessoas trans não só foram apenas tema central, como também foram em grande parte protagonistas do M.C, como no caso de notícias e entrevistas compartilhadas com outras mulheres trans e travestis, como Amanda Palha, Daniela Andrade e Maria Clara Araújo.

A diversidade de paradigmas temáticos associados às vivências e identidades trans aponta também ser bastante significativa porque dá indícios de ir além do que é corriqueiramente observado na sociedade brasileira: um cenário problemático que para além das estruturas hegemônicas de poder que brecam a visibilidade nas ruas, também tende a associar culturalmente pessoas trans à tríade monotemática de homicídio, transfobia e prostituição. Destacamos a divulgação de eventos, como no caso do 1º Encontro Nacional de Homens Trans (ENAHT). Esta ação também pode posicionar a página como uma ferramenta de militância e ativismo.

O que a T.R parece nos propor através do conteúdo publicado neste mês é equacionar a vivência trans e a travestilidade e multiplicá-la por outra gama de sentidos: seja abordando ela mesma, como travesti, questões próprias às experiências *transvestigeneres* no contexto brasileiro (porque afinal, esta é a realidade e é preciso fazer algo a respeito), como também apontando possibilidade de ressignificações e reconstruções, principalmente através da educação e do mercado de trabalho, ambas questões extremamente relevantes dado o cenário de violência e exclusão enfrentado por essas pessoas no país.

### 3.3.2 – Fevereiro de 2015

Em fevereiro de 2015, segundo mês de nossas análises, contabilizamos 16 publicações na página da T.R. Destas, 13 foram classificadas como M.C. e três foram categorizadas como M.A. Agregamos em média os números de curtidas, comentários e compartilhamentos gerados pelas publicações no período citado, conforme ilustramos na tabela abaixo:

**Tabela 6 – Curtidas, comentários e compartilhamentos da página T.R em fevereiro de 2015**

<b>CURTIDAS</b>	<b>80.139</b>
<b>COMENTÁRIOS</b>	<b>2.311</b>
<b>COMPARTILHAMENTOS</b>	<b>19.255</b>

Utilizando regras de porcentagem simples, embora fevereiro seja um mês ligeiramente mais curto e com menor número de publicações (cerca de 25% a menos que janeiro em relação ao volume de postagens), observamos um aumento de aproximadamente 50% no

número de curtidas e comentários e um acréscimo de 125% no de compartilhamentos. Acreditamos que parte desse crescimento tenha sido fortemente influenciada pelas temáticas dominantes do mês, principalmente no M.C., que como observaremos mais adiante teve foco central no humor e questões de afetividade.

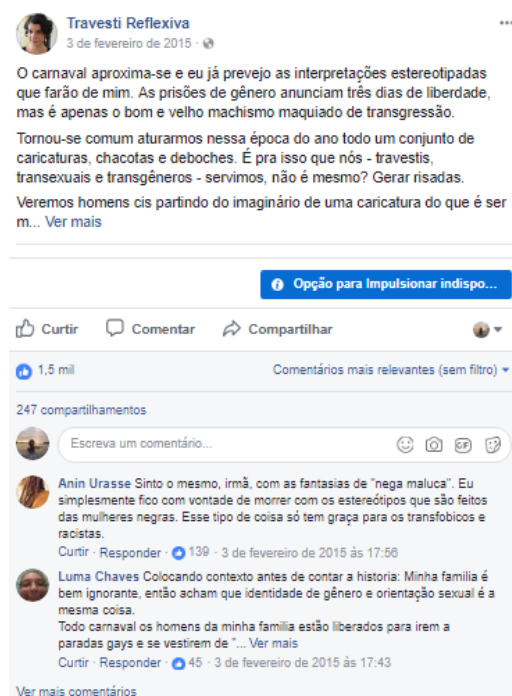
Particularmente no M.C. a postagem com maior número de curtidas (15.182), comentários (1.024) e compartilhamentos (8.074) foi publicada no dia 13 e é um *print* de um texto no *Facebook* que ironizava o dia da criação da “consciência branca”, buscando apontar direitos cujas pessoas brancas nunca tiveram, um interessante direcionamento da T.R quanto a um recorte entre gênero, a temática central da página, e raça:

Figura 21 – Postagem 13 de fevereiro de 2015



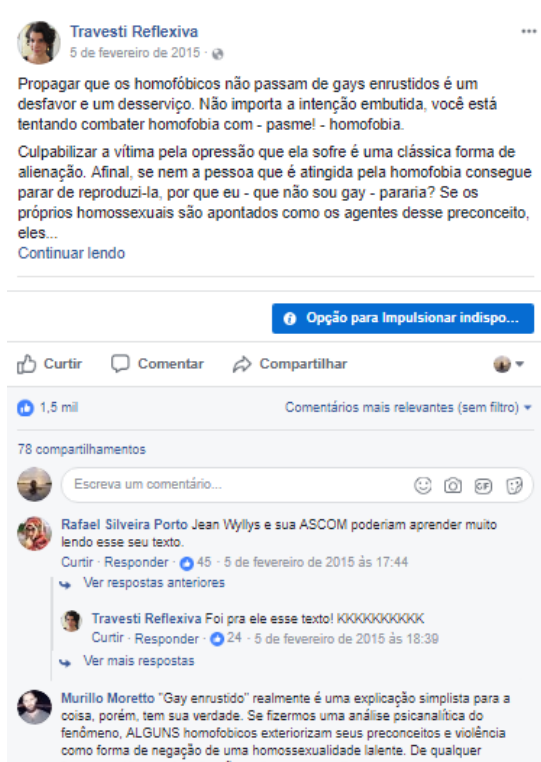
Já no M.A. há dois textos com números quase idênticos de curtidas (1.500), o primeiro, que obteve maior destaque de compartilhamentos e comentários, trata de forma crítica sobre representações estereotipadas de travestis e transgêneros realizadas no carnaval, principalmente por homens heterossexuais e cisgênero. T.R chama atenção para o quanto essas ações intensificam a transfobia e associam as vivências de travestis e pessoas trans a situações de chacotas e desrespeito:

Figura 22 – Postagem 3 de fevereiro de 2015



O segundo problematiza a noção do senso comum que tende a apontar que todo homofóbico (a) é um homossexual/lésbica/trans “enrustido (a)”. Para a T.R esse é um conceito bastante redutivo e que acaba por muitas vezes a reproduzir a mesma homofobia:

Figura 23 – Postagem 13 de fevereiro de 2015





A seguir, analisamos a questão das temáticas gerais do conteúdo publicado em fevereiro de 2015 através de palavras-chave, conforme apresentamos na tabela abaixo:

**Tabela 7 - Temáticas frequentes fevereiro de 2015**

<b>MATERIAL COMPARTILHADO</b>	<b>MATERIAL AUTORAL</b>
HUMOR (10)	PESSOAS TRANS (6)
RELAÇÕES ASSOCIADAS A GÊNERO (9)	TRAVESTI (2)
TWITTER (8)	
PESSOAS TRANS (2)	
RAÇA (2)	
TRAVESTI (2)	
EDUCAÇÃO (2)	
POLÍTICA (1)	

Neste mês encontramos no M.C. maior incidência dos temas Humor (10), Relações associadas a gênero (9) e Twitter (8), enquanto no M.A destacaram-se principalmente Pessoas Trans (6) e Travesti (2). No caso do M.C., adicionamos a palavra *Twitter* porque foi através de *prints* de conteúdo postados nesse *site* que as outras duas temáticas de destaque, humor e relações associadas a gênero, mais se repetiram; assim, esta não seria propriamente uma temática, por não se relacionar ao conteúdo, porém merece um olhar mais acurado. A T.R. selecionou o conteúdo dessa rede principalmente em questões de afetividade, sexualidade e dinâmica de relacionamentos entre homens e mulheres heterossexuais e LGBT+, o que também justifica o aparecimento das outras palavras-chave.

Tanto a facilidade de identificação com o tema e o público da página, quanto a abordagem leve através do humor em um conteúdo curto, dinâmico (o limite do *tweet* era até 140 caracteres em 2015) e atrativo (o corte do *print* faz o texto aparecer maior e em destaque na *timeline* do *Facebook*) podem, por exemplo, justificar o aumento do engajamento observado em curtidas, comentários e compartilhamentos em fevereiro.

É interessante também perceber o quanto um número cada vez maior de páginas no *Facebook* destina-se a compartilhar material originado no *Twitter*, uma tendência também observada na atuação da T.R. A página do *Facebook*, *Melhores do Twitter*, por exemplo, contabiliza a alcunha de 1.823.666 seguidores (acesso em 25/05/2018) – e seu conteúdo é construído exclusivamente de compartilhamento de *prints* de *tweets*. Lançado em 2006, Recuero e Zago (2010) definem o *Twitter* como "um micromensageiro no qual os usuários são

convidados a responder à pergunta "*What's Happening?*" (o que está acontecendo?) em até 140 caracteres a cada atualização" (RECUERO & ZAGO, 2010, p. 70).

As autoras apontam o surgimento de apropriações no *Twitter* que apareceram através de atualizações e construíram novas práticas sociais para o sistema, como a conversação, que pode direcionar uma mensagem a outra pessoa, e o compartilhamento e difusão de informações. Recuero & Zago (2009) também chamam atenção para o fato do *Twitter* apresentar diferenças em relação a outros *sites* de redes sociais, pois nele não é necessário que os atores concordem com a conexão e é possível construir uma rede cuja "[...] a conexão, embora não recíproca, pode dar ao ator acesso a determinados valores sociais que não estariam acessíveis de outra forma, tais como determinados tipos de informações" (RECUERO & ZAGO, 2009, p. 83).

O *Twitter* é também *case* de sucesso no país: embora o *site* tenha perdido U\$S 521 milhões e não tenha aumentado o número de interagentes em 2015 no mundo, o Brasil teve o maior crescimento em interagentes no *Twitter* no globo em 2016, com cerca de 18% de novos membros a cada mês em comparação com o último trimestre de 2016 e o mesmo período em 2015, afirma Fiamma Zarife, diretora geral do *Twitter* em entrevista à Folha de São Paulo em fevereiro de 2017. Ainda em relação ao M.C., como citamos, as publicações de *Twitter* (8) através de *print* estiveram fortemente ligadas a Humor (10), focadas em questões de afetividade, sexualidades e Relações Associadas a Gênero (9):

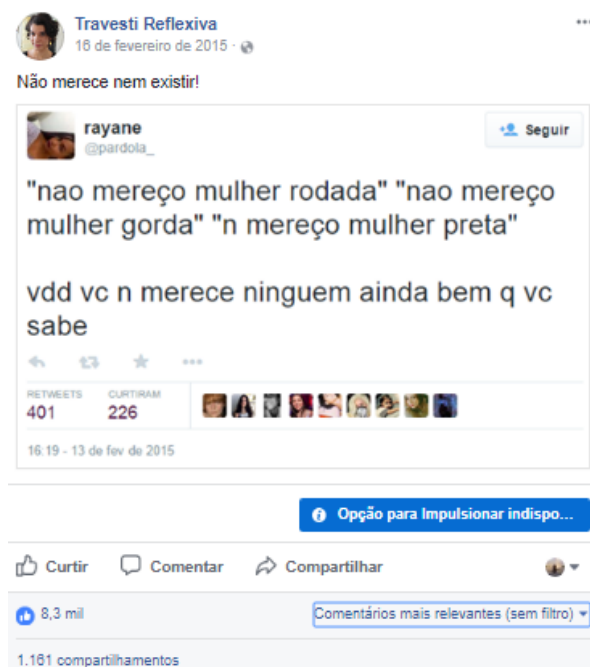
Figura 24 – Postagem 7 de fevereiro de 2015



Figura 25 – Postagem 7 de fevereiro de 2015



Figura 26 – Postagem 16 de fevereiro de 2015



Outros três *tweets* trataram sobre questões de mobilização e política:

Figura 27 – Postagem 12 de fevereiro de 2015



Figura 28 – Postagem 12 de fevereiro de 2015

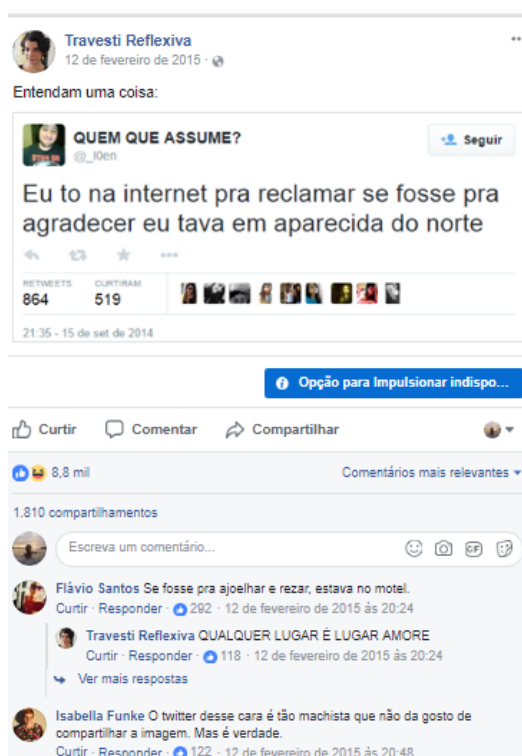


Figura 29 – Postagem 14 de fevereiro de 2015



Aqui chamamos atenção para o quanto a T.R aposta numa linguagem jovem, acessível, com gírias da atualidade – como o *miga* – e como ela trata de questões pontuais de gênero e diversidade de maneira dinâmica, como os novos modelos e configurações de família e outros pontos ligados à figura da mulher, uma constante que a aproxima bastante das pautas do feminismo e transfeminismo. Em Humor (10) há ainda outra postagem ao mesmo estilo do “dia da consciência branca” compartilhado no dia 13, dessa vez a respeito do “dia do homem”, outra ilustração irônica das razões pelas quais homens seriam “oprimidos” – uma provável crítica aos debates sobre feminismo como uma espécie de “luta por privilégios” para mulheres. Vale ressaltar que homem, neste sentido, faz menção principalmente aos indivíduos heterossexuais, brancos e cisgênero, que deteriam a maior parte de privilégios:

Figura 30 – Postagem 14 de fevereiro de 2015



Ainda no M.C., há uma segunda postagem relacionada à Raça (2), ilustrando um caso de racismo no portal *Tribuna de Minas* e um bloco de carnaval. Há também mais duas publicações relacionadas a Pessoas Trans (2) e Travestis (2), a primeira, uma entrevista da militante travesti Janaína Lima ao portal *nlucon.com* e a segunda também uma entrevista, dessa vez da ativista transfeminista Maria Clara Araújo ao *Canal das Bee* no *YouTube* sobre educação e travestis na universidade:

Figura 31 – Postagem 10 de fevereiro de 2015



Figura 32 – Postagem 10 de fevereiro de 2015

**Travesti Reflexiva**  
10 de fevereiro de 2015 · 🌐

Pega o lenço, aperta o play e vem se emocionar junto com a Maria Clara! ❤️



**TRAVESTI NA UNIVERSIDADE - Pergunte Às Bee 67**  
Curta nossa página no Facebook: <http://www.facebook.com/c...>  
YOUTUBE.COM

[Opção para Impulsionar indispo...](#)

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍 1,3 mil    Comentários mais relevantes (sem filtro) ▼

207 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Mirella Pryme** Linda!!!! Aqui na Bahia uma foi contratada por uma lanchonete e o pessoal q trabalhava em volta fizeram um abaixo assinado pra ela não usar o banheiro feminino. Doloroso ver isso mas a atitude do shopping foi louvável, não acataram o abaixo assinado. Parabéns a ela!!!!  
Curtir · Responder · 🌐 58 · 10 de fevereiro de 2015 às 13:06

[Ver mais comentários](#)

Figura 33– Postagem 11 de fevereiro de 2015

**Travesti Reflexiva**  
11 de fevereiro de 2015 · 🌐

- Você concorda que se assumir travesti é assumir uma identidade política brasileira, tendo em vista que o significado não existe em nenhum outro país do mundo? Existe essa preocupação?

"Claro, a travestilidade tem uma identidade política muito forte e decisiva. Se vemos a história da travestilidade no Brasil, vamos perceber que ela é totalmente desassociada da palavra "travesti" do dicionário, da palavra "travesti" do CID-10, da palavra que as pessoas do mundo acham. Então....

[Ver mais](#)



**"Não nasci e nem quero me tornar mulher", diz militante travesti Janaina Lima - NLUCON**  
type your description here.  
NLUCON.COM

[Opção para Impulsionar indispo...](#)



Adiante, investigamos as fontes e origem do conteúdo do M.C. disposto na página neste mês:

**Tabela 8 - Origem do material compartilhado fevereiro de 2015**

<i>PRINT TWEET (8)</i>
<i>PRINT FACEBOOK (2)</i>
<i>LINK (2)</i>
<i>YOUTUBE (1)</i>

Aqui podemos novamente perceber o quanto o material advindo do *Twitter* teve maior veiculação, principalmente ligado ao humor e com forte apelo visual pelo próprio formato. Ressaltamos também que todos os *tweets* foram publicados pela própria página da T.R. e não compartilhado de outras fontes, o que pode demonstrar um nível de seletividade e escolha para o conteúdo que é relevante para a página. Já para o *YouTube*, pelo segundo mês consecutivo o *link* veio do *Canal das Bee*, produção com temática LGBT+, e como em janeiro de 2015, foi também novamente uma entrevista com uma pessoa *transvestigeneres*. Ainda em relação aos demais *links*, os categorizamos também de acordo com seus sites de origem:

**Tabela 9 – Links e sites fevereiro de 2015**

LINK	SITE
“Bloco domésticas de luxo: onde racistas se divertem – Questão de gênero”	revistaforum.com.br
“Não nasci e nem quero me tornar mulher”, diz militante travesti Janaina Lima”	nlucon.com

Se em janeiro de 2015 há um volume maior de *links* com origens diversas, uma seleção mista entre portais de notícias da grande mídia e outros de mídia alternativa, em fevereiro a mídia alternativa volta a marcar presença. No caso da *Revista Forum*, que também apareceu no mês anterior, em seu *site* não há editorial ou carta do editor publicado sobre a posição política do veículo, mas em seus perfis no *Twitter* e *Instagram* esta se define como “um outro mundo em debate” (*FORUM*, 2018, online). Em seu *site* há cerca de 10 editorias diferentes para notícias e reportagens, com grande destaque para política, movimentos, direitos e a seleção de *blogs* e colunistas. Há seções especiais para conteúdo relacionados a mulher e pessoas LGBT+.



Em relação ao outro *site*, *nlucon.com*, ressaltamos que este veículo é exclusivamente voltado para notícias e reportagens sobre pessoas *transvestigeneres*. Criado pelo jornalista Neto Lucon, na seção “sobre” do *site* encontramos que “a página visa servir de ferramenta no combate ao preconceito, ampliar a voz da população trans e também ressaltar histórias que contribuam para a autoestima e sejam referências positivas” (NLUCON, 2018, online). Ainda sobre este *site*, destacamos o interessante título da matéria: “*Não nasci e nem quero me tornar mulher*’, diz militante travesti Janaina Lima”.

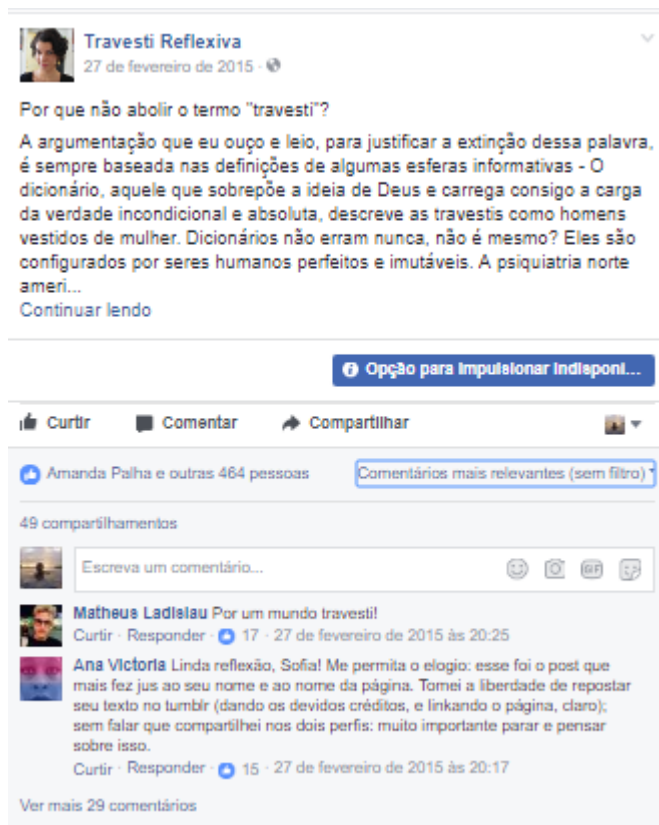
A inclusão da palavra-chave *travesti* aqui é bastante emblemática: Janaína, travesti, não nasceu *nem quer se tornar* mulher. Talvez não a interesse o tornar-se de Beauvoir, e de novo: de que mulher é essa de quem falamos? E o mais importante: por que podemos, quase que por associação, pensar que essa pessoa deveria *querer* torna-se? Da maneira que a frase é construída temos a ideia de duas identidades colocadas emparelhadas, lado a lado; a de mulher, e a de travesti, quando comumente podemos ter a impressão da travesti como um ponto de passagem no gênero, uma margem e não uma identidade completamente formada e consciente de si: tão legítima como outra qualquer.

A identidade travesti é um ponto fundamental que também é destaque nos textos dos M.A. em fevereiro. O primeiro texto do M.A, como já comentamos brevemente ao apresentar as postagens de destaque do mês, trata sobre representações estereotipadas de travestis e transgêneros realizadas no carnaval, principalmente por homens heterossexuais e cisgênero. T.R chama atenção para o quanto essas ações intensificam a transfobia e associam as vivências de pessoas trans a situações de chacotas e desrespeito que acabam reverberando ao longo do ano, principalmente apoiadas no machismo. Também se destacam aqui a questão do preconceito e noções sobre identidade e representação.

O segundo texto do M.A. problematiza a noção do senso comum que tende a apontar que todo homofóbico (a) é um homossexual/lésbica/trans “enrustido (a)”, o que parece ser uma crítica endereçada ao deputado federal Jean Willys em um de seus discursos (um seguidor da página aponta que a “*ASCOM do deputado poderia aprender muito*” com o texto, ao que T.R responde “*foi pra ele mesmo esse texto! Kkk*” (sic). Para a T.R o argumento utilizado é bastante reduutivo e acaba por muitas vezes a reproduzir a mesma homofobia, além de culpabilizar de alguma forma as próprias vítimas e também ser considerada uma forma de alienação.

O terceiro texto do M.A começa com uma interessante indagação: “*Porque não abolir o termo travesti?*”. Nele, T.R segue discutindo as origens do termo e suas contrapartidas em relação às definições médicas, principalmente centradas na Psiquiatria e nas definições do dicionário, além de incluir os ideais sociais dos papéis centrados nos binarismos *homem/mulher*:

Figura 34 – Postagem 27 de fevereiro de 2015



Em geral, fevereiro de 2015 destaca-se por alguns fatores interessantes: embora tenha sido um mês ligeiramente menor, foi um período de maior interatividade e alcance que janeiro, fator que nós podemos atribuir ao grande número de compartilhamentos de *prints* de *tweets* voltados ao humor e afetividade. Destacamos ainda a reincidência de temáticas associadas à política, muitas vezes partidária – que pode demonstrar como a T.R também pauta seu conteúdo em certa convergência com os acontecimentos na sociedade, como o carnaval e o *impeachment* – e Pessoas Trans e Educação, estas últimas ainda um interessante fio condutor narrativo da página, principalmente por tratar de trajetórias e narrativas diversas de indivíduos *tranvestigeneres*.

Outro fator que merece destaque são as apropriações da palavra *Travesti*, principalmente no M.A. Primeiro pelo próprio significado e paradigma em torno da palavra, ao qual T.R aprofunda, explica, questiona – e não à toa também compartilha material sobre – indagando também essa alcunha de subalternidade atribuída à travestilidade em diferentes situações do cotidiano. Segundo, e também por isso, porque temos o início de um vislumbre sobre as construções em torno da própria identidade travesti, ditados pelas vivências próprias de uma pessoa *transvestigeneres*. Seguimos com o questionamento: seria uma escolha política o próprio nome da página? Porque não Transexual Reflexiva?

### 3.3.3 – Março de 2015

Em março de 2015, terceiro mês de nossas análises, contabilizamos 65 publicações na página da T.R. Destas, 47 foram classificadas como M.C. e 18 foram categorizadas como M.A, o que configura este período como o maior em termos de produção de conteúdo em 2015. Agregamos em média os números de curtidas, comentários e compartilhamentos gerados pelas publicações no período citado, conforme ilustramos na tabela abaixo:

**Tabela 10 – Curtidas, comentários e compartilhamentos da página T.R em março de 2015**

<b>CURTIR</b>	<b>210.595</b>
<b>COMENTÁRIOS</b>	<b>5.755</b>
<b>COMPARTILHAMENTOS</b>	<b>27.692</b>

Utilizando regras de percentagem simples, março apresentou um aumento de, em média, 225% sobre o volume de postagens em relação a janeiro e de 300% em relação a fevereiro do mesmo ano. Observamos também um aumento de aproximadamente 310% nos números de curtidas em relação a janeiro, e de 160% em relação a fevereiro, um acréscimo de 270% na quantidade de comentários em janeiro e de 140% comparado a fevereiro, além de incremento de 220% no volume de compartilhamentos em janeiro e de 40% em fevereiro. Acreditamos que parte deste crescimento esteja relacionado principalmente a dois fatores centrais.

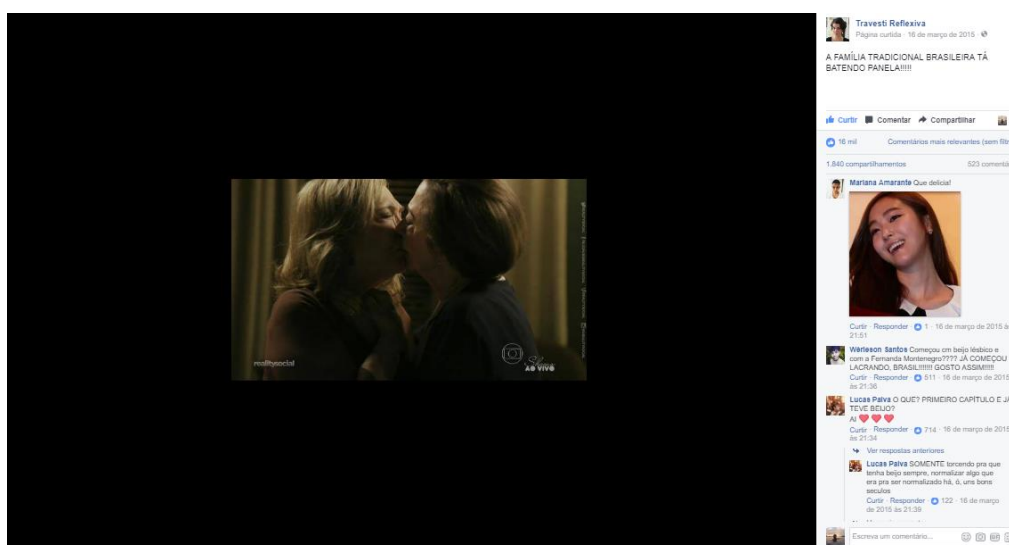
Primeiramente, março é um mês com poucas datas comemorativas nos calendários oficiais: ao contrário de fevereiro, que é fortemente marcado pelo carnaval, além de ser o

menor mês do ano, e de janeiro, um mês que tradicionalmente ainda reverbera a passagem do novo ano, o início e fim de férias de muitas pessoas, e a abertura do calendário formal de grande parte das atividades profissionais e educativas. É provável que esse fator tenha influenciado duplamente o conteúdo não só na disposição da T.R em ter maior tempo hábil para produzir e publicar de maneira mais orgânica, como também do público para interagir com o material disponibilizado.

Segundo, e que fortalece de certa forma nossa proposta de que o conteúdo da página é fortemente pautado nos eventos e discussões momentâneos na mídia e na sociedade, são os próprios temas abordados com maior frequência no mês: humor, telenovela e diversidade, tudo isso potencializado pelo compartilhamento de *prints* de *tweet* e o uso de *memes*. A definição da palavra *meme* é atribuída ao biólogo Richard Dawkins na obra *O Gene Egoísta*. Publicada originalmente em 1976, Dawkins a define como uma unidade de cultura que pode ser passada de pessoa para pessoa, como um replicador ou imitador cultural. Sobre as apropriações em relação à internet, o autor definiu o termo em uma entrevista ao *Wired UK* em 2013 como "qualquer coisa que viraliza" (*WIRED UK, 2013, online*) (tradução própria)<sup>97</sup>.

Em destaque, no M.C a postagem com maior número de curtidas (16.000) e comentários (523) foi uma foto publicada no dia 16 onde as atrizes Fernanda Montenegro e Nathália Timberg trocavam um beijo lésbico na telenovela *Babilônia* da TV Globo, onde protagonizavam como casal:

Figura 35 – Postagem 16 de março de 2015



<sup>97</sup>No original: "It's anything that goes viral" (WIRED UK, 2013).

Já a publicação mais compartilhada foi *o print* de *tweet* que novamente faz referência a outra telenovela, dessa vez ao capítulo final da trama *Império*, também da TV Globo:

Figura 36 – Postagem 13 de março de 2015



Já em relação ao M.A, o destaque de texto mais curtido (3.200) e compartilhado (439) ficou com uma publicação do dia 30, onde a T.R refletiu sobre a marginalização de pessoas trans em espaços públicos, principalmente na delicada questão do uso de banheiros em acordo com as identidades de gênero:

Figura 37 – Postagem 30 de março de 2015



No texto mais comentado (169), publicado no dia 19, T.R questionou a opinião de seus seguidores sobre a utilização do termo homoafetivo e o possível aspecto higienista dessa expressão:

Figura 38 – Postagem 19 de março de 2015



A seguir, analisamos a questão das temáticas gerais do conteúdo publicado em março de 2015 através de palavras-chave, conforme tabela abaixo:

Tabela 11 - Temáticas frequentes março de 2015

MATERIAL COMPARTILHADO	MATERIAL AUTORAL
HUMOR (17)	PESSOAS TRANS (15)
TWITTER (16)	FEMINISMO (6)
RELAÇÕES ASSOCIADAS A GÊNERO (16)	MACHISMO (3)
POLÍTICA (12)	
PESSOAS TRANS (10)	
CULTURA (10)	
RELIGIÃO (6)	
EVENTOS (3)	

Neste mês encontramos no M.C maior incidência dos temas Humor (17), *Twitter* (16), Relações associadas a gênero (16), enquanto no M.A destacaram-se principalmente Pessoas Trans (8), Feminismo (6) e Machismo (3). No caso do M.C, fica mais uma vez clara a influência do *Twitter* no conteúdo publicado na página, o que também afeta diretamente a popularidade das postagens e seu volume de interatividade. Foi também do *Twitter* e de seus *print tweet* que as outras palavras-chave de destaque, como Humor e Política foram principalmente observadas, repetindo a tendência do mês anterior.

Em termos gerais, um dos pontos centrais de discussão em março no M.C. foram as cenas da telenovela *Babilônia* da TV Globo, e a comoção nacional causada pelo casal lésbico central interpretado por duas consagradas e experientes atrizes brasileiras, Nathalia Timberg e Fernanda Montenegro, que suscitou as mais variadas reações principalmente dos setores mais conservadores da sociedade. O humor pautou grande parte dessas postagens abordando também as relações associadas a gênero, com os conceitos de família e diversidade, e de outras representações de casais LGBTQ+ em telenovelas. Vale salientar também a relevância dessa discussão em um produto cultural tão popular e influente no Brasil como é a telenovela.

Peça chave na indústria cultural brasileira, segundo Borelli (2001), a telenovela é oriunda de tradições massivas e populares, com fortes origens ligadas aos romances folhetinescos, as radionovelas e as *soap operas*, caracterizando-se, assim como a televisão, como “fundamentos de uma nova ordem, aparecem como elementos capazes de ocasionar desordens até então inconcebíveis: invadem lares; alteram cotidianos; desenham novas imagens [...]” (BORELLI, 2001, p. 30). Unindo-se esse formato a TV Globo, a maior emissora da América Latina e uma das maiores produtoras de teledramaturgia do planeta, há uma leva sem fim de telenovelas com imenso potencial representativo para as mais diversas identidades e que pautam constantemente as discussões na sociedade.

Essa questão da representatividade em termos de telenovelas segue como tema delicado. Embora implícita e explicitamente esteja a necessidade de apostar em novos e variados modelos de representação de temas e personagens que reflitam o desenvolvimento social e humano, principalmente por conta da influência e da potencialidade tanto do formato quanto da emissora, a maior parte dos enredos e personagens das telenovelas globais foi e continua sendo construída através de modelos e padrões conservadores e hegemônicos de raça, classe e gênero. Exceções acontecem através de algumas importantes produções como o

da própria novela *Babilônia*, escrita por Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga.

Em *Babilônia*, que recebeu fortes críticas e quedas bruscas de audiência, a telenovela global das nove, talvez o produto mais importante da emissora, foi de um tradicional esquema de casal destaque hegemônico – homem/mulher brancos, heterossexuais, financeiramente abastado, matrimônio monogâmico e extensa prole de herdeiros – para um casal, que embora ainda rico, era triplamente contrahegemônico: primeiro por serem lésbicas, segundo por serem idosas, terceiro por terem juntas criado uma criança, na trama, o neto de Nathalia Timberg, que inclusive sofria ataques homofóbicos pelo fato.

Um dos pontos altos do enredo que ganhou bastante projeção foi o famoso e polêmico beijo lésbico, exibido direto no primeiro capítulo, o que levou também as posteriores discussões sobre o conceito de família. Naturalmente, os *sites* de redes de relacionamento social, principalmente o *Twitter*, foram um dos cenários mais movimentados de discussão dessa narrativa. Vale ressaltar que em um levantamento realizado pelo próprio *Twitter* em 2015 sobre o comportamento dos interagentes brasileiros, cerca de 98% afirmaram assistir televisão e 1 em 5 declararam dividir suas opiniões sobre um programa de TV no *site* enquanto o assistiam. *Tweets* que analisamos e se destacaram nessa temática foram, por exemplo:

Figura 39 – Postagem 19 de março de 2015





Figura 40 – Postagem 21 de março de 2015



Figura 41 – Postagem 29 de março de 2015

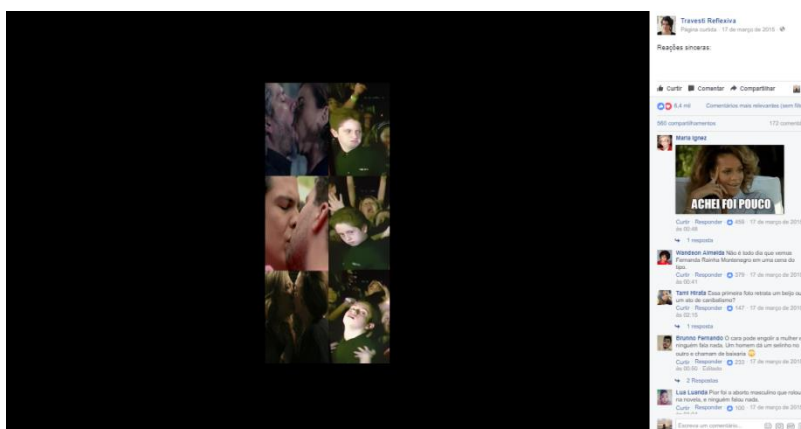


Figura 42 – Postagem 31 de março de 2015



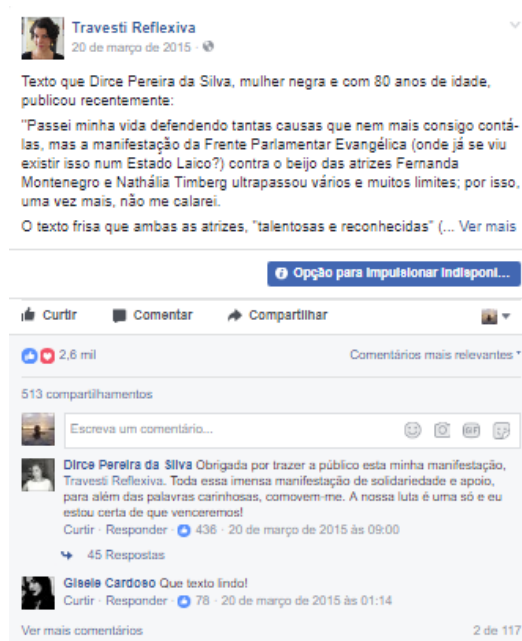
Como observado acima, todos foram claramente ligados ao humor e a relações associadas a gênero, como os diferentes conceitos de família e diversidade, principalmente o de tradicional família brasileira - expressão que acabou se tornando um *meme* sobre os ideais hegemônicos de estrutura e sexualidade que tendem a girar em torno da noção de família. O próprio beijo lésbico, em si, também gerou outros *memes*, como este que recapitula beijos entre personagens centrais em telenovelas das nove exibidos anteriormente pela TV Globo:

Figura 43 – Postagem 17 de março de 2015



Ainda ligados à temática telenovela, também observamos um texto compartilhado, este último de autoria de uma ativista negra e idosa, Dirce Pereira da Silva, que criticava a homofobia e preconceito em relação à idade nas reações em relação ao casal lésbico em *Babilônia*:

Figura 44 – Postagem 20 de março de 2015



Assim como também aconteceu em fevereiro, política partidária também foi outro eixo central no M.C., principalmente em relação à Presidente Dilma Roussef e a série de protestos e debates que giraram em torno do *impeachment*. A temática diversificou-se desde o compartilhamento de uma publicação do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e de um vídeo da deputada federal Erika Kokay em discurso em Brasília, como também em *print* de *tweets* e *memes*:

Figura 45– Postagem 11 de março de 2015



Figura 46 – Postagem 12 de março de 2015



Figura 47 – Postagem 12 de março de 2015



Figura 48 – Postagem 22 de março de 2015



Um dos pontos altos dessa temática foi também o encontro entre a *Travesti Reflexiva*, Sofia Fávero, e a deputada Luciana Genro, cujo nome foi citado outras três vezes em março:

Figura 49 – Postagem 14 de março de 2015



Luciana Genro também aparece nas publicações do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Dada à temática da página, as postagens deste dia podem apontar importantes significados simbólicos:

Figura 50 – Postagem 8 de março de 2015

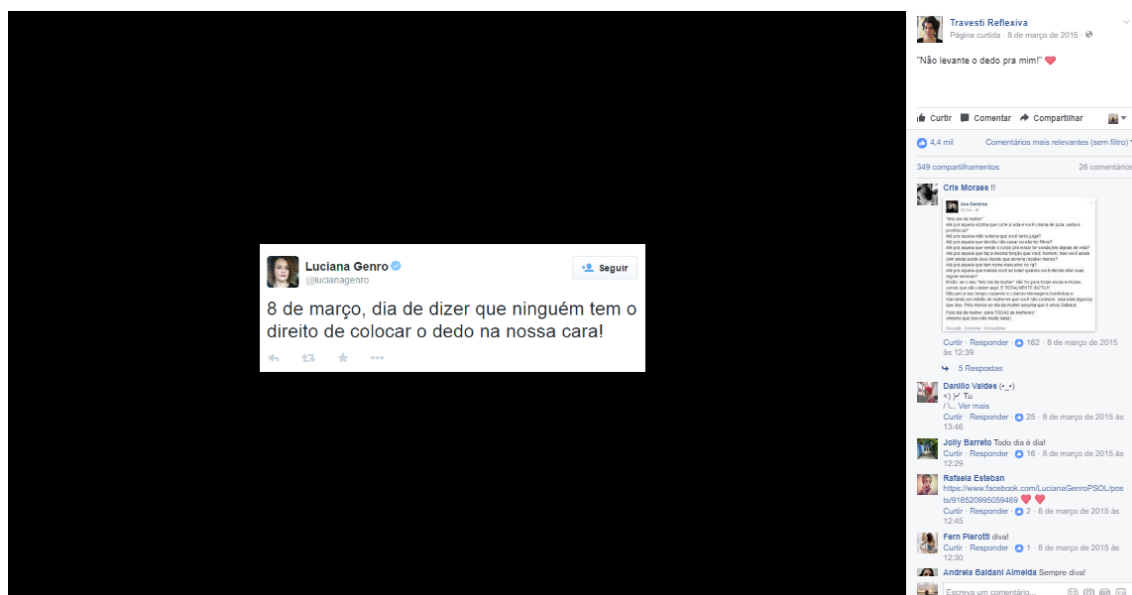




Figura 51 – Postagem 8 de março de 2015



Figura 52 – Postagem 8 de março de 2015



Com o *tweet* de Luciana Genro vemos argumentos contra a violência, seja ela verbal ou física, assim como também no da cantora Pitty, que inclusive embasa-se na questão do feminicídio e a situação de travestis e pessoas trans em relação a essa legislação. Na segunda publicação, com a imagem do “nem toda mulher”, observamos a discussão de novos paradigmas para além de uma categoria única de mulher – que inclui as mais diversas características, inclusive para identidades trans e não binárias. Fazemos aqui um curto adendo

sobre Pitty e seus *tweets*, que ainda apareceram outras duas vezes no M.C. do mês relacionados ao contexto das relações associadas a gênero. Vale ressaltar que ambas as publicações receberam bastante atenção e foram destaque em termos de popularidade entre os seguidores da página:

Figura 53– Postagem 16 de março de 2015



Figura 54 – Postagem 19 de março de 2015



Ainda relacionada a essa mesma temática da discussão de gênero, outras duas publicações voltam a fazer menção a pessoas trans, abordando questões relacionadas à transfobia:

Figura 55 – Postagem 23 de março de 2015



Figura 56 – Postagem 31 de março de 2015

**DIA INTERNACIONAL DA VISIBILIDADE TRANSGÊNERA**  
A REALIDADE NO BRASIL

De acordo com a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), estima-se que 90% dessa população esteja prostituindo-se atualmente no território brasileiro.

A UFRJ tem, em média, 50 mil discentes. Existe, aproximadamente, apenas 6 pessoas trans matriculadas nela.

**NÃO CHEGA A SER 1%**

**30** 30 anos representa a expectativa de vida das travestis e transexuais brasileiras.

**40 ANOS ROUBADOS**

**70** 70 anos representa a expectativa de vida do resto dos cidadãos brasileiros.

Apenas em 2014, 134 travestis e transexuais foram brutalmente assassinadas.

**39 É O NÚMERO QUE AFASTA UMA REALIDADE DA OUTRA**

Também em 2014, somente 95 pessoas trans inscreveram-se para o ENEM.

O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais. O México, segundo lugar no ranking mundial de países que mais contabilizam assassinatos, ainda assim, consegue matar quatro vezes menos que o primeiro colocado.

Travesti Reflexiva  
Página curtida · 31 de março de 2015 · 🌐

Hoje, 31/03.

Para lembrar que matamos 134 sonhos por ano.

👍 Curtir   🗨️ Comentar   ➦ Compartilhar

1,6 mil   Comentários mais relevantes (sem filtro)

645 compartilhamentos   27 comentários

Ana Victoria Até onde eu tenho notícia, eu sou a única pessoa trans matriculada na ETEC de Artes em São Paulo - baseada na solicitação de uso de nome social. Curso Regência, primeiro módulo.  
Curtir · Responder · 64 · 31 de março de 2015 às 17:40

8 Respostas

Gislara Jastrow Pagung tenho dó de todas as moças que vivem isso, ser morta só por ser vc é muito triste  
Curtir · Responder · 45 · 31 de março de 2015 às 13:49

Duda Gomes Sou trans e me dó ler isso...  
Curtir · Responder · 42 · 31 de março de 2015 às 13:44

4 Respostas

Juliana de Souza Eu acredito ser a primeira transexual universitária do Estado de Santa Catarina, ou do Sul do Brasil, seja se souber de mais alguém me contem  
Curtir · Responder · 1 · 20 de maio de 2015 às 18:18

1 resposta

Escreva um comentário...

Enquanto na primeira publicação temos conteúdo relacionado a raça, na segunda publicação há a divulgação de dados sobre a experiência trans no Brasil (que pode reafirmar, mais uma vez, o comprometimento da página em discutir questões relacionadas ao assunto).



O recorte entre raça e gênero, que também foi observado no mês anterior, é uma interessante maneira de tratar sobre interseccionalidade e gênero, um caminho pelo qual opressões e preconceitos podem acontecer de maneira bastante diferente para cada indivíduo. Raça ainda volta a ser abordado mais uma vez de maneira humorística, como em fevereiro, ao explorar-se a questão do “racismo inverso”:

Figura 57 – Postagem 28 de março de 2015



Outro assunto tratado com bastante humor nessa temática de “preconceitos inversos” foi o da heterofobia, a hipotética ideia que tenta posicionar a heterossexualidade fora de seu contexto hegemônico para um possível cenário de subalternidade – embora ela esteja muito mais para uma típica reação conservadora à manutenção de privilégios e aos poucos avanços que causas LGBT+ têm realizado na luta por cidadania. T.R. trata do assunto de forma sarcástica:

Figura 58 – Postagem 26 de março de 2015



Figura 59 – Postagem 26 de março de 2015



Agora explorando o conteúdo relacionado a Pessoas Trans, oferecemos destaque para uma série de publicações importantes, todas elas diretamente protagonizadas por *transvestigeneres*. No dia 4 de março temos o compartilhamento de um texto de Ariel Nolasco, ativista e pessoa trans, sobre os dados de homicídio trans e crimes de ódio no Brasil:

Figura 60 – Postagem 4 de março de 2015



Já no dia 25, há o compartilhamento de uma entrevista da ativista e *transvestigeneres* Indianare Siqueira sobre prostituição e ética para o *Canal das Bee* no *YouTube*, enquanto no mesmo dia encontramos também uma publicação de outra ativista trans reconhecida nacionalmente, Daniela Andrade, sobre o dia do orgulho LGBTQ+ e o protagonismo gay nessa data:

Figura 61 – Postagem 25 de março de 2015

**Travesti Reflexiva** compartilhou a foto de **Canal das Bee**.  
25 de março de 2015 · 🌐

Amores, assistam! É bafon, podem confiar!



**Canal das Bee**  
24 de março de 2015 · 🌐

O vídeo de hoje vai dar um nó na cabeça dos advogados!  
Entrevista maravilhosa com Indianara Siqueira ❤️

<https://youtu.be/BFYPID6yW4I>

**Opção para Impulsionar Indisponível**

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

469    Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

Escreva um comentário...

**Alice Pillo** que mulher magnífica ❤️  
Curtir · Responder · 14 · 25 de março de 2015 às 17:28

**Sigris Martins** Ela tava no seminário da UFRJ né? ESSA MULHER É MARAVILHOSA  
Curtir · Responder · 6 · 25 de março de 2015 às 17:15

1 resposta

Ver mais comentários    2 de 51

Figura 62 – Postagem 25 de março de 2015

**Travesti Reflexiva** compartilhou a publicação de **Daniela Andrade**.  
25 de março de 2015 · 🌐

**Daniela Andrade**  
25 de março de 2015 · 🌐

Hoje é o dia do Orgulho LGBT.

Mas conhecendo o movimento IGSGGGGbt como a gente conhece, evidentemente que vão dizer que é orgulho gay, para desconsiderar todas...

Ver mais

**Opção para Impulsionar Indisponível**

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

277    Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

Escreva um comentário...

**Aloma Twal Brancher** Nem todos os gays são assim, eu considero todos (gay,lés, bi,trans,travesti,pan) e qualquer outra bandeira,mais um irmão na luta por direitos. Quanto mais gente na luta melhor!!!  
Curtir · Responder · 2 · 26 de março de 2015 às 08:30

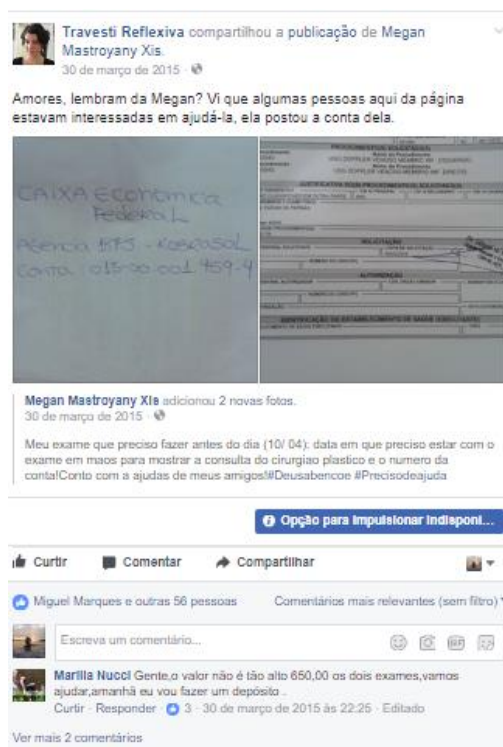
**Dado Campos** Daniela Andrade sempre lacrando.  
Curtir · Responder · 1 · 25 de março de 2015 às 16:08

Ver mais 2 comentários

Outra postagem de importante destaque foi no dia 30 de março, relacionada a Megan Mastroyany Xis, pessoas *transvestigeneres*. Anteriormente, no dia 25, Megan postou um vídeo em seu perfil pessoal no *Facebook* pedindo ajuda financeira para custear assistência médica devido a complicações relacionadas à aplicação de silicone industrial, uma prática comum e extremamente perigosa para travestis e pessoas trans. Como forma de adequar seus corpos às suas identidades de gênero, travestis e mulheres trans aplicam de forma clandestina esse material em si mesmas.

Relativamente de baixo custo, o silicone industrial é bastante danoso para a saúde e pode provocar severas complicações levando muito frequentemente à morte: uma realidade cada vez mais palpável nas ruas, principalmente relacionado a pessoas trans e travestis em situação de prostituição. Sobre o vídeo do dia 25, T.R. escreveu um longo texto sobre o uso do silicone e o impacto dele na saúde. Passados cinco dias, e muito provavelmente como fator de repercussão e desdobramento desse material, no dia 30 de março T.R compartilha novamente uma publicação de Megan, desta vez com dados bancários onde doações puderam ser enviadas:

Figura 63 – Postagem 30 de março de 2015



Na imagem, observamos o comentário da T.R. acima da imagem compartilhada, que diz “Amores, lembram da Megan? Vi que algumas pessoas aqui da página estavam



*interessadas em ajudá-la, ela postou a foto dela”* (sic). Nos comentários dessa mesma publicação, encontramos respostas como a de Marillia Nucci, “*Gente, o valor não é tão alto R\$650 os dois exames, vamos ajudar, amanhã eu vou fazer um depósito*” (sic). Tais reações chamam nossa atenção em relação ao tema ativismo e como a página pode potencializar questões e ações nesse âmbito através de suas publicações, tanto fora como dentro do *Facebook* ligadas a questões de gênero, uma importante prerrogativa sobre a qual procuraremos incidências.

Em março de 2015 observamos também a divulgação de uma série de eventos associados a gênero e outras pautas do movimento LGBTQ+, que pode continuar reascendendo a questão do ativismo na página: encontramos a disseminação de desde encontros culturais, a eventos beneficentes e até mesmo ocasiões onde a própria T.R. era convidada especial como oradora (T.R., numa publicação do dia 11 de março: *Manas! Vamos?* (sic)):

Figura 64 – Postagem 4 de março de 2015



Figura 65 – Postagem 11 de março de 2015

Travesti Reflexiva compartilhou a foto de Juntos LGBT.  
11 de março de 2015 · 🌐

Manas! Vamos?  
Ver Tradução



**LGBTFOBIA: NÃO SOU OBRIGADA!**  
COM **SOFIA FAVERO**  
Criadora da página **TRAVESTI REFLEXIVA**  
Página que já soma mais de 130 mil curtidas no Facebook. Sofia é uma ativista engajada na luta contra a transfobia e o machismo.  
E **ALESSANDRA BÖHM**  
Procuradora e Mestre em Educação, Resumos de Gênero e Sexualidade. Ativista LGBTQ+ e LGBTQ+. Professora de Arte e Música.  
**III Acampado Juntos Sul - 13 a 15 de Março**

Juntos LGBT  
27 de fevereiro de 2015 · 🌐

LGBTFOBIA: NÃO SOU OBRIGADA!  
Sofia Favero, criadora da página Travesti Reflexiva, tá confirmada na atividade do Juntos LGBT na III Acampada Juntos! Sul. E você?...

Ver mais

Opção para Impulsionar Indisponível...

👍 Curtir   🗨️ Comentar   ➦ Compartilhar

👤 Iago Novais e outras 265 pessoas   Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

Escreva um comentário...

**Deborah Almeida** UM SONHO. Vem pra SP Sophia!  
Curtir · Responder · 4 · 11 de março de 2015 às 14:05

Ver mais 12 comentários

Figura 66 – Postagem 13 de março de 2015

Travesti Reflexiva compartilhou a foto de Mola.  
13 de março de 2015 · 🌐



**MIGA**  
Festa beneficente para arrecadação de fundos de abertura da ONG **NINHO - Centro de Acolhida LGBT**

**setlist**  
**MOLA**  
(CANAL DAS BEE)  
**DIEGA DE NEVE**  
**PAULA CONRADO**  
**BRUNO FINOTTI**  
(AI CARAMBA) (MISTURA)  
**CATARINA FISCHER**  
(KIKI)  
**10/04**  
**DYNAMITE PUB**  
Rua 13 de Maio, nº363 - Bela Vista  
(próximo ao metrô Brigadeiro)

Mola  
13 de março de 2015 · 🌐

👍 Curtir Página

TODO MUNDO É MIGA, mas algumas migas não tão numa situação legal. O preconceito com a população LGBT faz com que jovens sejam expulsos de casa e

Outra iniciativa inédita no mês foi a publicação de mensagens e reações que T.R recebeu no *Facebook*, seja na própria página ou em comentários em outras postagens compartilhadas nas quais ela se insere. Tal ação pode fortalecer a noção de comunidade na página, um ambiente de suporte onde esse conteúdo possa ser compartilhado em uma certa linha de pensamento (quase sempre de maneira humorística, e de combate ao preconceito), como também demonstra os tipos de reações conservadoras as quais um conteúdo tão contra hegemônico como o de uma página chamada *Travesti Reflexiva* pode estar exposto. Postagens de destaque nesse quesito aconteceram no dia 16, ambas relacionadas ao reacionismo religioso:

Figura 67 – Postagem 16 de março de 2015





Figura 68 – Postagem 16 de março de 2015



Na primeira postagem, um *print* de mensagem recebida no mural público da página, T.R trata de maneira humorística à clássica mensagem associada à conversão religiosa “*Jesus te ama*” ao responder “*avisa a ele que eu já tenho namorado*” (sic). A legenda da imagem, por sua vez, é “*esse povo não cansa de tentar me converter*” (sic), e há ainda uma série de comentários espirituosos feitos por ela mesma na mesma publicação como “*gato, não vai rolar meu peito custou caro*” (sic) e “*vou deixar pra minha amiga aqui do lado*” (sic).

No mesmo contexto, uma seguidora da página colabora ao comentar “*ele diz isso para todas huahua*” (sic). Já a segunda postagem é novamente um *print*, desta vez de um comentário compartilhado sobre a foto de T.R com Luciana Genro. Ao que um rapaz chamado Alexandre Soares posta “*Luciana Genro vc estimula a desunião da família e da palavra de Deus*” (sic), TR comenta em cima da imagem “*Luciana tirou foto com o Satanás, foi?*” (sic).

Este episódio é um exemplo da densa relação entre pessoas LGBTQ+ e algumas religiões. Enquanto é natural para pessoas LGBTQ+ como seres humanos buscarem formas de desenvolver algum tipo de espiritualidade, uma parte significativa de sistemas religiosos, principalmente de tradições ascéticas, monásticas e paternalistas, tendem a tratar questões de orientação sexual e identidade de gênero não só como um perigoso pecado, como também uma poderosa afronta. As justificativas na maior parte dos casos recaem sobre escrituras sagradas que não coincidentemente oferecem contraditórias brechas interpretativas que tendem a reforçar papéis bastante específicos de homem e mulher.

Esses papéis, que por muitas vezes incitam a exclusão e até mesmo a violência para as identidades destoantes, tendem a ser principalmente baseados no determinismo biológico, na reprodução, e de um ideal bastante específico de família - ou como inspirados em Foucault (1997) e Butler (2003), podemos investigar como essas relações de poder e dominação servem como instrumento de opressão, reafirmando a questão do desejo heterossexual como o divinamente legítimo e mantenedor da ordem, ao mesmo tempo em que também fortalece a ideia de família baseada na economia reprodutiva dos corpos. Essa discussão também gira, é claro, em torno da proteção de privilégios de uma parcela do hegemônico na sociedade e seus recortes de raça, classe e gênero, especialmente quando também se identificam correntes religiosas consideradas como contra hegemônicas e associadas a minorias.

Em um país como o Brasil que constitucionalmente é laico, mas tem imensa influência católica cristã desde o início de seu descobrimento com a catequese dos índios, e também experimenta nos últimos anos um forte avanço das religiões evangélicas protestantes e pentecostais, a situação é de constante luta e reivindicação para mulheres e pessoas LGBTQ+. E embora o conservadorismo religioso seja um dos maiores entraves quanto à luta por direitos LGBTQ+ no país, como no polêmico caso da cura gay<sup>98</sup> em pleno 2017, há de se ressaltar, no entanto, avanços observados nos últimos anos, como criações de igrejas LGBTQ+<sup>99</sup> com

---

<sup>98</sup>Uma liminar deferida pelo juiz federal Waldemar Cláudio de Carvalho no Distrito Federal em setembro de 2017 permitiu aos psicólogos oferecerem tratamento contra homossexualidade, que desde 1990 não é mais considerada doença pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O próprio Conselho Federal de Psicologia (CFP) se posicionou contra o caso. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/18/para-juristas-decisao-que-permite-tratar-homossexualidade-e-absurda-e-marca-retrocesso/> (Acesso em 01/02/2018).

<sup>99</sup>A Igreja Contemporânea, em Madureira (RJ) é considerada uma das primeiras igrejas do Brasil voltada para a comunidade LGBTQ+. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/igreja-acolhe-gays-que-passaram-por-curas-frustradas-e-exorcismos>. (Acesso em 01/02/2018).

pastoras trans<sup>100</sup>, e até ações recentes do Papa Francisco<sup>101</sup>. Adiante, investigamos também as fontes e origem do conteúdo do M.C. disposto na página neste mês:

**Tabela 12 - Origem do material compartilhado março de 2015**

IMAGENS (18)
PRINT TWEET (16)
TEXTO (6)
PRINT FACEBOOK (3)
LINK (2)
VÍDEO (2)

Imagens receberam maior destaque principalmente relacionadas a *memes* e humor, com publicações frequentemente associadas a telenovela *Babilônia* e arquivos que exploraram temas de forma irônica, como heterofobia e racismo contra brancos, como também outros mais educativos, sobre o Dia Internacional da Mulher. Repetindo também a tendência observada em meses anteriores, o material advindo do *Twitter* continua recebendo grande destaque, principalmente ligado ao humor e com forte apelo visual pelo próprio formato. Notórios também foram os compartilhamentos de textos, a maioria relatos escritos em primeira pessoa sobre questões LGBT+, com destaque também para a participação de travestis e pessoas trans.

*Print Facebook* esteve relacionado a *memes*, humor e política, como o *meme* com Bela Gil e a reação de um seguidor de Luciana Genro à foto por ela postada com T.R em seu perfil. Em vídeo, para além do compartilhamento de uma fala da deputada federal Erika Kokay, observamos uma nova publicação advinda do *Canal das Bee*, uma entrevista com a ativista trans Indianare Siqueira. Torna-se cada vez mais interessante a relevância do *Canal das Bee* para o conteúdo da T.R, já que produções dessa plataforma apareceram também em janeiro e fevereiro de 2015. Em relação aos demais *links*, continuamos a categorizá-los também de acordo com seus *sites* de origem:

<sup>100</sup>Alexya Salvador é mulher transgênero e pastora da Igreja da Comunidade Metropolitana em São Paulo. Disponível em: <https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/03/31/sou-mulher-trans-pastora-e-mae-de-duas-criancas.htm> (Acesso em 01/02/2018).

<sup>101</sup>Papa Francisco recebeu em 2015 Diego Neria Lejárragam, um cidadão espanhol transexual e sua namorada, no Vaticano. Disponível em: <http://observador.pt/2015/01/28/papa-recebe-transsexual-no-vaticano-deus-aceita-te-como-es/> (Acesso em 01/02/2018).

Tabela 13 – *Links e sites* março de 2015

LINK	SITE
“Em debate sobre feminismo, homens trans denunciam sofrer violência sexual”.	nlucon.com
“Conheça 30 fatos sobre HIV e AIDS que o Fantástico não mostrou”	ladobi.com

Como no mês anterior, encontramos novamente um volume baixo de *links* relacionados a notícias e/ou material informativo especial, cuja maior veiculação na T.R. continua sendo em janeiro. Em março observamos a reincidência do *site nlucon.com*, que como afirmado, dedica-se exclusivamente a produzir conteúdo relacionado a pessoas *transvestigeneres*. Na matéria citada há enfoque maior sobre as vivências de homens trans, personagens que frequentemente encontram dificuldades na construção de sua visibilidade, por muitas vezes até mais que travestis e mulheres trans:

Figura 69 – Postagem 4 de março de 2015



Lembramos, inclusive, que um dos maiores problemas em relação à coleta de dados sobre violência de gênero no país é que homens trans em seus atestados de óbitos são frequentemente registrados como mulheres lésbicas - em um ato de violência contínuo de esvaziamento em relação às identidades de gênero, como cita Bento (2003). Constantes também são os relatos de violência e preconceito em consultórios médicos ginecológicos, principalmente no *Sistema Único de Saúde* (SUS), trajetória que muitos homens trans percorrem desde para cuidados rotineiros com a saúde ou para recorrer a procedimentos mais complexos, como a retirada de parte ou total das mamas, a mastectomia, e/ou a retirada de parte ou total do útero, a histerectomia.

Figura 70 – Postagem 27 de março de 2015

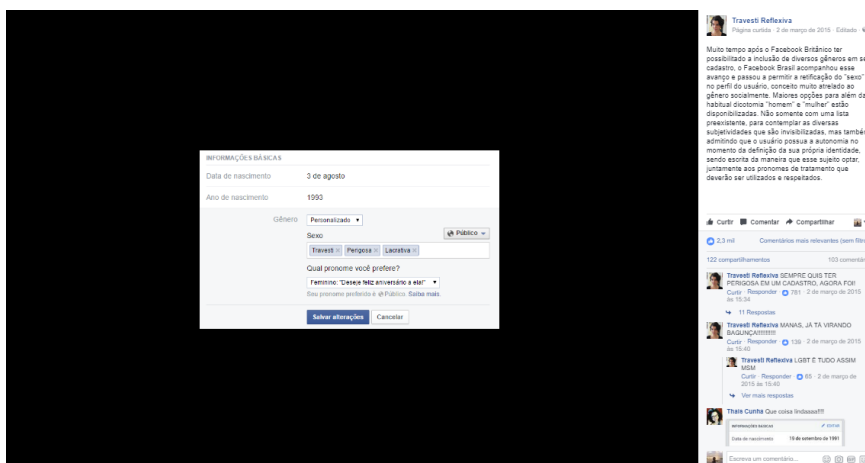


O segundo *link*, que é também de um *site* de temática LGBT+, traz um especial sobre HIV e AIDS como uma espécie de *feedback* crítico a uma reportagem veiculada no programa *Fantástico*, da TV Globo, sobre o tema. É interessante perceber o quanto material veiculado na maior emissora do país continua a ter enorme influência na pauta das discussões; o que a T.R fez em março foi justamente ampliar o debate em relação às questões relacionadas a gênero abordadas no período, tanto na telenovela, como em outros informativos.

No caso da AIDS e o HIV o que se ressalta no *link* acima é que embora pessoas LGBT+ ainda sofram com o estigma e preconceito relacionados ao vírus e a doença, grupos de risco entre mulheres e heterossexuais crescem de maneira alarmante: segundo um boletim da OMS<sup>102</sup> publicado em 2012, as mulheres representam mais da metade das pessoas infectadas pelo vírus HIV no mundo inteiro; 86,8% dos casos registrados em 2012 decorreram de relações heterossexuais com pessoas infectadas pelo HIV. No caso da experiência trans, há ainda uma especial atenção por conta dos altos números de pessoas em situação de vulnerabilidade e prostituição nas ruas, que nem sempre são inseridas em políticas públicas de prevenção, educação ou tratamento de saúde sexual.

Em reação ao M.A compartilhado no período, em março temos o maior volume de textos do primeiro trimestre de 2015. A maior parte do material abordou questões ligadas a pessoas trans, relacionando-se também a outras temáticas centrais, como feminismo e machismo. Já nos primeiros dias do mês observamos importantes colaborações: o primeiro texto, no dia 2, T.R comenta de maneira sucinta as mudanças cadastrais nos perfis do *Facebook*, que passou a incorporar outras identidades além do binarismo homem/mulher, bem como de pronomes de tratamento adequados a essas novas identidades:

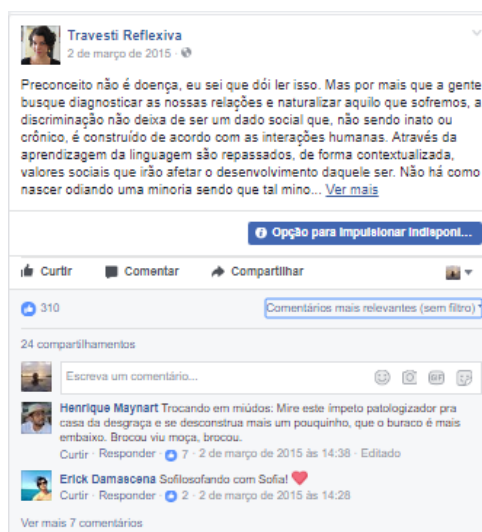
Figura 71 – Postagem 2 de março de 2015



No mesmo dia, T.R também problematiza a expressão “preconceito é doença”, ao apontar as origens do preconceito como um produto da construção das interações humanas, ligado ao aprendizado e a linguagem. Ressaltamos o nível de discussão – que utiliza argumentos além senso comum – e a maneira mais sensível com a qual ela aborda o fato.

<sup>102</sup>Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/aids-entenda-por-que-as-mulheres-estao-mais-expostas-a-doenca/> (Acesso em 10/02/2018).

Figura 72 – Postagem 2 de março de 2015



Já no dia 3, T.R volta a tratar das novas ferramentas de identificação no *Facebook*, que ela considera como um passo rumo à inteligibilidade de outras identidades para além dos modelos homem/mulher:

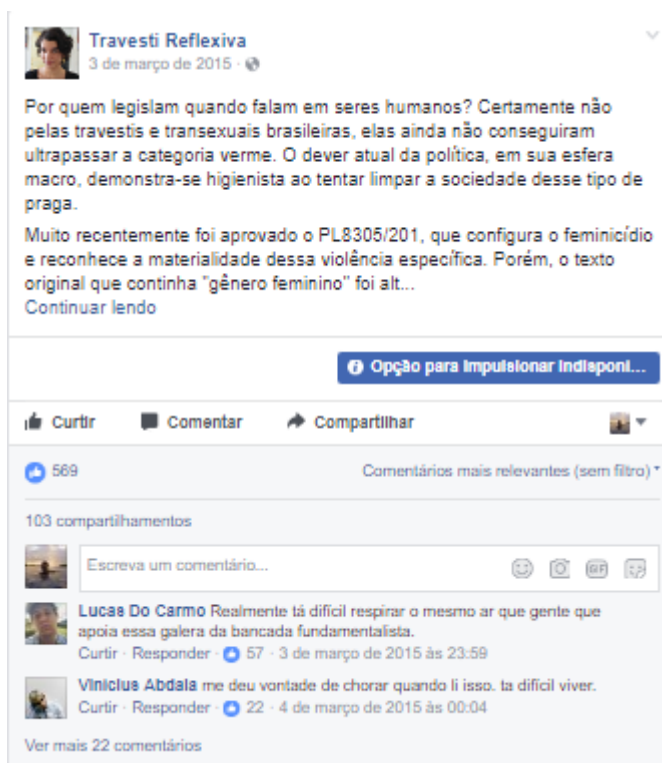
Figura 73 – Postagem 3 de março de 2015



No mesmo dia, há outro texto sobre a PL 8305/201 que trata sobre o feminicídio. A autora problematiza como articulações linguísticas, e principalmente, estratégias políticas e conservadoras alteraram o texto da proposta para dificultar a extensão da lei também para travestis e mulheres trans:



Figura 74 – Postagem 3 de março de 2015



É interessante perceber a profundidade desta discussão, visto que autores como Bento (2006), por exemplo, consideram haver um transfeminicídio recorrente na sociedade brasileira, principalmente pelo aumento crescente nos dados de violência e exclusão em relação à população trans. Esse debate também desperta outra importante questão – o quanto políticas voltadas para a população LGBTQ+ no Brasil tendem a ser rarefeitas e precárias, uma política feita a conta-gotas, para utilizar outra expressão também utilizada por Bento (2006). No dia 4, T.R resolve compartilhar dicas de bibliografia sobre questões de gênero, um tipo de conteúdo ainda não observado nos meses anteriores. Ela também repetiu o fato no dia 19 do mesmo mês:



Figura 75 – Postagem 4 de março de 2015

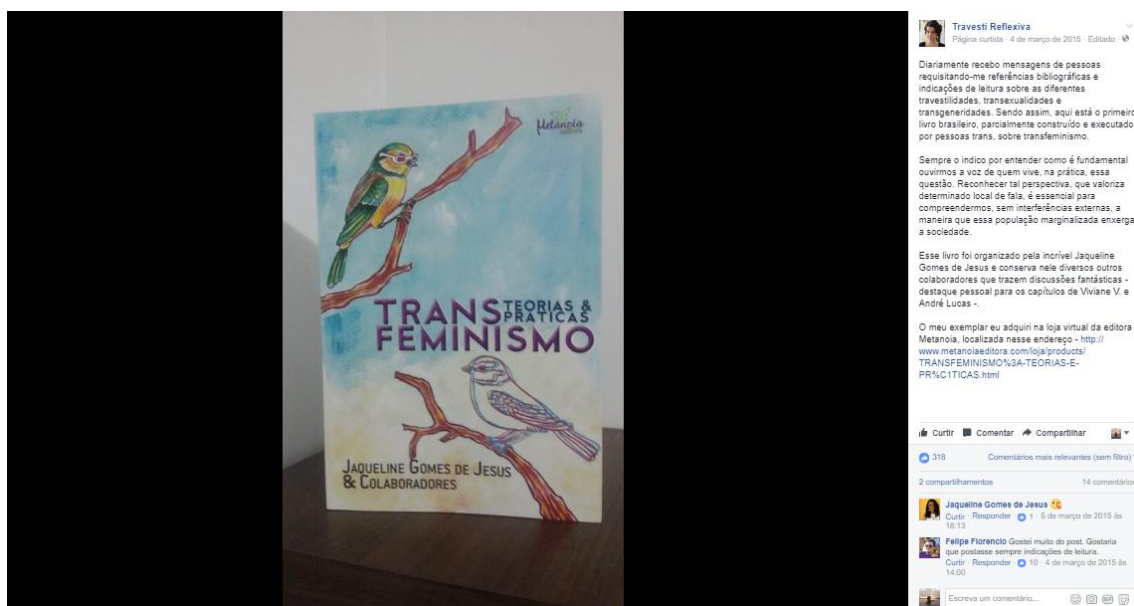


Figura 76 – Postagem 19 de março de 2015



Na primeira postagem, do dia 4, T.R diz iniciar as dicas de leitura por conta de pedidos do próprio público da página. O primeiro livro indicado foi *Transfeminismo, Teorias e Práticas*, organizado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jaqueline Gomes de Jesus, também mulher trans e ativista, e autora de diversas obras que inclusive usamos como referência nessa dissertação. As outras quatro obras indicadas da publicação seguinte foram presente de uma editora, a *NVersos*, e todos os títulos também tratam sobre questões de gênero e psicologia, esta última área de formação acadêmica da T.R.

É pertinente perceber o quanto esse tipo de dinâmica em relação a textos acadêmicos pode influenciar a produção do M.A: tanto para embasamento da temática proposta pela emissora, quanto como pontes de diálogo com o público da página. A seguir, ainda no dia 4 de março, T.R investiga a frase “espero que você tenha um filho gay”, procurando enxergar novas alternativas para fora do que ela considera como “um viés corretivo”:

Figura 77 – Postagem 4 de março de 2015



Já no dia 10 de março, há uma série de quatro textos sobre algumas ideias de senso comum relacionadas a questões de gênero, todos postados acompanhados de ilustrações no que pareceu ser uma série temática especial:

Figura 78 – Postagem 10 de março de 2015



Figura 79 – Postagem 10 de março de 2015

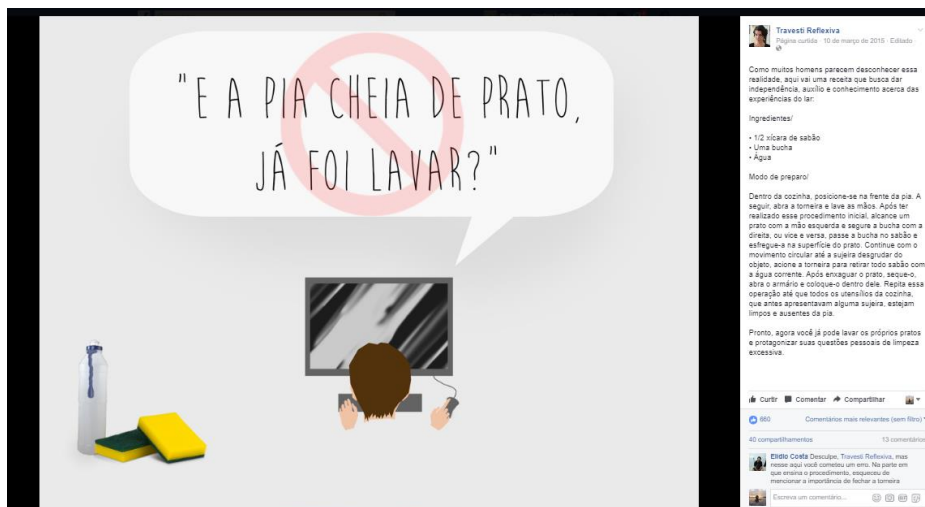


Figura 80 – Postagem 10 de março de 2015

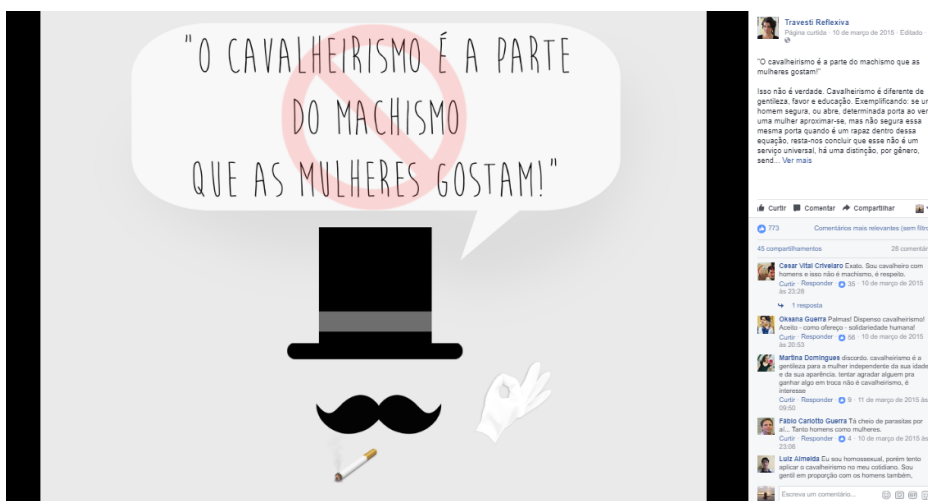
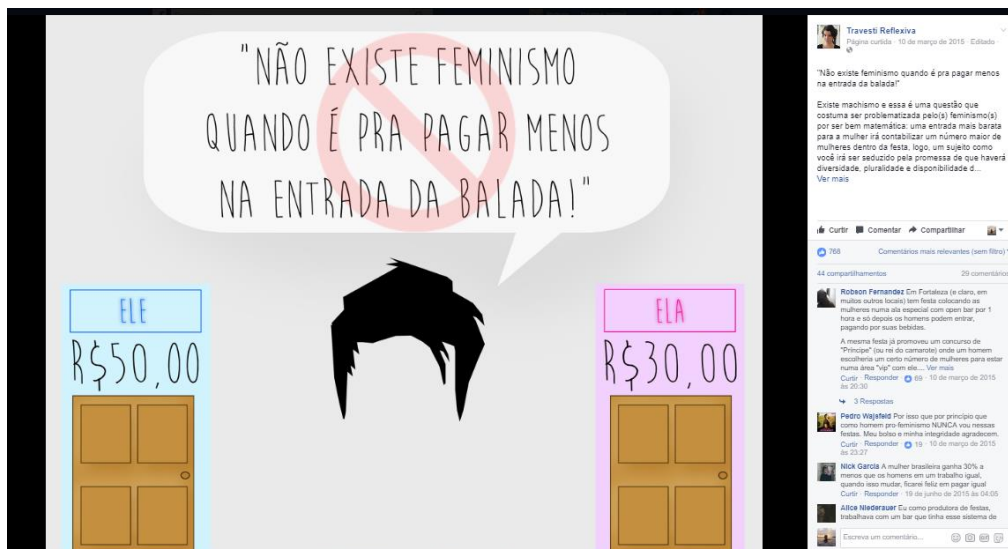


Figura 81 – Postagem 10 de março de 2015



O primeiro deles discute a expressão “*feministas querem igualdade, mas não lutam pelo fim do alistamento obrigatório*”, enquanto o segundo aborda a frase “*e a pia cheia de prato, já foi lavar?*”, e os dois últimos discorrem sobre as frases “*o cavalheirismo é a parte do machismo que as mulheres gostam*” e “*não existe feminismo quando é para pagar menos na entrada da balada*”. Fica clara a influência das temáticas do feminismo e machismo e das problematizações em tornos nas concepções e papéis relacionados à mulher. Vale ressaltar que em janeiro também houve a publicação de conteúdo semelhante tratando de questões de gênero (como o uso da palavra travesti e cisgênero, utilização adequado de artigos e afins) igualmente acompanhado de ilustrações temáticas especiais.

No dia 13, T.R. volta a abordar o tópico do uso dos banheiros, com bastante desenvoltura e envolvimento pessoal, o tipo de conteúdo que é diretamente associado ao nosso objetivo de encontrar significados quanto à representação da travestilidade na página. Baseada na resolução da Secretaria de Direitos Humanos (SDH) publicada no dia 16 de janeiro de 2015 que garante “condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino” (BRASIL, 2015), T.R. enumera diversos argumentos que demonstram a luta de pessoas *tranvestigeneres* para a conquista dos direitos mais básicos aos seres humanos:

Figura 82 – Postagem 13 de março de 2015



No caso da resolução da SDH sobre o uso dos banheiros, umas das maiores problemáticas é sua fragilidade política. Não sendo efetivamente lei, ficou à mercê de interpretações favoráveis ou não aos requerentes, e apesar de também explanar sobre o nome do uso social, não demarcou diretrizes mais detalhadas sobre sua aplicação ou lançou programas, campanhas, iniciativas de capacitação ou combate ao preconceito junto aos profissionais e alunos dessas instituições para a própria aplicação do decreto. Algo parecido também ocorreu com o Decreto Nº8.727, onde a então presidente Dilma Rousseff autoriza a utilização do nome social no serviço público. Em parecer enviado ao STF em 2015<sup>103</sup>, o então procurador-geral da República, Rodrigo Janot, defendeu que pessoas trans não podem ser impedidas de usar o banheiro do gênero ao qual se identificam.

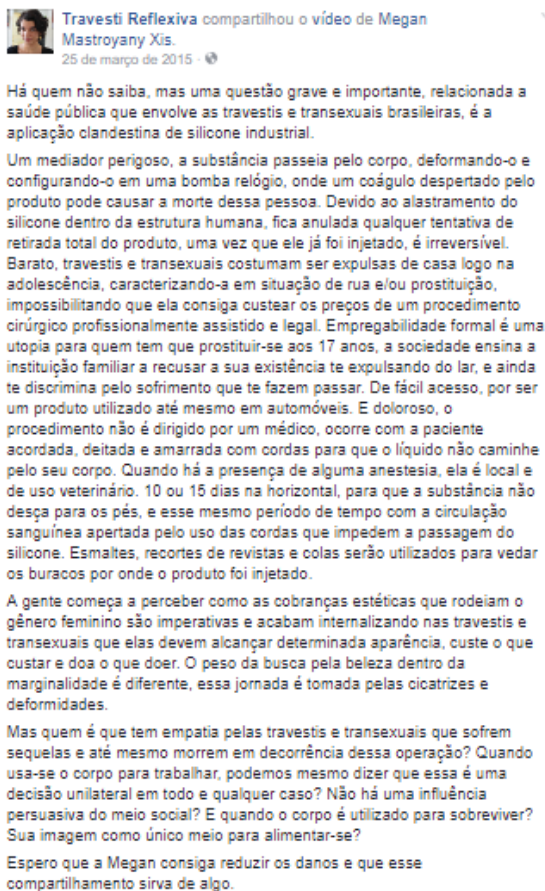
Já no dia 19, como já mencionamos anteriormente, T.R realiza um tipo de enquete e solicita ao público da página opiniões sobre a utilização do termo “homoafetivo”, expressão que é constantemente definida como “higienista” por ser associada a um referencial hegemônico, impessoal e restritivo para nomear a diversidade das relações e identidades LGBTQ+. Há, por exemplo, a discussão da construção de um jogo léxico implícito e binário entre limpo/sujo, inclusão/exclusão, principalmente quando comparamos este termo, amplamente utilizado socialmente, a outras expressões marginalizadas, como travesti, bicha, *viado*, ou *poc*. Culturalmente, a representação do termo homoafetivo em recortes de classe e raça também tende a ser associada em grande parte a homens cisgênero brancos e homossexuais de classe média.

Esta foi a primeira vez neste trimestre de análise que observamos essa estratégia de diálogo direto entre a página e seus seguidores, que não só pode demonstrar o papel da T.R como agente provocadora nas discussões sobre gênero no *Facebook*, como também o interesse e participação do público na temática. T.R inclusive inicia a publicação com “*Amores, venham cá, ando cansada de expor minha opinião...*” (sic). Já no dia 25, há um longo texto onde T.R discorre sobre o impacto da aplicação de silicone industrial em pessoas *transvestigeneres*, que pode gerar graves problemas de saúde. Ela argumenta sobre um vídeo compartilhado de Megan Mastroyany Xis, que como citamos, é uma pessoa trans que ao desenvolver complicações por conta do uso do silicone industrial publicou pedidos de ajuda em seu perfil pessoal no *Facebook*:

---

<sup>103</sup>Disponível em: <https://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/245528133/pgr-transgenero-nao-pode-ser-proibido-de-usar-banheiro-do-genero-com-o-qual-se-identifica> (Acesso em 29/07/2018).

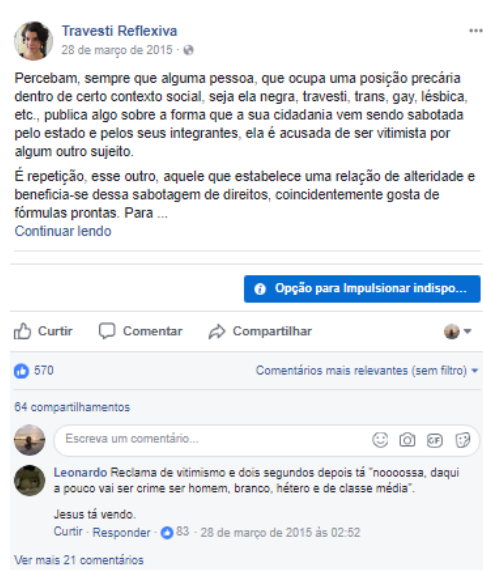
Figura 83 – Postagem 25 de março de 2015



Já no dia 28, T.R volta a abordar a questão das lutas por cidadania de pessoas LGBTQ+, problematizando o fato de essas reivindicações serem por muitas vezes consideradas uma espécie de vitimismo. Esta é uma pauta recorrente nos movimentos sociais, principalmente quando indivíduos com características e estilo de vida ligados ao hegemônico tendem a não reconhecer a existência de certos privilégios emparelhados a recortes de raça, classe e gênero que podem incluir ou excluir uma série de direitos e liberdades.

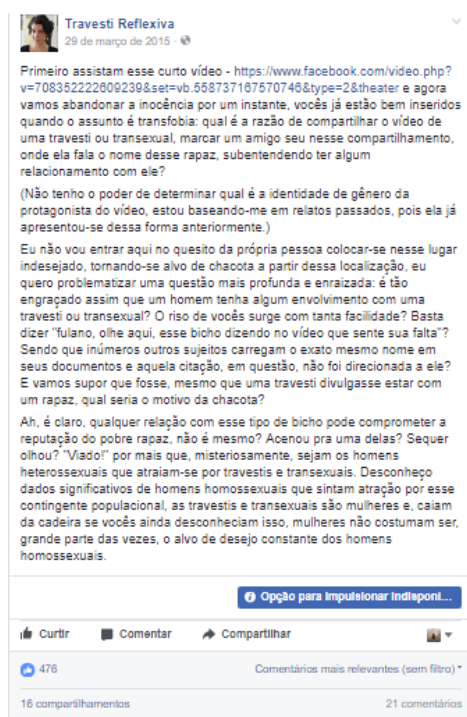


Figura 84 – Postagem 28 de março de 2015



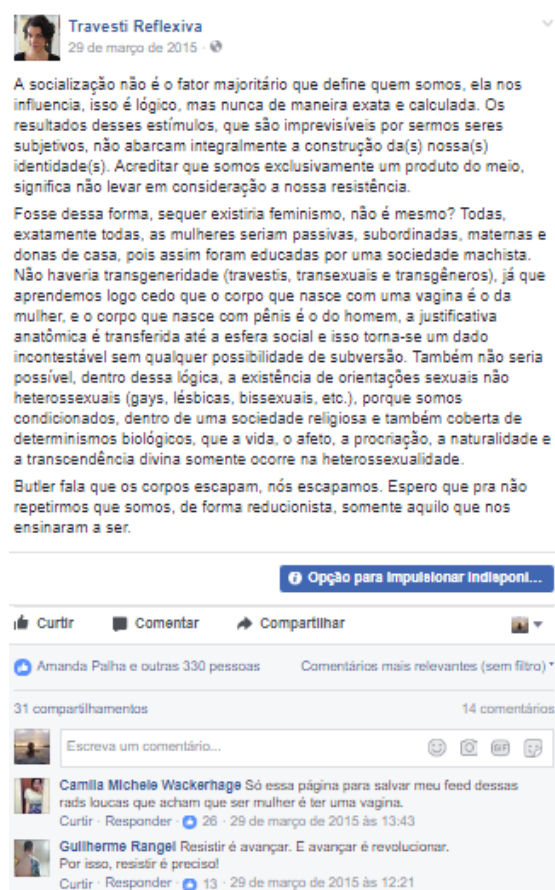
No dia seguinte, 29, T.R discute a afetividade em relação a pessoas trans através de um vídeo, e o modo como homens que se relacionam com travestis/transexuais são frequentemente considerados motivos de chacota ou até mesmo “menos homens” - um reflexo de nossa cultura machista, misógina e opressora que construiu um modelo cruel e quase inatingível de “ser homem”, principalmente quando se é heterossexual.

Figura 85 – Postagem 29 de março de 2015



A construção de laços afetivos é outra questão pungente da experiência transexual, principalmente por conta da série de exclusões e rejeições que essas pessoas experimentam ao longo da vida. Ainda no mesmo dia, T.R. comenta sobre o papel da socialização na construção das identidades, baseada principalmente em argumentos de Judith Butler a respeito da materialidade dos corpos:

Figura 86 – Postagem 29 de março de 2015



Este é mais um exemplo de como a página pode apropriar-se das teorias acadêmicas sobre as questões de gênero de maneira acessível e dinâmica para expandir os limites do debate. Encerrando o mês, T.R. volta a tocar na problemática do uso de banheiros por pessoas trans. A publicação foi também acompanhada por uma ilustração especial e de forte apelo emocional:



Figura 87 – Postagem 30 de março de 2015



T.R chama atenção para o quê ela considera como a marginalização compulsória de travestis e pessoas trans no Brasil: aquelas pessoas precocemente expulsas de casa, em instituições de ensino também tendem a ser oprimidas, o que reflete os altos índices de evasão escolar (adicionando-se aí como fator chave a questão do uso dos banheiros adequados e a inclusão de nome social). Com baixa escolaridade, crescem os números da prostituição: grande parte encontra nas esquinas e na noite o único modo de sobrevivência, e lá por muitas vezes são nova e fortemente oprimidas, desta vez pelo próprio poder público - com a sua desonesta e contraditória relação com a prostituição.

E o mesmo poder público que expulsa e “limpa” as ruas (embora valha sempre ressaltar que a prostituição não é crime no Brasil), frequentemente também não consegue acolher plenamente essa população em outro lugar ou gerar soluções criativas para essa realidade, o que contribui para o fortalecimento dessa cadeia de exclusões que não se configuram apenas como fatos em si, mas legítimas vidas humanas em um jogo de constantes violações, por quem, em tese, deveria garantir, proteger e assegurar.

Em geral, março de 2015 colaborou de maneira fundamental às nossas análises, não só por ter apresentado um volume maior de conteúdo, como também por ter demonstrado uma grande diversidade de estratégias da T.R. em suas publicações. Vimos, por exemplo, que o

conteúdo da página pode ser tanto fortemente influenciado por assuntos em pauta na sociedade, como foi o caso da telenovela *Babilônia* e a pauta do beijo lésbico no M.C, principalmente através do humor com *memes* e *prints* de *tweet*, quanto ao mesmo tempo explorar de maneira profunda questões íntimas da travestilidade e da experiência transexual, como observamos na diversidade das produções do M.A.

Quantitativamente maior que nos meses anteriores, também apontamos como destaque no M.A. a ampla capacidade argumentativa da T.R. Se em um texto ela usa teorias acadêmicas que citam Butler, em outros ela pode problematizar expressões de senso comum como “preconceito é doença”, “espero que seu filho seja gay”, ao mesmo tempo em que compartilha relatos nos quais é nítido sua indignação e apelo emocional, como nos casos da legislação e resoluções em torno das discussões sobre nome social e o uso de banheiros. Tematicamente, se em meses anteriores observamos o destaque crescente reservado a travestis e pessoas trans, em março encontramos o ápice dessa abordagem como forte ponto central do conteúdo da página, tanto no M.C. como no M.A., especialmente focada na discussão dos direitos e opressões vivenciados cotidianamente por esses indivíduos.

Esse aspecto potencializa nossa hipótese sobre a página da T.R como uma interessante representação da travestilidade e transgêneiridade no país. Questões relacionadas à política também seguiram com forte influência, o que aproxima a página das pautas e atuações de movimentos sociais (como garantir direitos, se não conscientemente alerta para a construção política do país?). É interessante perceber também como T.R. segue discutindo ou associando-se a partidos e políticos de esquerda, como o PSOL, o PT e a figuras de protagonismo feminino, como as deputadas Luciana Genro, Erika Kokay e a ex-presidente Dilma Rousseff.

Essa tendência de conteúdo associado aos movimentos sociais e militância também aponta iniciativas que podem estar ligadas a questões de ativismo. Neste mês, observamos publicações embaladas pelos *memes* da tradicional família brasileira e ao conservadorismo, como também contemplamos T.R abordar lutas cotidianas da experiência trans e da travestilidade, como no caso de Megan Mastroyany Xis. Ao compartilhar o pedido de ajuda de Megan na página, houve a atenção de pessoas que se propuseram a colaborar, fator que fez com que T.R voltasse a abordar o tema, inclusive divulgando dados bancários para doações. A divulgação de eventos relacionados à temática LGBTQ+ também deve ser ressaltado. O aspecto do ativismo seguirá como um importante fator a ser investigado, principalmente na entrevista com a própria Sofia Fávero em nossas fases seguintes de análise.

Outro fato que nos chama atenção foi justamente o tipo de diálogo desenvolvido pela página em relação ao seu público, mais diverso que o observado em meses anteriores: há preposições diretas, como no caso da pergunta sobre opiniões do uso da palavra *homoafetivo*, dicas de livros ligados a questões de gênero, bem como a publicação de mensagens e comentários que T.R recebe. Tais ações podem fortalecer a ideia da página como uma comunidade e um espaço compartilhado de discussão de gênero, essa talvez a noção mais importante que estes três primeiros meses de análise tenham ajudado a construir.

### 3.3.4 – Março de 2016

Em março de 2016 contabilizamos 20 publicações na página da T.R. Destas, 17 foram classificadas como M.C e três foram categorizadas como M.A. Contabilizamos em médias os números de reações, curtidas e comentários geradas pelas publicações no período citado, conforme ilustramos na tabela abaixo:

**Tabela 14 – Reações, comentários e compartilhamentos da página T.R em março de 2016**

<b>CURTIR</b>	101.129
<b>AMEI</b>	5.308
<b>HAHA</b>	1.931
<b>UAU</b>	380
<b>TRISTE</b>	253
<b>GRR</b>	98
<b>GRATIDÃO</b>	1
<b>COMENTÁRIOS</b>	3.032
<b>COMPARTILHAMENTOS</b>	8.301

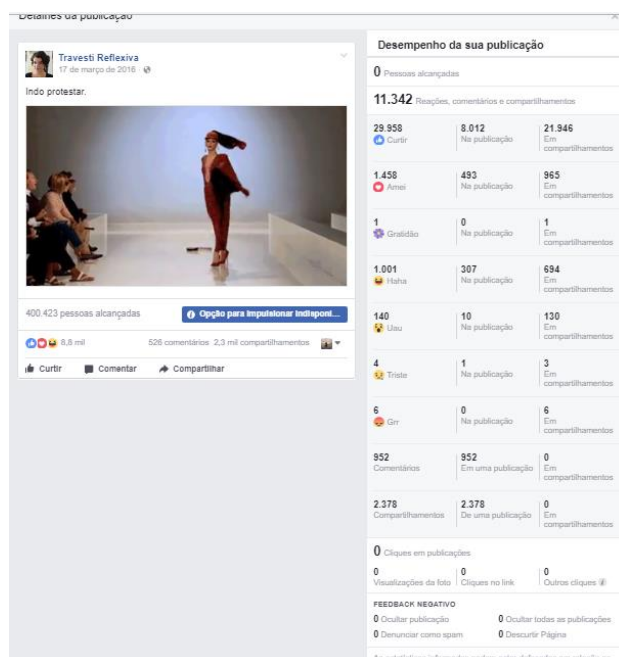
Com novas reações disponíveis no *Facebook* em 2016, as publicações deste espaço de tempo tenderam a receber *feedback* positivo, como se observa nos altos números das reações *Curtir*, *Amei*, *HAHA* (geralmente associado a humor) e *UAU*. As reações *Triste* e *Grr* foram comumente ligadas a conteúdos que tratavam de críticas, protestos e lutas por cidadania. O maior número da reação *Triste*, por exemplo, é do compartilhamento de um *link* do dia 15 de março que falava sobre homicídios de homens trans. Já *Gratidão* aparece em menor número porque foi uma reação liberada temporariamente pelo *Facebook*.

Figura 88 – Postagem 15 de março de 2016



Em termos de curtidas, comentários e compartilhamentos no M.C., um *gif* do dia 17 de março obteve o maior número de curtidas (29.958) e comentários (952). Nele, Violet Chachki, *drag queen* vencedora da 7ª temporada do *reality show RuPaul's Drag Race*, desfila trocando de roupa com trajes vermelhos, ao qual T.R adicionou a legenda “*indo protestar*”. Tanto a cor da roupa como a data da postagem podem ser livremente associadas ao PT e à série de manifestações políticas contra a corrupção e o governo da ex-presidenta Dilma Roussef que aconteceram no período.

Figura 89 – Postagem 17 de março de 2016



No dia seguinte, 18, outro gif também foi destaque, dessa vez retratando as protagonistas do seriado norte-americano *Desperate Housewives*. O contexto novamente é relacionado à política partidária e o cenário de protestos no Brasil, principalmente se levarmos em conta, que não por caso, todas as mulheres do gif vestem vermelho, ao que T.R legenda como “*look do dia*”, em mais uma possível referência ao apoio ao PT:

Figura 90 – Postagem 17 de março de 2016



A temática política seguiu como destaque para o número de compartilhamentos (3.338), que ficou com um *print* de um *tweet* também no dia 17 de março. Nele, lê-se um comentário sobre a distância dos demais partidos políticos conhecidos como de esquerda em relação aos escândalos de corrupção na época:

Figura 91 – Postagem 17 de março de 2016



Já em relação ao curtidas, comentários e compartilhamentos no M.A., a postagem de maior destaque é um texto também publicado no dia 17 de março que novamente fazia um trocadilho entre Partido dos Trabalhadores (PT) e Pessoas Trans (PT). Essa publicação obteve o maior número de curtidas (10.581), comentários (176) e compartilhamentos (299). Aqui mais uma vez fica claro o quanto a T.R produz conteúdo também pautada em um nível de agendamento dos acontecimentos que são tópicos de discussão na mídia e na sociedade, bem como sua disposição recorrente em discutir o tema política:

Figura 92 – Postagem 17 de março de 2016



Investigamos também a questão das temáticas gerais através de palavras-chave, conforme elencamos na tabela abaixo:

Tabela 15 - Temáticas frequentes março de 2016

MATERIAL COMPARTILHADO	MATERIAL AUTORAL
PESSOAS TRANS (12)	FEMINISMO (2)
POLÍTICA (3)	PESSOAS TRANS (1)
CULTURA (3)	
EDUCAÇÃO (2)	
RELIGIÃO (2)	
TRANSFOBIA (1)	

No M.C encontramos a incidência dos temas Pessoas Trans (12), Política e Cultura (3), enquanto no Material Autoral destacou-se Feminismo (2) e Pessoas Trans (1). No tema de maior frequência no M.C, Pessoas Trans, há importantes construções de novas narrativas e de potencial representativo para pessoas *transvestigeneres*. Observamos, por exemplo, o compartilhamento de dois vídeos publicados por marcas famosas de beleza feminina, como *L'óreal* e *Avon*. A *L'óreal*, marca francesa de beleza mundialmente conhecida, teve seu vídeo para o Dia Internacional da Mulher protagonizado por uma mulher trans, a modelo brasileira Valentina Sampaio, a primeira embaixadora transgênero da empresa:

Figura 93 – Postagem 8 de março de 2016



O vídeo foi recorde de audiência e em apenas 3 horas de exibição contabilizou cerca de 1,5 milhões de visualizações no *Facebook* oficial da *L'óreal*<sup>104</sup>. É extremamente notório o potencial representativo em encontramos uma mulher trans como protagonista de uma grande campanha para o Dia da Mulher, algo comumente associado apenas às mulheres cisgênero. No entanto é também perceptível, por se tratar da própria *L'óreal*, o quanto Valentina reproduz um padrão físico hegemônico de beleza. A jovem modelo atualmente segue protagonizando campanhas para a marca, além de também ter estampado nos últimos anos capas de revistas importantes de moda, como a *Elle* e a *Vogue* brasileiras, e a *Vogue* francesa.

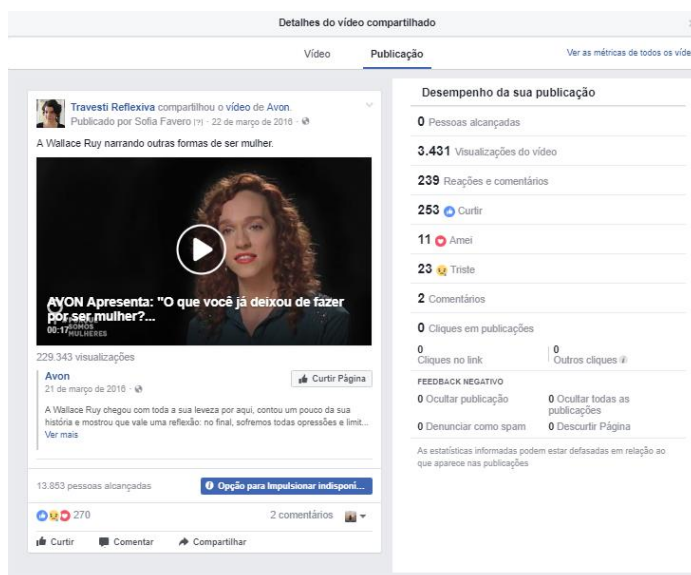
<sup>104</sup>Disponível em: <http://oglobo.globo.com/ela/beleza/ao-investir-em-questoes-de-genero-nao-fugir-de-polemica-comerciais-do-mercado-de-cosmeticos-viralizam-na-internet-19863783>. (Acesso em 10/02/2018).



No país que mais mata pessoas trans no mundo, vale ressaltar que a relação de modelos transexuais com a moda é bastante interessante e segue em curso há muitos anos. Nas décadas de 1980 e 1990, por exemplo, era Roberta Close a percursora da causa, principalmente ao estampar capas da extinta revista TV Manchete e ao entrar para a história ao posar para *Playboy*. A partir dos anos 2000, principalmente após 2010, Lea T, Carol Marra e Valentina Sampaio tornaram-se figuras relevantes no cenário. Lea segue sob os holofotes, sendo a primeira modelo transexual a assinar um grande contrato para campanhas globais de uma marca de produtos de beleza<sup>105</sup>, a *Redken*, e também a primeira transexual com papel de destaque em uma cerimônia de abertura olímpica, quando representou a delegação do Brasil no Rio 2016<sup>106</sup>.

Já o vídeo da *Avon* compartilhado pela T.R no dia 22 traz a *transvestigeneres* Wallace Ruy respondendo a pergunta “o que você já deixou de fazer por ser mulher?”, um especial da marca relacionado ao Dia da Mulher. De novo, podemos aqui também observar a expansão da categoria de mulher e a inserção de outras concepções além da condição de feminino cisgênero, uma relevante ação rumo à diversidade e respeito.

Figura 94 – Postagem 22 de março de 2016



Um curto adendo sobre a *Avon* é que 2016 e 2017 foram anos nos quais a empresa deu importantes passos rumo a uma representatividade mais abrangente. Em outubro do mesmo

<sup>105</sup>Disponível em: <http://fashionista.com/2014/11/lea-t-redken-campaign> (Acesso em 10/02/2018).

<sup>106</sup>Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36912561> (Acesso em 10/02/2018).



ano, por exemplo, a cantora transexual Mel Gonçalves, conhecida artisticamente como Candy Mel, foi convidada a protagonizar uma série de vídeos da campanha Outubro Rosa, no mês da conscientização sobre o câncer de mama, mais uma data na qual apenas mulheres cis tendem a ser protagonistas. A marca também ainda trabalhou com a *drag queen* Pablo Vittar em outras ocasiões.

Para além do ramo da beleza, duas outras publicações do M.C. na temática de Pessoas Trans também fizeram alusão a campanhas públicas bastante significativas. Encontramos o compartilhamento do vídeo da participação de Jéssica Taylor, *transvestigeneres* e importante ativista sergipana no projeto *#NãoQuebreAConfiança*, iniciativa do time de futebol sergipano Confiança em relação a violência contra a mulher:

Figura 95 – Postagem 17 de março de 2016



É importante salientar o mérito de um time de futebol que, como modalidade esportiva, é constantemente dominada pelo machismo, em discutir a questão da violência de gênero junto a seus torcedores, incluindo também outras noções de mulher para além do cisgênero nesse debate, principalmente quando levamos em consideração a imensa violência relacionada às travestis e mulheres trans no Brasil. Averiguamos que no canal da campanha no *YouTube* há outro vídeo com participação de Geovana Soares, também pessoa *transvestigeneres* e ativista sergipana. A T.R voltou a compartilhar conteúdo relacionado ao

Confiança no dia 18, quando o time entrou em campo com o uniforme customizado com nome de várias mulheres vítimas de violência de gênero no país:

Figura 96 – Postagem 18 de março de 2016

Detalhes da publicação

Travesti Reflexiva compartilhou a foto de Confiança [Oficial].  
18 de março de 2016 · 🌐



Confiança [Oficial]  
17 de março de 2016 · 🌐

Estava na sua frente, você viu?

Ontem, no jogo contra o Flamengo, o time entrou em campo tendo estampado nas camisas nomes de mulheres que sofreram algum tipo d...  
[Ver mais](#)

18.681 pessoas alcançadas

[Opção para Impulsionar indisponível...](#)

Kalippe Reis, Tathy Ramos e outras 448 pessoas · 4 comentários

[Curtir](#) [Comentar](#) [Compartilhar](#)

**Desempenho da sua publicação**

0 Pessoas alcançadas

429 Reações, comentários e compartilhamentos

432 Curtir	424 Na publicação	8 Em compartilhamentos
18 Amei	18 Na publicação	0 Em compartilhamentos
8 Triste	8 Na publicação	0 Em compartilhamentos
5 Comentários	5 Em uma publicação	0 Em compartilhamentos
0 Compartilhamentos	0 De uma publicação	0 Em compartilhamentos

0 Cliques em publicações

0 Visualizações da foto	0 Cliques no link	0 Outros cliques
-------------------------	-------------------	------------------

**FEEDBACK NEGATIVO**

0 Ocultar publicação	0 Ocultar todas as publicações
0 Denunciar como spam	0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

Outra importante campanha compartilhada pela T.R neste mês foi a do Governo de Pernambuco, que contou a história de Fernanda, pessoa *transvestigeneres* negra e de classe menos favorecida. O vídeo tratou da questão da identidade de gênero com bastante respeito e intuito educativo, focando na própria trajetória de Fernanda e seus desafios como mulher trans. Esse tipo de conteúdo ainda é diminuto no Brasil principalmente como iniciativa do poder público, que como já argumentamos, é muitas vezes e de muitas formas um dos maiores agressores de pessoas *transvestigeneres* no país.

Figura 97 – Postagem 24 de março de 2016



Ainda em formato de vídeo, observamos outras quatro postagens especiais protagonizadas por pessoas trans, dessa vez em sua maioria compartilhados através de *links* diretos do *YouTube*. No dia 19 temos um *link* de uma entrevista da ativista Maria Clara Araújo ao *Canal das Bee* sobre educação LGBT+, enquanto na postagem seguinte T.R indica o canal de Bruna Andrade, estudante de arquitetura e mulher trans:

Figura 98 – Postagem 19 de março de 2016

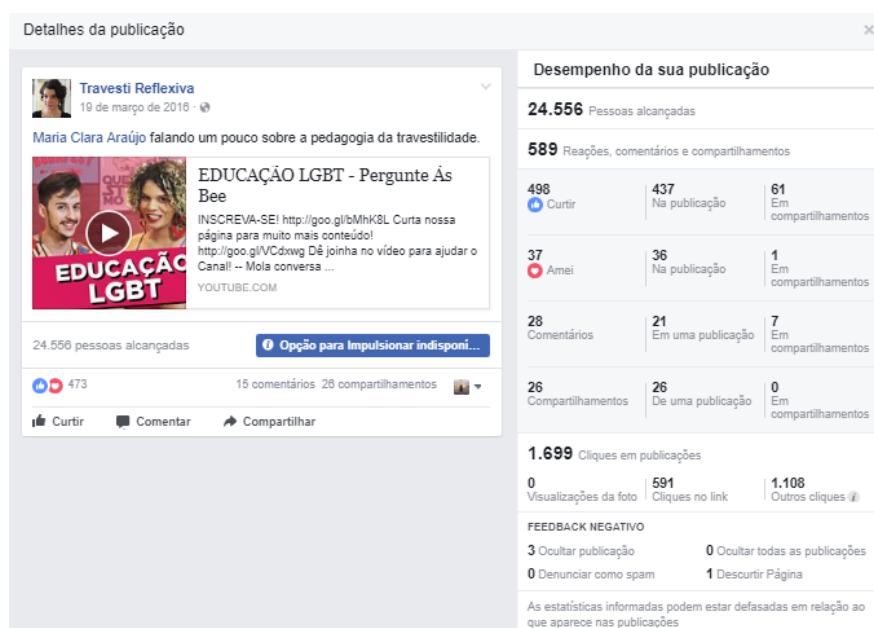


Figura 99 – Postagem 19 de março de 2016



No dia 27 contabilizamos mais um duplo compartilhamento em *links* diretos do *YouTube*: o primeiro traz Helena Vieira, pessoas trans, discutindo a temática feminilidades, poder e contemporaneidade em seu próprio canal, enquanto a segunda publicação é o videoclipe da música *Eu fiz a chuca*, da funkeira trans MC Xuxú:

Figura 100 – Postagem 27 de março de 2016



Figura 101 – Postagem 27 de março de 2016



Outro conteúdo de destaque ainda relacionado à palavra-chave central do mês foram os *links* compartilhados. Para além da notícia sobre homens trans ilustrada no início desse tópico, mais duas publicações abordaram pessoas trans. Uma delas retrata uma das temáticas principais da página, educação, com o compartilhamento de uma reportagem do portal *GI* com duas universitárias trans do Amazonas:

Figura 102 – Postagem 9 de março de 2016



A reportagem conta os desafios da trajetória educacional para pessoas trans, marcados pelo preconceito, como o uso e o respeito pelo nome social. O outro *link* foi a notícia de um padre católico em SP que lavou os pés de uma travesti em uma celebração de Páscoa. A situação é claramente atípica, principalmente se levarmos em conta o conturbado histórico de exclusão do catolicismo às pessoas LGBT+. Além da notícia na íntegra, T.R também compartilhou uma foto que ilustra o caso:

Figura 103 – Postagem 26 de março de 2016



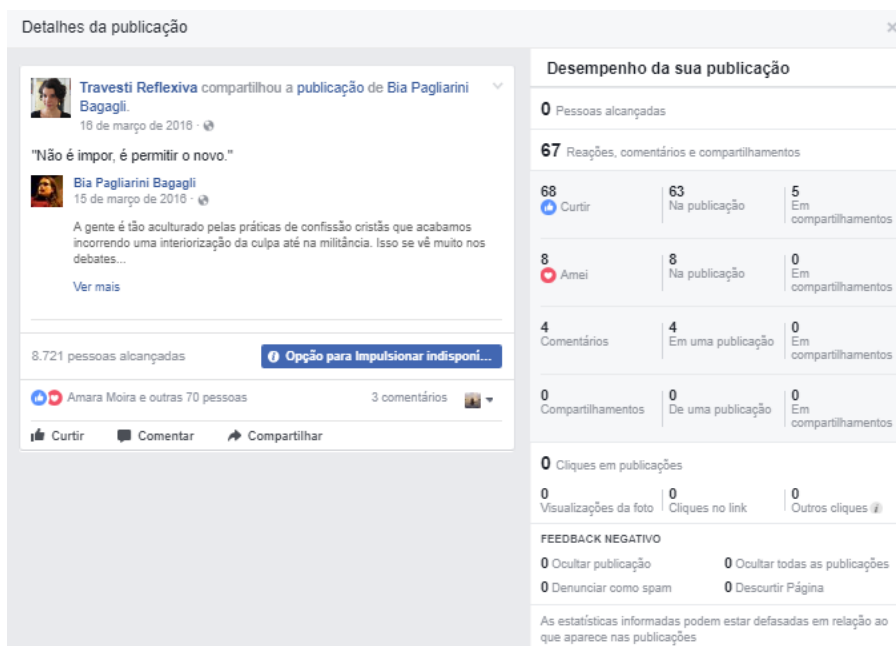
Figura 104 – Postagem 26 de março de 2016





Prosseguindo nessa temática religiosa, T.R. compartilhou no dia 16 um texto de Bia Pagliarini, pessoa trans e ativista, sobre a influência da prática da confissão em alguns aspectos da militância em movimentos sociais.

Figura 105 – Postagem 16 de março de 2016



Ainda em relação ao M.C, também analisamos as fontes e origem do conteúdo disposto na página neste mês:

**Tabela 16 - Origem do material compartilhado março 2016**

<i>YOUTUBE</i> (5)
<i>VIDEO FACEBOOK</i> (3)
<i>LINK</i> (3)
<i>FOTO FACEBOOK</i> (2)
<i>GIF</i> (2)
<i>TEXTO FACEBOOK</i> (1)
<i>PRINT TWEET</i> (1)

No caso do *YouTube* é interessante perceber que todos os cinco *links* compartilhados tiveram pessoas trans falando em 1º pessoa ou como tema central do vídeo, o que é também o mesmo padrão dos vídeos compartilhados no *Facebook* e em outros *links*: todos trouxeram *transvestigeneres* como ponto central do conteúdo. Nesta questão, chamamos atenção para o compartilhamento de mais um vídeo do *Canal das Bee*, que apareceu em todos os meses de nossas análises. Consolidou-se também a potencialidade de dois tipos de M.C. para a T.R: o

*gif* e o *print tweet*, materiais que obtém forte engajamento e interatividade, conforme percebemos anteriormente junto às análises dos últimos meses. A seguir, mapeamos os *sites* cujas notícias do mês foram compartilhadas:

**Tabela 17 – Links e sites março de 2016**

LINK	SITE
"Mulheres trans reivindicam direito à educação no AM: Merecemos isso"	g1.com
"Homens trans são assassinados, mas casos não são contabilizados; saiba motivo"	nlucon.com.br
"Padre pede perdão por intolerância religiosa e beija pés de transexual, em São Paulo; vídeo viraliza"	extra.globo.com

Observamos dois *sites* da grande mídia, o portal *G1* e o jornal *Extra*, e o site *nlucon.com.br*, especializado na experiência trans e com forte presença também em outros meses de análises. Para os dois primeiros, observamos um nível de seletividade na narrativa: o primeiro traz a questão da educação de pessoas trans, um dos pontos centrais da página, enquanto o segundo reposiciona a travesti além da subalternidade e da exclusão num ritual religioso. Como de costume, o *nlucon.com.br* apresentou uma análise mais profunda ao contextualizar os homicídios de pessoas trans e o problema do nome civil nos obituários. Em relação às temáticas de material autoral, T.R. constrói problematizações em relação ao feminismo, principalmente no tocante à participação masculina no movimento:



Figura 106 – Postagem 3 de março de 2016



Ela começa o texto, por exemplo, afirmando que “*discordar do caminho que o feminismo tem traçado não é uma tarefa fácil, ainda mais quando todo argumento inicial é transformado em algo que, na verdade, nunca foi dito por mim*”. Essa atmosfera de debate e discussão, e principalmente, de uma resistência a seus argumentos é também observado em uma outra publicação do M.C. no mesmo dia:

Figura 107 – Postagem 3 de março de 2016



Na imagem lê-se “*como discutir questões importantes se a gente prefere discutir quem pode discutir questões importantes?*”, ao que T.R. legenda como “*deixo a provocação*” (sic). Neste ponto, em março percebemos o quanto homens e feminismo tornaram-se um tema central nos debates propostos pela página, argumentos que de fato propõem a subversão de algumas lógicas do feminismo, noções de difícil trato até para quem se propõe a discutir liberdade e diversidade.

Enquanto os números de curtidas, amei e compartilhamentos não sofreram nenhuma queda brusca, em um levantamento prévio, desde que iniciou a explorar esse assunto T.R. saiu de seis textos autorais em janeiro de 2016, para três em fevereiro e outros três em março, para em setembro do mesmo ano a página definitivamente não ser mais atualizada e sair do ar no modo público. A página não foi excluída definitivamente, mas permanece com visualização apenas para a autora. Para a construção deste trabalho, o pesquisador foi incluído como administrador pela T.R. para ter acesso a todas as publicações. Esse foi um dos temas abordados na entrevista que segue ao final deste capítulo.

O segundo texto do mês, ilustrado no início deste tópico como postagem mais bem sucedida do período, é de apenas um parágrafo e fala sobre política e as manifestações que marcaram o período, com a T.R. fazendo novamente um trocadilho entre Partido dos Trabalhadores (PT) e Pessoas Trans (PT). Já o último texto de março volta a abordar o feminismo, quando T.R. problematiza as pressões sociais associadas à estética às quais mulheres são submetidas, através do exemplo da cantora Anitta e suas cirurgias plásticas:

Figura 108 – Postagem 20 de março de 2016



Em síntese, o mês de março de 2016 é marcado pelo forte uso da página T.R. como uma plataforma para discussão, suporte e divulgação da travestilidade e da causa trans, principalmente através de conteúdo protagonizado por essas pessoas, como foi o caso dos vídeos do *YouTube* compartilhados no período. É interessante perceber também como o conteúdo continua a apontar para possibilidades múltiplas de narrativas trans e travesti nos mais diferentes setores, sendo a educação um notável fio condutor mês a mês. O conteúdo de todos os meses analisados, tanto M.C. como M.A., apresentou uma forte temática central influenciada pelo agendamento dos acontecimentos na sociedade, sendo em março de 2016 a questão dos protestos políticos o ponto central.

Também percebemos novamente o uso de *gif* e de *print tweet* como uma boa estratégia junto ao público da página, principalmente com referências à cultura pop, o que pode demonstrar uma interessante sincronia em relação a T.R e seus seguidores. Continua sendo notável também o quanto M.C. e M.A. influenciam-se mutuamente, principalmente em relação aos temas que convergem frequentemente - apesar de se estabelecer a impressão do M.A como um espaço reservado para reflexões mais complexas.

O tema da participação masculina no feminismo é um ótimo exemplo disso e merecerá destaque em nossas análises seguintes: assunto constantemente trabalhado no primeiro trimestre de 2016, pelo menos um texto do M.A nesses três meses abordou esse mesmo

assunto, que poderá ser investigado mais apropriadamente durante as aplicações de nosso protocolo na área da Análise do Discurso.

Este mesmo assunto também parece crucial em outros três pontos: primeiro, ao sugerir os caminhos pelos quais a página pode interagir em um ambiente *offline*, e como a T.R. também pode estar sujeita às mais diversas reações além *Facebook* pelos assuntos por ela lá tratados; segundo, o quanto a página pode estar relacionada intimamente a questões de militância e ativismo, principalmente repensando argumentos e formas de fazer que não são um consenso e contribuem ao debate das questões de gênero; e terceiro, o quanto a temática homem x feminismo pode ter marcado profundamente a página, contribuindo, inclusive, para o seu fim.

### 3.4 – Análise de Discurso

A seguir aplicaremos ao M.A. o protocolo de análise de Miguel (2014) como forma de buscar por significados implícitos e explícitos sobre a travestilidade, bem como elementos que possam fornecer bases para a construção de uma narrativa ideológica sobre a identidade travesti e a experiência transexual através de elementos textuais e outras estratégias ligadas à produção desse material. Para isso, utilizaremos o texto de maior repercussão em cada mês de análise, que se encontram na íntegra a partir da página 340 nos anexos deste trabalho. Em cada texto interpretamos os eixos temáticos descritos por Miguel (2014) no protocolo abaixo:

**Figura 109 – Protocolo de Análise Katarini Giroldo Miguel**

- |           |  |
|-----------|--|
| <b>1.</b> | <b>Análise do texto linguístico</b>        |
| 1.1       | Itens lexicais de destaque                 |
| 1.2       | Técnicas de argumentação identificadas     |
| 1.3       | Elementos de destacabilidade               |
| <b>2.</b> | <b>Componentes externos ao texto</b>       |
| 2.1       | Fotos/ desenhos/imagens                    |
| 2.2       | Vídeos                                     |
| 2.3       | Cores/cena predominante                    |
| <b>3.</b> | <b>Repercussão - contexto</b>              |
| 3.1       | Conteúdo presente nas Redes sociais?       |
| 3.2       | Repercutiu em outros meios de comunicação? |

#### 3.4.1 – Janeiro de 2015

Em janeiro o material autoral com maior número de curtidas (5.900), comentários (348) e compartilhamentos (1.267) foi um texto publicado no dia 29 de janeiro sobre representação e visibilidade trans. Provavelmente inspirada pela data (29 de janeiro é o Dia Internacional da Visibilidade Trans), T.R faz uma longa análise sobre a representação *transvestigeneres* na cultura, principalmente através do papel do ator cisgênero Jared Leto,

que interpreta uma personagem travesti no filme *Clube de Compras de Dallas*, performance que lhe rendeu um Globo de Ouro e um Oscar em 2014. A seguir, nós aplicamos a ele o protocolo de Miguel (2014):

Figura 110 – Postagem dia 29 de janeiro de 2015



## 1. Análise do texto linguístico

### 1.1 Itens lexicais

Neste ponto, buscamos identificar os substantivos, adjetivos, verbos e expressões que tenham a capacidade de revelar conteúdo ideológico e caracterizar o discurso. Escrito na primeira pessoa, como o texto trata de questões de representação e visibilidade há o uso constante dessas mesmas palavras, como também de substantivos como *muros*, *bordas*, *aberração*, *agressões*, *alvo*, *reconhecimento*, *criaturas*, *crime*, *barreira*, *estereótipo*, *transfobia*, *espaço*, *presença*, *paz* e *existência*. Associados a noções de lugar, também identificamos os substantivos *faculdade*, *corpo*, *instituição*, *corredores*, *praças*, *banheiros*, *cochichos*, *teatros*, *esquinas* e *caricaturas*, como também outras palavras como *prostituta*, *gerente*, *professora*, *faxineira* e *empresária*. Fica claro o argumento que a T.R. faz em relação às barreiras que pessoas trans encontram pela busca de sua visibilidade em um contexto

repleto de violência e exclusão como o cenário brasileiro, que abrange tanto às ruas como outros espaços.

Quando ela elenca as profissões, está se referindo a papéis que não são comumente atribuídos às travestis, e aos espaços, os locais e situações onde sua identidade pode ser bem recebida ou não. Já em relação aos adjetivos e verbos, destacamos o uso de verbos com sentido de ação e violência e que também mencionam preconceito, como *andar*, *entrar*, *apontar*, *camuflar*, *gritar*, *ferir*, *denunciar*, *anunciar*, *empurrar*, *prostituir*; outros que podem reproduzir abjeção como *ridiculariza* e *repelir*, além de palavras como *interpretar*, *parodiar*, *internalizar*, *ocupar*, *restringir*, *supor*, *preencher*, *imitar*, estas muito relacionadas ao caso de pessoas trans que podem não conseguir interpretar a si mesmas e nem a outros personagens cis em narrativas ficcionais. A ênfase à prostituição é justamente usada para discutir outras perspectivas que representem pessoas trans.

Ressaltamos o uso de adjetivos como *visível*, *invisível*, *agridoce*, *atenta*, *berrante*, *normais*, *bonita*, *noturnas*, *estranho*, *esbugalhado*, *abominável*, *esperançosa* e *indesejável*. Todos reiteram a posição contrahegemônica da travestilidade e da experiência trans em uma sociedade fortemente pautada pelo binarismo de gênero. É interessante perceber também como muitas palavras aparecem em pares opostos, como *visível* e *invisível*. Neste ponto, a quem é atribuída a invisibilidade, se não às próprias minorias? A autora também tende a escolher adjetivos hiperbólicos que conotam o exagero e o extremo, como *abominável*, *berrante* e *esbugalhado*, demonstrando assim a crescente noção da hostilidade vivenciada por pessoas *transvestigeneres*.

## 1.2 – Técnicas de Argumentação

Nas *Técnicas de Argumentação*, que busca caracterizar os elementos de construção do texto, observamos que o mesmo é produzido através de um forte tom de provocação. Há o uso constante de metáforas, neologismo e ironia, como nas frases “*chego a ter certeza que a palavra “aberração” está escrita em minha testa*”, “*descobri que é mais fácil camuflar-me entre os considerados normais e tentar viver em paz*”, e também em “*a sociedade chega a acreditar que as travestis são criaturas noturnas. Saem do chão quando anoitece, vão prostituir-se e voltam para o chão quando o sol começa a surgir. Afinal, o chão é o lugar determinado previamente para “gente” como eu*”.

A menção à prostituição é novamente ressaltada, principalmente pelo contexto de travestis e pessoas trans associadas a esse ofício. Na frase “*afinal, o chão é o lugar determinado previamente para "gente" como eu*”, o substantivo *chão* também pode ser compreendido como uma noção de inferioridade, do nível mínimo, como também fazer referência à morte. Em “*gente como eu*” é novamente perceptível o caráter de inferioridade que a autora busca salientar, um estigma constantemente observado na travestilidade e na experiência trans. Ao utilizar o vocábulo *gente* entre aspas, a autora reforça a rejeição sofrida, que rebaixa mulheres travestis a uma categoria não humana.

Outra figura de linguagem, a prosopopeia, é também verificada em “*expressões corporais que sussurram-me: esse lugar não é pra você*”, que refere-se a episódios de exclusão em diferentes ambientes, como faculdades, escolas e banheiros. É também uma forte característica argumentativa do texto a formação de perguntas pela autora, como observado no próprio título do texto, “*29 de janeiro, visibilidade para quem?*” e em outros momentos como nas frases “*não existe travesti gerente, professora, faxineira, vendedora ou empresária. Imagina se colocam uma travesti médica na novela?*” e “*será que não existia nenhuma pessoa trans qualificada para interpretar aquele papel? E a respeito de todos os outros filmes sobre o tema? Quantos foram interpretados por travestis, transexuais ou transgêneros?*”. Essa estratégia discursiva nitidamente é um convite para a reflexão. Ela não aborda o tema dando respostas, ao contrário, inicia o debate fazendo perguntas, legitimando a participação e a interatividade que o próprio meio – rede social digital – propicia.

Como foi escrito na primeira pessoa, o texto também reproduz experiências vividas pela própria T.R. A autora narra dois fatos, sendo o primeiro deles em “*olha lá a sua namorada passando!*” *Gritam para alguém enquanto ferem-me junto. Os dedos que me denunciam e são apontados para mim anunciam uma realidade: é um crime ser travesti. Quer dizer, quem sabe criminosos conseguem ter um reconhecimento social maior!*”. Além do forte apelo emocional, também fica clara a resistência física e emocional que envolve a travestilidade, principalmente no cotidiano. A comparação entre travestilidade e crime é bastante representativa no que concerne às retaliações vivenciadas por essas pessoas, que tem seus corpos censurados pela família, pela igreja, pela medicina e todos os indivíduos que reproduzem esses discursos.

Há também outro importante episódio relacionado à afetividade e visibilidade, quando T.R. narra que “*ou até mesmo um caso clássico onde uma conhecida afirmava que havia*



*mostrado fotos minhas para um primo, no desejo de ridicularizá-lo. "Bonita, né?" Ela perguntou antes de contar - "É travesti!"*. Como já mencionamos é bastante comum travestis serem motivos de chacota e deboche quando inseridas em um contexto de relacionamentos afetivos, como se não fossem dignas ou legítimas para namorar, casar e principalmente, serem assumidas publicamente. Grande parte desses casais, quando representados em produções culturais, são apresentados de maneira fortemente estereotipada. Um dos fundamentos deste argumento transfóbico é de que assumir a travestilidade da companheira pode ir na mesma direção de desmerecer a hombridade do macho – porque teoricamente homens heterossexuais não se relacionam com travestis, uma construção social pautada no machismo.

Últimos fatores que destacamos são as comparações que autora faz em relação a representação e visibilidade travesti e trans ao momento histórico cultural, quando apenas homens interpretavam mulheres no teatro, e sobre o *blackface*, quando apenas pessoas brancas interpretavam personagens negras. T.R. também comenta o quanto a representação e trajetória de outras travestis e pessoas trans em diferentes contextos a inspiraram nesse cenário rarefeito de travestis e pessoas trans protagonistas de suas histórias, principalmente no caso da modelo Lea T: *“Eu tinha 18 anos quando assisti a Lea T em uma das suas primeiras entrevistas, até aquele momento eu havia internalizado que o meu ponto de chegada seria - em caso de sorte - o salão de beleza. Ter visto na televisão essa pessoa que compartilhava uma trilha similar deixou-me esperançosa, se ela conseguiu ocupar aquele espaço eu também conseguiria ocupar outros”*.

Devido as taxas de baixa escolaridade e ao cenário de prostituição compulsório, muitos ofícios considerados informais, principalmente associados a moda e beleza são comuns nas vivências de travestis e pessoas trans, como forma de buscar empregabilidade formal para além do mercado do sexo. É também de certa forma um estereótipo associar *transvestigeneres* apenas a essas profissões, quando a própria representação e visibilidade dessas pessoas muitas vezes falha em denunciar as estruturas e mecanismos de opressão, exclusão e transfobia que lhe garantem essas posições de subalternidade. É sexista que acreditemos que gênero também cristaliza talentos e profissões – principalmente quando se está à margem de construções sociais pautadas em genitálias.

Temos a impressão que este espaço é também um local de desabafo, de contestação e a página do *Facebook* a plataforma para toda essa argumentação que contesta os próprios mecanismos sociais da opressão e exclusão experimentada na travestilidade e na experiência trans. Em momentos assim, a voz da T.R. parece ser o coro de *muixxs*.

## 1.2 – Elementos de destacabilidade

Além do título do texto - “*29 de janeiro, visibilidade para quem?*” - outro interessante elemento a ser destacado é o uso de aspas, uma estratégia que se repete e chama a atenção do receptor durante a leitura. A autora as utiliza para simular o que pode ser considerada como a voz do opressor, em “*quem esse povo da margem pensa que é? Até ontem estavam na esquina! Agora querem dizer na tv que conseguem um emprego formal?*”. Tais elementos servem claramente para dar ênfase às relações e disputas de poder entre os gêneros e ao posicionamento político da enunciadora, que também se utiliza no texto da formulação de perguntas as quais ela mesma responde, como fator de destaque para argumentos importantes. Mais uma vez, a expressão “*estavam na esquina*” pode significar prostituição.

## 2. Componentes externos ao texto

Abaixo de uma imagem de Jared Leto caracterizado como sua personagem trans no filme *Clube de compras de Dallas*, a T.R. posta uma imagem sua, caracterizada de forma idêntica, reproduzindo a mesma expressão facial do ator. A foto também foi produzida como o mesmo *close* no rosto e nuance de maquiagem e iluminação, bastante focada em delicados tons pastel, que reiteram uma noção de feminilidade. Fica claro o objetivo da T.R. em questionar porque travestis e pessoas trans não podem ou não estão ocupando esses espaços de visibilidade e representação, que muito frequentemente contam suas próprias histórias. T.R. também creditou a si mesma como modelo da imagem e também a fotógrafa responsável, o que demonstra uma atenção premeditada para a produção deste conteúdo:

Figura 111 – Postagem dia 29 de janeiro de 2015



### 3. Repercussão – Contexto

#### 3.1 – Conteúdo presente nas redes sociais?

O texto contou com número representativo de curtidas (5.900), comentários (348) e compartilhamentos (1.267) no *Facebook* e não apresenta *hashtag* (a *Travesti Reflexiva* quase não as utiliza, no geral). Os comentários em destaque (que sobem ao topo da publicação por serem curtidos e comentados por outros interagentes) foram em geral de apoio e motivação. O comentário que recebeu mais curtidas (152) foi de Ramonn Cândido: “*Orgulho dessa página*”. O comentário não obteve resposta da autora.

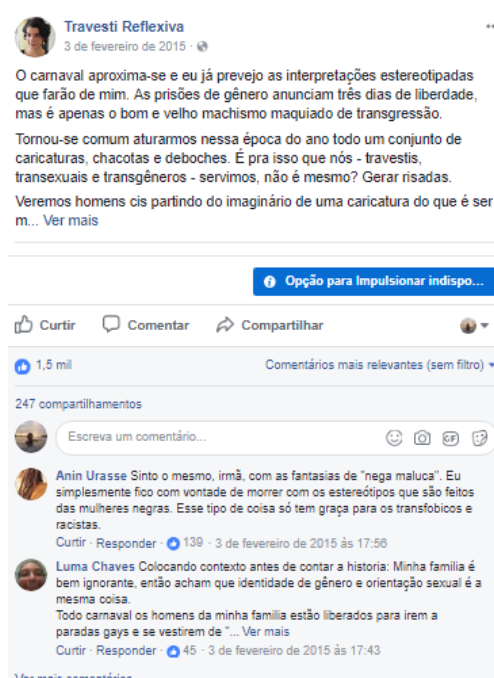
#### 3.2 – Repercutiu em outros meios de comunicação?

Não foram encontradas menções ao texto em questão em outros espaços da internet.

### 3.4.2– Fevereiro de 2015

Em fevereiro o texto com maior repercussão em curtidas (1.500) e compartilhamentos (247) trata de forma crítica sobre representações estereotipadas de travestis e transgêneros realizadas no carnaval, principalmente por homens heterossexuais e cisgênero. T.R chama atenção para o quanto essas ações intensificam a transfobia e associam as vivências de travestis e pessoas trans a situações de chacotas e desrespeito:

Figura 112 – Postagem 3 de fevereiro de 2015



## 1- Análise do texto linguístico

### 1.1– Itens lexicais

Como substantivos destacamos o uso de *carnaval*, *prisões*, *gênero*, *liberdade*, *transgressão*, *caricaturas*, *chacotas*, *deboche*, *risadas*, *imaginário*, *prostituição*, *identidade*, *motéis*, *ruas*, *pontos*, *bordas*, *margens*, *teatro*. T.R. argumenta o carnaval como um tipo de prisão de gênero que segue posicionando travestis e pessoas trans com alto tom de deboche e dentro de um estigma de marginalização. A autora volta a usar o referencial da prostituição e mercado de trabalho, citando também a situação de exclusão de muitas travestis e pessoas trans através das palavras *emprego*, *escolas*, *banheiros*, *entidades*, *abandonos* e *gozações*. Há

ainda mais referências a episódios carnavalescos, como em *fantasia*, *disfarce*, *riso* e *exclusão*, principalmente no caso dos homens cis que buscam fazer chacotas de travestis e mulheres trans nesse período. T.R. busca reconstruir esse cenário tão comum para a maior parte das pessoas como mais um episódio de transfobia e exclusão de uma realidade que é também opressora em todos os outros dias do ano para travestis e pessoas trans. É também a segunda vez que a autora utiliza a palavra *teatro* para descrever a representação da travestilidade por pessoas cis.

Alguns verbos em destaque foram *tornar*, *aturar*, *recrear*, *entreter*, *divertir*, *objetificar* ainda associados ao contexto de deboche e gozação enfrentado durante o carnaval, e outros que rememoram ação, exclusão e resistência, como *transbordar*, *sobreviver*, *matar*, *culpabilizar* e *perpetuar*. Os dualismos encontrados aqui, como em *matar x sobreviver*, denotam e descortinam a disputa numa arena em que pessoas trans e travestis são desafiadas a se manterem vivas. Como adjetivos damos ênfase ao uso de *estereotipadas*, *bom*, *velho*, *sexualizada* e *malignas*, todos utilizados para descrever o ideal do senso comum relacionados à visibilidade trans. Permanece notória a escolha da autora por termos de forte ênfase, de grande apelo emocional: talvez como uma estratégia para chamar atenção do público, como também um aspecto de sua própria personalidade e vivências, visto que o texto continua sendo escrito em primeira pessoa e também tende a focar num viés intimista. T.R. fala de si, ao mesmo tempo que busca incluir a trajetória de *outrxs*; ela também inclui em certo ponto do texto: “*nós, travestis, transexuais e transgêneros*”.

### 1.1 – Técnicas de Argumentação

Voltamos a perceber o uso de constante de metáforas, prosopopeia e ironia, como nas expressões “*prisões de gênero*”, “*bom e velho machismo*” e em frases como “*escolas que santificam os banheiros considerando-nos entidades malignas isentas de necessidades fisiológicas*” e “*o riso é uma das melhores armas de exclusão social*”. Podemos associar o binarismo à prisão e a influência do machismo nessa opressão de gênero, como também a ênfase reincidente dada pela autora à questão dos usos de banheiros, uma importante pauta da vivência *transvestigeneres*. A expressão “*considerando-nos entidades malignas*” é também bastante emblemática e pode fazer uma referência religiosa ao termo “*santificar*” na mesma frase, utilizando uma dicotomia de opostos para referenciar a hostilidade que essas pessoas são frequentemente submetidas. Elas também revelam a relação de exclusão que identidades consideradas subversivas têm historicamente com a igreja, considerando que esta instituição

constantemente põe-se no direito de julgar e determinar quem deve ser santificado ou demonizado.

A questão do riso como mecanismo de exclusão rememora as noções de escárnio endereçados para as identidades destoantes. É perceptível a influência do *queer*, quando Butler (2002) descreve nesse processo de abjeção de corpos e identidades estranhas e não inteligíveis, as ofensas, deboche e xingamentos, que ao mesmo tempo em que excluem, também atribuem significados a essas identidades e aos locais que lhes é permitido circular, como em um eterno ato de repetição através do tempo, legitimado e alimentado por performatividades discursivas. É provavelmente também a partir deste caminho que a autora busca refletir a representação de travestis e pessoas trans no carnaval.

Como observado no mês anterior, outra forte característica argumentativa do texto continua sendo a formação de perguntas pela própria autora, como em “*tornou-se comum aturarmos nessa época do ano todo um conjunto de caricaturas, chacotas e deboches. É pra isso que nós - travestis, transexuais e transgêneros - servimos, não é mesmo? Gerar risadas*”, que fortalece nossa hipótese anterior. T.R. busca dar ênfase ao aspecto de deboche reiterado pelo carnaval, ao mesmo tempo em que também volta a associar os dilemas da travestilidade e da experiência trans ao longo do ano.

Ainda a partir da relação entre carnaval e deboche, T.R. faz dois importantes argumentos que envolvem tanto a representação da mulher cis quanto da travesti. O primeiro deles é em “*ser mulher*” vai ser visto como sinônimo de *recrear homens, principalmente entreter e divertir o amigo que não encarou o personagem. Objetificarão a nossa identidade de gênero estabelecendo uma visão reducionista a respeito de quem somos para eles: peças de roupas curtas [...] subentendem que a indumentária - que utilizarão da maneira mais sexualizada possível - fundamenta a nossa substância. Suas falas serão um reflexo desse teatro... cobrarão preços, citarão motéis, ruas, pontos, etc*”. A autora faz uso de um termo chave para a discussão do gênero, em identidade de gênero, como também descreve um cenário dominado pelo machismo. Há novamente menção à prostituição quando ela descreve roupas e lugares. Ao reconstituir este cenário, T.R. também resume: “*e passa longe de contemplar quem eu sou*”.

Outras frases que reiteram esse caráter de opressão e marginalização são identificadas em outros argumentos, como em “*tudo isso transborda porque sobrevivemos - fomos colocadas - na borda, na margem das oportunidades [...] em 2015 viraremos novamente uma fantasia carnavalesca porque ninguém quer ser a gente no resto do percurso anual. Utilizar*

*esse disfarce durante alguns dias de fevereiro deve ser o máximo, mas não se enganem... nada disso tem valor real. Nos outros meses do ano esses mesmos rapazes te matam por ser travesti e te culpabilizam pelo uso de roupas curtas*”. Mais uma vez observamos a menção à violência e exclusão, principalmente no país que mata travestis e transexuais no mundo. T.R. volta a mencionar a questão das roupas e da travestilidade ao longo do ano.

Quando utiliza o sujeito oculto para se referir a *eles* ou usa o termo “*esses mesmos rapazes*”, T.R. provavelmente se refere a indivíduos heterossexuais e cisgênero, como também pode estar reiterando todo *cistema* que possibilita tais reações de violência e ao machismo no geral. Na utilização da expressão “*fomos colocadas*” também é interessante perceber a coerção originária das relações de poder entre os gêneros, disputas culturais de elementos hegemônicos e do contra hegemônico, e a própria colonização das identidades trans pela cisgeneridade, como sugere Vergueiro (2012). A travestilidade, a experiência trans e tantas outras vivências subalternas de gênero e sexualidade também foram postas à margem através de diferentes discursos institucionais, médicos e religiosos pautados na heteronormatividade.

## **1.2 – Elementos de destacabilidade**

Não identificamos no texto em questão presença de título, subtítulo ou outros elementos que possam oferecer destacabilidade. Em nossas análises percebemos que este não é um recurso sempre utilizado pela T.R.

## **2- Componentes externos ao texto**

Como na maioria do M.A que tivemos acesso, no texto em questão não há presença de fotos, vídeos, desenhos ou imagens. O texto autoral da *Travesti Reflexiva* tende a ser postado de maneira pouco ilustrativa, com presenças esporádicas de imagens.

## **3- Repercussão – Contexto**

### **3.1– Conteúdo presente nas redes sociais?**

O texto contou com número representativo de curtidas (1.500) e compartilhamentos (247) no *Facebook* e não apresenta *hashtag*. Os comentários em destaque foram em geral de apoio e motivação, sendo o mais curtido (139) o da interagente Anin Urasse, que comentou

*"sinto o mesmo, irmã, com as fantasias de "nega maluca". Eu simplesmente fico com vontade de morrer com os estereótipos que são feitos das mulheres negras. Esse tipo de coisa só tem graça para os transfóbicos e racistas" (sic).* Aqui percebemos um interessante desdobramento da discussão sobre gênero através do recorte de raça, e também o uso do termo *irmã*, que pode significar empatia e solidariedade. O comentário não obteve resposta da autora.

### **3.2– Repercutiu em outros meios de comunicação?**

Não foram encontradas menções ao texto em questão em outros espaços da internet.



### 3.4.3–Março de 2015

Em março, o destaque de texto mais curtido (3.200) e compartilhado (439) ficou com uma publicação do dia 30, onde a T.R refletiu sobre a marginalização de pessoas trans em espaços públicos, principalmente na delicada questão do uso de banheiros em acordo com as identidades de gênero:

Figura 113 – Postagem 30 de março de 2015



## 1- Análise do texto linguístico

### 1.1– Itens lexicais

Ressaltamos o uso dos substantivos *espaço*, *público*, *humano*, *marginalização*, *banheiros*, *valor*, *exposição*, *órgão*, *genital*, *dejetos*, *senso comum* que são coerentes com a temática central do texto. Há novamente o uso dos termos *travestis* e *transexuais*, que demonstra um interesse na pluralidade de representações, como também o mesmo impulso para rememorar a trajetória de exclusão que essas pessoas podem experimentar em diferentes esferas do público e do privado, como no uso das palavras *ausência*, *empregabilidade*, *abandono*, *evasão* e *aberração*, com nítida referência às oportunidades do mercado de trabalho, família e escola, vocábulos que também aparecem no texto. Há também outros

substantivos que reiteram violência e opressão, como *crueledade*, *perigo*, *constrangimento*, *assédio*, *abuso*, *expulsão*, *agressão*, *humilhação*, *desumanização*, *desconforto*, *aflição* e *exposição* e o uso da palavra *paz* em contrapartida, na última frase do texto, em “*deixem as travestis e transexuais em paz*”. *Paz* também foi um substantivo utilizado no texto de janeiro, o que é bastante significativo em um cenário constante de violência e opressão: o suicídio entre pessoas *transvestigeneres* é também comum.

Outro substantivo interessante é *incontinência*, que a autora usa para exemplificar que travestis e pessoas trans podem desenvolver esse tipo de enfermidade ao serem impedidas ou ao evitarem ir ao banheiro por episódios de transfobia. Já em relação aos verbos, destacamos o uso de *pertencer*, *frequentar*, *impedir*, *acessar*, *evitar*, *ejetar*, *transitar* e *desmistificar*, que fazem menção a movimento e a própria discussão sobre o direito de *transvestigeneres* poderem ou não utilizar banheiros adequados às identidades de gênero as quais se identifiquem. Novamente observamos dualismos, como em *impedir* e *transitar*, evidenciando as disputas em voga. Outra parte desses verbos também fez menção a violência e exclusão, como em *sofrer*, *expulsar*, *empurrar* e *segregar*.

Salientamos o uso dos adjetivos *compulsória* (em relação à marginalização), *aversivo*, *corriqueiro*, *habitual*, *inteligíveis*, *limpinhos*, *naturais*, *abstratas*, *concretas*, *simbólicas* e *reais* (os últimos quatro em relação à violência) e *binários*. Mais uma vez a partir de um único tema específico, T.R. consegue criar um panorama mais ou menos central dos dilemas enfrentados pela população travestis e trans, voltando a citar, por exemplo, as questões da empregabilidade formal, família e escola (daí a utilização do termo marginalização compulsória). Embora seja importante salientar que nem todas as pessoas *transvestigeneres* passem por esses tipos de exclusão e abandono, o ciclo de violência e opressão é bastante palpável nas vivências da maioria.

## 1.2– Técnicas de Argumentação

É novamente perceptível o uso constante de metáforas e ironia. Exemplos dessa estratégia foram identificados como na frase “*travestis e transexuais são ejetadas dos banheiros públicos, como os verdadeiros dejetos que a sociedade encara que são, e isso representa o resultado de um processo de desumanização que, agenciado pelos considerados cidadãos de fato, mantém a existência de um projeto de ser humano que, para os legítimos, deu errado*”.

A comparação entre travestis e transexuais com dejetos é muito significativa tanto pelo contexto de opressão quanto pelo forte apelo emocional da expressão, quase como (ou talvez fosse, de fato) um desabafo. Essa estratégia discursiva também possui potencial para gerar empatia, pois a própria autora se enquadra no grupo de pessoas que seria desqualificado em sociedade, a ponto de se tornarem *dejetos* em um processo explícito de *desumanização*. Assim, se o leitor se considera humano não poderia estar de acordo com esse grau de rejeição e exclusão.

Outra expressão bastante significativa é “*a existência de um projeto de ser humano que, para os legítimos, deu errado*”, que reitera o quanto *transvestigeneres* são considerados em uma esfera de anormalidade, principalmente quando há o estigma da patologização da transexualidade e do policiamento de seus corpos. Em “*para os legítimos*”, essa legitimidade mencionada pela autora provavelmente faz menção à heteronormatividade e a cisgeneiridade, fatores mantenedores da lógica e da ordem binária hegemônica.

T.R. confirma essa hipótese em outro trecho quando menciona que “*uma simples ida ao banheiro, o que parece ser um ato corriqueiro e habitual para os inteligíveis, os cisgêneros, causa bastante desconforto e aflição para as travestis e transexuais*”. Esse conceito de inteligibilidade é também bastante utilizado na obra de Butler para descrever os mecanismos que envolvem a performatividade de gênero e a própria estrutura da heteronormatividade e da exclusão de corpos e vivências “*estranhas*” e subalternas, como o *queer*. Assim, o *ethos* do discurso ganha um tom acadêmico, provavelmente como forma de dar embasamento teórico ao que é dito, ainda que provavelmente parte dos leitores não o decodifique dessa forma por não conhecer a obra de Butler.

Outro elemento argumentativo que sublinhamos é o uso da negação pautada na identidade e diferença, onde a partir da demarcação do que *não* se é, a T.R. discorre sobre a identidade travesti, como em “*não são gente, sequer precisam alimentar-se: justifica a ausência de empregabilidade formal que rodeia esse contingente. Não são pessoas, nem mesmo demandam um lar: embasa o abandono familiar que integra parte da realidade de muitas travestis e transexuais. Não fazem parte da população, tampouco necessitam estudar com nossos filhos limpinhos: alicerça a evasão escolar e o descaso em relação ao nome social. Não são humanas, seus corpos materializam uma verdadeira aberração: fundamenta o imaginário de que existem os corpos naturais que, mesmo não configurando em naturalidade alguma, possuem aparato estatal para transitar*”. É interessante perceber que

grande parte da categoria de não ser é construída a partir de direitos e cidadania negados.

Como nos meses anteriores, T.R. continua a desenvolver questionamentos próprios em seus textos, como na frase que inicia o texto, “*a quem pertence o espaço público? Quem não é considerado humano, passa a não ser e deixa de ter necessidades fisiológicas?*”. A associação da travestilidade e a experiência trans a um aspecto não humano é também emblemática, visto que a autora neste argumento subentende a condição de humanidade a apenas indivíduos cisgênero. T.R. prossegue com o uso de ironia ao terminar seu texto com o argumento que afirma que “*os banheiros binários possuem cabines em ambos e nos, ditos, femininos não existem mictórios. Anulando qualquer suposta possibilidade de exposição corporal por parte das travestis e transexuais. Se a sua preocupação é a de que alguém acabe visualizando o seu órgão genital, pisme, não urine ou defeque na pia*”.

T.R. responde com sarcasmo a sugestão do senso comum que insinua que ao usar o banheiro feminino, travestis e pessoas trans poderiam praticar algum tipo de exibicionismo, assédio, ou constrangimento contra as pessoas cis, que muitas vezes prosseguem com o curioso hábito herdado da heteronormatividade de sempre se posicionarem como o centro de tudo.

### **1.3– Elementos de destacabilidade**

Um elemento que pode ser destacado são as frases que iniciam o texto, “*a quem pertence o espaço público? Quem não é considerado humano, passa a não ser e deixa de ter necessidades fisiológicas?*”. O destaque oferecido pode sugerir a ideia de título ou manchete e chamar a atenção do leitor, principalmente porque versa sobre os temas centrais da discussão proposta, deduz um posicionamento e aparece no formato interrogativo, como também aconteceu no mês anterior.

## **2- Componentes externos ao texto**

O texto vem acompanhado de uma ilustração bastante significativa. De costas, observamos uma personagem de cabelos longos, que dado o contexto pode representar uma travesti ou pessoas trans, em frente a duas portas de banheiro. Localizado à esquerda, na porta do banheiro feminino, que é assim simbolizado através do tradicional signo da mulher de vestido, encontramos a frase “*aqui vão te expulsar*”. Do lado direito há a porta do banheiro masculino, simbolizado por outro tradicional signo de representação de homens, onde lê-se a

frase “*e aqui vão te agredir*”.

Como a personagem aparece posicionada ao centro da imagem e no meio de cada banheiro, fica clara a sugestão do dilema enfrentado por travestis e pessoas trans. A porta do banheiro feminino sugere a transfobia que pode ser gerada por mulheres cis, que podem não considerar pessoas trans e travestis como “mulheres legítimas”, enquanto no banheiro masculino há a ênfase maior à agressão, provavelmente por questões relacionadas ao machismo e à violência de gênero.

### **3- Repercussão – Contexto**

#### **3.1– Conteúdo presente nas redes sociais?**

O texto contou com número representativo de curtidas (3.200), comentários (63) e compartilhamentos (439) no *Facebook* e não apresenta *hashtag*. Os comentários em destaque foram em geral de apoio e motivação. O mais curtido (451) foi uma resposta da T.R a um interagente que comentou “*Mija entre as portas e para de frescura*” (sic), ao qual a autora respondeu “*eu vou mijar na sua cara*” (sic).

#### **3.2– Repercutiu em outros meios de comunicação?**

Não foram encontradas menções ao texto em questão em outros espaços da internet.

### 3.4.4—Março de 2016

Em março de 2016 a postagem de maior destaque é um texto publicado no dia 17 de março que fez um trocadilho entre Partido dos Trabalhadores (PT) e Pessoas Trans (PT). Essa publicação obteve o maior número de curtidas (10.581), comentários (176) e compartilhamentos (299) dos quatro textos analisados. Aqui, mais uma vez, fica claro o quanto a T.R produz conteúdo também pautada em um nível de agendamento dos acontecimentos que são tópicos de discussão na mídia e na sociedade, bem como sua disposição recorrente em discutir o tema política:

Figura 114 – Postagem 17 de março de 2016



## 1- Análise do texto linguístico

### 1.1— Itens lexicais

Como substantivos, destacaram-se o uso de *ódio*, *partidário* e *transfobia*. A autora faz uma associação, na qual, pelo contexto político delicado que o Brasil passava na época, o ódio direcionado ao PT poderia ser maior que a transfobia, que como se sabe, é profundamente enraizada na sociedade brasileira expressa por meio dos mais variados episódios de violência

e exclusão para com pessoas *transvestigeneres*. Vale ressaltar que o texto foi escrito no período no qual o processo do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Roussef estava em andamento, que foi marcado por diversos protestos e mobilizações tanto na internet como nas ruas.

Como verbo, destacamos o uso de *agredir* e como adjetivo, a palavra *inflamado*, ambos fazendo referência à violência e ao clima de conflito em voga na política partidária. Vale ressaltar que no caso de *agredir*, a autora acrescenta logo depois “*o que é bem capaz de acontecer*”, em uma construção que salienta o quanto a hostilidade às pessoas *transvestigeneres* é presente no cotidiano, e ao final do texto, em “*aproveitar*” vislumbra-se uma ideia de sossego, de opostos, uma situação pouco corriqueira onde pessoas trans não seriam as principais vítimas de exclusão pelo hegemônico.

### 1.2– Técnicas de Argumentação

T.R. faz uso de um trocadilho ao associar as siglas PT, de Partido dos Trabalhadores, para PT, Pessoas Trans. Essa expressão com teor humorístico, uma forte característica do conteúdo publicado na página, já havia sido veiculada no material compartilhado no mesmo período. T.R. também volta a criar perguntas no texto as quais ela mesma responde, neste ponto uma característica marcante de sua produção autoral. Quando a autora afirma “*hoje vou fazer questão de sair com uma blusa azul e rosa*” provavelmente está fazendo menção as cores da bandeira do movimento de travestis e transexuais. O PT, partido político, é de forma icônica associado à cor vermelha.

### 1.3– Elementos de destacabilidade

Não identificamos no texto em questão presença de título, subtítulo ou outros elementos que possam oferecer destacabilidade, até mesmo pela própria extensão do material, construído de maneira mais concisa, quase como um comentário.

## 2-Componentes externos ao texto

Como na maioria do M.A que tivemos acesso até então, no texto em questão não há presença de fotos, vídeos, desenhos ou imagens. Embora o texto autoral da *Travesti Reflexiva* tenda a ser postado de maneira pouco ilustrativa, com presenças esporádicas de imagens, vale ponderar que metade do M.A. analisado que apresentamos aqui continha imagens.

Provavelmente a influências das imagens na sociedade em que vivemos tenha contribuído para o grande envolvimento do público, colocando estas postagens entre as mais curtidas e compartilhadas.

### **3-Repercussão – Contexto**

#### **3.1– Conteúdo presente nas redes sociais?**

O texto contou o maior número de curtidas (10.581), comentários (176) e compartilhamentos (299) dos quatro textos analisados e não apresenta *hashtag*. Os comentários em destaque foram em geral de apoio e motivação. O mais curtido (1.100) é de autoria da própria T.R., que posta simulando um diálogo: “*Comunista? – Não, Travesti. – Pode passar*” (sic). Esse mesmo comentário recebeu outras 22 respostas de interagentes nessa publicação.

#### **3.2– Repercutiu em outros meios de comunicação?**

Não foram encontradas menções ao texto em questão em outros espaços da internet.

Como última parte dos procedimentos metodológicos utilizados, apresentamos no próximo tópico nossas interpretações realizadas a partir da entrevista com Sofia Fávero, a criadora da página *Travesti Reflexiva*, cuja participação foi de suma importância para nossas análises.



### 3.5- Entrevista com a *Travesti Reflexiva*

A entrevista com Sofia Fávero, criadora da *Travesti Reflexiva*, marca um dos pontos mais emblemáticos deste trabalho. Através desta trajetória empírica, foi possível elucidar muitas das nossas dúvidas e discutir hipóteses e inferências percebidas através da análise do conteúdo da página, compreender o cenário e os percursos do desenvolvimento de sua atuação e também debater conceitos-chave para nossa pesquisa, como identidade e travestilidade. Quando criamos o projeto, em 2015, Fávero a princípio não se mostrou disposta a colaborar conosco diretamente. Meses depois, através de colegas em comum, convites posteriores foram refeitos e culminaram em uma conversa informal via *Skype* em 2016, para apresentar apropriadamente o projeto. Após esse contato aconteceram mais algumas trocas de mensagens em 2017, e esta entrevista realizada em maio de 2018, nosso encontro final.

Entre 2015 e 2016, a página saiu do modo público no *Facebook*, com a decisão da autora de não continuar com a T.R. Fávero gentilmente nos colocou como editores da página para que pudéssemos proceder com as nossas análises, o que foi fundamental para o desenvolvimento dessa dissertação. A entrevista analisada abaixo aconteceu na faculdade onde a entrevistada estava finalizando sua graduação em Psicologia, em Aracaju (SE). Como forma de melhor situar o leitor em nossa discussão, dividimos este material em eixos temáticos centrais e, a partir desses marcadores, apresentaremos nossas interpretações. A entrevista na íntegra segue disponível no apêndice deste trabalho, com início na página 277.

#### **Codificação de conteúdo da entrevista: sobre o histórico da *Travesti Reflexiva***

A entrevistada reconstituiu o surgimento da página ao narrar que a mesma foi criada em 2012, sendo excluída algumas vezes pelo *Facebook* e, com versão definitiva, publicada em 2013. Ela comentou que a principal razão que a motivou para a criação da T.R. foi a não existência na época no *Facebook* de conteúdo voltado a travestis e pessoas trans que não fosse sexualizado, e que apresentasse um viés que focasse no compartilhamento de vivências e histórias de vida dessa população. Em nosso próprio levantamento feito neste *site* para essa pesquisa também apontamos o fato.

Foi principalmente inspirada em produtos da cultura pop como *RuPaul's Drag Race* e na ativista trans Daniela Andrade, que Fávero conta ter criado a T.R.: Daniela mantinha um fluxo constante de publicação de textos autorais em seu perfil no *Facebook*, no que a

entrevistada enxergou uma oportunidade, visto que ela também possuía boa interatividade entre seus seguidores na rede. A entrevistada inclusive comenta o quanto o engajamento das páginas hoje é abalado com as constantes atualizações do *Facebook*, apontando que atualmente não faz sentido mantê-las, panorama que nós também buscamos apresentar através das contribuições de Martel (2016) e Fuchs (2015) a respeito das questões de acesso e do imperialismo na internet.

A entrevistada define a T.R. como um *alter ego*, um personagem criado para dar vazão a uma necessidade de expressão, no início principalmente baseado em suas próprias vivências pessoais. Para Fávero, “[...] o conteúdo inicial da página *Travesti Reflexiva* era voltado para pessoas trans. Era uma forma de criar uma rede de afeto entre elas para que houvesse identificação com aquilo, que elas vissem as situações que elas passavam também e pudessem se reconhecer”. A entrevistada conta que após o episódio de assédio que sofreu dentro de um ônibus em Aracaju (SE) em 2014, a atuação da página mudou: “[...] eu despertei de alguma forma para uma necessidade de falar mais. Não era mais uma questão de situações cotidianas, era dor”.

Ao ser indagada sobre seu histórico de envolvimento com a causa trans na cidade em um momento pré T.R., ela rememora a relação entre ativismo e transexualidade em Aracaju (SE): “[...] eu não sentia uma expressão forte de ativismos trans naquela época”. A entrevistada cita que naquele momento havia uma mobilização principalmente centrada em duas organizações, a ASTRA e a ADHONES, e na cidade havia poucos eventos direcionados a pessoas *transvestigeneres*, o mais importante deles era a realização da parada gay. “[...] Após o incidente do ônibus foi que eu me envolvi mais com ativismo em Aracaju. E eu não estou me responsabilizando por isso, mas o que eu senti foi que o ativismo trans por aqui depois explodiu de alguma forma. Ganhou visibilidade”. Fávero participou da organização das quatro edições da Semana de Visibilidade Trans da cidade, do programa Educatrans, um curso preparatório para o Enem voltado para pessoas trans, além de ser membro de uma ONG local, a AMOSERTRANS.

A entrevistada também associa a escolha da palavra travesti para nomear a página a um uso político. Essa decisão também foi construída a partir de seus próprios processos de autodescoberta e identificação: “[...] desde muito pequena eu era apontada como travesti na rua, essa era a minha referência. Porque ser travesti é algo ruim? Porque as pessoas me identificavam dessa forma? Eu achava um pouco fútil ou superficial eu me colocar como

transexual. Porque para mim, e eu vou falar da ideia que eu tinha naquela época, ser transexual era necessariamente não estar no Nordeste, não estar aqui, ter nascido em outro lugar. Talvez na Nova Zelândia eu fosse transexual, mas aqui eu sou travesti, gente, fazer o quê? (*risos*)”.

Este argumento é de suma importância para a compreensão da representação da travestilidade na página: em um primeiro momento a entrevistada reafirma o caráter marginalizado da identidade travesti na sociedade brasileira, principalmente quando associa o termo transexual a uma realidade internacional; embora posta à margem, a travestilidade é a identidade disponível ao seu cotidiano. E se partimos também de recortes de raça e classe, é bastante provável que a identidade travesti esteja entre as expressões mais contra hegemônicas, visto que é comumente associada às pessoas de baixa escolaridade e à prostituição. Neste sentido, reconhecemos nitidamente os processos descritos por Butler (2003) através da performatividade, visto que indivíduos tendem a construir suas identidades de gênero através das coerções sociais do hegemônico e dos papéis socialmente disponíveis, ainda que estes sejam inseridos em um contexto de violência e exclusão.

É a partir daí que também nasce a necessidade da construção de novos modelos representativos e novas narrativas sobre gênero e a travestilidade. É notável que com a escolha do termo travesti para nomear a página há uma iniciativa para a construção de novas significações para o ser travesti que não o resumam em situações de subalternidade, tanto que ações contrárias a esse sentido são lembradas pela entrevistada: “[...] vi pessoas normais, e vamos usar o termo “normais” para pessoas comuns, que não tinham nenhum envolvimento com essa população, mas que estavam ali compartilhando textos e mais textos de alguém que se chamava *Travesti Reflexiva*. Aquilo eu achava interessante. Era como se o compartilhamento valesse mais que a ideia, parecia isso para mim”. Esse trecho também nos demonstra o quanto a página estava disposta a acompanhar o impacto de sua atuação junto à cisgeneiridade e a heteronormatividade, questionando e buscando abrir um diálogo.

Fávero também confirma que ela era a única pessoa a administrar e produzir conteúdo para a T.R., embora contasse com o auxílio ocasional de amigos gays para a leitura prévia de textos autorais. É também de autoria da entrevistada todo os arquivos de *design* gráfico que ilustrou o material autoral: “[...] tenho uma certa aptidão com *Adobe* (*risos*)”. Fávero conta que os principais fatores para frequência de publicação na página eram disponibilidade e

criatividade, confirmando a influência do período letivo sobre suas atividades, algo também apontado por nossas análises anteriormente.

A entrevistada comenta que o seu trabalho com a T.R. era um *hobby*: “[...] era um *hobby* sim, com certeza. Eu não tenho vergonha, parece que a pessoa está errada ao dizer assim. Não estou dizendo que você está julgando, mas parece que se eu disser isso para outras pessoas elas irão julgar de maneira errada, como se eu não tivesse levado tão a sério o ativismo, ou não tivesse me implicado tanto com a gravidade da situação... Porém, foi um *hobby* mesmo e foi divertido”. A ideia de *hobby* às vezes pode parecer fora do contexto quando associada a ativismo, paradigma que a entrevistada também se propõe a questionar com a sua atuação.

Em sua trajetória no *Facebook* com a T.R., Fávero relembra ter sido excluída pelo *site* no mínimo três vezes: “[...] ficava um mês sem postar, acho que você pode encontrar meses que eu não postava que eram também meses de bloqueio. Eu era bastante bloqueada”. A entrevistada comenta que a maior parte do conteúdo excluído pelo *site* foi de textos autorais que eventualmente poderiam conter expressões como bicha ou travesti. Esse fato desperta a discussão a respeito de censura; uma página com milhares de seguidores cujo nome principal leva o termo travesti, com certeza despertou as mais diversas reações, visto que também há mão de obra humana trabalhando para o funcionamento do *site* e todos estamos vulneráveis as coerções da heteronormatividade.

Atualmente, quando um material é denunciado no *Facebook*, o *site* analisa a denúncia submetendo a publicação em questão a uma equipe interna que a investiga segundo as próprias diretrizes do *site*, em um processo muito pouco transparente e que pode ser facilmente influenciado pelas tradicionais noções hegemônicas de raça, gênero e sexualidade. Ao ser questionada se havia possibilidade de voltar a postar o material anteriormente excluído na página, Fávero comenta ser improvável, visto que ela costumava escrever diretamente no *Facebook*.

### **Sobre a construção do material autoral**

A entrevistada narra que possuía dificuldade para escrever e que a paixão pela escrita surgiu com a própria página, e que além de amigos próximos, também contou com o auxílio dos interagentes da T.R., que apontavam erros e sugeriam correções. Fávero comenta que ainda que atuasse através de um *alter ego*, grande parte das temáticas dos textos era baseada

em sua vida pessoal: “[...] vamos colocar de uma forma que eu não seja esquizofrênica (*risos*): eu usava essa carcaça, mas o material era meu. Eu não falava sobre ela, eu falava sobre mim (*Sofia reflete por um momento*). Parece que ela é outra pessoa, né? Fica mesmo meio esquizofrênico”. Esses deslocamentos entre identidades nos remete a Hall (2011), cujas afirmações apontam as identidades cada vez mais como pontos de apego temporários.

Sobre a escolha de construir os textos na primeira pessoa, a entrevistada afirma que “[...] é que depois que eu saí do armário, em 2014, não tinha muito mais o que fazer. Eu vou fazer o quê, gente? Eu não podia mais me esconder, não tinha mais onde! Então vamos usar a Sofia também, ela vai ser minha arma”. Ao ser questionada sobre o uso constante de metáforas, prosopopeias, hipérboles e outras figuras de linguagem ou expressões emblemáticas na construção de seus textos, Fávero afirmou se considerar estratégica, embora compartilhe que atualmente talvez não os escrevesse da mesma forma: “[...] hoje em dia está tranquilo, mas antes eu não tinha mudado meu nome ainda, então eram muitas coisas acontecendo e eu com pouca preparação para lidar com elas, então era muita dor. Sentia vontade mesmo de falar que estava com raiva, sabe? “eu tô com raiva, cara, sintam raiva comigo!”, e eu consegui fazer com que muita gente sentisse raiva comigo mesmo”.

Quando perguntamos sobre os limites que separavam a T.R. de sua própria identidade como pessoa privada, como no caso em que a entrevistada constrói um texto narrando a demissão de uma amiga trans em janeiro de 2015, Fávero elabora sua resposta rememorando outro episódio de exclusão com uma pessoa próxima: “[...] uma amiga minha, trans, que estudava comigo no colégio e que morava no Dezoito do Forte (*um bairro da periferia de Aracaju*) dizia que para ela pegar ônibus lá, alguém tinha que parar o ônibus por ela. Se ela mesma acenasse, sozinha no ponto, o motorista passava direito. Eu achava aquilo um absurdo e só eu sabia. Como é que só eu sabia disso? Como é que outras pessoas não sabiam que isso estava acontecendo? Eu ficava (*Sofia suspira*) desesperada, sem ar, sabe? Sufocada. E aí a página foi essa oportunidade. Lógico que eu não tinha como saber das histórias de todas as pessoas trans do Brasil, mas as que eu sabia eu divulgava, quando era consensual. ” Tal argumento também fortalece a ideia de uma rede de afeto entre pessoas trans, conforme sugerido pela entrevistada anteriormente.

Também apresentamos a Fávero as temáticas de destaque em seus textos, como pessoas trans, feminismo e machismo, e para além de suas experiências pessoais, a entrevistada associa a escolha desses temas como assuntos que provavelmente estavam em

debate na sociedade naquele momento, principalmente se existisse algum episódio relacionado a outras pessoas trans. Isso confirma nossa hipótese de que a construção do conteúdo da T.R. também funciona através de um agendamento midiático. A entrevistada comenta que ter se mantido atualizada sobre diversos temas e tecer comentários sobre eles na página era uma tarefa cansativa: “[...] eu pensava “gente, eu tenho minha vida para fazer, eu não tenho mais tempo”. E eu comecei a perder rendimento na faculdade, comecei a decair mesmo, a me preocupar com as minhas notas. Foi aí que comecei a dizer “isso aqui não é tão interessante para mim, isso aqui não tem tanto a ver com pessoas trans, isso aqui outra pessoa pode dar conta”.

Fávero narra que às vezes, a depender da quantidade disponível de conteúdo, ela poderia planejar os temas que seriam abordados ou não pela página baseada também na atuação de outros ativistas e em plataformas que lhe inspiravam confiança: “[...] eu esperava alguém fazer, tipo o *Canal das Bee* (no Youtube) ou a Amanda Palha (*outra ativista trans conhecida na internet*) que na época também tinha uma página. Eu esperava pelas outras pessoas, e foi isso que eu fui começando a perceber, sabe? A página foi uma faísca que acendeu outras faíscas. Quando eu vi que não precisava mais me manter “acesa”, eu disse “pronto, vão lá vocês””.

Sobre o *feedback* de leitores relacionados a casos marcantes, a entrevistada compartilha conosco um episódio específico: “[...] eu e uma amiga planejamos fazer plaquinhas para colocarmos nos banheiros. Ela fez umas 86 plaquinhas e colou em todos os banheiros da Unit. Deu um trabalhão e isso não durou 2 horas (*risos*). A gente conseguiu fazer divulgação *online*, e na internet foi tudo certo, ok. Lembro também que na época tinha um pessoal do movimento trans que achou aquilo um absurdo, como se a página estivesse legitimando os banheiros divididos por gênero ou que não estivesse considerando as pessoas não binárias. Foram feitas notas de repúdio, cartas abertas, denúncias para a *Travesti Reflexiva*... Milhares de coisas, e eu não estou exagerando. Era esse tipo de coisa que acontecia. Lidar com o ser humano é complicado”.

Tal episódio também confirma uma das hipóteses centrais deste trabalho: que a página pode potencializar questões de gênero e ativismo e também possui desdobramentos *offline*. Além disso, também podemos perceber que a T.R. enfrentou resistência também dentro do movimento trans. Já em relação às críticas diretas e indiretas que a T.R. fez sobre outras produções midiáticas ou pessoas públicas, Fávero comenta que “[...] acho, por exemplo, que

peguei demais no pé de Jeans Willys (*Deputado Federal pelo PSOL-RJ e militante LGBT+*). Era muita raiva, ironia e sarcasmo... É até difícil olhar a página hoje, sabe? Sinto um passado muito ruim, embora me divertisse muito com ela também. As pessoas também se divertem cortando um dedo ou uma perna... Era meio que isso (*risos*). Às vezes eu me divertia fazendo mal a mim mesma nesse período, então hoje em dia não agiria da mesma forma. Fui amadurecendo e se fizesse críticas agora seriam completamente diferentes”.

Sobre as iniciativas que encontramos no material autoral com tom educativo, com textos postados em um só dia acompanhado de ilustrações sobre transfobia e pronomes de tratamento para travestis, a entrevistada diz que se inspirava em produções semelhantes disponíveis em outros *sites* e que as dúvidas do público da página auxiliavam a construir o conteúdo. Também questionamos sobre a construção de resenhas de livros para a T.R.: Fávero conta que estes geralmente eram presentes de editoras e que compartilhava as resenhas como forma de agradecimento; livros de *autorxs* trans, no entanto, eram comprados pela própria entrevistada e divulgados para fortalecer a causa. É interessante perceber como a noção de uma rede de afeto entre pessoas trans prossegue norteando grande parte do conteúdo.

Quando questionada sobre a inserção de teorias acadêmicas sobre gênero no debate, a entrevistada comenta que era uma estratégia para elevar o nível da discussão: “[...] é também uma necessidade de ser levada mais a sério, do debate ser mais conceitual, de não ficar só no vivencial. As citações eram espontâneas e também intencionais. Dá a ideia de “vamos sair desse lugar de fala um pouco”, vamos trazer justificativa de porque isso está acontecendo, compreender nossa realidade”. Tanto no caso sobre a resenha de livros quanto da abordagem sobre teorias acadêmicas, também fica claro o quanto Fávero dispunha de acessibilidade, bastante influenciada por seus recortes de raça, classe e idade.

Ainda que a identidade travesti seja inegavelmente marginalizada em nosso atual contexto social, outras posições de identidade como uma jovem branca universitária de classe média, sem dúvidas foram pontos relevantes de sua atuação, e ao seu modo, também disponibilizaram muitas noções de acesso. Embora esses atravessamentos interseccionais não sejam o objetivo principal do nosso trabalho e sua abordagem necessite de maior zelo e responsabilidade, parece-nos relevante ressaltar brevemente como essas características também influenciaram o desenvolvimento da página e a própria discussão sobre gênero.

Ainda na mesma temática sobre livros, também perguntamos a Fávero sobre uma publicação na qual ela comentava ter sido convidada para escrever sua própria obra. Embora

afirme possuir algum arrependimento, a entrevistada diz ter declinado do convite de três editoras por não ter se sentido à vontade em escrever um título autobiográfico. Para ela seria uma posição contrária em relação a sua identidade profissional como psicóloga.

A partir deste ponto, identificaremos muitas vezes o conflito entre as identidades que Fávero assume: a de travesti, ativista, profissional e a de Sofia. A entrevistada analisa brevemente os contrastes através de algumas dessas identidades: “[...] a da psicóloga é mais reservada, ligada ao privado, ao que é confidencial, e a travesti é muito mais do campo do público, do que é visível. [...] Não estou dizendo em momento algum que pessoas conhecidas não possam ser psicólogas, mas eu não fui capaz de lidar com esse conflito. Então acabou a página, escolhi a Psicologia e é isso”. Mais uma vez podemos observar as muitas descentralizações do sujeito moderno, como sugere Hall (2011).

Questionamos a entrevistada sobre sua própria trajetória em relação aos temas educação, nome social e uso de banheiro, visto que estes também são temas de destaque na construção do material autoral. Fávero relembra que sua experiência pessoal também foi marcada pela exclusão: “[...] até hoje é difícil definir minha relação com a faculdade. É um lugar de favor [...] no início, eu não usava banheiro, não lanchava e não saía da sala... Foi barra”.

A entrevistada, que estudou em duas instituições de ensino superior em Aracaju (SE), conta que durante o ensino médio não sofreu preconceito e era bem aceita na escola pública que frequentava, principalmente pela “cena gay” do local. Fávero conta que a lógica de funcionamento da faculdade a assustou: “[...] não é tão familiar como uma escola, na faculdade é muito rotativo, as pessoas não tinham tempo para se conhecerem e verem que eu não era um animal. Era uma coisa meio louca. Eu pensava “gente do céu, o que é que está acontecendo aqui? ”. Como veremos a seguir, a autora voltará a situar a educação como um capítulo importante na vida de pessoas *transvestigeneres*.

### **Sobre a construção do material compartilhado**

Apresentamos à entrevistada as temáticas de maior frequência no M.C. – pessoas trans, educação, humor e política – e solicitamos uma análise sua sobre a trajetória da T.R. com abordagem desses assuntos: “[...] acho que sempre fui muito esperta, eu me defino como estratégica. Sempre consegui ver o que dava visibilidade à página, de que forma poderia alimentá-la para alcançar mais pessoas. Eu pensava “como é que posso transformar a *Travesti*



*Reflexiva* numa voz”? E aí via que o meio era, por exemplo, compartilhar um *tweet*, e isso rodava muito no *Facebook*”. Ao ser indagada sobre o porquê do uso de tantos *tweets*, Fávero responde: “Não sei te explicar o funcionamento da internet, mas eu a conheço. Eu sabia “isso aqui vai funcionar”, “isso não”, tanto que raramente uma publicação não “estourava”. Os *tweets* rodavam muito”. Nós também apontamos argumento semelhante sobre a viabilidade desse formato em nossas análises.

Ao ser questionada sobre o destaque associado à temática educação, um tema que se configura como um importante fio condutor da página, a entrevistada conta que “[...] embora tenha sido doloroso para mim, até hoje ainda penso que o ensino superior é um interessante campo de disputas para pessoas trans e travestis. Nós deveríamos estar aqui no duelo por esse espaço. Acho que era isso, uma iniciativa de “vamos entender esse espaço”, e penso que era uma questão mais entre mim e outras pessoas trans, não era para a população cis ou “comum”. A interessante expressão “entre mim e outras pessoas trans” também continua reafirmando a noção apresentada de rede de afeto entre pessoas *transvestigeneres*, o que demonstra não só a confirmação deste como um tema chave para a vivências desses indivíduos, como também de sua viabilidade para a construção de novas narrativas que contemplem experiências de travestilidade.

Sobre o tema política, Fávero comenta que sua atuação era bastante focada em um posicionamento pró-PT e que também possuía afeição pela figura da Dep. Federal Luciana Genro (PSOL). A entrevistada, que fez parte do desenvolvimento da campanha de uma amiga próxima (da ativista trans Linda Brasil, que concorreu a vereadora em 2016 em Aracaju (SE)) conta que também recebeu um convite para filiação para o PSOL através da própria Luciana Genro em 2015. Fávero explica que declinou do convite, pois política por enquanto não faz parte de seus planos. Em relação ao humor, a entrevistada confirma que esta é uma característica de sua própria personalidade: “[...] essa sou eu, *bee* (*gíria LGBT+ para bicha*), infelizmente (*risos*). É uma característica que não consigo perder”.

Quando indagada sobre sua relação com cultura pop, com produtos como *RuPaul’s Drag Race* e o seriado *Desperate Housewives*, que aparecem através de *gifs* na página, a entrevistada afirma que tentava “[...] inserir o debate na cultura pop, imaginar uma discussão sobre isso numa novela ou seriado... Eu gostava muito de pensar cultura pop, sempre fui muito estratégica. Isso funcionava muito”. Já sobre a telenovela *Babilônia*, um dos assuntos mais abordados em março de 2015, Fávero conta que “[...] não assistia, pegava tudo da

internet, foi estratégia (*risos*). Porém, eu entendia que aquele momento era importante, era algo que a página não poderia deixar de falar, era o tema do momento”. Este comentário também reafirma a estratégia da página de atuar através de um agendamento temático dos assuntos em pauta na sociedade e da própria autora como uma articuladora perspicaz da sua atuação e do público da página.

Em relação às publicações que abordavam afetividade, a entrevistada diz, que “[...] apesar de eu nunca ter visto uma estatística disso, o público da página era muito jovem, se não jovem de idade, de ideias, de se permitir a diversas situações. Eu achava que afetividade podia ser mais fluída na página, mais flexível”. Sobre o uso de trocadilhos e *memes*, como o da tradicional família brasileira e o da heterofobia, Fávero se assume fã do formato, afirmando também que essas postagens eram convites para que o público da página se divertisse junto a ela. Já o compartilhamento constante de material do *Canal das Bee*, refletia uma relação próxima da entrevistada com os criadores desse projeto: “[...] até hoje tenho um carinho autêntico e sincero por todos eles. Inclusive esse foi um dos “respiros” que eu encontrei ao terminar a página, saber que existem pessoas que iriam continuar de alguma forma”.

A entrevistada também comentou sobre a origem dos *links* compartilhados, que em grande parte foram do *site nlucon.com*: “[...] foi engraçado, o ativismo me apresentou várias pessoas, o Neto Lucon foi uma delas. Eu fiquei próxima a essas pessoas, e era natural que eu estimulasse o trabalho delas. Além de eu achar bacana, tinha um afeto envolvido”. Mais uma vez encontramos a ideia de afeto para a construção de uma rede que envolve pessoas trans, tanto na questão dos *links*, como também no *Youtube* com o *Canal das Bee*. Fávero, que tratou brevemente sobre recortes de raça durante nossas análises, enxergava este tema como delicado: “[...] você tinha que ser muito inteligente naquele momento para poder circular entre esses temas. Falar mais sobre aquilo te colocava num lugar de apropriação, de inviabilizar, e falar pouco te colocava num lugar de pessoa que não estava atenta aos problemas sociais. Era um “vamos, mas não vamos””. Já sobre a temática dos homens trans, a entrevistada afirma que tratou menos desse assunto por conta de seu pouco conhecimento de causa.

Quanto ao HIV, temática que também aparece no material compartilhado, Fávero afirma ter experimentado uma certa relutância para tratar do assunto à princípio, por temer ressaltar estereótipos relacionando o HIV às travestis. A entrevistada, no entanto, relembra ter experimentado uma importante mudança de perspectiva sobre o assunto após ter feito um curso a convite da UNESCO sobre esse tema, que contou com a participação de outras 50

peessoas que possuíam o vírus: “[...] a partir do momento que tive proximidade com aquelas pessoas que viviam com HIV isso foi dilacerador para mim. Não porque a história de vida era dolorosa, mas porque aquilo fez muito sentido para mim de alguma forma. Uma das coisas que mais me machucaram, por exemplo, aqui na faculdade que estudo, foi chegar ao 9º período e ainda ter pessoas da minha sala que eram extremamente brutas com a questão de gênero, de chegar numa mesa e perguntar, “ei, seu nome era fulano, né? ”. E eu pensar “*caraca*, eu estudei cinco anos com essa pessoa e ela chega aqui hoje e não entende que se eu mudei o nome era porque aquele nome machucava? ” E ela ainda cursava Psicologia! ”.

Essa interessante contribuição aponta sobre os diversos atravessamentos da entrevistada como pessoa privada e como seu *alter ego* de T.R., identidades que tanto convergiam como conflitavam com bastante naturalidade. Sobre a relação da página com religião, a entrevistada conta que recebia algumas mensagens privadas com condenações e ameaças “[...] eu recebia muitos *inbox* assim, mas era até natural, eu esperava. Se você vai criar uma página com essa temática, você vai receber coisas do tipo”. Fávero também comenta que todo o material publicado em datas específicas, como Dia Internacional da Mulher ou o Dia Internacional da Visibilidade Trans, era feito de modo espontâneo e sem planejamento prévio.

### **Sobre militância e ativismo**

Questionamos a entrevistada sobre o compartilhamento constante de publicações de outras ativistas e pessoas trans, como Amanda Palha, Daniela Andrade e Maria Clara Araújo: “[...] no geral eram pessoas do ciclo próximo. Amanda e a Daniela eu compartilhava mais pela causa”. Sobre a participação e divulgação em eventos, Fávero conta que “[...] eu não gostava de compartilhar os eventos que eu ia, parecia que eu estava alimentando uma imagem da Sofia *pop-ativista*. Eu compartilhava apenas na véspera ou quando a organização do evento me pedia com todas as letras para fazer a divulgação (*risos*) ”.

Quando indagada se esta não seria uma postura contraditória – assumir um posicionamento de ativista, mas ter muitas reservas quanto a essa identidade – a entrevistada acrescenta que: “[...] é completamente contraditório sim e me incomodava. Tanto que tive até uma resistência quando você fez esse projeto, não sei se você lembra... Eu me tornei uma pessoa reservada, gosto da minha privacidade, de poder fazer as coisas que podem ser consideradas erradas e não ser julgada por isso (*risos*). Eu gosto de, vamos dar um exemplo, ir ao barzinho com umas amigas e pronto, ser só isso, uma pessoa no barzinho com as amigas.

Só que naquele momento eu não podia mais fazer isso, seria apontada como ativista, reconhecida... Minha vida começou a ficar chata”. Neste tópico, observaremos diversas vezes conflitos da entrevistada através dos constantes contrastes de suas identidades assumidas, principalmente marcados por sua atuação profissional.

Fávero comenta que sua própria jornada de maturidade pessoal a fez encarar o trabalho desenvolvido com a T.R. de outra forma: “[...] se você me perguntar “Sofia, você gosta da página? ”, eu vou dizer que não. No meu *Lattes* ela não conta. Foi o único projeto que eu participei que não está lá, não é algo que eu goste. Não é um projeto que me traga boas recordações, embora, eu tenha me divertido muito, é sempre bom ressaltar isso. Eu lembro que o Thiago Ranieri, um amigo, estava me ajudando a fazer meu *Lattes*, e ele falava “coloca a página”, e eu dizia não. Ele insistia dizendo que eu poderia ter o certificado, e eu disse, “mas aí seria produzir provas contra mim mesma”, e ele ria. Não pus. E isso até conta para a seleção do mestrado, mas eu não quero colocar e banco essa decisão. Eu posso até não passar no mestrado, mas não coloco, de tão profundo que isso é para mim”. Sofia acabou sendo selecionada para cursar mestrado no Sul do país em 2018 após essa entrevista, sem mencionar seu trabalho com a T.R.

A entrevistada também comentou o peso da própria decisão e da exposição experimentada mesmo agindo através de um *alter ego*: “[...] é controverso e ambíguo porque foi uma escolha minha criar, ninguém me colocou no computador e disse, “vai criar a página agora, vai se expor no *Facebook*!”. Eu mesma me voluntariei a colocar aquilo ali e alimentar semanalmente, diariamente. Porém, se eu não estivesse na Psicologia talvez eu não tivesse chegado a essa decisão. Chegou um momento que pensei que a minha vida estava na internet, na frente de todo mundo. Eu estava nua na frente das pessoas e não quis mais”. O atravessamento da questão profissional novamente parece ter sido de grande peso para Fávero, e ele se repete diversas vezes ao longo desta conversa.

Quando questionada sobre a potencialização de ações de ativismo através da T.R., como no caso de Megan Mastroyany em 2015, quando houve o compartilhamento de um pedido de ajuda por complicações devido ao uso de silicone industrial e a página divulgou os dados bancários da pessoa em questão para seus seguidores, Fávero comenta não se recordar do caso em específico, mas acrescenta que: “[...] esse tipo de pedido era muito recorrente na página. Só que esse era não o contexto da T.R., um caso ou outro, que eu considerasse emergencial, eu com certeza compartilhava. A Vakinha (*site de campanhas para*

*financiamento coletivo*) do Miguel, por exemplo (*homem trans e ativista cuja campanha visava arrecadar fundos para sua mastectomia*), foi bem parecida com esse caso. Com ele, com quem eu namorei e acompanhei de perto, deu certo e ele conseguiu fazer a cirurgia. Inclusive eu não só compartilhei como fiz a *Vakinha* dele”. Tal episódio também confirmam nossas hipóteses sobre a página potencializar ações de ativismo também *offline*.

Essa relação de auxílio e escuta a pessoas trans também acontecia nas mensagens privadas recebidas pela T.R, conforme conta a entrevistada: “[...] a página recebia cerca de 2.000 mensagens por mês. Dessas, umas 200 eram relatos em relação a estupro, suicídio... Outras eram cantadas, inclusive de homens casados. Também havia pessoas elogiando, mas eu recebia muitas histórias pesadas”. Neste ponto também podemos identificar mais uma característica que reposiciona a T.R. em um papel chave dentro de uma rede de afeto entre pessoas trans durante seu tempo em atividade no *Facebook*, principalmente através das noções de comunidade e confiabilidade. Não que esta posição seja homogeneizadora quanto às experiências de travestilidade ou transexualidade, mas sim como um importante instrumento de escuta e apoio às pessoas *transvestigeneres* que pudessem ter contato com a T.R.

Em relação a sua relação com outros movimentos trans, a entrevistada reflete que “[...] algumas pessoas certamente não se sentiram nem um pouco representadas, e eu não as julgo. Inclusive eu mesma não me sentiria representada”. Em contrapartida, Fávero volta a utilizar o argumento de que a T.R. relembra uma pessoa que ela já não é mais, afirmando “[...] me tornei alguém que não gosta da pessoa que era antes, porém, acredito que outras pessoas também possam ter se sentido representadas de alguma forma”.

Sobre o ativismo desenvolvido ou potencializado pela página, a entrevistada aponta que “a página teve um impulso grande nos ativismos no Brasil, vejo uma mudança muito grande daquela época para cá. Não tenho mais necessidade de criar uma página para falar sobre isso, já existem milhares... Tem a Mandy no *Youtube* (*Mandy Candy, mulher trans brasileira com mais de um milhão de inscritos em seu canal*) e muitas outras meninas, e naquela época não tinha nenhuma! Eu não vou dizer que a T.R. abriu o mar, as portas, etc. e tal, mas isso com certeza deu um empurrãozinho, um chute na porta, abriu uma brecha”.

A entrevistada também comenta ter encontrado resistência por parte de alguns movimentos sociais com o trabalho da página: “[...] havia muita resistência, muito mais do próprio movimento trans do que o feminista, que inclusive foi bem elegante. Mas quem sou

eu para julgar? Ninguém precisa concordar comigo 100%, eu também não acreditava nas pessoas 100%”. Fávero diz que muitos desses comentários especulavam sobre os seus verdadeiros objetivos com a T.R.: “[...] Sophia é *superstar*, estrelinha... As pessoas não me conheciam e tinham essa imagem já. A página adquiriu um status pejorativo de *youtuber*. Era uma ideia de que eu, não sei, queria subir com a página, ganhar dinheiro com ela... E não era, tanto que acabei com ela”.

Para a entrevistada, esse perfil deduzido por outras pessoas pode estar associado à sua personalidade, que é mais reservada: “[...] eu também era uma pessoa muito reservada, talvez até mesmo pelo perfil da Psicologia (*Fávero colou grau em Psicologia em 2018*). Às vezes as pessoas tentavam aproximação e eu não respondia, eu reconheço isso. Então criava essa imagem de pessoa chata, metida... Talvez até você escute isso. Sou reservada, mas trato todo mundo bem”. Neste trecho observamos como a identidade profissional influenciou profundamente as atitudes e escolhas da entrevistada.

Com o fim da página, Fávero também repensou sua ligação com o ativismo: “[...] se for definir ativismo como o que eu fazia antes, eu realmente não faço mais. Porém hoje em dia estou como colunista de uma revista virtual, a *Histeria*, e a partir do momento que quiser sentar e escrever sobre algo eu faço isso, só não mais como *Travesti Reflexiva*, mas como Sofia, psicóloga, como alguém que parte de outro lugar. Isso para mim é interessante. Não vou descartar o poder do *webativismo*, porém naqueles moldes e com aquela carga emocional que a T.R. carregava, eu não quero mais”.

A expressão “carga emocional”, assim como o sentimento de raiva também mencionado pela entrevistada anteriormente, é uma interessante justificativa para as expressões emblemáticas e figuras de linguagem que ela costumava imprimir em suas publicações. Tal comportamento não é exceção entre minorias, principalmente em termos de ativismo e militância entre aqueles que são constantemente bombardeados pela opressão cotidiana de elementos do hegemônico.

Para além do deboche ou de estratégias de *desmunhecação*, como cita McRae (2011) para muitos ativistas, militar é sobreviver: a realidade do país que mais mata pessoas LGBT+ no mundo é delicada, principalmente para pessoas trans. É a partir daí que pode surgir a necessidade de expressão comentada por Fávero em nossa primeira pergunta: e essa voz também surge marcada pelo tom da indignação, embora ela nem sempre vá se manter

presente. No tocante à militância, é notável que ela se modifique de maneira diversa, assim como os indivíduos que a desenvolvem.

Duas últimas contribuições de Fávero sobre o tema são bastante pertinentes. Uma delas aborda a sua visão sobre o ativismo atualmente e o impacto que ele pode causar na vida dos militantes: “[...] há uma aura em volta da identidade de ativista, de que ele não vai passar por algumas coisas por conta do próprio ativismo. Hoje, se eu achar interessante, o ativismo entra na minha vida, do contrário, não, e acho que todo mundo deveria ter esse controle. Ele é um *bichozinho* que vai tomando conta da sua vida”.

A entrevistada continua: “[...] você vai numa reunião familiar, você se sente na obrigação de rebater comentários, e isso pode tanto ser interessante, como talvez um pouco desgastante também. Acho que dentro do meu círculo de amizades, de pessoas que passaram pelo mesmo que eu, sendo sufocadas pelo ativismo e entendendo também que é preciso viver, pois a vida não é perfeita e haverá adversidades – não diversidades – que teremos que lidar todos os dias, o ativismo está menos predominante. Há também pessoas que estão ainda estupidamente inseridas na lógica do ativismo, mas elas não são muito agradáveis (*risos*)”.

A expressão “sufocadas pelo ativismo” é intrigante e também faz referência aos comentários anteriores da entrevistada sobre o seu direito a ter uma vida privada, e também ao papel central que sua identidade profissional passou a ocupar. Por fim, Fávero questiona a alcunha de ativista atribuída a ela em decorrência do trabalho com a T.R.: “[...] ser ativista virou um insulto (*risos*). Não é mais um desejo meu, não tenho apego pelo termo. Porém, se você parar para pensar, eu nunca fui ativista”.

A entrevistada prossegue: “As pessoas não me consideravam ativista, eu era uma ativista falsa porque estava no *Facebook*, na internet. “Ah, está na internet não é ativista de verdade”. Então eu nunca tive esse direito de ser ativista, e aí chegou um momento que até eu mesma não queria mais ser. No entanto, continuo no Educetrans, na AMOSERTRANS e na Semana de Visibilidade Trans. E separando tudo, melhor agora porque é também uma questão de saúde mental. O ativismo consegue ser muito colonizador. Ele vai colonizando sua vida aos pouquinhos, quando você vê não há mais nada para fazer a não ser militar”.

Fávero reacende o debate sobre representação e ativismo na internet, oferecendo interessantes perspectivas: tanto quando aponta que seu trabalho com a T.R. por vezes não foi considerado representativo entre pessoas trans, público que se propunha a representar, como

também quando afirma que seu papel como ativista era posto em dúvida entre outros militantes, estes talvez inseridos apenas na lógica do ativismo *offline*. Em ambos os casos há um questionamento que enquanto problematiza de maneira enfática as próprias noções de representação e ativismo, também reafirma o quanto o conceito de identidade ainda permanece central em um cenário moderno de constantes mutações.

### Questões finais

Neste ponto apresentamos perguntas à entrevistada que abordassem pontos centrais da nossa pesquisa, como identidade, representação e travestilidade. A partir da publicação sobre o papel do Jared Letto no filme *Clube de Compras de Dallas* postado em janeiro de 2015, questionamos como Fávero analisava a representação e a visibilidade transexual na cultura atualmente. A entrevistada diz que, embora sinta bastante orgulho daquele texto e ele a representasse bem à época, ela também acredita que a representação trans possa acontecer atualmente de outras formas.

Fávero comenta que: “[...] tem um filme novo com o Jaloo (*cantor e ator brasileiro*) agora que achei o máximo (*Paraíso Perdido, que estreou em maio de 2018*), não sei se você já viu... Não é uma pessoa trans interpretando uma pessoa trans, é um rapaz meio que não binário, até um pouco confuso, mas acho fantástico! Meu filme favorito sobre o assunto é o *Transamerica*, e não tem nenhuma pessoa trans no filme, que é feito com uma mulher cis. Existem outras formas de pessoas trans adquirirem essa representação e visibilidade que não sejam só atreladas a um papel trans. É muito difícil, e aqui eu estou falando da minha experiência pessoal, de nós pessoas trans sermos telas em branco”.

A partir de sua experiência através de estágios durante a faculdade, Fávero complementa: “[...] é muito difícil estar na clínica e ser uma tela em branco, às vezes me cobram, mas eu não consigo ser uma tela a partir do momento que isso, o meu corpo, grita tanto. Eu não tenho como disfarçar que eu sou trans, isso aqui mancha a minha imagem completamente. E você também não é uma tela em branco”.

A entrevistada prossegue: “Não sei se você é gay, mas eu escuto muito isso aqui na instituição: os rapazes gays comentam que os pacientes chegam à clínica e começam a discutir questões sobre homossexualidade, que não eram questões dos próprios pacientes, mas que foram despertadas através da relação com o terapeuta, que é gay [...] Acho que esse é um conflito vivenciado por muitos atores e atrizes trans, de não conseguirem interpretar tudo ou



não conseguirem vender a ilusão, a miragem, de que a Claudia Raia, por exemplo, é uma pessoa trans, entendeu? (*risos*). E é difícil mesmo, eles já trazem a transexualidade com tanta força”.

A entrevistada também comenta estar à procura de novos pontos de vista sobre este assunto: “[...] eu saí do local de que essa representação trans por pessoas cis é sempre um problema. Como eu te disse, uma conhecida aqui em Aracaju não consegue pegar ônibus porque o cara não para o transporte para ela. Então vou continuar escrevendo ainda sobre *Clube de Dallas*? (*risos*). Não vou mais”. Neste ponto é notável o quanto a experiência *transvestigeneres* evoca a coerção e opressão de elementos do hegemônico – como em expressões citada pela entrevistada como “*isso aqui mancha a minha imagem*” – como também como um movimento para representação cada vez mais ampla e plural se faz necessária.

Sobre identidade, Fávero se aproxima das noções de Bento (2004) ao sugerir que existem travestilidades, e que a identidade trans é algo mutável: “[...] essa identidade não é algo estático, imutável, tanto que o conteúdo da página não me representa mais. E quando eu falo isso não quer dizer que ela não tenha tido sua funcionalidade, mas o que era trans em 2015 para mim certamente não é mais o que eu considero trans hoje, e cada vez mais eu tento evitar essa resposta. Sinceramente eu não sei, e não me incomoda não saber a resposta. Antes eu falava muito na página sobre as diferenças entre trans e travesti, mas isso nem faz muito mais sentido hoje para mim”.

Esse posicionamento contrário a definições bem delimitadas também pode evidenciar uma iniciativa para além dos binarismos, questionando as próprias categorias dos gêneros considerados à margem. A entrevistada relembra Butler para discorrer sobre o assunto: “[...] lembro de uma citação de Butler em “Problemas de Gênero” que ela fala algo como “talvez paradoxalmente, a ideia de representação do feminismo só será posta de lado ou superada, quando a identidade mulher deixar de ser presumida”. Isso fez muito sentido para mim, eu comecei a pensar que tinha tudo a ver com ser trans, com travestis e pessoas trans, porque mesmo entre nós existe normatividade. Travesti tem que ter silicone, cabelão, tantos centímetros de quadril e etc, gente, é muito difícil ser travesti, sério! E eu nunca vou ser travesti para outras pessoas travestis, isso eu já consegui entender, assim como essas travestis, para outras, também não vão ser”.

Fávero acentua os processos de inteligibilidade existentes entre as próprias travestis e pessoas trans, o que aponta que essas identidades estão sujeitas tanto às coerções sociais quanto à presença de certos elementos demarcadores que as tornam legítimas dentro dessas comunidades, ainda que possam compartilhar dos mesmos estigmas de subalternidade. A entrevistada afirma que “[...] é muito difícil ser travesti, sem brincadeira! Às vezes até se você não se prostitui você não é tão travesti ou trans como as outras”.

A entrevistada complementa: “Houve uma vez que fui a uma roda de conversa e tinha uma travesti lá, claro que em um recorte de idade e uma mentalidade mais anos 1980 e 1990, e ela dizia que travesti para ela era quem possuía silicone industrial, aquelas que passavam pela dor do procedimento dessa aplicação. É também muito complicado você se tornar inteligível entre as próprias travestis... E tudo bem, eu não preciso que ninguém me reafirme como tal. Até para mim algumas meninas não seriam tão trans assim como eu encarava, eu também tenho alguns posicionamentos problemáticos em relação a esse assunto”.

Para além da própria opressão social baseada no binarismo de gênero, a trajetória da entrevistada demonstra também ser marcada por vários momentos de questionamento em relação à legitimidade de suas outras identidades: a de estudante, com o seu direito em ocupar instituições de ensino superior; a de ativista, com outros militantes problematizando sua atuação na internet, e entre as travestis, que podem não a reconhecer como tal.

Neste cenário, a própria categoria de mulher também ocupou um lugar central: “[...] pensando em questões pessoais e afetivas, já tive relacionamentos que a pessoa dizia que eu era uma mulher como todas as outras, que ela não via diferença. Isso para mim acendia uma luz vermelha, eu pensava que ali havia alguma coisa errada: porque se a pessoa não estava vendo diferença é porque ela não estava centrada, não estava vendo de fato o que acontecia entre a gente. Sempre gostei de ser diferente, o problema da diferença é quando ela gera desigualdade”.

A entrevistada prossegue ao afirmar que: “[...] acho bacana ser trans, ser travesti e essa ideia de mulher já me incomodou mais, mas a *Travesti Reflexiva* me ajudou. Na psicanálise é dito que o sujeito atinge a cura pela fala, assim como funciona na religião com o perdão pelos pecados através da confissão. Para mim foi a escrita, escrever sobre aquilo me ajudou a resignificar ao longo do tempo. Ser trans era mais um processo cognitivo para mim, de conseguir colocar aquilo em palavras e compartilhar com outras pessoas e nós juntas conseguirmos elaborar algo”. Neste trecho também podemos observar o mecanismo de

construção da performatividade sugerido por Butler (2003), quando cada ato performado ativamente auxilia na construção de uma identidade para o indivíduo.

Fávero comenta que quando a categoria de mulher também passou a não ser mais uma necessidade houve uma mudança significativa: “[...] pessoalmente, a maior catarse foi quando esse ser mulher passou a não ser mais interessante, quando não era mais minha ambição de vida, meu projeto. O ser trans também não, com a série de procedimentos estéticos, cirúrgicos, o próprio biótipo do *CID* ou do *DSM*, isso perdeu o sentido. Esse foi um momento da crise, só me salvei quando pensei que eu poderia ser só a Sofia: eu vou ser eu”.

Para Fávero, essas construções identitárias também envolvem uma série de valores agregados: “[...] eu quero ser trans, quero ser mulher, mas não a todo custo, não vou me massacrar. Foi aí que página me ajudou bastante, embora eu não recomende esse processo de exposição pública para ninguém (*risos*). Consegui ali resolver milhares de conflitos, ter vários *insights*, com a escuta das pessoas e também eu comigo mesma em questões de gênero e identidade”. Vale ressaltar que quando a entrevistada afirma “*eu vou ser eu*”, ela também lança ênfase para vasta gama de identidades existentes à margem além das normatividades binárias de gênero ou das categorias já nomeadas.

Também questionamos à entrevistada sobre a discussão de maneira mais enfática a respeito de problemáticas como a participação masculina dentro do feminismo e o local de fala, temáticas que parecem ter marcado os últimos meses de atividade da T.R. Para Fávero, “[...] olhando para trás, isso foi uma imensa bobagem e as pessoas fizeram uma tempestade em um copo de água. Naquela época ninguém podia dizer que homens poderiam fazer parte do feminismo, eu ousei falar isso e foi como a Madonna ter feito um clipe com um anjo negro (*em cena do clipe ontológico de Like a Prayer*). Eu já estava com a decisão de ir caminhando para o fim, então o que eu tinha mais a perder? Não quero bancar a mártir, mas a página iria acabar e eu pensei no que eu poderia fazer de bom, o que eu poderia consertar do que eu tinha feito por lá? ”.

Sobre o local de fala, um termo atualmente em destaque na discussão sobre movimentos sociais e também bastante abordado pela entrevistada, a Fávero reflete que “[...] eu usava muito do local de fala também, tanto que sem ele a página não teria chegado aonde chegou. Se fosse um cara cis escrevendo não teria a mesma visibilidade, não sou boba de dizer isso. Também não posso dizer que não fui responsável por essa difusão do local de fala na internet, durante muito tempo eu inclusive ensinei as pessoas a agirem da forma que hoje

eu critico. Entende agora quando digo que não gosto da pessoa que eu era antes? Então você muda e as pessoas que te seguem não entendem isso. Como você pode consertar? Tentei, só não sei se consegui (*risos*)”.

Como pergunta final, pedimos que a entrevistada analisasse qual contribuição para travestis e pessoas trans ela imagina ter deixado com seu trabalho através da T.R.: “[...] acho que eu nunca vou saber o impacto real da página na vida das pessoas. Você, por exemplo, criou um projeto de mestrado sobre isso, isso te marcou de alguma forma. Até hoje encontro pessoas que foram tocadas pela página, mas eu também penso que isso foi uma memória afetiva, sabe? Às vezes não consigo ser tão positiva sobre isso, porque penso que a memória é muito mais interessante que a realidade. Não era tudo isso que as pessoas achavam, mas era algo inédito no momento”.

Fávero também reflete sobre a possibilidade de seu legado como T.R. também ter inspirado outras iniciativas do tipo no *Facebook*: “[...] era algo que hoje a *Quebrando o Tabu* (uma página do *Facebook*) faz e que na época eu fazia. Era um tipo de ativismo, humor e alcance que eu conseguia e que era difícil de ter por ser travesti, por me apresentar como travesti e por ter todo esse atravessamento das pessoas não compartilharem páginas de travestis, e que outras páginas passaram a ver que não só era possível, como podia dar certo. As pessoas foram copiando, inclusive copiando referências sem dar crédito”.

Para a entrevistada, sua atuação com a T.R. pode demonstrar a pessoas trans que é possível também ocupar espaços na internet para explorar novas narrativas, chamando atenção para a existência de redes de afeto e suporte feito por e para travestis e pessoas trans: “[...] acho que no geral trouxe uma representação, se não em mim, no alcance que alguém pode ter na internet. Hoje se a pessoa quiser começar, e eu nem vou entrar em um lance meritocrático, ela consegue fazer um trabalho bacana. As redes trans se autorregulam e se autoalimentam, eu, por exemplo, divulgava a Amanda Palha, a Maria Clara, a Daniela, as pessoas estão ali se apoiando e isso é muito bacana. Só não é mais útil para mim”.

Por fim, Fávero nos apresenta uma importante noção sobre como sua identidade profissional passou a ocupar papel central – talvez este o fator de maior relevância a levar a página ao fim – bem como do cenário que constituiu seu momento de partida: “[...] quando eu vou para a clínica, eu não quero que a minha psicóloga seja quem eu era, acho que não é legal você como paciente saber o que a sua psicóloga fez ontem ou semana passada. Talvez se eu tivesse cursado audiovisual não teria passado por esse embate, estaria como a *Jout Jout* (uma

*youtuber brasileira e feminista com mais de um milhão de inscritos em seu canal*), mais rica (risos). ”

A entrevista acrescenta: “porém, hoje vejo que ter acabado com a página foi a decisão mais correta. Foi um pouco nebuloso na época, até me arrependo de nunca ter dado adeus às pessoas. Pensei muitas vezes em falar que ia acabar, mas também nunca soube como dizer isso: e talvez eu nem conseguisse sair se tivesse dado esse adeus, então resolvi sair logo ou não sairia nunca. Para mim o *grand finale* é você estar em paz consigo mesma. Pensei que até ali havia sido bacana, e que se fosse além iria estragar”.

A seguir, apresentamos os resultados finais de nossas análises, um panorama geral das interpretações geradas através do material autoral, do material compartilhado e desta entrevista. Compartilharemos nossas impressões no tocante à representação da travestilidade na página e dos significados implícitos e explícitos encontrados no conteúdo analisado a respeito da experiência *transvestigeneres*, bem como as formas pelas quais a *Travesti Reflexiva* potencializou discussões sobre gênero e ativismo também *offline*.

### 3.6– Resultados Finais

Neste tópico iniciamos uma discussão geral apontando os principais resultados que chegamos com o desenvolvimento de nossos procedimentos metodológicos. Através da análise de conteúdo apontamos cinco temáticas principais que permeiam as 121 publicações inseridas em nossos quatro meses de análise:

**Tabela 18 – Temáticas gerais abordadas pela T.R.**

<b>MATERIAL COMPARTILHADO</b>	<b>MATERIAL AUTORAL</b>
PESSOAS TRANS (36)	PESSOAS TRANS (31)
HUMOR (31)	FEMINISMO (8)
RELAÇÕES ASSOCIADAS A GÊNERO (29)	TRANSFOBIA (3)
POLÍTICA (17)	MACHISMO (3)
EDUCAÇÃO (11)	CISGÊNERO (1); EDUCAÇÃO (1); CULTURA (1)

O conteúdo da página, tanto no M.C. quanto no M.A., é fortemente marcado por questões relacionadas a pessoas trans: e é a partir desse fio condutor que todas as outras temáticas também são abordadas. Esta é a perspectiva que tornou o conteúdo da T.R. tão relevante desde o princípio; as múltiplas maneiras pelas quais ela consegue inserir a questão da travestilidade e da experiência trans oferecendo novos significados e sentidos para além do estigma da marginalidade e da subalternidade, questionando os próprios mecanismos de violência, opressão e exclusão, assim como a participação daqueles que desenvolvem ou se omitem a esses processos.

A atuação centrada nessa temática pode ser justificada pelo cenário brasileiro, que é um dos mais hostis e violentos do mundo para esta população. A questão do acesso e da representação também são fundamentais, visto que ainda são poucas as vozes de travestis que escutamos com ênfase na mídia. Com a T.R., a autora associa as vivências e dilemas trans a assuntos também intrínsecos a essas experiências: no M.C, por exemplo, discutiu-se com bastante humor, uma característica da própria Sofia Fávero, como comentado por ela mesma em nossa entrevista, diversos temas associados às relações de gênero, como afetividade e sexualidades, além de política e educação. No caso da política, a abordagem deste tema foi bastante influenciada pelo clima de instabilidade da época, bem como por preferências

pessoais da autora a partidos políticos ou figuras públicas de destaque, como Dilma Rousseff e Luciana Genro.

No caso da educação, Fávero justificou sua constante abordagem ao tema em nossa entrevista ao sugerir os ambientes de ensino como um interessante local a ser ocupado por travestis e pessoas trans devido a toda trajetória de exclusão que a maior parte dessas pessoas enfrenta em relação à escolaridade e a transfobia, que também envolvem questões-chaves de cidadania, como o nome social e o uso de banheiros. Fica nítido que ao compartilhar notícias, imagens e vídeos sobre *transvestigeneres* passando no ENEM, defendendo trabalhos de conclusão de curso e graduando-se, a T.R. buscou viabilizar novas narrativas sobre o tema, principalmente por este assunto também ter marcado profundamente sua experiência pessoal.

No caso do M.A., a autora também aproveitou seu maior espaço de expressão para refletir e questionar com maior ênfase episódios marcantes da travestilidade e da experiência trans. Neste formato, os dilemas de pessoas trans foram bastante associados à transfobia, representação, educação e cultura, com uma atenção especial para temas centrais da discussão sobre gênero, como o feminismo e o machismo. Foi também fortemente identificável a construção de iniciativas educativas da página, que como cita Fávero durante entrevista, foram inspiradas em outros *sites* e em dúvidas dos próprios seguidores da página. Destaque nesse sentido foram as séries de textos que explicavam a diferença entre cisgênero e transgênero, travesti e transexual.

Outra característica a ser ressaltada é que a T.R. agiu de maneira bastante estratégica e conhecia bem o conteúdo que poderia agradar ao seu público e o modo de agir na internet. De modo geral, embora não tenhamos nos debruçado amplamente sobre questões de raça, classe e idade relacionadas à Fávero (primeiro por não ser o foco principal deste trabalho, segundo, por esse tipo de análise requerer uma interpretação mais aprofundada), fica claro que o fato da autora ser uma jovem branca de classe média impactou bastante suas condições de trabalho e acessibilidade na internet. É inegável perceber o quanto essas questões são fundamentais, mesmo quando situada em condições já tão marginalizadas como a travestilidade.

A seguir, elencamos as origens do material compartilhado em nossos quatro meses de análise, conforme apresentamos abaixo:

**Tabela 19 - Origem do material compartilhado pela T.R.**

IMAGENS (18)
<i>PRINT TWEET</i> (16)
<i>LINK</i> (14)
TEXTO (6)
VIDEO (5)
TEXTO <i>FACEBOOK</i> (2)

O uso de imagens tornou-se relevante principalmente através da publicação de *memes*, bastante utilizados por Fávero tanto por seu humor pessoal quanto por questões estratégicas para o funcionamento e crescimento da página. Temáticas que abordaram afetividade, sexualidade, cultura pop, como menções a *RuPaul's Drag Race* e a telenovela *Babilônia*, heterofobia e racismo inverso fizeram parte deste cenário. A mesma intenção também justifica o grande número de *print tweets*, uma forma prática e eficiente de iniciar um diálogo e gerar interatividade e engajamento, principalmente pela maleabilidade do formato na rede. Já textos e vídeos foram fortemente marcados pelo compartilhamento de argumentos, produções e opiniões de outras pessoas trans e/ou ativistas. No geral é perceptível que a maior parte do conteúdo disponível foi protagonizada por essas pessoas. A presença de conteúdo massivo baseado em imagens também fala bastante sobre nossa sociedade atual e seus hábitos, visto que estamos cada vez mais inseridos uma cultura fortemente imagética.

Já o compartilhamento de *links* demonstrou a forte presença do *Canal das Bee*, justificada pela relação pessoal que a T.R. mantinha com seus criadores, conforme citado em entrevista. Produções do *Canal das Bee* apareceram pelo menos uma vez em cada mês nas nossas análises, na maior parte dos casos sendo material que trouxe pessoas trans em destaque, como Indianare Siqueira, Maria Clara Araújo e Amanda Palha. Também elencamos os outros *links* de acordo com os *sites* mais compartilhados pela página:

**Tabela 20 - Origem do material compartilhado pela T.R.**

<i>nlucon.com.br</i> (3)
<i>revistaforum.com.br</i> (2)
<i>gl.com</i> (2)
<i>extra.globo.com</i> (2)

Como destaque posicionou-se o *site* do jornalista Neto Lucon, que ganhou notoriedade não apenas por seu trabalho ser exclusivamente dedicado a conteúdo sobre travestis e pessoas



trans, como também por possuir uma relação próxima com a própria T.R. Outros *links* que se repetiram tiveram origem na *Revista Forum* e em portais mais tradicionais da mídia hegemônica, como o *GI* e o *Extra*; isso também demonstra como os *sites* compartilhados pela página foram tanto advindos de veículos mais alternativos quanto da grande mídia. Em comum, na maior parte das vezes esses endereços trataram sobre questões ligadas a *transvestigeneres* e outras relações associadas a gênero.

Já a abordagem dos temas HIV, raça e homens trans ofereceram contextos especiais. No caso do primeiro assunto, Fávero contou ter tido receio de abordar a temática e reafirmar estereótipos em relação a pessoas trans na página; embora tenha mudado de perspectiva após conviver com pessoas portadoras de HIV em um curso, cujo contato provocou-lhe profundas mudanças, provavelmente por também ilustrar outras experiências humanas de preconceito e exclusão. Em relação a raça, a entrevistada declarou considerar complicada a abordagem do assunto por conta de noções de local de fala, enquanto no caso dos homens trans, Fávero comentou não conhecer muito sobre essa experiência.

A entrevistada também comentou que a temática religião, que apareceu pouco em nossas análises, destacou-se nas mensagens privadas recebidas pela página, que por vezes continham ameaças e condenações. É também destacável o uso da palavra travesti em todo o conteúdo, salientando assim uma iniciativa para atribuição de outros significados para a travestilidade. Conforme explica a autora em nossa entrevista, este termo, que é um dos mais marginalizados inseridos nas discussões sobre gênero, é carregado de uso político para a T.R. e relaciona-se também a um termo local para representar uma experiência de gênero não binário. Para Fávero, sua escolha para nomear a página também refletiu uma iniciativa para contestar o estigma e a exclusão principalmente através da produção de conteúdo relevante no contato diário da página com seus seguidores.

Os materiais produzidos para datas como o Dia da Visibilidade Trans ou Dia Internacional da Mulher, embora algumas vezes bastante emblemáticos, não requereram atenção especial da autora, que afirmou tê-los produzido sem planejamento prévio. A T.R., no entanto, dedicou atenção especial às ilustrações de *design* gráfico que pontuaram seu material autoral, também produzidas por ela mesma, bem como na fotografia que marca seu texto no dia 29 de janeiro de 2015. Abordando especificamente sua produção autoral, nossas análises no campo da A.D. ofereceram importantes informações.

Através do protocolo de Miguel (2014) que aplicamos nos textos de maior destaque em cada mês de análise, identificamos um viés fortemente pessoal, com narração na primeira pessoa e o constante compartilhamento de experiências particulares. Como itens léxicos, enfatizamos substantivos que fizeram referência a sensações, locais e profissões, marcados pelas temáticas centrais dos textos, como representação, exclusão, transfobia, mercado de trabalho, prostituição, violência e opressão. Como verbos, houve o uso constante de palavras que empregam o mesmo sentido anterior fazendo referência a ação, movimento, resistência e violência, tendência que também surge com os adjetivos, que apareceram de maneira hiperbólica conotando exagero e extremo, como em *abominável*, *malignas*, *aversivo* e *inflamado*, demonstrando assim a crescente noção da hostilidade vivenciada por pessoas *transvestigeneres*.

Identificamos também o uso repetitivo de palavras que remeteram dualismos, como em *matar x sobreviver*, que denotaram e descortinaram a disputa numa arena em que pessoas trans e travestis são desafiadas a se manterem vivas. Outras técnicas de argumentação percebidas foram a utilização de um forte tom de provocação e o uso constante de metáforas, neologismo, prosopopeia e ironia, em frases como “*travestis e transexuais são ejetadas dos banheiros públicos, como os verdadeiros dejetos que a sociedade encara que são*”.

É também uma forte característica argumentativa dos textos a formação de perguntas pela autora, como observado no título da produção de janeiro, “*29 de janeiro, visibilidade para quem?*” e em outros momentos, como na frase “*afinal, não é todo dia que o ódio partidário está mais inflamado que a transfobia, né?*”. Tornou-se bastante nítida a impressão deste espaço como um local de desabafo para a autora, que fez referências constantes às coerções originadas de elementos do hegemônico, como a cisgeneiridade e a heteronormatividade.

Elementos de destacabilidade que sugerimos foram as frases interrogativas que iniciaram os textos de janeiro e março de 2015, como em “*29 de janeiro, visibilidade para quem?*” e “*a quem pertence o espaço público? Quem não é considerado humano, passa a não ser e deixa de ter necessidades fisiológicas?*”. O destaque oferecido pode sugerir a ideia de título ou manchete e chamar a atenção do leitor, principalmente porque versou sobre os temas centrais da discussão proposta, deduziu um posicionamento e apareceu no formato interrogativo. Outro elemento de destaque que salientamos foi o uso de aspas, visto que a autora as utilizou por vezes para simular o que pode ser considerada como a voz do opressor,

como em março de 2015: “*quem esse povo da margem pensa que é? Até ontem estavam na esquina! Agora querem dizer na tv que conseguem um emprego formal?*”.

Em relação aos componentes externos aos textos, embora o material autoral da *Travesti Reflexiva* tenda a ser postado de maneira pouco ilustrativa, com presenças esporádicas de imagens, vale ponderar que metade do M.A. analisado aqui continha imagens. Provavelmente mais uma vez a influência de imagens na sociedade em que vivemos tenha contribuído para o grande envolvimento do público, colocando estas postagens entre as mais curtidas e compartilhadas. Como destaque seguiram duas imagens: a que acompanhou o texto de janeiro de 2015, com Sofia Fávero caracterizada como Jared Letto no filme *Clube de Compras de Dallas*, e a ilustração de março de 2015, de autoria da própria T.R. e que ilustrou o dilema de pessoas trans em relação ao uso de banheiros.

Em termos de repercussão, todos os textos foram destaque em interatividade e engajamento no mês em que foram postados, refletindo em números relevantes de curtidas, comentários e compartilhamentos entre os seguidores da página. Embora não tenhamos encontrado menções a esses textos em outros espaços da internet, comentários em destaque em suas publicações foram em geral de apoio e motivação. Vale também ressaltar que nenhum dos textos analisados utilizou *hashtags*. No geral, a construção dos textos pela T.R. marcou fortemente sua militância ao propor um ativismo bastante autoral, o que influencia diretamente nas discussões sobre representação.

A entrevista com Sofia Fávero, criadora da *Travesti Reflexiva*, foi também bastante interessante. Fávero nos contou ter criado a página como um *alter ego*, um *hobby* para canalizar uma necessidade de expressão e também para suprir a necessidade de conteúdo não sexualizado sobre travestis e pessoas trans no *Facebook*. Inspirada em produtos da cultura pop como *RuPaul's Drag Race* e na atuação *online* de outra ativista trans no *Facebook*, Daniela Andrade, a entrevistada também analisou ter construído através da T.R. uma rede de afeto entre pessoas trans, compartilhando assuntos e experiências relevantes a essa temática e vivências. Esse comentário confirmou a nossa hipótese da página como um interessante dispositivo de representatividade para a travestilidade.

Fávero, que pouco se inseriu no ativismo trans em sua cidade natal antes do trabalho com a página, acredita que a atuação da T.R. influenciou a militância *transvestigeneres* no cenário local. A entrevistada reafirmou o uso político da palavra travesti, bastante observada em nossas análises, como um elemento intrínseco à construção de sua própria identidade.

Fávero também fez uma interessante reflexão em como a página a ajudou a propor novas significações ao termo que não remeteram apenas à marginalidade e à prostituição, buscando humanizar a travestilidade através do compartilhamento de suas vivências pessoais e a proposição de um debate sobre as experiências de opressão e exclusão comuns dos gêneros à margem, como a educação. A entrevistada inclusive usou com constância a primeira pessoa do plural para incluir também transexuais e transgêneros em seus argumentos.

Fávero narrou ter realizado grande parte de seu trabalho à frente da T.R. sozinha, contando com ajuda esporádica de amigos gays que liam seus textos autorais antes de serem publicados. A entrevistada também contou ter sido excluída do *Facebook* no mínimo três vezes e também ter observado o conteúdo da T.R. ser delatado com frequência por esse mesmo *site*. Sobre a escrita do material autoral, a entrevistada declarou ter contado com a ajuda da página para desenvolver-se nesse aspecto. Embora a entrevistada considere a T.R. como um *alter ego*, são suas próprias experiências individuais que alimentaram grande parte do conteúdo.

As expressões emblemáticas de exagero e hipérbole eram justamente desenvolvidas a parte desse forte aspecto emocional, que também poderia ser despertado pelo compartilhamento de histórias de pessoas próximas. Fávero contou ter divulgado várias histórias de pessoas trans na página quando elas assim permitiam; neste aspecto, ressaltamos também o fluxo de mensagens privadas que Fávero declarou receber mensalmente na T.R., com relatos pessoais e densos de outras pessoas trans.

A entrevistada também confirmou nossa hipótese de que seu conteúdo era fortemente pautado pelos assuntos em voga na sociedade e funcionava através de uma espécie de agendamento midiático. Fávero inclusive afirma ter se sentido diversas vezes exausta pelo compromisso de ter que se manter atualizada nas discussões para a produção de conteúdo da página. Em relação a sua frequência de postagens, a entrevistada relaciona sua produtividade aos fatores de disponibilidade e criatividade e também aos períodos da vida acadêmica, como o ano letivo, ou de bloqueio pelo próprio *Facebook*.

Fávero comentou sobre o *feedback* que recebia do público da página, quando, por exemplo, recebeu cartas de repúdio de organizações do movimento trans por conta de uma ação realizada em banheiros de uma universidade em sua cidade natal. A entrevistada também lamentou alguns comentários ou posições tomadas por ela em relação a pessoas públicas ou material midiático produzido por outros veículos, salientando que atualmente provavelmente

não os escreveria de maneira tão enfática ou reproduzisse os mesmos argumentos. Quando perguntada sobre a inserção de teorias acadêmica sobre gênero no debate, Fávero descreveu a ação como uma estratégia para elevar o nível da discussão gerada pela T.R.

Um dos pontos marcantes dessa conversa foi também a percepção dos diversos dilemas galgados nas identidades assumidas pela entrevistada: seus papéis de ativista, travesti, profissional - como psicóloga - e também como pessoa privada, diversas vezes colidiram e provocaram situações de ambiguidade e contradição. Sua negativa em escrever um livro autobiográfico, por exemplo, demonstra como sua identidade profissional ganhou cada vez mais espaço à medida que seus processos de maturidade pessoal também passaram a se desenvolver. Fávero, que começou a página bastante jovem, também mudou de opinião a respeito de conceitos-chaves como ativismo e representação e que antes norteavam sua atuação frente a T.R.

Dentro da trajetória reconstituída por seu relato, Fávero também lembrou o papel-chave da educação na experiência de pessoas *transvestigeneres*. Tendo ela mesma vivenciado diversos episódios de exclusão em instituições de ensino superior, foi interessante perceber como a entrevistada definiu esse assunto como uma temática especial desenvolvida entre ela e outras pessoas trans: um tipo de iniciativa que demonstra o quanto a abordagem dessa questão representa um tema especialmente delicado na vida desses indivíduos, ao mesmo tempo em que buscou ressaltar novas narrativas sobre o fato. Através do recorte da educação, mais uma vez reconhecemos as questões de acesso relacionadas à Fávero, muito relacionadas a raça e classe, que não são comuns para a grande parte das pessoas *transvestigeneres*.

Ao ser questionada sobre o compartilhamento constante de publicações de outras ativistas e pessoas trans, como Amanda Palha, Daniela Andrade e Maria Clara Araújo, Fávero contou que esse tipo de ação tinha origem em laços de afeto ou eram motivados pela causa. Sobre a divulgação de eventos, sua atuação foi menor porque carregou o receio de alimentar comentários negativos em relação a sua vivência como ativista. A temática do ativismo foi mais um importante ponto de contradição e ambiguidade causado pelas diferentes posições de identidades adotadas pela entrevistada.

Para Fávero, que contou também ter sido influenciada através de seu contato com a Psicologia, sua personalidade mais discreta e reservada contribuiu para o surgimento de comentários que julgavam sua atuação e intenções com a página e até mesmo de pessoas trans que não se considerassem representadas por seu trabalho. A entrevistada refletiu que tanto o

seu anseio por uma vida mais privada e menos exposta na internet, quanto o passado repleto de emoções e sentimentos densos que nortearam sua atuação com a página a princípio, influenciaram em sua decisão de encerrar a T.R. e até mesmo a não gostar do trabalho desenvolvido com ela. Fávero argumentou que ações de ativismo no futuro deverão partir de sua identidade profissional, como psicóloga.

A entrevistada também compartilhou interessantes reflexões sobre ativismo. Para ela, o ativismo pode se tornar fator central nas vivências de certos indivíduos, levando-os a uma vida mais desgastante e limitada ao próprio ato de militar. Um comentário bastante emblemático feito por Fávero é de que ela considera que nunca tenha sido enxergada como ativista entre alguns militantes, visto que sua atuação com a T.R. aconteceu majoritariamente *online*. A entrevistada, no entanto, afirmou não ter interesse pela nomenclatura de ativista, e voltou a problematizar os impactos que a militância pode reverberar na vida dos ativistas. Fávero, contudo, disse permanecer em suas atividades com o Educatrans, a AMOSERTRANS e na Semana de Visibilidade Trans em Sergipe.

Através desta conversa também pudemos confirmar a atuação da página junto a potencialização de ações de ativismo *offline*, principalmente através de dois episódios lembrados pela entrevistada: o caso da colagem de plaquinhas em banheiros de uma universidade local, uma ação que foi planejada e divulgada também *online*, e no caso da criação e divulgação de uma *Vakinha online* para mastectomia de Miguel Marques, à época companheiro de Fávero e que conseguiu o montante necessário para a cirurgia.

Ainda sobre o potencial representativo da página, Fávero ponderou a princípio o quanto a travestilidade e identidade trans são mutáveis e descentralizadas, afirmando que a representação construída a partir do conteúdo da T.R. pode ter sido recebida tanto positivamente quanto negativamente por outras pessoas trans. Para ela, que passou a enxergar o assunto de outra forma, a discussão sobre representação trans deve ir além, por exemplo, da viabilidade de atores cis interpretarem pessoas trans. Fávero afirmou atualmente procurar por uma maior universalidade de possibilidades para além dessa dicotomia, questionando quais seriam os limites disponíveis a essa representação: será possível que a atores trans seja oferecida a mesma disponibilidade de papéis que a atores cis?

Para a entrevistada, a própria realidade de pessoas *transvestigeneres* no país clama por novos olhares e atravessamentos. Em relação a travestilidade e a identidade trans, Fávero voltou a pensá-las como mutáveis, visto que ela mesma tende a não se reconhecer mais

através do conteúdo compartilhado pela T.R. Para ela, nomear-se não faz mais tanto sentido; influenciada pelas contribuições de Butler a respeito do feminismo, a entrevistada compartilhou que a própria noção de categoria única de algo deve ser problemática. Para Fávero, seu próprio processo de performatividade como travesti não foi fácil, e essa identidade também não lhe veio sem desafios: a entrevistada compartilhou o quanto sua identidade, que recusou algumas mudanças estéticas consideradas características, não é inteligível para outras travestis.

Percebemos que mesmo em face de contextos subalternos similares, identidades estão sujeitas tanto às coerções sociais quanto à presença de certos elementos demarcadores que as tornam legítimas dentro dessas comunidades. A entrevistada também refletiu sua posição em relação a categoria de mulher, lembrando que um momento marcante em sua vida foi quando libertou-se deste anseio; Fávero ao mesmo tempo ressaltou seu desejo em ser mulher, trans, travesti, desde que esse processo de se tornar não fosse realizado “a todo custo”. Como em um grito de liberdade, a entrevistada afirmou querer ser ela mesma, Sofia: subvertendo até mesmo as categorias que possam delimitar algum gênero à margem. Neste processo, ela também ressaltou o papel da T.R. como um importante elemento performativo dessa identidade.

Sobre a abordagem de temas polêmicos que marcaram os últimos meses de funcionamento da página, como a participação de homens no feminismo e o local de fala, Fávero analisou sua trajetória como um processo de autodesenvolvimento; ao mesmo tempo em que mudou gradativamente seus posicionamentos sobre alguns assuntos, ela também quis compartilhá-los através da T.R; tornou-se então complicado sustentar uma atuação que não lhe representava mais, quando grande parte do público ali presente havia sido justamente agregado por conta de seus posicionamentos anteriores – e tinha sede por isso. Os conflitos entre as identidades sustentadas pela entrevistada e sua própria jornada de autoconhecimento fizeram-lhe tomar uma escolha.

Ao refletir sobre o seu legado, Fávero compartilhou não saber como mensurar o impacto da atuação da T.R. A entrevistada, no entanto, apontou importantes perspectivas, como o precedente que deixou sua atuação na internet, com uma travesti sendo seguida por milhares de pessoas não necessariamente trans. Para Fávero, esse tipo de alcance e possibilidade abriu portas e influenciou muitas páginas em atividade atualmente, que até mesmo antes de sua saída das redes como T.R. já lhe faziam referência, muitas vezes sem

prestar os devidos créditos. Ela reflete, contudo, que uma das mais importantes contribuições foi ter ressaltado a potencialidade de pessoas trans na internet, que compartilhavam conteúdo entre si, além de divulgar seus iguais ao propor novas narrativas e significados.

Para Fávero, que também analisou que a própria atuação no *Facebook* hoje, com as barreiras de engajamento e interatividade propostas por este *site* podem ser fatores de desmobilização, a decisão de ter dado fim às atividades da T.R. foi a mais correta. E apesar de nunca ter dado adeus aos seus seguidores, a entrevistada considerou que seu trabalho ali já estivesse realizado; fortemente impulsionada por sua nova identidade profissional, Fávero parece ter deixado seu reconhecido *alter ego* e milhares de admiradores por algo que lhe pareceu muito mais valioso: tornar-se travesti psicóloga e ter uma vida com menos *likes* e exposição.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação foi, sobretudo, uma jornada sobre o autoconhecimento humano. A partir de uma popular página no *Facebook*, a *Travesti Reflexiva*, pudemos refletir alguns dos limites e sentidos que cercam a construção e representação das identidades trans e travestis na modernidade, a partir da história e atuação de Sofia Fávero, uma ousada travesti e ativista sergipana. Propondo uma subversão aos diversos discursos que pontuam a travestilidade e a experiência trans na realidade brasileira, a *Travesti Reflexiva* foi uma iniciativa inédita no país e também provocou interessantes discussões e debates associados aos movimentos sociais e aos ativismos na internet.

Nossa jornada se iniciou pontuando a estrutura binária de gênero a partir da investigação da condição de mulher. Buscamos através da contribuição de diversas autoras, como Beauvoir (1970), Butler (2003) e Bento (2006), reconstituir o cenário de quem nem sempre nasce, mas torna-se gênero: uma ênfase dada a todos aqueles indivíduos, que como Fávero e seu *alter ego online*, recusaram as identidades impostas pautadas em condições biológicas e nas coerções heteronormativas. Para estas pessoas *transvestigeneres*, categorias fixas e imutáveis de gênero falharam em representar as inúmeras possibilidades do ser: além das fronteiras, entre ser homens ou mulheres, muitas vezes *elxs* querem ser apenas quem são – inteligíveis ou não.

Através das contribuições do arcabouço teórico dos estudos culturais pudemos identificar os elementos hegemônicos e contrahegemônicos que compuseram essa trajetória, bem como das relações de poder que permeiam as questões de gênero. A travestilidade não é considerada uma experiência localizada à margem dos gêneros inteligíveis à toa: ela questiona profundamente as noções hegemônicas de homem e mulher e do direito em ocupar um corpo diferente, e por muitas vezes considerado estranho. Há um viés profundamente subversivo em imaginarmos as descontinuidades entre sexo, gênero e afetividade que sugerem homens com vaginas, mulheres com pênis e muito mais, porque estas ideias questionam intensamente noções intrínsecas à nossa sociedade, como sexo, família e religião.

Através de um ativismo profundamente autoral, a representação da travestilidade na página *Travesti Reflexiva* foi bastante coerente ao cenário brasileiro de violência e exclusão que pauta por muitas vezes a vivência de travestis e pessoas trans no país. Marcada por um profundo tom político, pessoal e de contestação, como significados explícitos a atuação da

página apresentou alguns dos dilemas centrais presentes nas experiências dessas pessoas, seja através de questões que envolveram cidadania, como nas temáticas de uso de banheiros e do nome social, como também discorrendo sobre transfobia ou mercado de trabalho.

Para além de ressaltar essas experiências, como significados implícitos a T.R. também se propôs a sugerir novas narrativas para a travestilidade, principalmente ao abordar a temática educação, ressaltando o quanto pessoas trans devem ocupar esses espaços. Outra característica marcante foi a iniciativa da autora de fortalecer uma rede de apoio entre pessoas trans na internet, ao divulgar relatos, produções e participações de *outrxs transvestigeneres* na rede, o que salientou um impulso para alavancar a produção de conteúdo travesti e trans para além das condições de subalternidade e marginalidade. A T.R. ressalta ambos os aspectos ao mesmo tempo em que também sugeriu que esses paradigmas poderiam ser superados.

Em termos gerais, analisamos que talvez as maiores contribuições da *Travesti Reflexiva* tenham girado entre dois pontos centrais: primeiro, ter aberto os caminhos para *outrxs*, demonstrado que é possível realizar uma apropriação política na internet e no *Facebook*, mesmo para as experiências pouco inteligíveis localizadas à margem do gênero binário, como a travestilidade. Segundo, a página também atribuiu à identidade travesti um profundo senso de humanização, viés bastante relacionado ao fato de Sofia Fávero ter escrito na primeira pessoa: muitas vezes o leitor era convidado a indignar-se com ela, e ambos compartilhavam deste mesmo local através da empatia que sugeriu que antes de cis ou transgênero há sempre o aspecto humano.

É provável que muitas travestis e pessoas trans, apesar disso, não tenham considerado a página representativa para *elxs*, principalmente através de diferentes recortes de idade, raça e classe. Porém, as próprias travestilidades e transexualidades são também conjugadas no plural: não existe uma única maneira de ser travesti ou trans, e o próprio perfil de Fávero atesta isso, visto que sua persona foge à regra do senso comum sugerido para a identidade travesti. Vale ressaltar que os mecanismos da própria representação também são traiçoeiros, e como num jogo, aquele que representa também pode ocultar; e este fator, por si só, não é deslegitimador.

O que Fávero fez junto aos seus milhares de seguidores foi ecoar uma voz travesti, que pelas condições de exclusão e marginalidade da travestilidade, poucos de nós estávamos habituados a escutar. A página foi também bastante bem-sucedida em buscar gerar um impacto junto à cisgêneiridade, por momentos discutindo fortemente os privilégios e coerções

derivados da heteronormatividade, como também buscando abrir um diálogo para expor as vivências de travestis e pessoas trans em um contexto de marginalidade e exclusão, apontando novas narrativas que sugerissem outros caminhos.

Nossa jornada sobre movimentos sociais e ativismos, guiada por autores como Touraine (2006), Facchini (2003) e Martel (2016) também sugeriu que por mais que a pauta dos novos movimentos sociais seja ainda bastante centralizada nas experiências de cada indivíduo e ainda associem o pessoal ao político, este fator não determina, por exemplo, que a comunidade LGBTQ+ seja completamente homogênea; ela é tão fragmentada como a própria internet, noções ressaltadas pela atuação da *Travesti Reflexiva*. Fávero possuía condições mínimas de acesso, discernimento e conhecimento estratégico sobre o funcionamento da rede e o conteúdo que poderia ser compartilhado para obter visibilidade; a T.R. inclusive reconheceu as barreiras de engajamento e interatividade presentes no próprio *Facebook*, questionando a funcionalidade dessa ferramenta hoje.

Essa atuação estratégica foi diversas vezes bem-sucedida, visto que confirmamos que a página potencializou discussões e ativismo relacionados às questões de gênero também *offline*, como no caso da criação de campanha para financiamento coletivo ou para organizar e divulgar ações presenciais de ativismo, como também aconteceu com o compartilhamento de eventos pela página. A *Travesti Reflexiva* demonstrou ter transitado tanto no *online* quanto no *offline*, embora essa atuação não tenha sido considerada unanimidade por diversas vezes por outros movimentos sociais, inclusive de pessoas trans.

A temática do ativismo tratado pela página também pôde despertar um relevante debate em relação à militância na internet. Foi interessante observar Fávero compartilhar que muitas vezes não foi aceita ou considerada por outros militantes como ativista o suficiente por ter desenvolvido grande parte de seu trabalho *online*. Essa dicotomia entre *real x virtual* em relação aos ativismos é uma discussão atual e cercada de polêmica; será que em uma sociedade como a nossa, que caminha para sua total digitalização, o debate ainda deve ser resumido a quem é ou não “ativista de verdade” restringindo a questão aos dispositivos tecnológicos utilizados? É preciso que estejamos atentos a desenvolver essa novíssima questão através de discussões que envolvam outras variáveis e paradigmas para além de categorias fixas do que deve ou não ser considerado ativismo.

Outros importantes marcos da nossa jornada foram as investigações em relação à construção das identidades na modernidade, que exploramos através das contribuições de Hall

(2003), Silva (2011) e Woodward (2011). A trajetória da *Travesti Reflexiva* foi marcada por contrastes e ambiguidades gerados através das diversas posições de identidades assumidas: a de travesti, ativista, pessoa privada e principalmente, a de psicóloga. Foi notável a percepção dessas identidades como processos em evolução, pontos de apego temporários no desenvolvimento de autoconhecimento de Sofia Fávero, bastante associados a características próprias da construção dos sujeitos na modernidade, que como cita Berman (1982), faz tudo desmanchar-se pelo ar. No final, a identidade de travesti psicóloga foi quem permaneceu e a T.R. saiu de cena.

Ademais, inspirados pela *Travesti Reflexiva*, espera-se que esse trabalho tenha sugerido novas narrativas sobre a travestilidade e os gêneros à margem. Torcemos para encontrar *outrxs* travestis e pessoas trans nesta jornada acadêmica protagonizando suas próprias histórias e produzindo conhecimento, assim como desejamos que pessoas cisgênero também possam realizar trabalhos e pesquisas que não sejam colonizadores ou dominadores do gênero e das sexualidades trans. Por fim, desejamos também que a produção científica brasileira, a exemplo do legado dos estudos culturais, também adote dentro das universidades um posicionamento político que investigue, analise e discuta temas e vivências da sociedade que precisem ser abordados. Afinal, quem tem medo de travesti?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *In: Lua Nova*, São Paulo, SP, nº 76, 2009, p. 49-86.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977, 223 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo 1. Fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet, 4ª ed. Divisão Europeia do Livro, São Paulo; 1970, 309 p.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, 256 p.
- BENTO, Berenice. Da transexualidade oficial às transexualidades. *In: CARRARA, Sergio; GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana (Org). Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 143-173.
- BENTO, Berenice. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. *In: Contemporânea* v. 4, n. 1. Jan.–Jun, 2014. p. 165-182. Disponível em: <<http://migre.me/wuhJd>>. (Acesso em 22/04/2017).
- BENTO, Berenice. **Brasil: país do transfeminicídio**. 2014. 2p. Disponível em: <<http://migre.me/wuhIj>>. (Acesso em 22/04/2017).
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. 1º reimpressão. São Paulo: Editora Schwarcz, 1986, p. 13-15.
- BORELLI, S. H. S. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. **São Paulo Perspec.** [online]. 2001, vol.15, n.3, p. 29-36.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** / Pierre Bordieu; tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160 p.
- BRASIL. Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015. Brasília, DF, jan 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2JmFcCt>> (Acesso em 9 de jun de 2018).
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In: LOURO, L. G. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007. P 152-172.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 233 p.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo**, 1ª ed. 2002. Buenos Aires: Paidó, p. 313-339.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venancio Majer e Klauss Brandini Gerhardt. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 574 p.

CASTELLS, Manuel. Volume 2. **The Power of Identity**. 2nd ed, 2010, p. 5-122. Disponível em: <<http://migre.me/rZvZ1>> (Acesso em: 01/11/2015).

COACCI, Thiago. Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão. In: **História Agora**, nº 15, 2014, p. 134-161.

COLLING, Leandro. Políticas para um Brasil além do Stonewall. In: COLLING, Leandro (org). **Stonewall 40 + o que no Brasil?**. Salvador: EDUFBA, 2011, p.7 – 20.

CSIC. 2011. "*Slacktivists Doing More Than Clicking In Support Of Causes*". *Georgetown University School of Continuing Studies*. Disponível em: <<https://bit.ly/2r8fqWE>>. Acesso em: 29 de abr de 2018.

CRENSHAW, Kimberly. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. 2004. Brasília: Unifem, p.7-16.

Diagnostic and statistical manual of mental disorders: **DSM-IV**. — 5th ed. Disponível em: <<http://migre.me/wuhV2>>. (Acesso em 22/04/2017).

DYER, Richard. The Matter Of Whiteness. **White: essays on race and culture**. London, Routledge, 1997, p.1-40. Disponível em: < <https://bit.ly/2JlfJZY>> (Acesso em 9 de jun de 2018).

EL PAÍS. **A travesti brasileira que encarou a ditadura não quer saber de militar**. 2017. Disponível em: < <https://bit.ly/2xXayu0>> (Acesso em 9 de jun de 2018).

ESCOSTEGUY, C. A. Estudos Culturais: uma introdução. In: JOHNSON, Richard; SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006. P 135-166.

FACEBOOK. **45% da população brasileira acessa o Facebook mensalmente.** 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2r8vicn>>. Acesso em: 29 de abr de 2018.

FACEBOOK. **Helping Make Sure You Don't Miss Stories from Friends.** 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/29312Zv>>. Acesso em: 9 de jun de 2018.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *In: Cad. AEL*, v.10, n.18/19 [online]. 2003, p. 83-125.

FLICHY, Patrice. Internet, um mundo para amadores. *In: FLICHY, Patrice (Org.); FERREIRA, Jairo (Org.); AMARAL, Adriana (Org.); Redes digitais: um mundo para amadores. Novas relações entre mediadores, mediações e midiatização.* Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016, p. 13-48.

FUCHS, Christian. Mídias sociais e a esfera pública. *In: Revista Contracampo*, v. 34, nº. 3, ed. dez/2015-mar/2016. Niterói: Contracampo, 2015, p. 5-80.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 176 p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2:** o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. 232p.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Meridional/Sulina, 2011, 239 p.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** 5ª reimpressão. Editora UNESP: São Paulo, 1991, p. 8-51.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Edições Loyola, 1997, p. 9-285.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In: DESLANDES, S. F.; GOMES, Romeu; MINAYO, M. C. S. (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 79-108.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Mortes violentas de LGBT no Brasil, relatório 2017.** Disponível em: <<https://bit.ly/2IqEnnw>> (Acesso em 10/06/2018).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ Stuart Hall; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. Ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011, 108 p.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, 410 p.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 101-116.

HOOTSUIT. **New Research Reveals Global Social Media Use Increased by 21 Percent in 2016**. 2017. Disponível em: < <https://bit.ly/2Jpl9mW>> (Acesso em 9 de jun de 2018).

International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems 10th Revision: **ICD-10 Version: 2010**. Disponível em: <<http://migre.me/wui0P>>. (Acesso em 22/04/2017).

IBGE. Coordenação de população e indicadores sociais. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016**. Nº 36. Rio de Janeiro: IBGE, 2016, p 6-23. Disponível em < <https://goo.gl/ZDVsnq>> (Acesso em: 31/12/ 2016).

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**, 2ª Ed. Ser-Tão: Brasília, 2012, 42 p. Disponível em: < <http://migre.me/wuhKY>>. (Acesso em 22/04/2017).

JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. *In*: **História Agora**, São Paulo, v. 16, n. 2, p.101-123, 2013. Disponível em: < <http://migre.me/wuhOn>>. (Acesso em 22/04/2017).

JESUS, J.; ALVES, H. Feminismo Transgênero e Movimentos de Mulheres Transexuais. *In*: **Cronos**, Natal, v. 11, n. 2, jul./dez. 2010, p. 8-19.

JOHNSON, Richard. O que é afinal, estudos culturais? *In*: JOHNSON, Richard; SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006. P 9-131.

KOYAMA, Emi. The Transfeminist Manifesto. *In*: DICKER, Rory (org); PIEPMEIER, Alisson (org.). **Catching A Wave: Reclaiming Feminism for Twenty-First Century**. 2003,



Northeastern University Press, s/nº. Disponível em: < <https://bit.ly/2LCVweO> > (Acesso em 9 de jun de 2018).

LEMOS, André. Cibercultura como território recombinate. *In*: CALEZOTO, Edilson; TRIVINHO, Eugênio (Org.). **A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa**. São Paulo: ABCiber, Instituto Itaú Cultural, 2009, p 38-46. Disponível em < <http://migre.me/udx81> >. Acesso em: 26 jun. 2016.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irienu da Costa, 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 11-77.

LOURO, L. G. Currículo, gênero e sexualidade. O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. *In*: LOURO, L. G.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P 41 - 52.

LOURO, L. G. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, L. G. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007. P 9-34.

LOURO, L. G. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. *In*: **Estudos Feministas**, ano 9, 2º semestre 2001 [online]. 2001, p. 541-553.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Massachusetts Institute of Technology, 2001, p. 3-20. Disponível em: <<http://migre.me/v6UOg>> (Acesso em 30 set de 2016).

Manual diagnóstico e estatístico de transtorno, DSM-5. **American Psychiatric Association**, trad. Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014. P 451-452. Disponível em: < <http://migre.me/wuhV2> >. (Acesso em 22/04/2017).

MARKETING DE CONTEÚDO. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil?** 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2yvFi1E>>. Acesso em 29 de abr de 2018.

MARTEL, Frédéric. Smart: uma pesquisa sobre as internets. *In*: **RuMoRes**, São Paulo, SP, v. 10, nº 20, jul/dez 2016, p. 7-25.

MCRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. *In*: COLLING, Leandro (org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 21-36.

MENDES, A. J. T.. Partenogênese, partenocarpia e casos anormais de fertilização em *Coffea*. *In: Bragantia* [online]. 1946, vol.6, n.6, pp.265-272.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? Trad. Suely Barros. *In: Lua Nova*, nº 17, São Paulo, SP, 1989, p. 49-66.

MIGUEL, K. G. **Pensar a cibercultura ambientalista: Comunicação, mobilização e as estratégias discursivas do Greenpeace Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo: 2014, 266 p. Disponível em < <http://migre.me/tTNlu> >. (Acesso em: 21 mai. 2016).

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In: DESLANDES, S. F.; GOMES, Romeu; MINAYO, M. C. S. (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 61- 67.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos – reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea. *In: COLLING, Leandro (org.). Stonewall 40 + o que no Brasil?*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 37-56.

MORAES, Dênis de. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. *In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, SP, Vol. XXIII, nº 2, jul/dez. de 2000, p. 142-155. Disponível em <<https://bit.ly/2HFgWqm>>. (Acesso em: 29 de abr de 2018).

MORAES, Dênis de. **O ativismo digital**. 2001. 14 p. Disponível em <<https://bit.ly/2HDi41P>>. Acesso em: 29 de abr de 2018.

NOGUEIRA, N. B. S.; AQUINO, A. T.; CABRAL, A. E. **Dossiê: A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans**. *In: Rede Trans Brasil, 2017*. Disponível em: <<https://bit.ly/2sVI6D5>> (Acesso em 10/06/2018).

OUTEIRO, P. M. **Divina entre as mulheres: Helena de Tróia e a mulher de bronze recente** (1580-1100 a.C.). 2011. Disponível em: < <http://migre.me/wuhpv>>. (Acesso em 22/04/2017).

OXFORD, Dictionaries. **Definition of slacktivism in english**. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2FrLcD1>>. Acesso em 29 de abr de 2018.

PERES, S. W. Travestis brasileiras: construindo identidades cidadãs. *In: GROSSI, Miriam Pillar (org.). Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. P 53-68.

PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. *In: Dossiê Teoria Queer*, ano 1, nº2, nov/2014, p. 26-45.

PRIMO, Alex. Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. *In: Fronteiras: Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 5, n. 2, 2003, p. 125-142.

RECUERO, Raquel. Zago, Gabriela. RT, por favor: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. *In: Revista Fronteiras*, v. 12, nº 2 - maio/agosto. 2010, p. 69-81.

RECUERO, Raquel. Zago, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. *In: Líbero*, v. 12, n. 24. São Paulo, SP, 2009, p. 81-94.

REVISTA TRIP. **Eu gosto mesmo é das bichas**. 2016. Disponível em: < <https://bit.ly/2sKYsz9>> (Acesso em 9 de jun de 2018).

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente**. 2003, 11 p. Disponível em: < <https://bit.ly/2FtTCJY> >. Acesso em: 29 de abr. de 2018.

SERRES, Michel. A comunicação contra a cultura: entre a Disneylândia e os ayatolás. *In: ALCEU*, Rio de Janeiro, RJ, v.4, nº 8, jan./jun. 2004, p. 5-10.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *In: Sociedade e Estado*, Brasília: v. 21, n.1, jan./abr. 2006, p. 109-130. Disponível em: < <http://migre.me/udxWU> >. (Acesso em 27/06/2016).

Silva, C.O.S.L. **O pensamento político na época de Catarina de Áustria e as mulheres no governo**. 2013. Disponível em: < <http://migre.me/wuhr5>>. (Acesso em 22/04/2017).

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. [10. ed.]. Petrópolis: Vozes, 2011. P. 73-102.

STONE, Sandy. **The empire strikes back: a posttranssexual manifesto**. 1987, s/nº. Disponível em: < <https://bit.ly/2sJny1g>> (Acesso em 9 de jun de 2018).

TELECO. **Preços no Mundo: Benchmarking Internacional**. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2jfIAzt>>. Acesso em 29 abr. de 2018.

TGEU. **TDoR 2016 Press Release**. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2Lzpa4U>> (Acesso em 9 de jun de 2018).

THE CLINIC. **Luana Muniz, la Reina de Lapa**: “En mi época de oro atendí hasta 50 hombres en una noche”. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2bugg87>> (Acesso em 9 de jun de 2018).

TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. *In: Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 21, nº 1, jan/abr. 2006, p. 17-28.

TOURAINÉ, Alain. “Os novos conflitos sociais. Para evitar mal-entendidos”. *In: Lua Nova*, São Paulo, SP, nº 17, jun. 1989, p. 5-18.

TOURAINÉ, Alain. Sexo, gênero, sujeito: uma entrevista com Alain Touraine. *In: Rev. Sociologia Política*, Curitiba, BH, nº 23, nov. 2014, p. 169-174.

VERGUEIRO, Viviane. Pela descolonização das identidades trans. *In: VI Congresso Internacional de Estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH*, 2012, s/nº.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. P 60 - 142.

WILLIAMS, Raymond. Keywords: **A vocabulary of culture and society**. New York: Oxford University Press, 1985, p. 87-93.

WIRED UK. **Richard Dawkins on the internet's hijacking of the word 'meme'**. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2mOL4YV>> (Acesso em 9 de jun de 2018).

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. [10. ed.]. Petrópolis: Vozes, 2011. P. 7-72.

ZANONI, P. A.; BITENCOURT, L.; FARINA, E. A lógica aristotélica. *In: Revista Pandora Brasil*, Nº 75, out., 2016, s/n. Disponível em: <<https://bit.ly/2mUIJLv>> (Acesso em 29 de jul de 2018).

## APÊNDICE A

Abaixo, nós apresentamos um *ranking* com o levantamento das páginas que abordaram a travestilidade e a experiência trans até junho de 2016 no *Facebook*. Aqui, elas aparecem categorizadas por temas centrais, seguidas por seu ano de criação e em ordem decrescente de número de seguidores:

### *Ranking – Páginas sobre travestilidade e a experiência trans no Facebook*

<b>EXPERIÊNCIA TRANSEXUAL, CULTURA E AFINS</b>	<b>MULHERES TRANSEXUAIS E AFINS</b>	<b>HOMENS TRANSEXUAIS E AFINS</b>
<b>MC TRANS (2014)</b> 355.899 Seguidores	<b>TRAVESTI REFLEXIVA (2014)</b> 203.627 Seguidores	<b>HOMENS TRANS (2014)</b> 7.289 Seguidores
<b>MC XUXU (2013)</b> 22.748 Seguidores	<b>MANDY (2014)</b> 160.719 Seguidores	<b>HOMENS TRANSGÊNEROS (2013)</b> 14.848 Seguidores
<b>NOME SOCIAL É DIREITO (2016)</b> 19.833 Seguidores	<b>LEONORA ÁQUILLA (2012)</b> 110.891 Seguidores	<b>O TRANSVIADO (2014)</b> 9.826 Seguidores
<b>TRAVESTI NÃO É BAGUNÇA (2015)</b> 18.749 Seguidores	<b>TRAVESTIS E TRANSEXUAIS BRASILEIRAS (2012)</b> 46.178 Seguidores	<b>HOMENS TRANSGÊNEROS (2014)</b> 4.714 Seguidores
<b>NLUCON (2012)</b> 13.704 Seguidores	<b>MARIA CLARA ARAÚJO (2015)</b> 36.988 Seguidores	<b>TRANSLUNÁTICO (2015)</b> 4.321 Seguidores
<b>INVISIBILIDADE TRANS (2016)</b> 12.817 Seguidores	<b>TRANSFEMINISMO (2012)</b> 22.625 Seguidores	<b>TRANSVIADOS (2015)</b> 4.022 Seguidores
<b>I AM TRANS (2015)</b> 11.901 Seguidores	<b>PROFESSORA LUIZA COPPIETERS (2016)</b> 12.538 Seguidores	<b>UM HOMEM TRANS CASPERIANO (2015)</b> 3.972 Seguidores
<b>TRANSFORMEI (2016)</b> 8.145 Seguidores		<b>T-BOY PACKERS (2015)</b>

<b>AS VERDADEIRAS REGRAS DA INTERNET DAS MINAS E PESSOAS TRANS (2015)</b>	<b>TRAVESTI &amp; TRANSEX PAULISTAS (2012)</b>	2.542 Seguidores
7.287 Seguidores	11.951 Seguidores	<b>UM HOMEN TRANS POLITIZADO (2015)</b>
<b>PREPARA NEM (2015)</b>	<b>TRANSGRESSIVA (2015)</b>	2.227 Seguidores
7.258 Seguidores	9.839 Seguidores	<b>BRO BRINDRES (2016)</b>
<b>AS TRAVESTIDAS (2008)</b>	<b>TRANSEX BRASIL (2012)</b>	1.286 Seguidores
5.919 Seguidores	9.422 Seguidores	<b>TRANS BOY (2015)</b>
<b>TRANSVEST (2016)</b>	<b>MULHERES TRANSEXUAIS (2013)</b>	2.141 Seguidores
5.548 Seguidores	7.082 Seguidores	<b>T-TRANSBOY (2014)</b>
<b>TRANSEMPREGOS (2013)</b>	<b>TRAVESTIS BELO HORIZONTE (2015)</b>	1219 Seguidores
5.192 Seguidores	5.894 Seguidores	<b>HOMENS TRANS BRASIL (2013)</b>
<b>CAMPANHA NACIONAL "SOU TRANS E QUERO DIGNIDADE E RESPEITO" (2015)</b>	<b>SEMINARIOS TRANSFEMINISMOS (2016)</b>	1.047 Seguidores
5.245 Seguidores	4.964 Seguidores	<b>ENCONTRO NACIONAL DE HOMENS TRANS (2015)</b>
<b>IGUALDADE RS - ASSOCIAÇÃO DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO RIO GRANDE DO SUL (2012)</b>	<b>TRAVESTIS MADURAS (2012)</b>	866 Seguidores
4.578 Seguidores	5.723 Seguidores	<b>SEGURA ESSA MARIMBA (2016)</b>
<b>VISIBILIDADE TRANS (2012)</b>	<b>LYRA FRAGA RIOS TATUADA EM SÃO CARLOS. ACOMPANHANTE EM SÃO CARLOS (2016)</b>	785 Seguidores
3.089 Seguidores	4.725 Seguidores	<b>TRANSVIADO: POLITEISMO, POLIAMOR E NÃO BINERIEDADE - BLOG QUEER E PAGÃO (2014)</b>
	<b>UMA TRAVESTI MARXISTA (2015)</b>	669 Seguidores
	4.469 Seguidores	<b>TRANS GUY (2015)</b>
		631 Seguidores
		<b>IBRAT DF (2015)</b>

<b>EDUCATRANS (2015)</b> 3.055 Seguidores	<b>TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (2012)</b> 3.977 Seguidores	560 Seguidores
<b>TRANSVIANDO O ENEM (2015)</b> 2.234 Seguidores	<b>GRITO DA SEREIA (2015)</b> 3.483 Seguidores	<b>O TRANSGRESSOR (2015)</b> 553 Seguidores
<b>FTM/MTF (2016)</b> 2.111 Seguidores	<b>AS MAIS BELAS TRANSEX DE CEARÁ (2014)</b> 3.142 Seguidores	<b>HOMENS TRANS PRÉ T (2015)</b> 550 Seguidores
<b>REDE NACIONAL DE PESSOAS TRANS NO BRASIL (2015)</b> 2.021 Seguidores	<b>TRAVESTIS TERESÓPOLIS (2012)</b> 3.008 Seguidores	<b>HOMENS TRANS PR (2015)</b> 536 Seguidores
<b>SEMANA DA VISIBILIDADE TRANS (2015)</b> 1.899 Seguidores	<b>INDIANARE SIQUEIRA (2015)</b> 2.609 Seguidores	<b>COLETIVOS DE HOMENS TRAS PA (2016)</b> 487 Seguidores
<b>COLETIVO TRANSTORNAR (2015)</b> 1.736 Seguidores	<b>TRANSFEMINISMO + (2014)</b> 2.542 Seguidores	<b>MULHER DE HOMENS TRANS (2015)</b> 454 Seguidores
<b>TRANSGREDINDO A NORMA (2016)</b> 1.305 Seguidores	<b>AMARA MOIRA (2016)</b> 2.525 Seguidores	<b>AHTP - ASSOCIAÇÃO DE HOMENS TRANS POTIGUARES (2015)</b> 398 Seguidores
<b>LIBERA MEU XIXI (2015)</b> 1.298 Seguidores	<b>TRANS SUPER FEMININAS (2011)</b> 2.484 Seguidores	<b>HOMENS TRANS FTM (2015)</b> 309 Seguidores
<b>EMPODERAMENTO TRANS-PARENTE (2016)</b> 1.265 Seguidores	<b>TRAVESTIS BRASIL (2016)</b> 2.137 Seguidores	<b>POÉTICAS DE UM HOMENS TRANS (2016)</b> 251 Seguidores
<b>TRANSFORMARTE (2015)</b> 1.435 Seguidores	<b>T-GIRL TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. WORLD T (2015)</b>	<b>IBRAT RS - INSTITUTO BRASILEIRO DE TRANSMACULINIDADE RIO GRANDE DO SOL (2015)</b>
<b>GRUPO</b>		

<b>TRANSDIVERSIDADE NITERÓI (2015)</b>	1.662 Seguidores	232 Seguidores
1.559 Seguidores	<b>TRAVESTIS SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (2015)</b>	<b>CONFISSÕES DE UM HOMEM TRANS (2016)</b>
<b>EU TRANS - O LIVRO (2014)</b>	1.537 Seguidores	113 Seguidores
1.318 Seguidores	<b>TRAVESTI MARGINAL (2015)</b>	<b>HOMENS TRANS DE SP (2014)</b>
<b>VISIBILIDADE TRANS (2015)</b>	1.432 Seguidores	98 Seguidores
1.142 Seguidores	<b>TRAVESTIS DE NATAL (2014)</b>	<b>HOMENS TRANSEXUAIS FTM (2015)</b>
<b>ANTRA - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (2015)</b>	1.337 Seguidores	21 Seguidores
1.114 Seguidores	<b>FORÇA TRANS SJDR (2015)</b>	<b>HOMENS TRANS DE SE (2015)</b>
<b>TRASNEXUAISSP (2015)</b>	1.298 Seguidores	19 Seguidores
1.131 Seguidores	<b>TRAVESTI/SHEMALE (2012)</b>	<b>HOMENS__ ATEUS/TRANS__ BY RAICARLOS (2013)</b>
<b>TRANS ENEM POA (2015)</b>	1.181 Seguidores	15 Seguidores
1.105 Seguidores	<b>TRAVESTIS LINDAS DE BELÉM (2014)</b>	
<b>TRANSLÚCIDX (2013)</b>	940 Seguidores	
945 Seguidores	<b>TRAVESTI CURITIBA (2016)</b>	
<b>TRANSLITERAÇÃO (2014)</b>	830 Seguidores	
923 Seguidores	<b>TRAVESTIS DO SUL DE MINAS GERAIS (2013)</b>	
<b>CUECA MENSTRUADAS (2013)</b>	825 Seguidores	
872 Seguidores	<b>ATRAS – ASSOCIAÇÃO DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DE SALVADOR (2014)</b>	
<b>TRASENEM BH (2015)</b>		



853 Seguidores	650 Seguidores	
<b>TRANS DE INTERNET (2015)</b>	<b>TRAVESTIS FAMOSAS (2015)</b>	
789 Seguidores	481 Seguidores	
<b>ANEDOTAS DE UMA VIADINHA TRANS (2015)</b>	<b>TRAVESTI PORNÔ (2016)</b>	
789 Seguidores	465 Seguidores	
<b>ASSOCIAÇÃO CENTRO DE APOIO E INCLUSÃO SOCIAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (2015)</b>	<b>TRAVESTI SINCERA (2013)</b>	
733 Seguidores	384 Seguidores	
<b>AMOSERTRANS (2015)</b>	<b>TRANSLUCIDA (2015)</b>	
689 Seguidores	351 Seguidores	
<b>TRANSEMANA (2014)</b>	<b>TRANSEX DE GOIAS (2012)</b>	
673 Seguidores	329 Seguidores	
<b>ANTOLOGIA T (2015)</b>	<b>BONECA TRANS DANY (2014)</b>	
641 Seguidores	318 Seguidores	
<b>JANEIRO LILÁS MES DA VISIBILIDADE TRANS (2014)</b>	<b>TRAVESTIS/TRANS JAMPA (2013)</b>	
621 Seguidores	245 Seguidores	
<b>TRANSFORME A MENTE (2016)</b>	<b>TRAVESTIS CARLA (2015)</b>	
600 Seguidores	214 Seguidores	
<b>SEMAMA PELA SEMANA VISIBILIDADE TRAVESTI E TRANS 2016 (2016)</b>	<b>TRAVESTIS CURITIBA (2016)</b>	
	200 Seguidores	
	<b>TRAVESTI EM FORTALEZA (2016)</b>	
	185 Seguidores	

582 Seguidores	<b>TRAVESTI E TRANSEX DO ES (2016)</b>	
<b>SEMANA TRANS - FORMANDO VISÕES (2014)</b>	180 Seguidores	
538 Seguidores	<b>MARCELA TRAVESTI GATA (2012)</b>	
<b>NOT ALL CIS BRASIL (2015)</b>	127 Seguidores	
501 Seguidores	<b>TRAVESTIS GATAS GOSTOSAS (2015)</b>	
<b>FORUM MUNICIPAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DE SÃO PAULO (2015)</b>	112 Seguidores	
425 Seguidores	<b>NEGRAS TRANS 2015</b>	
<b>MUDEI NÃO, ME ADAPTEI (2016)</b>	106 Seguidores	
305 Seguidores	<b>TRAVESTIS DO DF (2016)</b>	
<b>TRANSVIADO (2015)</b>	35 Seguidores	
276 Seguidores		
<b>TRANSPARENTE (2015)</b>		
257 Seguidores		
<b>BRECHO TRAVESTIR (2016)</b>		
234 Seguidores		
<b>SOU TRANSSEXUAL, SOU TRAVESTI, SOU FELIZ (2015)</b>		
205 Seguidores		
<b>TRANS.ITANDO EM VERSOS (2015)</b>		
178 Seguidores		

<b>TRANSFORME-SE (2015)</b>  52 Seguidores		
--	--	--

## APÊNDICE B

Abaixo, compartilhamos na íntegra nossa entrevista com Sofia Fávero, a *Travesti Reflexiva*.

### UMA ENTREVISTA COM A TRAVESTI REFLEXIVA

#### Codificação de conteúdo da entrevista: sobre o histórico da Travesti Reflexiva

##### Como surgiu e qual foi o seu objetivo com a ideia da página?

A página surgiu em 2012 e foi deletada pelo *Facebook* algumas vezes. Essa que você está tendo acesso agora acho que foi criada em 2013. A ideia veio de que não existia esse tipo de conteúdo no *Facebook* naquela época. O conteúdo que existia era voltado a homens gays e o voltado a travestis, quando existia, era pornográfico. Conteúdo de páginas de trabalho sexual, *webcam show*... Não existia nada que falasse de relatos de vida de travestis e transexuais no Brasil que não fosse com essa pegada sexualizada. Aí eu falei “ah, eu acho que eu vou criar”. Só que naquela época criei de maneira anônima, então era um campo que eu estava descobrindo.

##### Existiram inspirações e referências para ela?

Eu acho que a grande referência naquela época foi a Daniela Andrade (*reconhecida ativista trans no Brasil*). Naquela época ela escrevia muito no *Facebook*, só que no perfil pessoal dela. No meu caso, pensei que eu poderia transformar a potência do *Facebook*, que eu vi que tinha um alcance muito grande entre as pessoas, que também me alcançavam e aquilo me tocava, em uma nova página. Falei “nossa, se tem esse efeito em mim, talvez tenha esse efeito em outras pessoas também”. Naquela época as páginas não tinham tanto regulamentação assim, elas não eram tão podadas pelo *Facebook*. Hoje em dia acho que não tem mais tanto sentido assim mantê-las, porque o *Facebook* foi mercantilizando cada postagem, a publicação não tem mais tanto alcance assim. Antes o alcance era maior, então atingia muitas pessoas que eu não tinha nem noção.

##### Porque "Travesti Reflexiva"?

Foi um personagem que eu criei. No começo era uma pegada mais *RuPaul's Drag Race*, era uma pegada mais assim das *drags*, mas também com relatos, relatos não... conceitos

(olha só, tem conceito tá?) conceito de que, talvez hoje eu já não ache mais tão interessante. Era um conceito de vida pessoal, o que me afligia no momento. Naquela época, com 17, 18 anos, eu estava num contexto em que eu me auto hormonizava, então eu aplicava hormônio em mim. Naquele momento milhares de coisas passavam pela minha cabeça, como acertar um nervo, não sei... Mas eu lembro de uma tirinha mais ou menos assim. E aí pronto, isso era circulado entre travestis e pessoas trans. Se eu fosse definir agora para você, o conteúdo inicial da página Travesti Reflexiva era voltado para pessoas trans. Era uma forma de criar uma rede de afeto entre elas para que houvesse identificação com aquilo, que elas vissem as situações que elas passavam também e pudessem se reconhecer. Era um *alter ego*, era uma necessidade de falar, eu queria falar, vomitar... Eu não sei explicar direito a sensação que eu tinha naquela época, era uma ideia que tinha muita coisa presa que eu queria falar. Acho que falei tanto que acabou, já vomitei o que tinha que vomitar (*risos*).

**Pessoalmente eu lembro que o episódio em que você sofreu assédio em um ônibus em Aracaju também causou bastante repercussão. Você já estava com a página na época?**

Eu já estava com a página sim, lembro até hoje, ela tinha uns 20.000 *likes*. Eu já tinha uma certa visibilidade entre os conteúdos LGBTQ+ na internet e tive alguma visibilidade nesse momento também. Mas não era uma página de ativismo propriamente, não consideraria assim, era uma página de conteúdo trans não sexualizado. A partir do incidente com o assédio no ônibus isso mudou. Eu despertei de alguma forma para uma necessidade de falar mais. Não era mais uma questão de situações cotidianas, era dor.

**Como era o seu envolvimento com a causa e até mesmo com ativismo em um momento pré Travesti Reflexiva?**

Eu não tinha relação, mas também não existia essa relação em Aracaju (SE), se eu for ser sincera com você. Não existia essa relação porque o que existia em termos de ativismo, pensando que você está falando de ativismo como movimento social físico, real, material, pessoas se encontrando e discutindo, não havia aqui. O que existia... Vamos supor, tinha a ASTRA e a ADONIS. A ASTRA era uma associação que promovia a parada LGBTQ+ aqui de Aracaju e a ADONIS fazia alguns eventos também voltados a população LGBTQ+ de Aracaju. Não existia, por exemplo, uma AMOSERTRANS, que é como existe hoje, que a gente faz a Semana de Visibilidade Trans, e que surgiu também a partir da página.

**Você acha então que não havia uma atuação muito politizada naquela época?**

Em Aracaju eu não sentia uma expressão forte de ativismos trans naquela época.

**Você considera que era mais uma questão de organização ou de representatividade?**

Acho que de organização mesmo, das pessoas conhecerem... As pessoas acham que em Aracaju todo mundo se conhece, mas naquela época ninguém se conhecia dessa forma. Não sei se consigo responder essa pergunta.

**Quando a gente estuda esse contexto de movimento LGBTQ+ também chegamos a uma questão de representatividade do L, G, B, do T... Será que não poderia ser algo dentro do movimento, talvez um protagonismo para algumas causas?**

Vamos dizer que sim. Eu nunca me interessei, de sair de casa, de ir para uma reunião para discutir parada (*parada gay, no caso*).

**Isso foi mais ou menos quando, em termos cronológicos?**

Vamos pensar... 2014. A página foi criada em 2012, foi deletada também em 2012, voltei em 2013, mas ela já voltou com um público e cresceu mais um pouco. Após o incidente do ônibus foi que eu me envolvi mais com ativismo em Aracaju. E eu não estou me responsabilizando por isso, mas o que eu senti foi que o ativismo trans por aqui depois explodiu de alguma forma. Ganhou visibilidade.

**Em um rápido contato anterior, você comentou que ter uma página com nome "travesti" e mais de 100 mil seguidores era uma das coisas que te orgulhava mais. Por quê?**

Porque a ideia do termo, o que ele remete, a sua história, quais associações as pessoas fazem quando escutam a palavra travesti... É uma associação muito pejorativa. E eu vi pessoas normais, e vamos usar o termo "normais" para pessoas comuns, que não tinham nenhum envolvimento com essa população, mas que estavam ali compartilhando textos e mais textos de alguém que se chamava Travesti Reflexiva. Aquilo eu achava interessante. Era como se o compartilhamento valesse mais que a ideia, parecia isso para mim.

**Travesti também é um termo bastante utilizado em todos os meses de análise. É uma estratégia política de afirmação?**

Sim, e acho que vai ser durante muito tempo ainda, pelo menos para mim. A princípio não era. Eu nasci em Aracaju e aqui não existia transexual. Com 14, 15 anos, estou falando aqui de 2008, não existia a difusão do termo transgênero, transexualidade... tudo era travesti. Você era um rapaz feminino, as pessoas iam te apontar como travesti ou traveco, quando queriam mesmo ser pejorativos. Então desde muito pequena eu era apontada como travesti na rua, essa era a minha referência. Porque ser travesti é algo ruim? Porque as pessoas me identificavam dessa forma? Eu achava um pouco fútil ou superficial eu me colocar como transexual. Porque para mim, e eu vou falar da ideia que eu tinha naquela época, ser transexual era necessariamente não estar no Nordeste, não estar aqui, ter nascido em outro lugar. Talvez na Nova Zelândia eu fosse transexual, mas aqui eu sou travesti, gente, fazer o quê? (*risos*). É mais uma questão local. Hoje em dia pode haver muito mais, pode até haver algumas antes, porém, no geral eu não sentia uma referência transexual em Aracaju.

**Alguém te ajudava com a página?**

Eu tive vários interlocutores ao longo da página. Pessoas que liam meus textos antes de eu postar, que olhavam as postagens antes, mas no geral fui eu por eu.

**Existem conteúdos do M.A. que apresentam ilustrações que parecem originais, feitas exclusivamente para a página. Era você quem fazia?**

Sim, desde muito nova gosto bastante de mexer com design. Tenho uma certa aptidão com *Adobe* (*risos*).

**Existia algum tipo de formato organizacional seu para lidar com a página?**

Era muito no *feeling*, muito do que eu sentia que era o debate do momento ou do que as pessoas tinham dúvidas recorrentes.

**Cronologicamente, o conteúdo da página em 2015 começa com frequência média de publicações em janeiro (20), seguido por uma leve queda em fevereiro (16) e um aumento em março (65). Quais os critérios você utilizava para estabelecer uma frequência de postagens? Como hipótese nas nossas análises a gente sugere ano letivo, carnaval...**

Acho que o maior fator era disponibilidade, e criatividade também. Não era sempre que eu estava criativa. Mas ideia de período letivo faz sentido para mim. A faculdade atrapalhava (*risos*). Nossa que loucura falar “atrapalhava”, mas atrapalhava muito nessa época.

**Como é que você enxerga esse trabalho com a T.R? Era um *hobby*? Porque ao mesmo tempo a gente vê ali uma preocupação muito latente...**

Era um *hobby*, uma diversão para mim.

**Até quando começou a ficar muito mais sério?**

Sim, sempre foi um *hobby*. No último ano, e talvez eu esteja me antecipando, mas lá 2016, 2017, nesse período caminhando para o fim, eu tinha perdido a vontade. Foi aí que deixou de ser divertido. No começo era muito, muito divertido, e se não fosse assim eu não faria.

**Eu falo isso porque se a gente pega um texto seu, sobre uso de banheiro, por exemplo, que é algo muito pessoal, às vezes pode parecer desconexo essa ideia de *hobby*...**

Era um *hobby* sim, com certeza. Eu não tenho vergonha, parece que a pessoa está errada dizer assim. Não estou dizendo que você está julgando, mas parece que se eu disser isso para outras pessoas elas irão julgar de maneira errada, como se eu não tivesse levado tão a sério o ativismo, ou não tivesse me implicado tanto com a gravidade da situação... Porém, foi um *hobby* mesmo e foi divertido.

**A minha pergunta foi justamente no viés contrário, de salientar que pareceu tão sério, de ter uma cara tão forte de ativismo em certos momentos que a noção de *hobby* pode parecer desconexo... Mas o que você disse faz todo sentido.**

Sabe quando foi que eu aceitei que foi um *hobby*? Quando a Helena Vieira (*outra ativista e pessoa trans*) me mostrou uma citação de Michel de Foucault em que ele dizia que o ativismo não precisa ser triste... Ou não precisava ser triste pra ser ativista, algo assim. Eu falei, “isso faz todo sentido pra mim!”. Mesmo nos momentos mais sérios na página eu continuava sendo irônica, sarcástica, eu continuava me divertindo com aquilo.



**Ter mantido uma página tão popular tratando sobre gênero e travestilidade no país não deve ter sido tarefa fácil. Como funcionava em relação a ataques de ódio ou denúncias no próprio *Facebook*?**

Acho que fui excluída umas três vezes e o *Facebook* nunca entrava em contato, era uma coisa meio louca (*risos*). Na época que a página da Jout Jout (*uma youtuber brasileira e feminista com mais de um milhão de inscritos em seu canal*) caiu, a minha também ia cair, foi algo parecido assim. Naquele tempo tinha uns grupos que estavam denunciando várias páginas feministas na internet, passei por isso muitas vezes.

**E você conseguiu reaver a página de forma tranquila depois?**

Não. Ficava um mês sem postar, acho que você pode encontrar meses que eu não postava que eram também meses de bloqueio. Eu era bastante bloqueada, sério.

**Você acha que esses bloqueios e denúncias vinham especificamente pela temática geral da página, ou por algum conteúdo em específico?**

Às vezes só os conteúdos não tinham motivos para serem deletados. Eram conteúdos com o termo bicha, por exemplo. Até o termo travesti o *Facebook* apagava às vezes também.

**Tinha algo “mais forte” associado?**

Não. A maioria do que era excluído era texto. Não era foto, imagem... Eu ficava, “gente, que é que está acontecendo aqui”?

**Censura?**

Pois é, uma loucura.

**E você chegava a postar de novo esse conteúdo excluído?**

Eu não lembro... Mas provavelmente perdia o texto, eu não salvava em um arquivo, nem nada disso.

**Você escrevia direto no *Facebook*?**

Direto lá, foi assim que eu aprendi a escrever.

## Sobre o material autoral

**Ao analisar as publicações da página, dois tipos de conteúdo são encontrados: material compartilhado e material autoral. Como surgiu a ideia de produzir textos autorias para a Travesti Reflexiva?**

Eu gosto de escrever e me apaixonei pelo português na própria página. Quando você escreve no seu *Facebook* já é complicado, algumas pessoas vão julgar sua escrita, mas 100 mil pessoas julgando sua escrita é muito, é um processo muito (*Sofia suspira*), exaustivo. É o que eu disse para você, algumas pessoas liam os meus textos, às vezes, quando tinham disponibilidade, e apontavam, “olha, isso aqui você escreveu errado”, “isso aqui não tá legal”, e foi esse o processo.

**Desde o começo foi assim, ou aconteceu depois que a página foi crescendo?**

Desde o começo eu nunca tive vergonha de pedir ajuda. Inclusive essas pessoas até hoje tem contato comigo.

**E a quem você pedia ajuda, por exemplo?**

Amigos gays. Ativistas eu achava que necessariamente não teriam tempo... Eram amigos mesmo. Pessoas que eu sei que tanto me apontariam o erro como teriam entendimento daquele assunto que estava sendo tratado. A página também me trouxe várias paixões e gostar de escrever foi uma delas.

**E como era a relação com a escrita antes?**

Eu sempre tive dificuldade de escrever. No Enem, por exemplo, era uma dificuldade para fazer a redação. E a página me trouxe isso, eu aprendi fazendo, escrevendo, às vezes alguém postava lá nos comentários “olha, isso aqui tá errado”, e eu “nossa, *morta*” (*gíria LGBTQ+ para surpresa*), ia lá e corrigia. Era interessante para mim e eu era muito nova, então acho que aconteceu tudo isso na hora certa. Talvez hoje em dia eu não tivesse tanta disposição.

**Você acha que escrever sob o alter ego da Travesti Reflexiva te deu um impulso a mais? Apesar de ser tão pessoal ao mesmo tempo?**

Vamos colocar de uma forma que eu não seja esquizofrênica (*risos*): eu usava essa carcaça, mas o material era meu. Eu não falava sobre ela, eu falava sobre mim (*Sofia reflete por um momento*). Parece que ela é outra pessoa, né? Fica mesmo meio esquizofrênico.

**Tudo bem, eu entendi o que você quis dizer. Alguns textos, além de serem bastante pessoais, em grande parte falam na primeira pessoa. Foi também uma escolha política?**

É que depois que eu saí do armário, em 2014, não tinha muito mais o que fazer. Eu vou fazer o quê, gente? Eu não podia mais me esconder, não tinha mais onde! Então vamos usar a Sofia também, ela vai ser minha arma.

**E em muitos textos você também utiliza expressões muito enfáticas, com o uso de figuras de linguagem como metáforas, prosopopeia. Em um texto sobre uso de banheiros você compara a travestilidade a um crime, por exemplo. Como foi o processo de construção e estruturação dos textos?**

Hoje em dia eu não escreveria dessa forma, e é até engraçado o processo, sabe? É bom e angustiante ao mesmo tempo ter um histórico de tudo o que você fez, tudo que você escreveu... O que posso te dizer é que era muita dor naquela época. Não sei dizer direito porque, claro que existem momentos de, “ah, fui agredida no ônibus”, questões familiares complicadas, uma instituição de ensino que naquela era época era muito complicada de estudar para mim... Hoje em dia está tranquilo, mas antes eu não tinha mudado meu nome ainda, então eram muitas coisas acontecendo e eu com pouca preparação para lidar com elas, então era muita dor. Sentia vontade mesmo de falar que estava com raiva, sabe? “Eu tô com raiva, cara, sintam raiva comigo!”, e eu consegui fazer com que muita gente sentisse raiva comigo mesmo.

**Talvez por que a gente também não esteja acostumado a ouvir essa voz da travesti, principalmente com tanta escuta. Estamos acostumados a outras narrativas que não essas, do “epa, não é assim”.**

Eu também sempre fui muito estratégica. Você me traz um trecho, que para mim é muito agressivo, mas você o identifica como muito potente, entende? Sempre fui bastante estratégica, mas com muita raiva. Acho que as pessoas conseguiam captar aquilo e conseguiam se identificar também. Hoje em dia nem vejo mais assim tampouco escreveria dessa forma.

**Como comentei, alguns textos são muito pessoais e tocam questões íntimas e episódios seus ou de amigos próximos, como no caso de uma amiga que foi demitida em janeiro de 2015. Aonde começa a Sofia e termina a Travesti Reflexiva?**

Foi uma confusão, né? (*risos*). Eu não sei... Eu lembro desse caso e isso pra mim também era o significado da página. Se eu for sincera com você, uma das questões que mais me indignava, até antes mesmo de criar a página, aconteceu em 2012. Uma amiga minha, trans, que estudava comigo no colégio e que morava no Dezoito do Forte (*um bairro da periferia de Aracaju*) dizia que para ela pegar ônibus lá, alguém tinha que dar a mão por ela. Se ela mesma acenasse sozinha o motorista passava direito. Eu achava aquilo um absurdo e só eu sabia. Como é que só eu sabia disso? Como é que outras pessoas não sabiam que isso estava acontecendo? Eu ficava (*Sofia suspira*) desesperada, sem ar, sabe? Sufocada. E aí a página foi essa oportunidade. Lógico que eu não tinha como saber das histórias de todas as pessoas trans do Brasil, mas as que eu sabia eu divulgava, quando era consensual.

**Como você selecionava os temas para a produção dos textos autorais? Notamos, por exemplo, que no caso da sua amiga demitida, houve um texto sobre transfobia, e em seguida outro sobre mercado de trabalho, que apresentam claramente uma relação.**

Tinha alguma relação com o que estava acontecendo no momento, na internet mesmo, o tema da vez. O do mercado de trabalho talvez tenha acontecido na mesma época da demissão da Luiza Coppieters (*Professora e ativista trans de SP que foi demitida ao realizar seu processo de transição*).

**É esse justamente o ponto. Parece que os próprios acontecimentos da sociedade no momento serviam para pautar muitas discussões, inclusive no MC; era a sua perspectiva, através da travestilidade, sobre diferentes fatos?**

Tinha isso mesmo e isso cansava. Talvez esse tenha sido o meu maior cansaço. Era cobrada uma certa periodicidade de comentários, de ter que estar sempre atualizada no tema do momento, e eu pensava “gente, eu tenho minha vida para fazer, eu não tenho mais tempo”. E eu comecei a perder rendimento na faculdade, comecei a decair mesmo, a me preocupar com as minhas notas. Foi aí que comecei a dizer “isso aqui não é tão interessante para mim, isso aqui não tem tanto a ver com pessoas trans, isso aqui outra pessoa pode dar conta”.

### **Como é que funcionava isso de “outra pessoa dar conta”?**

Eu esperava alguém fazer, tipo o *Canal das Bee* (no Youtube) ou a Amanda Palha (outra ativista trans conhecida na internet) que na época também tinha uma página. Eu esperava pelas outras pessoas, e foi isso que eu fui começando a perceber, sabe? A página foi uma faísca que acendeu outras faíscas. Quando eu vi que não precisava mais me manter “acesa”, eu disse “pronto, vão lá vocês”.

**Estaticamente, em nossas análises a maioria dos textos autorais são focados nos direitos de pessoas trans e em outras temáticas centrais como o machismo ou feminismo. Como você enxerga o trabalho da Travesti Reflexiva trabalhando com esses assuntos? Alguns deles, como o feminismo, em alguns momentos você parece encontrar resistência, como em março de 2016.**

Eu acho que era mais uma coisa que eu estava passando no momento. O ativismo na internet tem um modo de funcionamento muito próprio, muito característico... Às vezes é uma pessoa que se restringe ao que ela passou. Isso me incomodava e comecei a ver uma inércia nas pessoas. Um dos momentos disso foi quando fui chamada para compor uma mesa em um evento aqui em Aracaju para “preencher o espaço”. Uma amiga minha não pode ir e me convidou, era uma mesa sobre pessoas trans negras, e eu não sou negra! (*risos*). E eu fui, porque não existiam muitas pessoas trans negras naquela época na cidade. Durante o evento parecia um acordo consensual e silencioso entre todos, eu inclusive, que eu não me pronunciasse. *E foi consensual, eu fui para não falar*. Pode até parecer que estou ofendida, mas fui de bom grado: fiquei calada, me apresentei e disse que ia passar a voz para outra pessoa e acabou o evento. Foi nesse momento que eu pensei “tem alguma coisa errada aqui”. Não especificamente com o movimento negro, mas com os movimentos sociais no geral. Por que há um apego tão grande - e vamos dizer que essa é minha ruína e o meu fim - ao local de fala? Foi aí que a página foi tomando um posicionamento contrário.

**Muitos dos textos autorais fizeram bastante sucesso ou causaram alguma controvérsia na página. Como foi a sua relação com o *feedback* dos leitores em relação aos seus argumentos?**

Eu lembro que uma vez eu e uma amiga planejamos fazer plaquinhas para colocarmos nos banheiros. Ela fez umas 86 plaquinhas e colou em todos os banheiros da Unit. Deu um trabalhão e isso não durou 2 horas (*risos*). A gente conseguiu fazer divulgação *online*, e na

internet foi tudo certo, ok. Lembro também que na época tinha um pessoal do movimento trans que achou aquilo um absurdo, como se a página estivesse legitimando os banheiros divididos por gênero ou que não estivesse considerando as pessoas não binárias. Foram feitas notas de repúdio, cartas abertas, denúncias para a Travesti Reflexiva... Milhares de coisas, e eu não estou exagerando. Era esse tipo de coisa que acontecia. Lidar com o ser humano é complicado.

**Outra iniciativa interessante que observamos foi compartilhamento sobre resenhas de livros sobre questões de gênero. Como surgiu esse tipo de conteúdo?**

Eu ganhada os livros e achava que era um tipo de publipost (*quando há remuneração por publicação e resenhas de produtos na internet*). Inclusive muitos serviram para o meu TCC. Alguns livros eu não ganhava, os da Jaqueline, por exemplo (*Jaqueline Gomes de Jesus, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> e mulher trans*) eu comprava e fazia questão de divulgar. Achava importante divulgar o trabalho de outras pessoas trans que escrevessem e naquela época não tinha muito, mas se tivesse o livro da Amara ou da Viviane eu divulgaria também (*Amara Moira e Viviane Vergueiro, outras autoras e pessoas trans*).

**Alguns dos argumentos inclusive utilizados por você nos textos autorais fazem menção a teorias apresentadas nesses e em outros livros. Como foi a sua relação de construção entre argumentos da sua própria vivência e as teorias acadêmicas?**

Eu lia muita teoria *queer*, estava inserida no debate, era algo que na época eu achava interessante. Butler é maravilhosa, mas hoje estou numa pegada mais femonologia, uma pegada mais Sartre... Estou mais na filosofia. É também uma necessidade de ser levada mais a sério, do debate ser mais conceitual, de não ficar só no vivencial. As citações eram espontâneas e também intencionais. Dá a ideia de “vamos sair desse lugar de fala um pouco”, vamos trazer justificativa de porque isso está acontecendo, compreender nossa realidade.

**Em uma dessas publicações sobre livros você comentou sobre o convite de uma editora para assinar sua própria obra. Como anda esse projeto?**

Recebi três convites ao longo do funcionamento da página, inclusive foram editoras muito pacientes comigo. Arrependo-me muito de não ter escrito, mas foi assim: a Psicologia me traz um certo perfil de atuação profissional que a página entra em conflito. Os moldes que as pessoas queriam que eu escrevesse o livro, autobiográfico, não condizem com a minha

profissão. Não vejo como eu psicóloga vou ter um livro autobiográfico. Não me sentiria confortável.

**Você considera uma questão de conflito de identidades? Nós sempre criamos identidades que circulam em determinados espaços e você tem a Sofia psicóloga, a travesti, ativista...**

Com certeza! E se você parar para pensar todas elas são conflitantes. A da psicóloga é mais reservada, ligada ao privado, ao que é confidencial, e a travesti é muito mais do campo do público, do que é visível. Isso foi o ano da crise, o momento que a página foi morrendo foi esse aí, o que eu não pude lidar. Não estou dizendo em momento algum que pessoas conhecidas não possam ser psicólogas, mas eu não fui capaz de lidar com esse conflito. Então acabou a página, escolhi a Psicologia e é isso.

**Por duas vezes, uma em janeiro de 2015 e março de 2016, nós encontramos iniciativas em tom educativo da página, com textos e imagens temáticos postados de uma só vez explicando questões como o uso correto de artigo, nome social, transfobia e etc. Como surgiram essas ideias?**

Eu via como isso era feito na internet, como outros *sites* faziam... Alguns até criavam tipo um jornalzinho, e na época eu até criei o meu, o *Queer Times* (*risos*). Eu me divertia fazendo as artes também. O conteúdo eram dúvidas gerais mesmo, o que as pessoas perguntavam muito, e eu falava “ah, vamos criar isso aqui já que querem saber tanto”.

**Algumas vezes nos seus textos você problematiza contribuições de outras pessoas públicas, de reportagens de grande veiculação, e etc, tanto de forma mais direcionada como também de maneira mais sutil. Como você analisa essas discussões, que por muitas vezes poderiam gerar polêmica e reações adversas?**

Era complicado, *bee* (*gíria LGBT+ para referir-se a “bicha”*). É algo que hoje não sei se faria mais. Eu acho, por exemplo, que peguei demais no pé de Jeans Willys (*Deputado Federal pelo PSOL-RJ e militante LGBT+*). Era muita raiva, ironia e sarcasmo... É até difícil olhar a página hoje, sabe? Sinto um passado muito ruim, embora me divertisse muito com ela também. As pessoas também se divertem cortando um dedo ou uma perna... Era meio que isso (*risos*). Às vezes eu me divertia fazendo mal a mim mesma nesse período, então hoje em dia não agiria da mesma forma. Fui amadurecendo e se fizesse críticas agora seriam completamente diferentes.

**Um dos temas mais abordados em relação à luta de direitos para pessoas trans foi o uso de banheiro e o nome social, e você até comentou algumas perguntas atrás que sua adaptação na faculdade a princípio não foi muito fácil. Qual a sua relação com o tema?**

Até hoje é difícil definir minha relação com a faculdade. É um lugar de favor, eu sentia isso, “ah, vamos deixar você aqui”. Nunca foi o meu lugar, ainda mais no começo. Hoje em dia está menos.

**A instituição conseguiu evoluir de alguma forma?**

Evoluiu mais através dos professores, dos alunos, do contato humano, de conhecer as pessoas e deixar as pessoas me conhecerem também. Foi difícil no início, eu não usava banheiro, não lanchava e não saía da sala... Foi barra.

**Você comentou que veio de uma escola pública. Como era a relação lá?**

Foi isso que mais me assustou. A cena gay no meu antigo colégio era muito predominante, então ser gay ou trans lá era algo, vamos dizer, celebrado. Era incrível, eu não sofri preconceito no meu ensino médio e eu estava inclusive em transição, um período que costuma ser tão conturbado, não foi para mim. Fui muito bem recebida e tratada, talvez nem tanto pelos funcionários e pela coordenação, mas entre os alunos eu era muito querida. Quando vim para uma instituição de ensino superior, e eu estudei em duas, foi uma surpresa ruim e fiquei bem assustada. Não é tão familiar como uma escola, na faculdade é muito rotativo, as pessoas não tinham tempo de se conhecerem, de verem que eu não era um animal. Era uma coisa meio louca. Eu pensava “gente do céu, o que é que está acontecendo aqui?”.

**Sobre o material compartilhado**

**Vamos falar um pouco agora sobre o material compartilhado. Tematicamente, os assuntos centrais em nossas análises foram pessoas trans, educação, política e humor. Em relação a pessoas trans, para nós fica claro uma iniciativa em visibilizar diferentes narrativas de pessoas trans em suas vidas, com notícias, vídeos e imagens sobre universidade, arte e mercado de trabalho. Como você analisa a trajetória da página nesse sentido?**

Acho que sempre fui muito esperta, eu me defino como estratégica. Sempre consegui ver o que dava visibilidade a página, de que forma poderia alimentá-la para alcançar mais



peessoas. Eu pensava “como é que posso transformar a Travesti Reflexiva uma voz”? E aí via que o meio era, por exemplo, compartilhar um *tweet*, e isso rodava muito no *Facebook*.

**Rodava mesmo, inclusive os seus maiores números de engajamento são de *tweets* compartilhados, e eles aparecem em todos os nossos meses de análise. Porque tantos *tweets*?**

Não sei te explicar o funcionamento da internet, mas eu a conheço. Eu sabia “isso aqui vai funcionar”, “isso não”, tanto que raramente uma publicação não “estourava”. Os *tweets* rodavam muito.

**A educação, principalmente relacionada ao ensino superior é um dos temas de destaque e fio condutor de muitas discussões. Qual a sua relação com o tema e qual você acredita que seja o impacto dele na vida de pessoas trans?**

Embora tenha sido doloroso para mim, até hoje ainda penso que o ensino superior é um interessante campo de disputas para pessoas trans e travestis. Nós deveríamos estar aqui no duelo por esse espaço. Acho que era isso, uma iniciativa de “vamos entender esse espaço”, e penso que era uma questão mais entre mim e outras pessoas trans, não era para a população cis ou “comum”.

**Você continua vendo o assunto dessa forma?**

Sim, tanto que estou no Educatrans (*curso preparatório para e Enem voltado para travestis e pessoas trans em Aracaju*). Foram as formas que eu fui encontrando para debater o mesmo assunto. Com T.R. eu escrevia, depois comecei a ser voluntária no Educatrans, aí eu deixei de escrever e fui fazer mais, saí do teclado um pouco.

**A questão política também foi outro tema central que observamos, principalmente com ligação ao humor. Qual a sua relação com o tema?**

Eu era bastante pró-PT nessa época (risos). *Dilmãe, PT de Pessoas Trans* e por aí vai, né?

**Sim, e com a Luciana Genro também.**

Gosto da Luciana até hoje, acho ela uma figura muito coerente.

**Você tem um interesse pessoal em política?**

Não (*risos*). Cheguei inclusive a receber convite para ser candidata, mas nunca, gente, nunca! A própria Luciana me convidou para me filiar ao PSOL, ela até postou na página dela, mas eu fiz a Cátia né (*gíria LGBTQ+ que significa fazer-se de desentendida*). Convite estava feito, mas eu nunca quis. É algo que vi a Linda passar (*Linda Brasil, reconhecida ativista trans sergipana candidata a vereadora em 2016*), participando da campanha, fiz a arte visual, o vídeo dela, filmamos juntas, participei de todo processo e vi como é cansativo. Não tenho energia para aquilo. Não seria candidata, até mesmo correndo o risco de me candidatar no futuro, mas não é algo que eu não vislumbro para mim hoje.

**O humor é uma característica marcante no conteúdo da T.R. Ele também foi uma estratégia política, está ligado a sua personalidade?**

Essa sou eu, *bee*, infelizmente (*risos*). É uma característica que não consigo perder, estou diminuindo um pouquinho.

**Há também muitos memes, e referências a produtos da cultura pop, como RuPaul's Drag Race ou Desperate Housewives. Como isso se tornou parte de estratégias de atuação?**

Engraçado você falar isso, naquela época não tinha esse assunto, identidade de gênero na cultura pop. Tentei inserir isso e até hoje é um pouco defasado. Até lá no próprio RuPaul era uma coisa muito ambígua, pode, mas não pode (participações de pessoas trans no *reality show* de *drag queens*). Inclusive, amo, adoro a *Russaura*. Era isso, inserir o debate na cultura pop, imaginar uma discussão sobre isso numa novela ou seriado... Eu gostava muito de pensar cultura pop, sempre fui muito estratégica. Isso funcionava muito.

**E você era noveleira também? Porque em março de 2015 a novela Babilônia da TV Globo foi um dos assuntos mais comentados na T.R.**

Eu não assistia, pegava tudo da internet, foi estratégia (*risos*). Porém, eu entendia que aquele momento era importante, era algo que a página não poderia deixar de falar, era o tema do momento.

**Há vários tweets também, principalmente nessa temática da novela, que falavam bastante sobre afetividade. Como você vê essa questão?**

Apesar de eu nunca ter visto uma estatística disso, o público da página era muito jovem, se não jovem de idade, de ideias, de se permitir a diversas situações. Eu achava que afetividade podia ser mais fluída na página, mais flexível.

**Um *meme* bastante utilizado também foi o da "tradicional família brasileira" e há muitos outros também sobre heterofobia. Como você enxerga essa questão dentro do contexto da T.R.?**

Ah, eu gostava de bastante *de memes*, me divertia e queria que as pessoas se divertissem comigo também. Se não fosse divertido, eu não faria, embora essa diversão fosse muitas vezes movida pela raiva.

**Notamos que pelo menos uma vez por mês você compartilhava material do *YouTube*, na maior parte dos casos protagonizados por pessoas trans ou através do *Canal das Bee*. Como e porque se deu o compartilhamento contínuo desse tipo de conteúdo?**

Era identificação, amigos pessoais, pessoas muito boas... Não era uma coisa ou outra. Eu gostava muito do pessoal do *Canal das Bee*, da Jéssica (*Jéssica Tauane, integrante do canal*). Já fui convidada a participar de uma entrevista e tenho um carinho muito grande por ela, ajudei bastante no começo do canal. A Daniela Andrade, por exemplo, não queria participar porque entendia que era um canal muito focado em gays, até pelo nome mesmo, e algumas pessoas associavam o projeto a isso, mas eu conhecia a essência dele e o defendia muito. Até hoje tenho um carinho autêntico e sincero por todos eles. Inclusive esse foi um dos “respiros” que eu encontrei ao terminar a página, saber que existem pessoas que iriam continuar de alguma forma.

**Falando agora um pouco sobre os *sites* que você compartilhava notícias ou reportagens, muitos deles não eram da grande mídia tradicional, principalmente com destaque para o NLucon. Existiam critérios para esse tipo de seleção de portais?**

Foi engraçado, o ativismo me apresentou várias pessoas, o Neto Lucon foi uma delas. Eu fiquei próxima a essas pessoas, e era natural que eu estimulasse o trabalho delas. Além de eu achar bacana, tinha um afeto envolvido.

**No MC encontramos também algumas publicações sobre raça, abordando temáticas como racismo reverso ou dia da consciência branca. Como você analisa a abordagem desse tema pela T.R.?**

Era um campo que eu não pisava muito, principalmente por essa questão do local de fala, que naquela época estava tão estabelecido na internet. Você tinha que ser muito inteligente naquele momento para poder circular entre esses temas. Falar mais sobre aquilo te colocava num lugar de apropriação, de inviabilizar, e falar pouco te colocava num lugar de pessoa que não estava atenta aos problemas sociais. Era um “*vamos, mas não vamos*”.

**Era também assim que você se sentia em relação a abordagem de conteúdo relacionado aos homens trans? Há também poucas postagens sobre essa temática.**

Nesse caso vai muito de um local de desconhecimento mesmo.

**Saúde também foi um tema que pouco apareceu em nossas análises, com duas eventuais menções ao HIV/AIDS. Porque especificamente esse assunto?**

Eu tive resistência de falar sobre esse tema, achei que poderia trazer um aspecto meio estereotipado para a página, de que travestis são associadas ao HIV... Mas participei de um curso em 2015 na UNESCO, em Brasília, e foi muito bacana e transformador na minha vida. Na página eu tinha uma conversa sincera, uma conversa do tipo “vamos falar sobre isso”, não era uma aula, ou “ah, vocês são burros, não sabem o que é HIV”. Eu falei muito sobre esse assunto com a T.R. Na época do curso, 50 estudantes foram comigo e todos eles tinham HIV e outras pessoas do movimento social que não tinham também foram convidadas. Isso me marcou muito enquanto pessoa, profissional, alguém que conseguiu compreender a realidade daquela pessoa a partir dela mesma. Não basta ler sobre o assunto, você tem que conviver com aquele ser humano. Não bastaria estar aqui e o professor falar uma matéria inteira sobre gênero e sexualidade, você tem que ter uma colega de classe ou ter uma funcionária, você tem que estar perto dessa pessoa, conhecer uma travesti. Conheça uma travesti, tem que ter contato com essas pessoas! Educar não basta, tem que ter proximidade. A partir do momento que tive proximidade com aquelas pessoas que viviam com HIV isso foi dilacerador para mim. Não porque a história de vida era dolorosa, mas porque aquilo fez muito sentido para mim de alguma forma. Uma das coisas que mais me machucaram, por exemplo, aqui na faculdade que estudo, foi chegar ao 9º período e ainda ter pessoas da minha sala que eram extremamente brutas com a questão de gênero, de chegar numa mesa e perguntar, “ei, seu

nome era fulano, né?”. E eu pensar “*caraca*, eu estudei cinco anos com essa pessoa e ela chega aqui hoje e não entende que se eu mudei o nome era porque aquele nome machucava?”. E ela ainda cursava Psicologia!

**Não há muitas postagens sobre religião, embora nós também tenhamos encontrado algumas poucas publicações sobre o tema, algumas contendo condenações e etc. Como você lidava com isso?**

Eu recebia muitos *inbox* assim, mas era até natural, eu esperava. Se você vai criar uma página com essa temática, você vai receber coisas do tipo.

**Duas datas parecem bastante emblemáticas para a TR: o dia da visibilidade trans e o dia internacional da mulher. Como era a criação de conteúdo para essas datas?**

Eu fazia muito no *feeling*. A Invisibilidade Trans (*outra página criada por Sophia durante uma Semana de Visibilidade Trans em Aracaju, e que já foi excluída*) era baseada numa página internacional e que também tinha versões brasileiras, como a SP Invisível. Eu escrevia e tirava as fotos, mas depois eu não tive mais vontade de continuar.

### **Sobre militância e ativismo**

**Falando agora um pouco mais sobre ativismo, foi grande a quantidade de material encontrado com a participação de ativistas trans, como Maria Clara Araújo, Daniela Andrade e Amanda Palha. Como foi a relação da T.R. com essas pessoas?**

No geral eram pessoas do ciclo próximo. Amanda e a Daniela eu compartilhava mais pela causa.

**Você também divulgava frequentemente eventos sobre gênero na página, alguns que inclusive você participava. Quais os critérios de seleção para divulgação?**

Eu não gostava de compartilhar os eventos que eu ia, parecia que eu estava alimentando uma imagem da Sofia *pop-ativista*. Eu compartilhava apenas na véspera ou quando a organização do evento me pedia com todas as letras para fazer a divulgação (*risos*).

**Não é um pouco contraditório você estar ali como ativista, mas evitar ao mesmo tempo algumas associações a essa identidade? Isso te incomodava?**

É completamente contraditório sim e me incomodava. Tanto que tive até uma resistência quando você fez esse projeto, não sei se você lembra... Eu me tornei uma pessoa reservada, gosto da minha privacidade, de poder fazer as coisas que podem ser consideradas erradas e não ser julgada por isso (*risos*). Eu gosto de, vamos dar um exemplo, ir ao barzinho com umas amigas e pronto, ser só isso, uma pessoa no barzinho com as amigas. Só que naquele momento eu não podia mais fazer isso, seria apontada como ativista, reconhecida... Minha vida começou a ficar chata.

**Isso pode surpreender bastante às pessoas que lerão esse trabalho.**

Sim. E eu não sei se você vai ter esse *feeling*, mas se você me perguntar “Sofia, você gosta da página?”, eu vou dizer que não. No meu *Lattes* ela não conta. Foi o único projeto que eu participei que não está lá, não é algo que eu goste. Não é um projeto que me traga boas recordações, embora, eu tenha me divertido muito, é sempre bom ressaltar isso. Eu lembro que o Thiago Ranieri, um amigo, estava me ajudando a fazer meu *Lattes*, e ele falava “coloca a página”, e eu dizia não. Ele insistia dizendo que eu poderia ter o certificado, e eu disse “mas aí seria produzir provas contra mim mesma”, e ele ria. Não pus. E isso até conta para a seleção do mestrado (*após essa entrevista, Sofia passou numa seletiva de mestrado no Sul do país em 2018*), mas eu não quero colocar e banco essa decisão. Eu posso até não passar, mas não coloco, de tão profundo que isso é para mim. É controverso e ambíguo porque foi uma escolha minha criar, ninguém me colocou no computador e disse, “vai criar a página agora, vai se expor no *Facebook*!”. Eu mesma me voluntariei a colocar aquilo ali e alimentar semanalmente, diariamente. Porém, se eu não estivesse na Psicologia talvez eu não tivesse chegado a essa decisão. Chegou um momento que pensei que a minha vida estava na internet, na frente de todo mundo. Eu estava nua na frente das pessoas e não quis mais.

**Também gostaria de saber um pouco mais sobre a relação da T.R. na potencialização de ações de ativismo. Como no caso da Megan Mastroyany, em 2015, quando você compartilhou um pedido de ajuda quando ela passava por complicações devido ao uso de silicone industrial. Posteriormente você também divulgou os dados bancários dela para o público da página. Como você considera o papel da T.R. nesse tipo de ação? Ocorreram outros episódios do tipo?**

Não lembro desse episódio em específico, mas esse tipo de pedido era muito recorrente na página. Só que esse era não o contexto da T.R., um caso ou outro, que eu considerasse emergencial, eu com certeza compartilhava. A *Vakinha* (*site de campanhas para*

*financiamento coletivo*) do Miguel, por exemplo (*homem trans e ativista cuja campanha visava arrecadar fundos para sua mastectomia*), foi bem parecida com esse caso. Com ele, com quem eu namorei e acompanhei de perto, deu certo e ele conseguiu fazer a cirurgia. Inclusive eu não só compartilhei como fiz a *Vakinha* dele.

**Uma outra vez você também comentou comigo que havia muitas mensagens e histórias compartilhadas contigo via *inbox* da página. Como é que isso funcionava?**

A página recebia cerca de 2.000 mensagens por mês. Dessas, umas 200 eram relatos em relação a estupro, suicídio... Outras eram cantadas, inclusive de homens casados. Também havia pessoas elogiando, mas eu recebia muitas histórias pesadas.

**Sabemos que por algum tempo, paralela à atuação com a TR, você fez parte de movimentos locais de travestis e pessoas trans. Como você acha que as pessoas trans associadas a esses movimentos e ativismos lidaram com a representação delas através do conteúdo da página?**

Acho que algumas pessoas certamente não se sentiram nem um pouco representadas, e eu não as julgo. Inclusive eu mesma não me sentiria representada.

**Por quê?**

Realmente não curto a página hoje, mas entendo que as pessoas curtam e que achem aquilo bacana. Eu me tornei alguém que não gosta da pessoa que era antes, porém, acredito que outras pessoas também possam ter se sentido representadas de alguma forma. Acho que a página teve um impulso grande nos ativismos no Brasil, vejo uma mudança muito grande daquela época para cá. Não tenho mais necessidade de criar uma página para falar sobre isso, já existem milhares... Tem a Mandy no *Youtube* (*Mandy Candy, mulher trans brasileira com mais de um milhão de inscritos em seu canal*) e muitas outras meninas, e naquela época não tinha nenhuma! Eu não vou dizer que a T.R. abriu o mar, as portas, etc. e tal, mas isso com certeza deu um empurrãozinho, um chute na porta, abriu uma brecha.

**Você encontrou alguma resistência dentro dos movimentos sociais relacionados a gênero?**

Com certeza. Havia muita resistência, muito mais do próprio movimento trans do que o feminista, que inclusive foi bem elegante. Mas quem sou eu para julgar? Ninguém precisa concordar comigo 100%, eu também não acreditava nas pessoas 100%.

### **Quais eram os principais argumentos que você ouvia?**

Ah, Sophia é *superstar*, estrelinha... As pessoas não me conheciam e tinham essa imagem já. A página adquiriu um status pejorativo de *youtuber*. Era uma ideia de que eu, não sei, queria subir com a página, ganhar dinheiro com ela... E não era, tanto que acabei com ela.

**É interessante percebermos que o assunto que você mais abordava, pessoas trans, poderia não causar tanta aceitação entre essas pessoas que você justamente buscava de alguma forma representar.**

É que eu também era uma pessoa muito reservada, talvez até mesmo pelo perfil da Psicologia (*Sofia se formou em Psicologia em 2018*). Às vezes as pessoas tentavam aproximação e eu não respondia, eu reconheço isso. Então criava essa imagem de pessoa chata, metida... Talvez até você escute isso. Sou reservada, mas trato todo mundo bem.

### **Então você “se aposentou” do ativismo?**

*Risos*. Vamos dizer que sim, *bee*, estou velha. Estou com 24 anos, isso para a travesti já é terceira idade! Se for definir ativismo como o que eu fazia antes, eu realmente não faço mais. Porém hoje em dia estou como colunista de uma revista virtual, a Histeria, e a partir do momento que quiser sentar e escrever sobre algo eu faço isso, só não mais como Travesti Reflexiva, mas como Sofia, psicóloga, como alguém que parte de outro lugar. Isso para mim é interessante. Não vou descartar o poder do *webativismo*, porém naqueles moldes e com aquela carga emocional que a T.R. carregava, eu não quero mais.

### **O que muda daqui para a frente?**

O que muda hoje é que tenho mais autonomia, poder de decisão onde o ativismo entra ou não. Entendo que sou uma pessoa como qualquer outra, que vou passar por situações difíceis, que não estou isenta de sofrer violência ou situações constrangedoras porque sou ativista. Inclusive conheço muitas pessoas que estão envolvidas com ativismo e estão em relações abusivas, e isso até dificulta a pessoa de observar isso. Há uma aura em volta da identidade de ativista, de que ele não vai passar por algumas coisas por conta do próprio ativismo. Hoje, se eu achar interessante, o ativismo entra na minha vida, do contrário, não, e acho que todo mundo deveria ter esse controle. Ele é um *bichozinho* que vai tomando conta da sua vida. Você vai numa reunião familiar, você se sente na obrigação de rebater comentários, e isso pode tanto ser interessante, como talvez um pouco desgastante também. Acho que



dentro do meu círculo de amizades, de pessoas que passaram pelo mesmo que eu, sendo sufocadas pelo ativismo e entendendo também que é preciso viver, pois a vida não é perfeita e haverá adversidades – não diversidades – que teremos que lidar todos os dias, o ativismo está menos predominante. Há também pessoas que estão ainda estupidamente inseridas na lógica do ativismo, mas elas não são muito agradáveis (*risos*).

### **Você se consideraria menos ativista por isso?**

Não sei, até porque ser ativista virou um insulto (*risos*). Não é mais um desejo meu, não tenho apego pelo termo. Porém, se você parar para pensar, eu nunca fui ativista. As pessoas não me consideravam ativista, eu era uma ativista falsa porque estava no *Facebook*, na internet. “Ah, está na internet não é ativista de verdade”. Então eu nunca tive esse direito de ser ativista, e aí chegou um momento que até eu mesma não queria mais ser. No entanto, continuo no Educatrans, na AMOSERTRANS e na Semana de Visibilidade Trans. E separando tudo melhor agora porque é também uma questão de saúde mental. O ativismo consegue ser muito colonizador. Ele vai colonizando sua vida aos pouquinhos, quando você vê não há mais nada para fazer a não ser militar.

### **Questões finais**

**Representação também parece ser uma temática interessante para página. Como um texto em janeiro de 2015, por exemplo, no dia da visibilidade trans com um post sobre o papel do Jared Letto no filme *Clube de Compras de Dallas*. Como você analisa a representação e a visibilidade transexual na cultura atualmente?**

Eu tenho muito orgulho desse texto, ele definia a Sofia naquela época. Eu era muito esperta e estratégica, mas hoje em dia talvez eu nem escrevesse mais aquilo ou concordasse com aquela visão. Acredito que hoje a representação trans pode se dar de outras formas. Tem um filme novo com o Jaloo (*cantor e ator brasileiro*) agora que achei o máximo (*Paraíso Perdido, que estreou em maio de 2018*), não sei se você já viu... Não é uma pessoa trans interpretando uma pessoa trans, é um rapaz meio que não binário, até um pouco confuso, mas acho fantástico! Meu filme favorito sobre o assunto é o *Transamerica*, e não tem nenhuma pessoa trans no filme, que é feito com uma mulher cis. Existem outras formas de pessoas trans adquirirem essa representação e visibilidade que não sejam só atreladas a um papel trans. É muito difícil, e aqui eu estou falando da minha experiência pessoal, de nós pessoas trans sermos telas em branco. É muito difícil estar na clínica e ser uma tela em branco, às vezes me

cobram, mas eu não consigo ser uma tela a partir do momento que isso, o meu corpo, grita tanto. Eu não tenho como disfarçar que eu sou trans, isso aqui mancha a minha imagem completamente. E você também não é uma tela em branco. Não sei se você é gay, mas eu escuto muito isso aqui na instituição. Os rapazes gays comentam que os pacientes chegam à clínica e começam a discutir questões sobre homossexualidade, que não eram questões dos próprios pacientes, mas que foram despertadas através da relação com o terapeuta, que é gay. É muito angustiante para eles também ver que eles não conseguem ser uma tela em branco. Eles não conseguem permitir que o paciente projete tudo neles, e eu também não. Acho que esse é um conflito vivenciado por muitos atores e atrizes trans, de não conseguirem interpretar tudo ou não conseguirem vender a ilusão, a miragem, de que a Claudia Raia, por exemplo, é uma pessoa trans, entendeu? (*risos*). E é difícil mesmo, eles já trazem a transexualidade com tanta força. Eu saí do local de que essa representação trans por pessoas cis é sempre um problema. Como eu te disse, uma conhecida aqui em Aracaju não consegue pegar ônibus porque o cara não para o transporte para ela. Então vou continuar escrevendo ainda sobre Clube de Dallas? (*risos*). Não vou mais.

**Como você considera esse processo de construção da identidade trans e travesti e de sua legitimidade através da atuação com a T.R.?**

Acho que essa identidade não é algo estático, imutável, tanto que o conteúdo da página não me representa mais. E quando eu falo isso não quer dizer que ela não tenha tido sua funcionalidade, mas o que era trans em 2015 para mim certamente não é mais o que eu considero trans hoje, e cada vez mais eu tento evitar essa resposta. Sinceramente eu não sei, e não me incomoda não saber a resposta. Antes eu falava muito na página sobre as diferenças entre trans e travesti, mas isso nem faz muito mais sentido hoje para mim.

**Pergunto por que algumas vezes ao analisar todo o material disposto na página temos uma sensação de que talvez o processo de tornar-se, partindo um pouco de Beauvoir, às vezes pode soar um pouco reduutivo a um produto final, a mulher, como se fosse apenas uma categoria, um fim em si mesmo. E o que nós percebemos muitas vezes é que no caso da T.R. talvez haja mais um interesse em alargar as margens do que transitar rapidamente entre categorias bem definidas, como na questão da afirmação da identidade travesti e de novas narrativas sobre a experiência trans para além de ideias como "indivíduo que nasceu no corpo errado", da prostituição e etc. Como você enxerga essa questão?**

Naquela época o local de fala estava muito em voga e era bem predominante nos debates. Lembro de uma citação de Butler em “Problemas de Gênero” que ela fala algo como “talvez paradoxalmente, a ideia de representação do feminismo só será posta de lado ou superada, quando a identidade mulher deixar de ser presumida”. Isso fez muito sentido para mim, eu comecei a pensar que tinha tudo a ver com ser trans, com travestis e pessoas trans, porque mesmo entre nós existe normatividade. Travesti tem que ter silicone, cabelão, tantos centímetros de quadril e etc, gente, é muito difícil ser travesti, sério! E eu nunca vou ser travesti para outras pessoas travestis, isso eu já consegui entender, assim como essas travestis, para outras, também não vão ser.

### **E como você seria considerada para essas pessoas?**

Sei lá, talvez um rapaz gay que botou silicone (*risos*). É muito difícil ser travesti, sem brincadeira! Às vezes até se você não se prostitui você não é tão travesti ou trans como as outras. Houve uma vez que fui a uma roda de conversa e tinha uma travesti lá, claro que em um recorte de idade e uma mentalidade mais anos 1980 e 1990, e ela dizia que travesti para ela era quem possuía silicone industrial, aquelas que passavam pela dor do procedimento dessa aplicação. É também muito complicado você se tornar inteligível entre as próprias travestis... E tudo bem, eu não preciso que ninguém me reafirme como tal. Até para mim algumas meninas não seriam tão trans assim como eu encarava, eu também tenho alguns posicionamentos problemáticos em relação a esse assunto.

### **Como você compreende a categoria de mulher e de travesti?**

É difícil. Pensando em questões pessoais e afetivas, já tive relacionamentos que a pessoa dizia que eu era uma mulher como todas as outras, que ela não via diferença. Isso para mim acendia uma luz vermelha, eu pensava que ali havia alguma coisa errada: porque se a pessoa não estava vendo diferença é porque ela não estava centrada, não estava vendo de fato o que acontecia entre a gente. Sempre gostei de ser diferente, o problema da diferença é quando ela gera desigualdade. Acho bacana ser trans, ser travesti e essa ideia de mulher já me incomodou mais, mas a Travesti Reflexiva me ajudou. Na psicanálise é dito que o sujeito atinge a cura pela fala, assim como funciona na religião com o perdão pelos pecados através da confissão. Para mim foi a escrita, escrever sobre aquilo me ajudou a resignificar ao longo do tempo. Ser trans era mais um processo cognitivo para mim, de conseguir colocar aquilo em palavras e compartilhar com outras pessoas e nós juntas conseguirmos elaborar algo. Pessoalmente, a maior catarse foi quando esse ser mulher passou a não ser mais interessante,

quando não era mais minha ambição de vida, meu projeto. O ser trans também não, com a série de procedimentos estéticos, cirúrgicos, o próprio biótipo do *CID* ou do *DSM*, isso perdeu o sentido. Esse foi um momento da crise, só me salvei quando pensei que eu poderia ser só a Sofia: eu vou ser eu. Eu quero ser trans, quero ser mulher, mas não a todo custo, não vou me massacrar. Foi aí que página me ajudou bastante, embora eu não recomende esse processo de exposição pública para ninguém (*risos*). Consegui ali resolver milhares de conflitos, ter vários *insights*, com a escuta das pessoas e também eu comigo mesma em questões de gênero e identidade.

### **Esse lugar de pessoa pública te marcou muito?**

Bastante, mas eu também não era nenhuma Whitney Houston ou Britney Spears em 2007, né? Pelo amor de Deus (*risos*). Eu era só uma página, mas me marcou mais negativamente que positivamente, embora seja uma experiência que eu não abriria mão de jeito nenhum. Acho que é completamente possível você sentir isso e ainda assim não ter vontade de voltar ao passado. Foi uma experiência boa, mas acabou.

**No primeiro trimestre de 2016 você começou a discutir de maneira mais enfática sobre a questão da participação masculina dentro do feminismo, como também sobre outras questões centrais sobre ativismo, como local de fala. Em muitos desses casos também fica claro pelo seu discurso que você enfrentou algumas críticas. Em um trecho de um texto de 3 de março de 2016, por exemplo, você diz que “discordar do caminho que o feminismo tem traçado não é uma tarefa fácil, ainda mais quando todo argumento inicial é transformado em algo que, na verdade, nunca foi dito por mim”. Desde que iniciou a explorar o assunto, a T.R saiu de seis textos autorais em janeiro de 2016, para três em fevereiro e outros três em março, para em setembro do mesmo ano a página definitivamente não ser mais atualizada e sair do ar no modo público. O fim da página também esteve relacionado a isso?**

Olhando para trás, isso foi uma imensa bobagem e as pessoas fizeram uma tempestade em um copo de água. Naquela época ninguém podia dizer que homens poderiam fazer parte do feminismo, eu ousei falar isso e foi como a Madonna ter feito um clipe com um anjo negro (*em cena do clipe ontológico de Like a Prayer*). Eu já estava com a decisão de ir caminhando para o fim, então o que eu tinha mais a perder? Não quero bancar a mártir, mas a página iria acabar e eu pensei no que eu poderia fazer de bom, o que eu poderia consertar do que eu tinha feito por lá. Eu usava muito do local de fala também, tanto que sem ele a página não teria

chegado aonde chegou. Se fosse um cara cis escrevendo não teria a mesma visibilidade, não sou boba de dizer isso. Não posso dizer que não fui responsável por essa difusão do local de fala na internet, durante muito tempo eu inclusive ensinei as pessoas a agirem da forma que hoje eu critico. Entende agora quando digo que não gosto da pessoa que eu era antes? Então você muda e as pessoas que te seguem não entendem isso. Como você pode consertar? Tentei, só não sei se consegui (*risos*).

**Mesmo com todas as dificuldades e aprendizados da sua trajetória com a T.R., qual foi a contribuição que você considera que a página pode ter dado às próprias travestis e pessoas trans?**

Eu acho que nunca vou saber o impacto real da página na vida das pessoas. Você, por exemplo, criou um projeto de mestrado sobre isso, isso te marcou de alguma forma. Até hoje encontro pessoas que foram tocadas pela página, mas também penso que isso foi uma memória afetiva, sabe? Às vezes não consigo ser tão positiva sobre isso, porque penso que a memória é muito mais interessante que a realidade. Não era tudo isso que as pessoas achavam, mas era algo inédito no momento. Era algo que hoje a *Quebrando o Tabu* (uma página do Facebook) faz e que na época eu fazia. Era um tipo de ativismo, humor e alcance que eu conseguia e que era difícil de ter por ser travesti, por me apresentar como travesti e por ter todo esse atravessamento das pessoas não compartilharem páginas de travestis, e que outras páginas passaram a ver que não só era possível, como podia dar certo. As pessoas foram copiando, inclusive copiando referências sem dar crédito. Acho que no geral trouxe uma representação, se não em mim, no alcance que alguém pode ter na internet. Hoje se a pessoa quiser começar, e eu nem vou entrar em um lance meritocrático, ela consegue fazer um trabalho bacana. As redes trans se autorregulam e se auto alimentam, eu, por exemplo, divulgava a Amanda Palha, a Maria Clara, a Daniela, as pessoas estão ali se apoiando e isso é muito bacana. Só não é mais útil para mim. Quando eu vou para a clínica, eu não quero que a minha psicóloga seja quem eu era, acho que não é legal você como paciente saber o que a sua psicóloga fez ontem ou semana passada. Talvez se eu tivesse cursado audiovisual não teria passado por esse embate, estaria como a *Jout Jout*, mais rica (*risos*). Porém, hoje vejo que ter acabado com a página foi a decisão mais correta. Foi um pouco nebuloso na época, até me arrependo de nunca ter dado adeus às pessoas. Pensei muitas vezes em falar que ia acabar, mas também nunca soube como dizer isso: e talvez eu nem conseguisse sair se tivesse dado esse adeus, então resolvi sair logo ou não sairia nunca. Para mim o *grand finale* é você estar em paz consigo mesma. Pensei que até ali havia sido bacana, e que se fosse além iria estragar.

## ANEXO A

Abaixo, compartilhamos as postagens publicadas pela *Travesti Reflexiva* que compuseram o *corpus* do nosso trabalho, dispostas aqui em ordem crescente de aparição.

### JANEIRO DE 2015

**travesti reflexiva** compartilhou a publicação de **Daniela Andrade**.  
1 de janeiro de 2015 · 🌐

**Daniela Andrade**  
30 de dezembro de 2014 · 🌐

Leelah era uma adolescente trans de 16 anos que se suicidou nesse domingo que passou, dia 28. Ela jogou-se na frente de um caminhão de reboque em movimento em O...

Ver mais

**Opção para Impulsionar indispo...**

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

Linda Brasil e outras 1,1 mil pessoas · Comentários mais relevantes (sem filtro) ▾

Escreva um comentário...

**Haruka Sumire** Pior que os pais são malucos. Muitas pessoas do tumblr enviaram mensagens pra eles, mas a mãe respondeu coisas do tipo "Ele é homem. Foi a mídia que botou isso na cabeça dele, tudo culpa de vocês". Horrível, por que mesmo com a filha morta, eles não quiseram pensar, sofrer, ter um luto, sei lá, eles só quiseram estar certos, nem com a filha morta eles foram capazes de repensar...

**Curtir · Responder** 92 · 1 de janeiro de 2015 às 17:21

1 resposta

**Raul Martins** Primeiras lágrimas do ano :/

**Curtir · Responder** 58 · 1 de janeiro de 2015 às 16:05

1 resposta

Ver mais comentários

**Travesti Reflexiva**  
1 de janeiro de 2015 · 🌐

É aqui a famosa Ditadura Gay?



**Homem é detido após pintar tanque de guerra de rosa, em São Gonçalo**

Uma cena inusitada pegou de surpresa dois policiais militares do 7º BPM (São Gonçalo) que passavam, na manhã desta quinta-feira, pela Praça dos...

EXTRA.GLOBO.COM

**Opção para Impulsionar indispo...**

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

2,4 mil · Comentários mais relevantes (sem filtro) ▾

227 compartilhamentos

**Travesti Reflexiva**  
3 de janeiro de 2015 · 🌐

"Dilma Rousseff, presidenta do Brasil, tem 67 anos de idade. Já foi casada, é mãe de uma filha adulta e tem um netinho em fase de crescimento. A não ser pelo fato de ser economista e possuir o cargo mais alto da nação, Dilma se assemelha com as avós de muita gente: é uma senhora idosa que não se encaixa no padrão de beleza. Mas não são todos que consideram esses aspectos.

Nossa cultura é terrível com as pessoas mais velhas. Os idosos são tratados como fardos inúteis, como se ...  
Continuar lendo



### Minha avó é magra, fashion e perfeita - Questão de Gênero

Dilma Rousseff, presidenta do Brasil, tem 67 anos de idade. Já foi casada, é mãe de uma filha adulta e tem um netinho em fase de crescimento. A não ser pelo fato de...

REVISTAFORUM.COM.BR

Opção para Impulsionar indispo...

**Travesti Reflexiva**  
6 de janeiro de 2015 · 🌐

O movimento "Luma Lá", iniciado no final de dezembro por estudantes da Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) pede para que o novo ministro da educação, Cid Gomes (Pros), nomeie a professora Luma Andrade para o cargo.



### Estudantes pressionam pela nomeação de professora trans como reitora no CE

Alunos de uma universidade pública do Ceará lançaram uma campanha para que uma professora travesti seja nomeada reitora da instituição.

WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

Opção para Impulsionar indispo...

Curtir Comentar Compartilhar

2,4 mil

Comentários mais relevantes (sem filtro)

152 compartilhamentos

**Travesti Reflexiva** compartilhou a foto de T de Revolução.  
6 de janeiro de 2015 · 🌐



T de Revolução está com Jordhan Lessa e João W. Nery.  
6 de janeiro de 2015 · 🌐

Curtir Página

Nos últimos anos, os homens trans vêm dando passos largos na luta auto-organizada (por eles, entre eles e para eles) e um deles foi a fundação e consolidação do...  
Ver mais

**Travesti Reflexiva**  
8 de janeiro de 2015 · 🌐

Eu sei que você revirou os olhos achando que esse tweet terminaria de forma diferente.



hazi  
@hazikitty



Seguir

Ser gay tudo bem, mas ser viado bicha poc escandalosa que pinta o cabelo de roxo tudo bem também pois ninguém é obrigado a se reprimir

RETWEETS

2.641

CURTIRAM

1.537



Opção para Impulsionar indispo...

Curtir Comentar Compartilhar

6,4 mil

Comentários mais relevantes (sem filtro)

1.931 compartilhamentos

Escreva um comentário...



Nati Oliveira Dê pinta mesmo, se reclamarem dê um dalmata inteiro porque ninguém tem que ficar no armário


Curtir · Responder · 649 · 8 de janeiro de 2015 às 11:06



Paullo Oliveira Eu dou pinta mesmo quando tô afim, não me reprimo por motivos óbvios de: não sou obrigado!


Curtir · Responder · 181 · 8 de janeiro de 2015 às 11:39




**Travesti Reflexiva**  
9 de janeiro de 2015 · 🌐

Uma cantora sueca chamou a atenção na web após uma brincadeira. Ela publicou uma foto com um preservativo na perna para zombar de homens que se dizem "machões".


Zara Larsson, de 17 anos, acabou tendo a imagem repercutida por diversos fãs, principalmente do sexo feminino. Ela questionava os homens que dizem ter o membro muito grande, alegando que isso os impediria de usarem os preservativos.




**Cantora coloca camisinha na perna para zombar de homens que dizem ter membro muito grande para...**

Uma cantora sueca chamou a atenção na web após uma brincadeira. Ela publicou uma foto com um preservativo na perna para zombar de homens que se dizem...

TECHMESTRE.COM


**Travesti Reflexiva**  
9 de janeiro de 2015 · 🌐

... - O Brasil é o país que mais mata travestis no mundo. Mata quatro vezes mais do que o México, o segundo mais violento. Essas pessoas nunca foram tratadas como cidadãos, sempre foram empurradas para as ruas pelas famílias, pela escola e pela sociedade. Queremos tratá-las como gente, com a opção de se prostituir ou não - afirma Rogério Sottili, secretário de Direitos Humanos do município, responsável pela coordenação do programa.



**Prefeitura de São Paulo pagará salário mínimo para travestis estudarem**

Inicialmente, cem delas vão receber bolsa para voltar às aulas e se matricular em cursos do Pronatec

OGLOBO.GLOBO.COM

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...


**Travesti Reflexiva**  
20 de janeiro de 2015 · 🌐

Venham assistir a maravilhosa da Amanda Palha!



**LGBT E ESQUERDA - Pergunte Às Bee 64**

Curta nossa página no Facebook:  
<http://www.facebook.com/canaldasbee> - O Pergunte Às Bee...

YOUTUBE.COM


**Travesti Reflexiva**  
21 de janeiro de 2015 · 🌐

"Durante toda a minha vida, fui uma pessoa que evitava banheiros. Seja onde for, com quem for, quando for. Só entro em um ambiente sanitário em último caso e isso é decorrente de algumas situações que demarcaram desde muito cedo, que nem ali, no lugar onde as 'sujeiras' estão, eu sou digna de estar com outras pessoas. Se ontem eu sofri agressões físicas e psicológicas por parte de homens no sanitário masculino, hoje elas se perpetuam no feminino e acabo por me questionar: se nem em um banheiro, eu travesti, posso estar, por que continuar a acreditar que todos nós somos iguais?"

Via - Maria Clara Araújo



**Transexualidade na Escola: Banheiro - Capitolina**

A Capitolina é uma revista online para garotas adolescentes, que procura ser acessível e inclusiva, abrindo um diálogo com as leitoras. Somos MUITAS garotas, de idades variadas e de lugares variados, divididas em várias áreas e funções.

REVISTACAPITOLINA.COM.BR

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

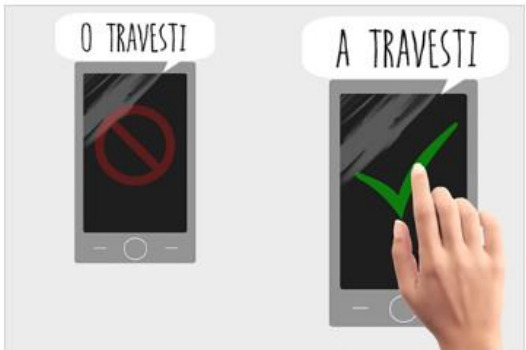
Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...

Opção para Impulsionar indispo...



**Travesti Reflexiva** adicionou 6 novas fotos — com Paloma Balbino. 22 de janeiro de 2015 · 🌐



**Transexualidade na Escola: Banheiro - Capitolina**  
A Capitolina é uma revista online para garotas adolescentes, que procura ser acessível e inclusiva, abrindo um diálogo com as leitoras. Somos MUITAS garotas, de idades variadas e de lugares variados, divididas em várias áreas e funções.  
REVISTACAPITOLINA.COM.BR

**Mais 3**

UTILIZAR APENAS NOME SOCIAL  
TRANSEXUAL SOBRE TRANSFÔRICO  
IDENTIDADE DE GÊNERO  
QUEM TEMOS  
SEXUAL, VOCÊ COIPE, MONITORO  
BOMBA ATIVA

**Opção para Impulsionar indispo...**

490 Curtir Comentar Compartilhar

28 compartilhamentos

Escreva um comentário...

Duda Navara Talvez, o banheiro seja um dos lugares que mais revelam determinadas agressões. É onde realmente somos acusadas e obrigadas a viver em um modelo de inadequação. Vontade de arrancar todas as placas de banheiros que identificam gêneros.  
Curtir Responder 33 · 21 de janeiro de 2015 às 18:39  
1 resposta

Ver mais 8 comentários


**Opção para Impulsionar indispo...**

3,8 mil Curtir Comentar Compartilhar

512 compartilhamentos

**Travesti Reflexiva** 26 de janeiro de 2015 · 🌐

"Minha mãe ouviu que eu ia acabar na Europa me prostituindo, esse tipo de coisa. Não desmerecendo a prostituição, mas eu realizei meu sonho de entrar pra academia e me tornar uma universitária. Pra ela e pra mim é um orgulho muito grande. E questão de reconhecimento, é uma questão de o Ministério da Educação ter a devida consciência de que existe uma escassez de pessoas trans e travestis no âmbito educacional. Embora seja uma medida paliativa, é, querendo ou não, uma forma de dizer que a universidade também pode ser nossa, e ela vai ser."



**'A universidade pode ser nossa', diz transexual aprovada no Sisu**  
Clara foi uma das 95 transexuais autorizadas a usar nome social no Enem. Ela foi aprovada em pedagogia na UFPE na primeira chamada do Sisu.  
G1.GLOBO.COM

**Opção para Impulsionar indispo...**

**Travesti Reflexiva**  
9 de janeiro de 2015 · 🌐

Eu acompanhei de perto o processo de contratação e demissão de uma amiga transexual, o motivo? A própria existência dela.

Tudo começou quando ela foi participar de uma seleção promovida por uma rede de cinemas, ela passou com uma boa pontuação pelas etapas... tudo fluíu tranquilamente até o momento que os seus documentos - não retificados - foram requisitados pelos contratantes, a partir daí ela passou a ser referenciada como "ele" e a atender pelo nome de registro civil. Mui...  
[Ver mais](#)

**Opção para Impulsionar indispo...**

**Opção para Impulsionar indispo...**

**Opção para Impulsionar indispo...**

464 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Caio Andrade Baptista Zocchi** Mado transfóbico não passará!  
Curtir · Responder · 300 · 9 de janeiro de 2015 às 17:23  
[Ver respostas anteriores](#)

**Caio Andrade Baptista Zocchi** Me corrijam se eu estiver errado, mas vejo mulheres que se empoderaram do termo "vadia". Um homem gay não pode, da mesma forma, empoderar-se do termo "viado"?  
Curtir · Responder · 58 · 9 de janeiro de 2015 às 17:40  
[Ver mais respostas](#)

[Ver mais comentários](#)

**Travesti Reflexiva**  
9 de janeiro de 2015 · 🌐

A expectativa de vida de uma travesti e transexual brasileira gira em torno dos 30 anos.

Estima-se que 90% das travestis e transexuais brasileiras estejam prostituindo-se atualmente no Brasil de acordo com a Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Nunca houve 90% de um grupo de pessoas prostituindo-se no Brasil além desse.

O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais do mundo, o México é o segundo colocado do ranking e ainda assim o Brasil contabi... [Ver mais](#)

**Opção para Impulsionar indispo...**

**Opção para Impulsionar indispo...**

**Opção para Impulsionar indispo...**

1,9 mil

Comentários mais relevantes (sem filtro)

350 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Ramon Nass** sou gay... e me enoja quando a mídia trata uma mulher trans hetero como um homem cis gay... ou um homem trans hetero como uma mulher cis lesbica, isso dissemina preconceitos além de inviabilizar que o estado tome providencias, até quando vão tratar sexualidade e genero como uma coisa só?  
Curtir · Responder · 59 · 9 de janeiro de 2015 às 19:34

**Renato Rautsz Melo** E quem, hoje, quer empregar travesti/trans? Quais duram na escola, no colegial e na universidade? 90% foge para a prostituição por não ver outra saída. E tem gente falando que a medida tomada por Haddad é preconceito reverso... Gente babaca.  
Curtir · Responder · 23 · 10 de janeiro de 2015 às 04:26

[Ver mais comentários](#)

**O TRAVESTI**

**A TRAVESTI**

**UTILIZAR APENAS O NOME SOCIAL**

**EXPOR O NOME CIVIL**

**Travesti Reflexiva**  
Página pública · 22 de janeiro de 2015 · Editado

Respeitar o gênero das travestis e transexuais brasileiras significa utilizar o artigo feminino ao citar a página ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) já divulgou uma nota sobre isso, pensar invalidando a autoafirmação das travestis e transexuais significa deslegitimar a identidade das mesmas.

Nesse caso, quando cito "transsexual" estou referindo-me ao indivíduo que foi... [Ver mais](#) — com [Paloma Dabibo](#)

**Travesti Reflexiva**  
Página pública · 22 de janeiro de 2015 · Editado

Tem ocorrido no Brasil uma explosão de portarias que promovem a inclusão do nome social, mas o que é o nome social afinal de contas?

Esse paliativo busca diminuir o estigma que é portar um registro civil não representativo, minimizar situações vexatórias e respeitar a autodeterminação do sujeito. Atualmente é possível instituir-se em muitas instituições - sejam de ensino ou não - e recorrer ao... [Ver mais](#)

**Travesti Reflexiva**  
Página pública · 22 de janeiro de 2015 · Editado

Bruna Malta Vieira quer marcar minha mãe mas tive que bloquear ela no face abençoada

**Travesti Reflexiva**  
Página pública · 22 de janeiro de 2015 · Editado

Vindos a favor dos direitos LGBT e contra a discriminação, muito comum ver notícias que dizem, por exemplo: "Já, que nasceu Dabibo" ou "Paulo Henrique, que nasceu Ana Paula". Se a pessoa trans alterou o nome dela judicialmente, é porque o nome que constava antes nos documentos lhe atormentava profundamente. Não é assim.

NASCEU HOMEM  
E VIROU MULHER



ESSA PESSOA FOI DESIGNADA  
HOMEM AO NASCER



FTM - Female To Male (Fêmea P/ Macho)  
MTF - Male To Female (Macho P/ Fêmea)  
Ambos os termos anteriormente citados são  
essenciais e possuem uma carga culpabilizadora.  
Não devem ser utilizados pois subentendem que  
alguém se tornou, em seus primeiros instantes de  
vida, e capaz de decidir qual sexo irá portar na  
certidão de nascimento no momento do  
preenchimento da mesma.

Esse debate não é pós-mo... Ver mais

Curte Comentar Compartilhar

563 Comentários mais relevantes (sem filtro)

45 compartilhamentos 16 comentários

Fernando Borgmann Sollar Genta, se nasce com o órgão genital masculino é homem e ponto final, isso é biologia.  
Curte Responder 38 de janeiro de 2015 às 22:52 Editado

4 Respostas

Sammy Pacheco eu sempre fui "essa pessoa nasce biologicamente homem/mulher"  
Curte Responder 14 de fevereiro de 2015 às 22:25 Editado

1 Resposta

Suzane Conzatter Carolina Rodrigues  
Curte Responder 1 de fevereiro de 2015 às 19:22

Joyce Hellem Aquil Vidicon, Dancer, sobre a

Escreva um comentário...

BIOLÓGICO



CISGÊNERO



Alá mesmo antes de nascermos somos batizados com um gênero de acordo com visualização genital, o nosso gênero é definido e compulsoriamente imposto a partir de um órgão. Pessoas cis são aquelas que não são trans e convergem com o gênero que lhes foi atribuído imperativamente ao nascer.

Cisgênero não é o mesmo que Heterossexual.

Gênero e Orientação Sexual não estão alinhados, isso quer dizer que ... Ver mais

Curte Comentar Compartilhar

493 Comentários mais relevantes (sem filtro)

12 compartilhamentos 8 comentários

Kerolyne Hipólito Teles Igor, aquilo que eu li disse sobre usar meu penís...  
Curte Responder 7 de maio de 2015 às 18:11

Juliana Weber Felipe Fernandes  
Curte Responder 23 de janeiro de 2015 às 11:59

Paula Bortolotto Eu tenho uma dúvida Se um dia, num futuro hipotético a, não o presente momento, utopico, as definições de, e os gêneros em si, caírem, poderemos usar o termo biológico para nos referirmos à nossa genital? (É somente a, já que gênero hipoteticamente tem a estigmas do dia-a-dia)  
Curte Responder 22 de janeiro de 2015 às 20:19

Escreva um comentário...

Foto: Fabiana Wolf. Modelo: Eu.



Travesti Reflexiva está com Giovana Lucato e Paloma Balbino.

29 de janeiro de 2015

29 de janeiro, Visibilidade Trans para quem?

Estar visível não significa necessariamente algo que converta-se em um feedback saudável. Eu tenho uma relação agrídoce com a visibilidade, costumo andar pelas bordas quando estou na rua, quase esbarrando nos muros, como se eu quisesse entrar neles e ser invisível. Finjo não estar atenta a qualquer sinal de que a minha identidade foi percebida, ela é berrante! Acho, aliás, chego a ter certeza que a palavra "aberração" está escrita...

Continuar lendo



**FEVEREIRO DE 2015**

**Travesti Reflexiva**  
7 de fevereiro de 2015 · 🌐

Homem, pior coisa.

**andré c.w.**  
@herduleikne  
🔧 Seguir

"Mulher gosta é de dinheiro quem gosta de homem é gay"

dsclop mas sinto informar que gay gosta de dinheiro tbm, ngm gosta de homem não credo

RETWEETS 1.771 CURTIAM 1.326

11:35 - 29 de jan de 2015

---

**Travesti Reflexiva**  
7 de fevereiro de 2015 · 🌐

Em nome da moral e dos bons costumes!

**Patricia**  
@acidbubble  
🔧 Seguir

filho meu nenhum vai ser hétero não tem que continuar o nome da família

RETWEETS 18 CURTIAM 16

20:04 - 6 de fev de 2015

---

**Opção para Impulsionar indispo...**

Curtir Comentar Compartilhar

5,1 mil Comentários mais relevantes (sem filtro)

236 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Emily Nathali Cristianini** Como vou explicar pra ele um homem e uma mulher se beijando?  
Curtir · Responder · 328 · 7 de fevereiro de 2015 às 15:21  
1 resposta

**Gabriel Medeiros** Eu aceito, mas não concordo. Amarei meu filho, mas Luci nos diz que homossexualismo é pecado dos piores.  
Curtir · Responder · 246 · 7 de fevereiro de 2015 às 15:30 · Editado  
2 Respostas

---

**Travesti Reflexiva**  
10 de fevereiro de 2015 · 🌐

"No último sábado (7), o portal Tribuna de Minas repercutiu algo de forma, no mínimo, intrigante: apresentando o Bloco chamado "Domésticas de Luxo" com entusiasmo, o portal deu à matéria o título de "Pretinhas em contos de fada", explicando que os participantes do bloco – tradicionalmente homens brancos –, além de se fantasiarem de mulheres negras, ainda adicionavam à "fantasia" roupas de princesas de contos de fada, como a Branca de Neve.

É chocante que o racismo escrachado,... Ver mais

---

**ian curtis**  
@didapp  
Seguir

AMIGA COMO SERÁ QUE É BEIJO DE MULHER?  
AMIGA NÃO SEI  
AMIGA VAMO SE BEIJAR  
AMIGA PARE  
AMIGA VAMO UMA VEZ SÓ VAMO  
AMIGA QUE DELICIOSO

RETWEETS 1.286 CURTIAM 892

17:32 - 15 de set de 2014

---

**Opção para Impulsionar indispo...**

Curtir Comentar Compartilhar

Leonardo e outras 3,6 mil pessoas Comentários mais relevantes (sem filtro)

322 compartilhamentos

Bloco Domésticas de Luxo: onde racistas se divertem - Questão de Gênero

O bloco Domésticas de Luxo é um verdadeiro show de horrores: consegue reunir racismo e machismo numa mistura perversa que está a serviço de uma parcela...  
REVISTAFORUM.COM.BR

Curtir Comentar Compartilhar

**Travesti Reflexiva**  
10 de fevereiro de 2015 · 🌐

Pega o lenço, aperta o play e vem se emocionar junto com a Maria Clara! ❤️



**TRAVESTI NA UNIVERSIDADE - Pergunte Às Bee 67**  
Curta nossa página no Facebook: <http://www.facebook.com/c...>  
YOUTUBE.COM

**Opção para Impulsionar indispo...**

👍 Curtir   💬 Comentar   ➦ Compartilhar

1,3 mil   Comentários mais relevantes (sem filtro) ▼

207 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Mirella Pryme** Linda!!!! Aqui na Bahia uma foi contratada por uma lanchonete e o pessoal q trabalhava em volta fizeram um abaixo assinado pra ela não usar o banheiro feminino. Doloroso ver isso mas a atitude do shopping foi louvável, não acatarem o abaixo assinado. Parabéns a ela!!!!  
Curtir · Responder · 58 · 10 de fevereiro de 2015 às 13:06

Ver mais comentários

**Travesti Reflexiva**  
10 de fevereiro de 2015 · 🌐

O meu mundo, ele caiu.



**carol**  
@girlaws

**Seguir**

"desse jeito nenhum homem vai te querer"  
puts  
que pena  
caramba  
jura mesmo?  
nossa  
to abaladissima  
NENHUM HOMEM?????  
NEM MESMO UM???  
que coisa

RETWEETS 1.007   CURTIAM 535

14.30 · 9 de fev de 2015

**Opção para Impulsionar indispo...**

👍 Curtir   💬 Comentar   ➦ Compartilhar

8.8 mil   Comentários mais relevantes (sem filtro) ▼

2.830 compartilhamentos

**Travesti Reflexiva**  
11 de fevereiro de 2015 · 🌐

- Você concorda que se assumir travesti é assumir uma identidade política brasileira, tendo em vista que o significado não existe em nenhum outro país do mundo? Existe essa preocupação?

"Claro, a travestilidade tem uma identidade política muito forte e decisiva. Se vemos a história da travestilidade no Brasil, vamos perceber que ela é totalmente desassociada da palavra "travesti" do dicionário, da palavra "travesti" do CID-10, da palavra que as pessoas do mundo acham. Então,.... Ver mais




**"Não nasci e nem quero me tornar mulher", diz militante travesti Janaina Lima - NLUCON**  
type your description here.  
NLUCON.COM

**Opção para Impulsionar indispo...**

**Travesti Reflexiva**  
12 de fevereiro de 2015 · 🌐

Entendam uma coisa:



**QUEM QUE ASSUME?**  
@\_00n

**Seguir**

Eu to na internet pra reclamar se fosse pra agradecer eu tava em aparecida do norte

RETWEETS 864   CURTIAM 519

21.35 · 15 de set de 2014

**Opção para Impulsionar indispo...**

👍 Curtir   💬 Comentar   ➦ Compartilhar

8.8 mil   Comentários mais relevantes ▼

1.810 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Flávio Santos** Se fosse pra ajoelhar e rezar, estava no motel.  
Curtir · Responder · 292 · 12 de fevereiro de 2015 às 20:24

**Travesti Reflexiva** QUALQUER LUGAR É LUGAR AMORE  
Curtir · Responder · 118 · 12 de fevereiro de 2015 às 20:24  
Ver mais respostas


**Isabella Funke** O twitter desse cara é tão machista que não dá gosto de compartilhar a imagem. Mas é verdade.  
Curtir · Responder · 122 · 12 de fevereiro de 2015 às 20:48





**Travesti Reflexiva**  
14 de fevereiro de 2015 · 🌐

Minha vida na internet:




**zambinas**  
 @zambininha

Seguir

miga me segura que eu quero debater




RETWEETS  
**481**

CURTIAM  
**365**




10:12 - 2 de dez de 2014

Opção para Impulsionar indispo...


 Curtir
  Comentar
  Compartilhar

Gabi Cardoso e outras 8 mil pessoas · Comentários mais relevantes (sem filtro)


1.496 compartilhamentos



Escreva um comentário...



Gabi Cardoso Daniel kkkkkkk lembrou alguém?  
 Curtir · Responder · 1 · 14 de fevereiro de 2015 às 20:59




Germano Gomes qd tá família toda reunida e falam: "esses travecos e esses viados querendo aparecer" aí ngm me segura 🙄  
 Curtir · Responder · 290 · 14 de fevereiro de 2015 às 20:49 · Editado

10 Respostas

**Travesti Reflexiva**  
16 de fevereiro de 2015 · 🌐

Não merece nem existir!



**rayane**  
 @pardola\_


Seguir

"nao mereço mulher rodada" "nao mereço mulher gorda" "n mereço mulher preta"

vdd vc n merece ninguém ainda bem q vc sabe




RETWEETS  
**401**

CURTIAM  
**226**



16:19 - 13 de fev de 2015

Opção para Impulsionar indispo...

 Curtir
  Comentar
  Compartilhar

8,3 mil · Comentários mais relevantes (sem filtro)

1.161 compartilhamentos



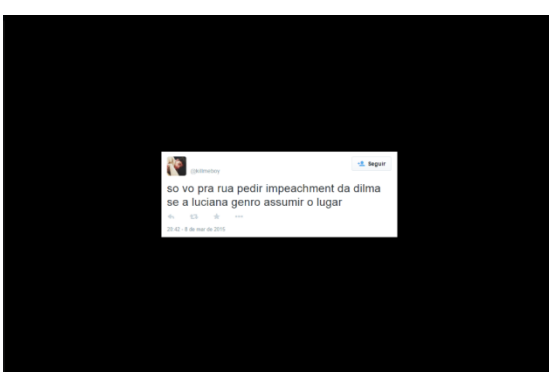
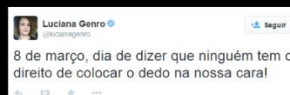


## MARÇO DE 2015



Pendurado no firmamento está com Matheus Ah e outras 2 pessoas.






**Travesti Reflexiva** compartilhou o vídeo de Erika Kokay.
 12 de março de 2015

"O discurso é ponte entre a ideia e a ação!"  
Erika Kokay detonando! ❤️



424.020 visualizações

**Erika Kokay**  
12 de março de 2015 · Brasília, Federal District ·

Alguns acham que a homofobia é aquela que deixa marcas na pele mas ela é, na verdade, construída nos púlpitos ou nas tribunas deste parlamento. O jovem Peterson ...

Ver mais

👍 Curtir Página

**Opção para Impulsionar Indisponível...**

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

657      Comentários mais relevantes (sem filtro)

Escreva um comentário...

**Priscilla Brasileiro** "discursos não são inocentes" PERFEITA.  
Curtir · Responder · 38 · 12 de março de 2015 às 17:23

**Guilherme Rangel** "A violência das palavras se transformam em ação, e estas matam."  
Sou mega fã da Erika. Ver mais

**Travesti Reflexiva**  
Página criada - 12 de março de 2015

Quer dizer...

**Curir** **Comentar** **Compartilhar**

5.1 mil Comentários mais relevantes (sem filtro)

601 compartilhamentos 46 comentários

**Daniel Martins** "Se acerto pagar imposto pros militeiros."

**Curir** **Responder** **26** 12 de março de 2015 às 19:29

**Daniel Nunes** "Bela e suas perquices compõem que ninguém emenga."

**Curir** **Responder** **188** 12 de março de 2015 às 19:29

**5 Respostas**

**Má Almeida** "No protesto contra a hipocrisia ninguém vai..."

**Curir** **Responder** **30** 12 de março de 2015 às 19:34

**Rafael Duque Estrada**

**Curir** **Responder** **1** 12 de março de 2015 às 20:31

**Niara Ann Kryvoun** "Vou usar adorno a época da Desfileção de IR, vermos os vestimentas "bur" das pessoas."

**Curir** **Responder** **37** 12 de março de 2015 às 19:34

**Augusto Barro** "Trabalhei em uma editora e vi uma a uma coisa chuguu daquela que alungou e não tem mais mudancas do IR que derangem o universo a colocar o CPF ao paciente... depois ele desistiu como a culpa do Brasil era daqueles."

Escrever um comentário...





**Paulo Eduardo Abdala**  
@pittyleone Quando terminar o mimimi... volte pra cozinha! Quem sabe lá vc se sai melhor que na música.

RETWEETES 14

27-03 - 10 de mar de 2015

**Pitty**  
@pittyleone pois eu não volto pra cozinha, nem o negro pra senzala, nem o gay pro armário. o choro é livre (e nós também) :)))

RETWEETES 8.080 GUSTAMOS 6.618

27-03 - 10 de mar de 2015

**Travesti Reflexiva**  
Página pública · 16 de março de 2015 · 1000

Total 1000

1.410 compartilhamentos

161 comentários

**Tatiana Dantas**  
Curtir · Responder · 16 de março de 2015 às 20:42

**Isabela Fariol**

**Matheus Coelho** O choro é livre e não senzala  
Curtir · Responder · 16 de março de 2015 às 15:44

**Ignat Martins** Não pergunte quem namora um  
Curtir · Responder · 16 de março de 2015 às 16:03

**Luciana Genro**  
Curtir · Responder · 16 de março de 2015 às 16:03

Ver mais comentários...

**Travesti Reflexiva**  
16 de março de 2015 · 1000

Esse povo não desiste de tentar me converter!

**Marco Aurelio Bufalo** > **Travesti Reflexiva**  
Online às 01:17 · 1000

Jesus te ama

Curtir · Comentar · Compartilhar

Escreva um comentário...

**Travesti Reflexiva** Avise a ele que eu já tenho namorado.  
Curtir · Responder · Agora mesmo

**Opção para Impulsionar Indisponível...**

Curtir · Comentar · Compartilhar

6,6 mil

Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

160 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Travesti Reflexiva** GATO NÃO VAI ROLAR, MEU PEITO CUSTOU CAROOOOOOOOO  
Curtir · Responder · 804 · 16 de março de 2015 às 15:57

Ver respostas anteriores

**Travesti Reflexiva** VOU DEIXAR PRA MINHA AMIGA AQUI DO LADO  
Curtir · Responder · 353 · 16 de março de 2015 às 16:03

Ver mais respostas

**Raissa Ferreira** ele diz isso para todas hauhauhauhaha  
Curtir · Responder · 924 · 16 de março de 2015 às 16:05

**Travesti Reflexiva** DETALHE  
Curtir · Responder · 377 · 16 de março de 2015 às 16:08

Ver mais respostas

Ver mais comentários


2 de 184

**Travesti Reflexiva** está com Cindy Machado e outras 2 pessoas  
16 de março de 2015 · 1000

Luciana tirou foto com o Satanás, foi?

**Alexandre Soares** compartilhou a foto de Luciana Genro.  
1 h · 1000

LUCIANA GENRO VC ESTIMULA A DESUNIÃO DA FAMÍLIA E DA PALAVRA DE DEUS.



**Luciana Genro**

Tive a enorme alegria de me encontrar com a Sofia, mais conhecida como a Travesti Reflexiva. Linda, simpática e inteligente, não pude desperdiçar a oportunidade de convidá-la a se filiar no PSOL. Ela ainda não decidiu, mas quem sabe?

Curtir · Compartilhar

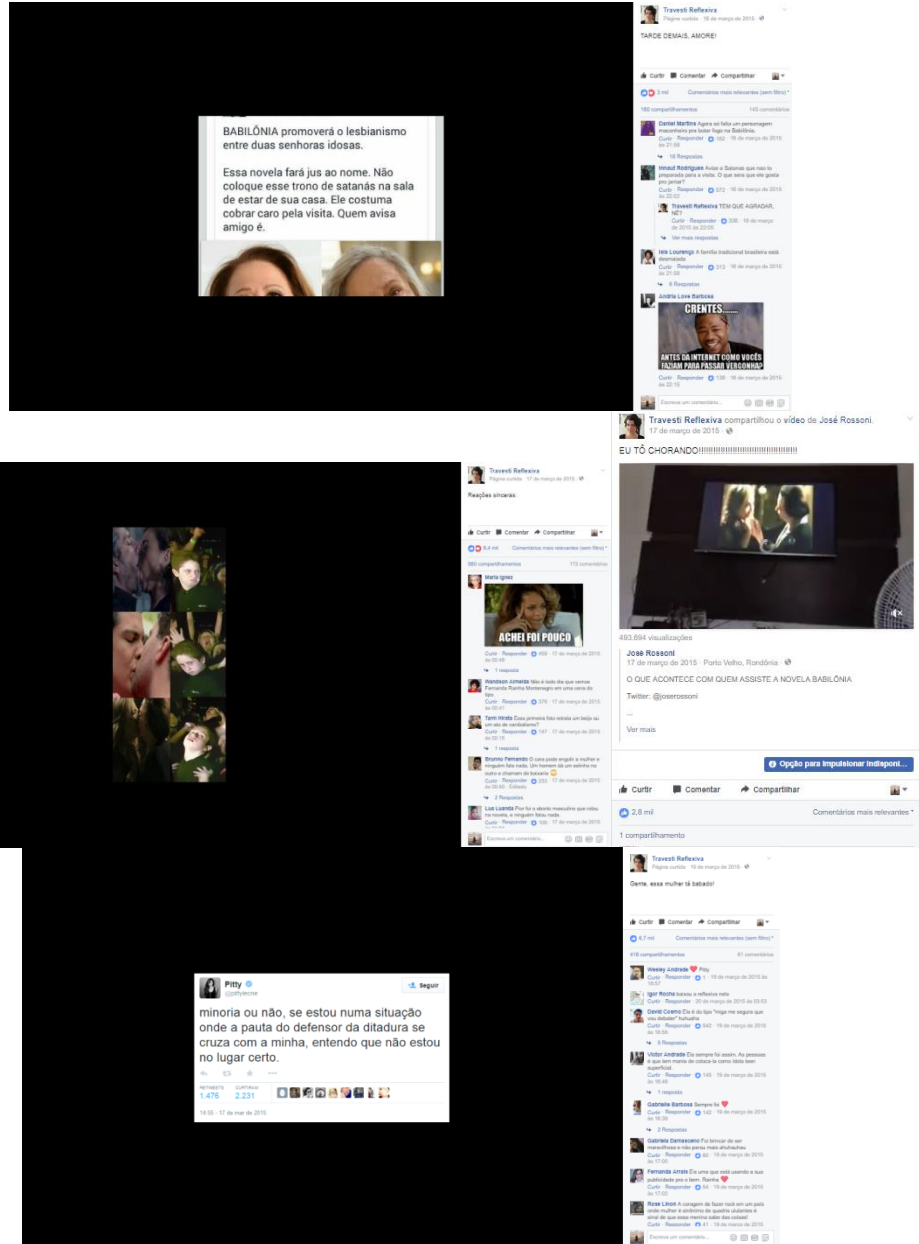
**Opção para Impulsionar Indisponível...**

Curtir · Comentar · Compartilhar

4,7 mil

Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

36 compartilhamentos



[illegible]

Travesti Reflexiva compartilhava uma foto de João Campos

21 de março de 2015

Normalmente não me indico isso, mas dessa vez é uma exceção -> Leia os comentários!

## FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA CONGRESSO NACIONAL

### NOTA DE REPÚDIO

A Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional, vem, de forma veemente, manifestar **REPÚDIO** a uma de suas telas exibidas protagonizada pelas atrizes Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg, ambas com 85 anos de idade e de reconhecido talento e concreto trabalho, exibida dia 16 deste mês na televisão Ebsíndia da Rede Globo de Televisão.

A referida telonagem, assim como outras anteriormente exibidas pela Rede Globo, tem essa intenção de afetar as crenças em suas convicções e princípios, querendo trazer, de forma insidiosa, para toda a sociedade brasileira o modo de pensamento por eles de "outra forma de amar", contrariando nossos costumes, usos e tradições.

Essa é a forma encontrada para disseminar a ideologia de gênero, exercendo deturpação e ignarância que eles denominam de "conservadores", pelo simples fato de não concordarem com estas práticas.

Assim, a Frente Parlamentar Evangélica convoca todos os evangélicos, todos os cristãos bem como as pessoas que se sentem violentados por essas constantes imagens injúrias impostas pela mídia Ebsíndia, a não assistirem a agenda Ebsíndia. Em muitos times, a falta de processo, recomenda que não consumam os produtos das insinuações que propagam esta telonagem.

Brasília DF, 17 de março de 2015.

**Dep. JOÃO CAMPOS\***  
**Presidente da Frente Parlamentar Evangélica**  
**do Congresso Nacional**

PRESIDENTE, DEPUTADO FEDERAL, JOÃO CAMPOS  
CÂMARA DOS DEPUTADOS, AVENIDA W. GOMES 119 - BRASÍLIA/DF - CEP: 70.100-900 - F: 32.15-33.11  
FRENTE PARLAMENTAR - 61. 30.15-61.60 www.frente.org.br e-mail: fpe@frente.org.br

João Campos

Curta! (Painel)

**Ze Adão Barbosa**  
A Bíblia é muito mais chocante do que a novela Babilônia!  
13 likes · 1 comentário · 28 de maio de 2015

**Travesti Reflexiva**  
Uma revista  
1.2 mil likes · 1.2 mil comentários · 30 de março de 2015

Você não pode mais criticar o governo! Você votou no PT!  
Escuta aqui, queidinho! A outra opção era Aécio!

**Travesti Reflexiva**  
Essa esqueceu omissa...  
7.1 mil likes · 935 comentários · 22 de março de 2015

**Travesti Reflexiva**  
OPRESSÃO NÃO SE VENCE COM TRANSFOBIA  
1.2 mil likes · 1.2 mil comentários · 23 de março de 2015

**Barata Rapunzel**  
@VoeGOloficial por isso que voamos com a Azul. lá mulheres pilotam.  
192 likes · 197 comentários · 10-11-22 de maio de 2015

**Travesti Reflexiva**  
Primariamente, bom dia!  
1.1 mil likes · 1.489 comentários · 24 de março de 2015

**Travesti Reflexiva**  
DIREITO PROSTITUIÇÃO E ÉTICA  
469 likes · 469 comentários · 25 de março de 2015



**Travesti Reflexiva** compartilhou a publicação de **Daniela Andrade**.  
25 de março de 2015 · 🌐

**Daniela Andrade**  
25 de março de 2015 · 🌐

Hoje é o dia do Orgulho LGBT.

Mas conhecendo o movimento LGGGGGbt como a gente conhece, evidentemente que vão dizer que é orgulho gay, para desconsiderar todas...

Ver mais

**Opção para impulsionar indisponível...**

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

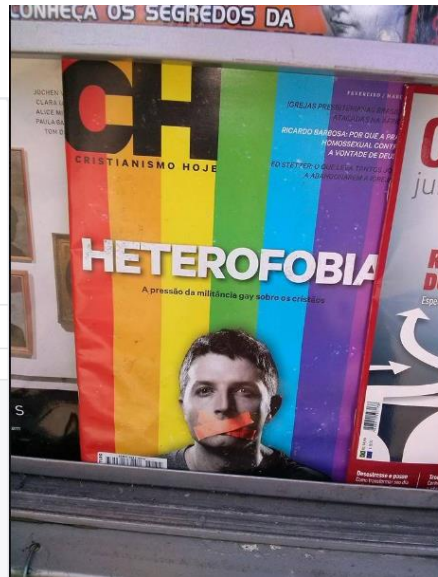
277 Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

Escreva um comentário...

**Aloma Twai Brancher** Nem todos os gays são assim, eu considero todos (gay,lés, bi,trans,travesti,pan) e qualquer outra bandeira,mais um irmão na luta por direitos. Quanto mais gente na luta melhor!!!  
Curtir · Responder · 2 · 25 de março de 2015 às 08:30

**Dado Campos** Daniela Andrade sempre lacrando.  
Curtir · Responder · 1 · 25 de março de 2015 às 16:08

Ver mais 2 comentários



**Travesti Reflexiva**  
Página pública · 26 de março de 2015 · 🌐

Criem uma legenda pra essa imagem: — com Henio Rodrigues.

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

1,6 mil Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

514 compartilhamentos 437 comentários

**João Carvalho** Por que essa imagem, só uma bandeira evangélica.  
Curtir · Responder · 4 · 26 de março de 2015 às 10:11

**Renata Oliveira** Várias pessoas sofrem com todo tipo de preconceito contra heteros, por exemplo:  
Curtir · Responder · 879 · 26 de março de 2015 às 14:46

Ver respostas anteriores

**Bruna Rosa Oliveira** Uma vez disseram que por ser hetero eu não poderia.  
Curtir · Responder · 110 · 26 de março de 2015 às 15:48

Ver mais respostas

**Raphael Taro** a legenda já tá na imagem "relativismo hoje"  
Curtir · Responder · 809 · 26 de março de 2015 às 14:37

8 Respostas

**Cassio Daniel** Paciência!babi  
Curtir · Responder · 293 · 26 de março de 2015 às 14:37

**Henrique Manzoni**

Escreva um comentário...

**Travesti Reflexiva**  
26 de março de 2015 · 🌐

Sabem a Dirce? Ela pediu pra me enviarem isso:

"Por favor, mande um beijo carinhoso a esta moça e lhe diga que sua causa é também a minha, porque no fundo é a causa de todos nós. Tenho mais de 80 anos de estrada e por isso, em algumas rotas dessa vida, quase - veja bem: quase - convenci-me de que eu era mesmo o que desejavam que eu fosse: cidadão, gente de segunda categoria. Mas não! Eu não sou inferior, sua amiga de Aracaju, você, enfim, nenhum de nós é inferior nem tem moti ... Ver mais

**Opção para impulsionar indisponível...**

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

Tathy Ramos e outras 498 pessoas Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

22 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Andrea Perez** Vida longa, dona Dirce!  
Curtir · Responder · 38 · 26 de março de 2015 às 00:53

**Baal Demary** Dirce tudo!  
Curtir · Responder · 18 · 26 de março de 2015 às 01:12

Ver mais 24 comentários

# OS MALES DA HETEROFOBIA

A ONU (Organização das Nações Unidas) divulgou dados preocupantes: é estimada a assustadora quantia de 0 (ZERO) pessoas heterossexuais que são expulsas do lar, a cada ano, em decorrência da sua própria orientação sexual, em todo o planeta!



Números configurados pelo IBDFAM afirmam: aproximadamente nenhum casal hétero, que representa a mesma quantidade de pessoas que foram assistir a Lotus Tour, foi impedido de se beijar em público por desacatar os valores da família homossexual brasileira.  
Fonte: Instituto Brasileiro de Direito de Família

O Estatuto da Criança e do Adolescente, preocupado com os casos de genitores agressivos que não aceitavam o comportamento heterossexual do filho, instaurou o dia de "pôr a cara no sol", porque, segundo o ECA, bicha bonita não se esconde e mostra o rosto.

De cada 10 heterossexuais, 0 (ZERO) já disseram sofrer heterofobia.



Isso equivale a cinco Titanics vazios!  
Está na hora de falarmos com seriedade sobre esse crime VIOLENTO e MISTERIOSO!

**Travesti Reflexiva**  
Página curtida · 26 de março de 2015

E você? O que tem feito pra mudar essa triste realidade?

4,8 mil · 158 comentários

2.792 compartilhamentos

**Fabiola Fialho** Sexta, no Globo Repórter!  
Curtir · Responder · 268 · 26 de março de 2015 às 17:42

**Deborah Yohana Bertoldo** e as pessoas ainda são contra o orgulho hetero depois de todas essas atrocidades! lamentável  
Curtir · Responder · 186 · 26 de março de 2015 às 17:40

**João Igor Mazoni** Meus sentimentos a todos os amigos heteros que enfrentam diariamente uma sociedade tão opressora e heterofóbica  
Curtir · Responder · 69 · 26 de março de 2015 às 21:32

**Bruno Beckmann** Triste isso. Ontem mesmo minha amiga hetero foi expulsa de casa quando resolveu se assumir pra mãe dela. //até quando  
Curtir · Responder · 41 · 26 de março de 2015 às 19:11

**Barbara Gava E** aqui a Lotus Tour???  
Curtir · Responder · 10 · 26 de março de 2015 às 18:12

**Leonardo Zanin** Tenho a sorte de ter pais amorosos que me compreenderam por ser hetero, mas essa sociedade mesmo assim continua nos julgando! Difícil ser hetero viu  
Curtir · Responder · 11 · 9 de setembro de 2015 às 08:07

**Marcus Brinigel** Isso a Globo não mostra.  
Curtir · Responder · 8 · 26 de março de 2015 às 19:34

**Dayanna Lima** Eu tenho uma namorada de fachada pra não perder a guarda do meu filho... E inside nossa situação!  
Curtir · Responder · 4 de setembro de 2015 às 21:16 às

Escreva um comentário...

**Travesti Reflexiva**  
27 de março de 2015

"A mídia não está preocupada em informar as pessoas, mas sim em manipular a informação para criar um mal-estar geral e um conceito totalmente equivocado na sociedade em relação aos soropositivos, sobretudo gays."



Conheça 30 fatos sobre HIV e Aids que o Fantástico não mostrou  
O ativista Diego Callisto, um dos entrevistados pelo programa, coloca em tópicos tudo que as reportagens não exibiram sobre o clube do carimbo.  
LADOB.COM | POR MARCIO CAPARICA

Opção para Impulsionar Indisponível...

130 compartilhamentos

**Travesti Reflexiva** compartilhou a foto de Desenrolando  
28 de março de 2015

## RACISMO CONTRA BRANCOS

O Ministério da Justiça publicou uma nota preocupante: aproximadamente 0 (ZERO) pessoas brancas são perseguidas, apenas por serem brancas, pelos seguranças de algum shopping quando estão dentro dele. O que equivale a três Maracanãs vazios!  
Fonte: www.representacao.org.br

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde): pessoas brancas estão aderindo ao bronzeamento artificial por conta de toda violência psicológica que sofrem por ter a pele clara em um país que venera o fenótipo escuro.

O que contradiz dados do jornal O GLOBO, onde ele afirma que, apesar da pessoa branca estar tendo crises existenciais em decorrência da branquifobia atual, estima-se que 100% dos comerciais de TV sejam protagonizados somente por elas mesmas.

Essa violência também vem sendo comentada pelo INEP, de acordo com ele: pessoas brancas afirmam estar perdendo suas vagas nas universidades federais, ainda que 90% dos matriculados sejam brancos.

Estudos realizados por pessoas brancas estudantes da USP, declaram que, mesmo os cotistas sendo os donos das melhores notas entre os discentes, o rendimento da universidade caiu por conta dessa política pública.

**PRECISAMOS ACABAR MUDAR ESSA SITUAÇÃO, DIGA NÃO AO RACISMO SOFRIDO POR BRANCOS!**



**Travesti Reflexiva**  
Página curtida · 28 de março de 2015

Antes, o cachorro de vocês também tem bom gosto?

48 comentários

**Rafael Martins da Ruela** meu amigo da Bona do Pê e detestava os cachorros de pelagem de cor escura.  
Curtir · Responder · 140 · 28 de março de 2015 às 20:27

**Carolina Borges Durrant** hi hi  
Curtir · Responder · 61 · 28 de março de 2015 às 20:28

**Wagner Silva** não foi corrigido ainda e o cachorro também não muda de cor?  
Curtir · Responder · 7 · 28 de março de 2015 às 20:30

**João Carlos** Obrigado por isso.  
Curtir · Responder · 7 · 28 de março de 2015 às 20:37

**Wagner Mendes** Amos R. P. P. correu a ver o cachorro. Quem sabe não muda?  
Curtir · Responder · 7 · 28 de março de 2015 às 20:40

**André**  
Curtir · Responder · 2 · 28 de março de 2015 às 20:40

**André** Obrigado. Sempre digo: cachorro não muda.  
Curtir · Responder · 4 · 28 de março de 2015 às 20:40

**André** Obrigado. Sempre digo: cachorro não muda.  
Curtir · Responder · 3 · 28 de março de 2015 às 20:40

Escreva um comentário...

**Travesti Reflexiva**  
28 de março de 2015 · 🌐

LOLLAPALOOZA  
LOLLAPALOOZ  
LOLLAPALOO  
LOLLAPALO  
LOLLAPAL  
LOLLAP  
LOLLA  
LOLL  
LOL  
LO  
L  
LU  
LUC  
LUCI  
LUCIA  
LUCIAN  
LUCIANA  
LUCIANA P  
LUCIANA PR  
LUCIANA PRE  
LUCIANA PRES  
LUCIANA PRESI  
LUCIANA PRESID  
LUCIANA PRESIDE  
LUCIANA PRESIDEN  
LUCIANA PRESIDENT  
LUCIANA PRESIDENTA  
LUCIANA PRESIDENTA 2018

[Opção para Impulsionar Indisponi....](#)

👍 Curtir   🗨 Comentar   ➦ Compartilhar

3 mil   Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

99 compartilhamentos   47 comentários

**Gu**  
@5gu

acorda menina! temos que destruir a família brasileira hoje.

São Paulo, Brasil

RETWEETS 126   CLIPPING 79

04:17 - 26 de mar de 2015

**Travesti Reflexiva**  
Página curtida · 29 de março de 2015 · 🌐

Levanta dessa cama porque o patriarcado não dorme!

👍 Curtir   🗨 Comentar   ➦ Compartilhar

7,4 mil   Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

633 compartilhamentos   75 comentários

**Rafaela Esteban** Prontíssima pra chegar no alhoço da família tradicional brasileira assim:



Escreva um comentário...

**JOHNNY MARTINS**  
@theononbaram

"nossa mas vc acredita em signo" e você que acredita em meritocracia

RETWEETS 111   CLIPPING 64

09:49 - 28 de mar de 2015

**Travesti Reflexiva**  
Página curtida · 30 de março de 2015 · 🌐

Parece que o jogo virou, não é mesmo?

👍 Curtir   🗨 Comentar   ➦ Compartilhar

2,8 mil   Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

382 compartilhamentos   43 comentários

**Gabriel Rubens Abreu** O que seu signo diz hoje? "Você vai participar do funeral da família tradicional brasileira e encontrar seu grande polamar"

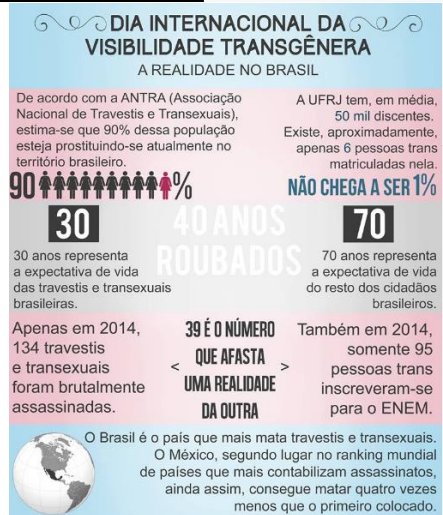
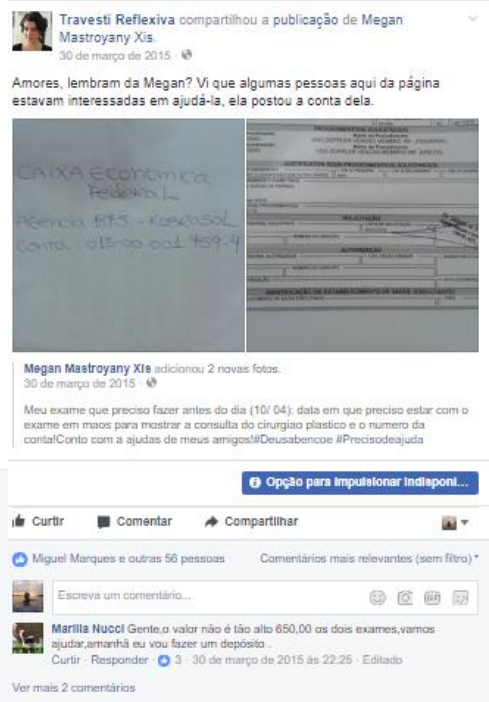
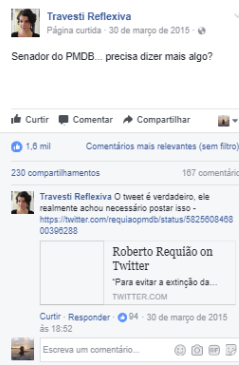
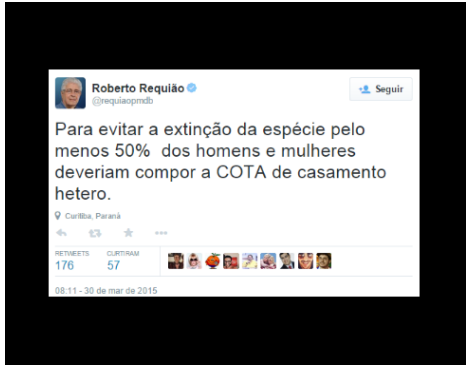
Curtir · Responder · 417 · 30 de março de 2015 às 19:22

**Travesti Reflexiva** HAHAAHAH ALGUÉM CRIA UM TWEET ASSIM!

Curtir · Responder · 131 · 30 de março de 2015 às 19:25

[Ver mais respostas](#)

Escreva um comentário...





**Travesti Reflexiva**  
Página criada: 2 de março de 2015 · Editado

Muito tempo após o Facebook Brasileiro ter possibilitado a inclusão de diversos gêneros em seu cadastro, o Facebook Brasil acompanhou esse avanço e passou a permitir a redefinição do "sexo" no perfil do usuário, conceito muito atrelado ao gênero socialmente. Maiores opções para além da habitual dicotomia "homem" e "mulher" estão disponibilizadas. Não somente com uma lista preexistente, para contemplar as diversas subjetividades que são invisibilizadas, mas também admitindo que o usuário possui a autonomia no momento da definição da sua própria identidade, sendo aceita da maneira que esse sujeito optar, juntamente aos pronomes de tratamento que deverão ser utilizados e respeitados.

**Travesti Reflexiva**  
Sexo: **Travesti** (Personalizado) | Público

Qual pronome você prefere?  
Feminino: **"Cessa faz aniversário e sair"** (Seu pronome preferido é: Público. Saiba mais.)

[Salvar alterações](#) [Cancelar](#)

**Travesti Reflexiva**  
2 de março de 2015 ·

Preconceito não é doença, eu sei que dói ler isso. Mas por mais que a gente busque diagnosticar as nossas relações e naturalizar aquilo que sofremos, a discriminação não deixa de ser um dado social que, não sendo inato ou crônico, é construído de acordo com as interações humanas. Através da aprendizagem da linguagem são repassados, de forma contextualizada, valores sociais que irão afetar o desenvolvimento daquele ser. Não há como nascer odiando uma minoria sendo que tal mino... [Ver mais](#)

**Opção para Impulsionar Indisponi...**

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

310 **Comentários mais relevantes (sem filtro)**

24 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Henrique Maynart** Trocando em miúdos: Mire este ímpeto patologizador pra casa da desgraça e se desconstrua mais um pouquinho, que o buraco é mais embaixo. Brocou viu moça, brocou.  
Curtir · Responder · 7 · 2 de março de 2015 às 14:38 · Editado

**Erick Damaecena** Sofilosofando com Sofia! ❤️  
Curtir · Responder · 2 · 2 de março de 2015 às 14:28

[Ver mais 7 comentários](#)

**Travesti Reflexiva**  
3 de março de 2015 ·

Todos os indivíduos possuem identidade de gênero e orientação sexual, até mesmo os cisgêneros e heterossexuais que, sendo os únicos inteligíveis pela sociedade, são considerados a norma. Isso quer dizer que todo mundo pode usufruir, tranquilamente, das novas ferramentas do facebook que pluralizam essas questões.

Entendo que existam pessoas preocupadas com uma possível banalização desse instrumento e, apesar de lisonjeada com essa apreensão, considero essa aflição desnecessária... [Ver mais](#)

**Opção para Impulsionar Indisponi...**

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

461 **Comentários mais relevantes (sem filtro)**

17 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Marcos Ritz** Acho que devemos desvirtuar tudo, inclusive religião.  
Curtir · Responder · 7 · 3 de março de 2015 às 15:38

**Adriano Bizarril** Sophia...seu português me deixa extasiado de alegria...Depois de ver tantos erros ortográficos de outras pages...o seu é um colírio 😊  
Curtir · Responder · 21 · 3 de março de 2015 às 12:31 · Editado

3 Respostas

[Ver mais 9 comentários](#)

**Travesti Reflexiva**  
3 de março de 2015 ·

Por quem legislam quando falam em seres humanos? Certamente não pelas travestis e transexuais brasileiras, elas ainda não conseguiram ultrapassar a categoria verme. O dever atual da política, em sua esfera macro, demonstra-se higienista ao tentar limpar a sociedade desse tipo de praga.

Muito recentemente foi aprovado o PL8305/201, que configura o feminicídio e reconhece a materialidade dessa violência específica. Porém, o texto original que continha "gênero feminino" foi alt...

[Continuar lendo](#)

**Opção para Impulsionar Indisponi...**

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

569 **Comentários mais relevantes (sem filtro)**

103 compartilhamentos

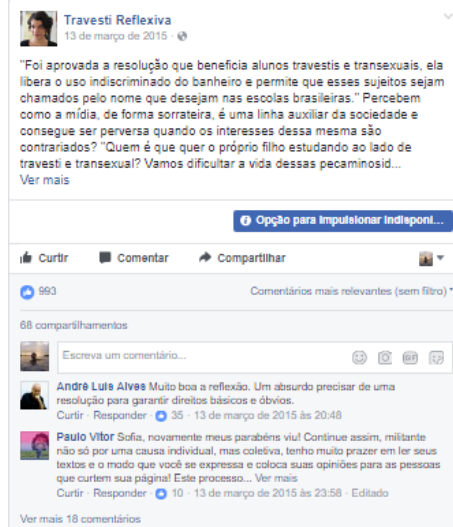
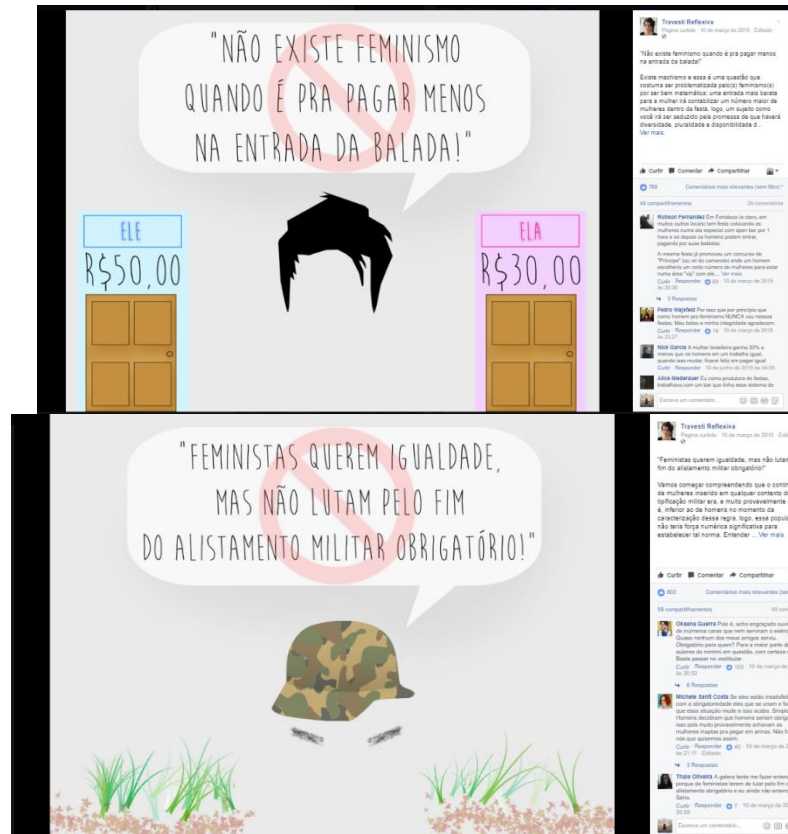
Escreva um comentário...

**Luca Do Carmo** Realmente tá difícil respirar o mesmo ar que gente que apoia essa galera da bancada fundamentalista.  
Curtir · Responder · 57 · 3 de março de 2015 às 23:59

**Vinicius Abdala** me deu vontade de chorar quando li isso. tá difícil viver.  
Curtir · Responder · 22 · 4 de março de 2015 às 00:04

[Ver mais 22 comentários](#)





**Travesti Reflexiva**  
19 de março de 2015 · 🌐

Amores, venham cá, ando cansada de expor a minha opinião e agora eu quero ler a de vocês. Sobre a utilização do termo "homoafetivo", qual é o ponto de vista de vocês? Deve ser propagado, não deve por ser higienista ou depende do contexto? Justifiquem.

**Opção para Impulsionar indisponível...**

👍 Curtir   🗨️ Comentar   ➦ Compartilhar

Fernando Caldas e outras 364 pessoas · Comentários mais relevantes (sem filtro)

Escreva um comentário...

**Vinicius Lavorato** Não acho que seja prejudicial, mas acho que é mais importante desconstruir as significações negativas associadas aos termos que nós já temos na língua do que inventar um termo novo a cada 5 anos porque "o termo antigo adquiriu uma significação negativa".  
A língua é, ao mesmo tempo, causa e produto das construções sociais.  
Curtir · Responder · 207 · 19 de março de 2015 às 17:05

Ver respostas anteriores

**Vinicius Lavorato** Pessoalmente, prefiro usar gay, bicha e viado mesmo...  
Mas pra mim, tem muito mais a ver com a carga que você atribui a palavra do que com a palavra em si...  
E, pelo menos pra mim, o grande objetivo nessa área não deveria ser fazer com que todos usem essa ou aquela palavra "politicamente correta", mas sim desconstruir os significados negativos de todas as palavras usadas.  
Curtir · Responder · 30 · 19 de março de 2015 às 17:50

Ver mais respostas

**Ana Chiozi** Tão desnecessário quanto "beijo gay"  
Curtir · Responder · 192 · 19 de março de 2015 às 16:54

Ver respostas anteriores

**André Moreira** Enquanto não vivermos em uma sociedade que seja de equidade é necessário essa terminologia para dar ENFOQUE. Para se destacar, ou seja, é necessário chamar a atenção para a sociedade de que existem pessoas do mesmo sexo que se beijam (por mais banal que essa gentinha possa pensar que é). Pelo menos eu penso assim.  
Curtir · Responder · 25 · 19 de março de 2015 às 17:16

Ver mais respostas

**Travesti Reflexiva**  
28 de março de 2015 · 🌐

Percebam, sempre que alguma pessoa, que ocupa uma posição precária dentro de certo contexto social, seja ela negra, travesti, trans, gay, lésbica, etc., publica algo sobre a forma que a sua cidadania vem sendo sabotada pelo estado e pelos seus integrantes, ela é acusada de ser vitimista por algum outro sujeito.

É repetição, esse outro, aquele que estabelece uma relação de alteridade e beneficia-se dessa sabotagem de direitos, coincidentemente gosta de fórmulas prontas. Para ...

[Continuar lendo](#)

**Opção para Impulsionar indisponível...**

👍 Curtir   🗨️ Comentar   ➦ Compartilhar

570 · Comentários mais relevantes (sem filtro)

64 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Leonardo** Reclama de vitimismo e dois segundos depois tá "nooossa, daqui a pouco vai ser crime ser homem, branco, hétero e de classe média".  
Jesus tá vendo.  
Curtir · Responder · 83 · 28 de março de 2015 às 02:52

Ver mais 21 comentários

**Travesti Reflexiva** compartilhou o vídeo de Megan Mastroyany Xis.  
25 de março de 2015 · 🌐

Há quem não saiba, mas uma questão grave e importante, relacionada a saúde pública que envolve as travestis e transexuais brasileiras, é a aplicação clandestina de silicone industrial.

Um mediador perigoso, a substância passeia pelo corpo, deformando-o e configurando-o em uma bomba relógio, onde um coágulo despertado pelo produto pode causar a morte dessa pessoa. Devido ao alastramento do silicone dentro da estrutura humana, fica anulada qualquer tentativa de retirada total do produto, uma vez que ele já foi injetado, é irreversível. Barato, travestis e transexuais costumam ser expulsas de casa logo na adolescência, caracterizando-a em situação de rua e/ou prostituição, impossibilitando que ela consiga custear os preços de um procedimento cirúrgico profissionalmente assistido e legal. Empregabilidade formal é uma utopia para quem tem que prostituir-se aos 17 anos, a sociedade ensina a instituição familiar a recusar a sua existência te expulsando do lar, e ainda te discrimina pelo sofrimento que te fazem passar. De fácil acesso, por ser um produto utilizado até mesmo em automóveis. E doloroso, o procedimento não é dirigido por um médico, ocorre com a paciente acordada, deitada e amarrada com cordas para que o líquido não caminhe pelo seu corpo. Quando há a presença de alguma anestesia, ela é local e de uso veterinário. 10 ou 15 dias na horizontal, para que a substância não desça para os pés, e esse mesmo período de tempo com a circulação sanguínea apertada pelo uso das cordas que impedem a passagem do silicone. Esmaltes, recortes de revistas e colas serão utilizados para vedar os buracos por onde o produto foi injetado.

A gente começa a perceber como as cobranças estéticas que rodeiam o gênero feminino são imperativas e acabam internalizando nas travestis e transexuais que elas devem alcançar determinada aparência, custe o que custar e doa o que doer. O peso da busca pela beleza dentro da marginalidade é diferente, essa jornada é tomada pelas cicatrizes e deformidades.

Mas quem é que tem empatia pelas travestis e transexuais que sofrem sequelas e até mesmo morrem em decorrência dessa operação? Quando usa-se o corpo para trabalhar, podemos mesmo dizer que essa é uma decisão unilateral em todo e qualquer caso? Não há uma influência persuasiva do meio social? E quando o corpo é utilizado para sobreviver? Sua imagem como único meio para alimentar-se?

Espero que a Megan consiga reduzir os danos e que esse compartilhamento sirva de algo.

**Travesti Reflexiva**  
29 de março de 2015 · 🌐

Primeiro assistam esse curto vídeo - <https://www.facebook.com/video.php?v=708352222809238&set=vb.558737187570748&type=2&theater> e agora vamos abandonar a inocência por um instante, vocês já estão bem inseridos quando o assunto é transfobia: qual é a razão de compartilhar o vídeo de uma travesti ou transexual, marcar um amigo seu nesse compartilhamento, onde ela fala o nome desse rapaz, subentendendo ter algum relacionamento com ele?

(Não tenho o poder de determinar qual é a identidade de gênero da protagonista do vídeo, estou baseando-me em relatos passados, pois ela já apresentou-se dessa forma anteriormente.)

Eu não vou entrar aqui no quesito da própria pessoa colocar-se nesse lugar indesejado, tomando-se alvo de chacota a partir dessa localização, eu quero problematizar uma questão mais profunda e enraizada: é tão engraçado assim que um homem tenha algum envolvimento com uma travesti ou transexual? O riso de vocês surge com tanta facilidade? Basta dizer "fulano, olhe aqui, esse bicho dizendo no vídeo que sente sua falta"? Sendo que inúmeros outros sujeitos carregam o exato mesmo nome em seus documentos e aquela citação, em questão, não foi direcionada a ele? E vamos supor que fosse, mesmo que uma travesti divulgasse estar com um rapaz, qual seria o motivo da chacota?

Ah, é claro, qualquer relação com esse tipo de bicho pode comprometer a reputação do pobre rapaz, não é mesmo? Acenou pra uma delas? Sequer olhou? "Viado!" por mais que, misteriosamente, sejam os homens heterossexuais que atraíam-se por travestis e transexuais. Desconheço dados significativos de homens homossexuais que sintam atração por esse contingente populacional, as travestis e transexuais são mulheres e, calam da cadeira se vocês ainda desconheciam isso, mulheres não costumam ser, grande parte das vezes, o alvo de desejo constante dos homens homossexuais.


**Opção para Impulsionar indisponível...**

👍 Curtir   🗨️ Comentar   ➦ Compartilhar

476 · Comentários mais relevantes (sem filtro)

16 compartilhamentos · 21 comentários





**Travesti Reflexiva**  
29 de março de 2015 · 🌐

A socialização não é o fator majoritário que define quem somos, ela nos influencia, isso é lógico, mas nunca de maneira exata e calculada. Os resultados desses estímulos, que são imprevisíveis por sermos seres subjetivos, não abarcam integralmente a construção da(s) nossa(s) identidade(s). Acreditar que somos exclusivamente um produto do meio, significa não levar em consideração a nossa resistência.

Fosse dessa forma, sequer existiria feminismo, não é mesmo? Todas, exatamente todas, as mulheres seriam passivas, subordinadas, maternas e donas de casa, pois assim foram educadas por uma sociedade machista. Não haveria transgêneridade (travestis, transexuais e transgêneros), já que aprendemos logo cedo que o corpo que nasce com uma vagina é o da mulher, e o corpo que nasce com pênis é o do homem, a justificativa anatômica é transferida até a esfera social e isso torna-se um dado incontestável sem qualquer possibilidade de subversão. Também não seria possível, dentro dessa lógica, a existência de orientações sexuais não heterossexuais (gays, lésbicas, bissexuais, etc.), porque somos condicionados, dentro de uma sociedade religiosa e também coberta de determinismos biológicos, que a vida, o afeto, a procriação, a naturalidade e a transcendência divina somente ocorre na heterossexualidade.

Butler fala que os corpos escapam, nós escapamos. Espero que pra não repetirmos que somos, de forma reducionista, somente aquilo que nos ensinaram a ser.

🔒 Opção para impulsionar indisponível...

👍 Curtir

💬 Comentar

🔗 Compartilhar

Amanda Palha e outras 330 pessoas


Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

31 compartilhamentos


14 comentários

Escreva um comentário...


😊 📷 📺 🗨️



**Camilla Michele Wackerhage** Só essa página para salvar meu feed dessas rads loucas que acham que ser mulher é ter uma vagina.  
Curtir · Responder · 26 · 29 de março de 2015 às 13:43



**Gullherme Rangel** Resistir é avançar. E avançar é revolucionar. Por isso, resistir é preciso!  
Curtir · Responder · 13 · 29 de março de 2015 às 12:21



**Travesti Reflexiva**  
Página curtida · 30 de março de 2015 · 🌐

A quem pertence o espaço público? Quem não é considerado humano, passa a não ser e deixa de ter necessidades fisiológicas?

Travesti e transexuais ainda sofrem, atualmente no Brasil, uma marginalização compulsória, a esses indivíduos é negada a possibilidade de frequentar todo e qualquer terreno social. Essa noção perpassa a esfera micro e a esfera macro, seja na escola ou no trabalho, essas pes... Ver mais

👍 Curtir

💬 Comentar

🔗 Compartilhar

3,2 mil


Comentários mais relevantes (sem filtro) \*

439 compartilhamentos


63 comentários

Escreva um comentário...


😊 📷 📺 🗨️




**Carlos Rizzo** Mije entre as portas e para de frescura  
Curtir · Responder · 34 · 30 de março de 2015 às 18:49




**Travesti Reflexiva** Você mijar na sua cara.  
Curtir · Responder · 451 · 30 de março de 2015 às 19:59



**Isabela Horta** Mulher age como se andasse no banheiro peitada e ninguém pudesse entrar... Não tem nada demais, e eu não me incomodo nem um pouco  
Curtir · Responder · 249 · 30 de março de 2015 às 08:19



**Day Purgatina** Não consigo entender pq mulher tem tanta frescura com isso, afinal vamos usa o box com a porta fechada e mesmo que não, EU não vejo problema, afinal são mulheres.  
Curtir · Responder · 168 · 30 de março de 2015 às 08:18



**Luciana Castanho** Eu tb não me incomodo nem um pouco e comprrei uma bela briga se visse alguém tentando tirar outra pessoa do banheiro por isso.  
Curtir · Responder · 95 · 30 de março de 2015

**Travesti Reflexiva**  
3 de março de 2016 · 🌐

Deixo a provocação.

121.847 pessoas alcançadas

👍 Curtir 4,3 mil    💬 Comentários 127    ➦ Compartilhamentos 778

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

**0** Pessoas alcançadas

---

**5.325** Reações, comentários e compartilhamentos

8.880 Curtir	3.946 Na publicação	4.934 Em compartilhamentos
423 Amei	309 Na publicação	114 Em compartilhamentos
22 Haha	8 Na publicação	14 Em compartilhamentos
65 Uau	46 Na publicação	19 Em compartilhamentos
13 Triste	6 Na publicação	7 Em compartilhamentos
29 Grr	13 Na publicação	16 Em compartilhamentos
601 Comentários	601 Em uma publicação	0 Em compartilhamentos
778 Compartilhamentos	778 De uma publicação	0 Em compartilhamentos

**0** Cliques em publicações

0 Visualizações da foto	0 Cliques no link	0 Outros cliques 📊
-------------------------	-------------------	--------------------

**FEEDBACK NEGATIVO**

0 Ocultar publicação	0 Ocultar todas as publicações
0 Denunciar como spam	0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

**Detalhes do vídeo compartilhado** ✕

Vídeo
**Publicação**
Ver as métricas de todos os vídeos

**Travesti Reflexiva** compartilhou o vídeo de L'Oréal Paris.  
8 de março de 2016 · 🌐

Toda Mulher Vale Muito  
00:58

4.029.682 visualizações

L'Oréal Paris  
8 de março de 2016 · 🌐

Acreditamos que toda mulher vale muito. Conheça Valentina e veja porque esse Dia da Mulher está sendo ainda mais especial pra ela. #TodaMulherValeMuito #ValeAMuito #lorealparis

60.098 pessoas alcançadas

👍 Curtir 3,5 mil    💬 Comentários 60

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

**Desempenho da sua publicação**

---

**0** Pessoas alcançadas

---

**11.642** Visualizações do vídeo

---

**3.091** Reações e comentários

---

**3.197** Curtir

---

**534** Amei

---

**22** Haha

---

**95** Comentários

---

**0** Cliques em publicações

0 Cliques no link	0 Outros cliques 📊
-------------------	--------------------

**FEEDBACK NEGATIVO**

0 Ocultar publicação	0 Ocultar todas as publicações
0 Denunciar como spam	0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

**Travesti Reflexiva**

9 de março de 2016 · 🌐

"No início eu sempre perguntava se o professor queria me tratar por Maria. Pedia para que meu nome fosse alterado na chamada e muitos deles aceitaram. Já ocorreu umas situações desconfortáveis de professores que se negaram, porque tecnicamente Maria não é o meu nome. Para eles era um apelido, nome de guerra, como se fosse uma brincadeira, como se a minha existência fosse uma brincadeira", queixou-se.

Mulheres trans reivindicam direito à educação no AM: 'Merecemos isso'

Acesso à universidade e mercado de trabalho é luta diária de Diana e Maria. Travestis universitárias, elas tentam firmar carreira na área educacional.

G1.GLOBO.COM

53.353 pessoas alcançadas

🔗 Opção para Impulsionar indisponível...

👍❤️😄 1,4 mil      19 comentários    93 compartilhamentos    📷 ▼

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

### Desempenho da sua publicação

0 Pessoas alcançadas		
<b>1.531</b> Reações, comentários e compartilhamentos		
<b>1.780</b> Curtir	<b>1.414</b> Na publicação	<b>366</b> Em compartilhamentos
<b>62</b> Amei	<b>50</b> Na publicação	<b>12</b> Em compartilhamentos
<b>2</b> Uau	<b>1</b> Na publicação	<b>1</b> Em compartilhamentos
<b>21</b> Triste	<b>20</b> Na publicação	<b>1</b> Em compartilhamentos
<b>4</b> Grr	<b>2</b> Na publicação	<b>2</b> Em compartilhamentos
<b>24</b> Comentários	<b>24</b> Em uma publicação	<b>0</b> Em compartilhamentos
<b>93</b> Compartilhamentos	<b>93</b> De uma publicação	<b>0</b> Em compartilhamentos

0 Cliques em publicações		
<b>0</b> Visualizações da foto	<b>0</b> Cliques no link	<b>0</b> Outros cliques ⓘ

**FEEDBACK NEGATIVO**

- 0 Ocultar publicação
- 0 Denunciar como spam
- 0 Ocultar todas as publicações
- 0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

**Travesti Reflexiva**  
 15 de março de 2016 · 🌐

"Ao conferir os dados da LGBTfobia no Brasil e no Mundo, não é possível encontrar nenhum número referente às mortes de homens trans por transfobia. Zero, nada, nulo. Isso, contudo, não significa que o grupo esteja livre de violência e ataques transfóbicos. Ao contrário, significa que podem estar passando por um processo histórico de apagamento."

**Homens trans são assassinados, mas casos não são contabilizados; saiba motivo - NLUCON**

No Paraná, por exemplo, o homem trans F. Hilário, de 20 anos, foi encontrado morto e com ferimentos na cabeça em uma estrada depois de ser dado como...

NLUCON.COM

27.163 pessoas alcançadas
 

Opção para Impulsionar indisponível...

9 comentários 67 compartilhamentos
 

Curtir
 Comentar
 Compartilhar

### Desempenho da sua publicação

0 Pessoas alcançadas

596 Reações, comentários e compartilhamentos		
623 Curtir	517 Na publicação	106 Em compartilhamentos
1 Uau	0 Na publicação	1 Em compartilhamentos
125 Triste	113 Na publicação	12 Em compartilhamentos
38 Grr	35 Na publicação	3 Em compartilhamentos
12 Comentários	12 Em uma publicação	0 Em compartilhamentos
67 Compartilhamentos	67 De uma publicação	0 Em compartilhamentos

0 Cliques em publicações

0 Visualizações da foto	0 Cliques no link	0 Outros cliques
-------------------------	-------------------	------------------

#### FEEDBACK NEGATIVO

0 Ocultar publicação

0 Ocultar todas as publicações

0 Denunciar como spam

0 Descurtir Página

Ao estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

Detalhes da publicação



Travesti Reflexiva compartilhou a publicação de Bia Pagliarini Bagagli.
16 de março de 2016 ·

"Não é impor, é permitir o novo."



Bia Pagliarini Bagagli
15 de março de 2016 ·

A gente é tão aculturado pelas práticas de confissão cristãs que acabamos incorrendo uma interiorização da culpa até na militância. Isso se vê muito nos debates...

Ver mais

8.721 pessoas alcançadas

Opção para Impulsionar indisponível

Amara Moira e outras 70 pessoas
3 comentários

Curtir
Comentar
Compartilhar

Desempenho da sua publicação

0 Pessoas alcançadas

67 Reações, comentários e compartilhamentos

68 Curtir	63 Na publicação	5 Em compartilhamentos
8 Amei	8 Na publicação	0 Em compartilhamentos
4 Comentários	4 Em uma publicação	0 Em compartilhamentos
0 Compartilhamentos	0 De uma publicação	0 Em compartilhamentos

0 Cliques em publicações

0 Visualizações da foto	0 Cliques no link	0 Outros cliques
-------------------------	-------------------	------------------

FEEDBACK NEGATIVO

0 Ocultar publicação	0 Ocultar todas as publicações
0 Denunciar como spam	0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

Detalhes da publicação

Detalhes da publicação



Travesti Reflexiva
17 de março de 2016 ·

Indo protestar.



400.423 pessoas alcançadas

Opção para Impulsionar indisponível

8,6 mil
526 comentários
2,3 mil compartilhamentos

Curtir
Comentar
Compartilhar

Desempenho da sua publicação

0 Pessoas alcançadas

11.342 Reações, comentários e compartilhamentos

29.958 Curtir	8.012 Na publicação	21.946 Em compartilhamentos
1.458 Amei	493 Na publicação	965 Em compartilhamentos
1 Gratidão	0 Na publicação	1 Em compartilhamentos
1.001 Haha	307 Na publicação	694 Em compartilhamentos
140 Uau	10 Na publicação	130 Em compartilhamentos
4 Triste	1 Na publicação	3 Em compartilhamentos
6 Grr	0 Na publicação	6 Em compartilhamentos
952 Comentários	952 Em uma publicação	0 Em compartilhamentos
2.378 Compartilhamentos	2.378 De uma publicação	0 Em compartilhamentos

0 Cliques em publicações

0 Visualizações da foto	0 Cliques no link	0 Outros cliques
-------------------------	-------------------	------------------

FEEDBACK NEGATIVO

0 Ocultar publicação	0 Ocultar todas as publicações
0 Denunciar como spam	0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao

Detalhes da publicação

**Travesti Reflexiva**
17 de março de 2016

"Diversas mulheres são violentadas diariamente no Brasil, os números são alarmantes. Parceiros, familiares, homens que quebram suas confianças e dão violência no lugar de segurança. Essa é uma falta que não pode ser mais cometida. Uma luta que deve romper os limites de gênero."

Saiba mais acessando: [www.naoquebreconfianca.com.br](http://www.naoquebreconfianca.com.br)

**Jéssica - #NãoQuebreAConfiança**

Saiba mais sobre a campanha no site.  
[www.naoquebreconfianca.com.br](http://www.naoquebreconfianca.com.br)

YOUTUBE.COM

11.052 pessoas alcançadas

Opção para Impulsionar indisponível

147
6 comentários
19 compartilhamentos

Curtir
Comentar
Compartilhar

**Desempenho da sua publicação**

0 Pessoas alcançadas

**162** Reações, comentários e compartilhamentos

<b>171</b> Curtir	<b>137</b> Na publicação	<b>34</b> Em compartilhamentos
<b>5</b> Amei	<b>2</b> Na publicação	<b>3</b> Em compartilhamentos
<b>8</b> Triste	<b>8</b> Na publicação	<b>0</b> Em compartilhamentos
<b>6</b> Comentários	<b>6</b> Em uma publicação	<b>0</b> Em compartilhamentos
<b>19</b> Compartilhamentos	<b>19</b> De uma publicação	<b>0</b> Em compartilhamentos

0 Cliques em publicações

0 Visualizações da foto	0 Cliques no link	0 Outros cliques
-------------------------	-------------------	------------------

**FEEDBACK NEGATIVO**

0 Ocultar publicação	0 Ocultar todas as publicações
0 Denunciar como spam	0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

Detalhes da publicação

**Travesti Reflexiva**
17 de março de 2016

Fica a sugestão.

**Raphael Salimena**
@salimadotem

Os únicos partidos não citados na lava-jato foram PSOL, PCB, PSTU e PCO? Pessoal "anti-corrupção" vai votar em massa nesses na próxima, né

RETWEETS

CURTIDAS

1.694
1.038

22:25 - 16 de mar de 2016

400.315 pessoas alcançadas

Opção para Impulsionar indisponível

3,2 mil
79 comentários
3,3 mil compartilhamentos

Curtir
Comentar
Compartilhar

**Desempenho da sua publicação**

0 Pessoas alcançadas

**6.587** Reações, comentários e compartilhamentos

0 Cliques em publicações

**FEEDBACK NEGATIVO**

Detalhes da publicação

Travesti Reflexiva

18 de março de 2016

compartilhou a foto de

Confiança [Oficial]

Confiança [Oficial]

17 de março de 2016

Estava na sua frente, você viu?

Ontem, no jogo contra o Flamengo, o time entrou em campo tendo estampado nas camisas nomes de mulheres que sofreram algum tipo d...

Ver mais

18.681 pessoas alcançadas

Opção para Impulsionar indisponível

Kaippe Reis, Tathy Ramos e outras 448 pessoas

4 comentários

Curtir

Comentar

Compartilhar

Desempenho da sua publicação

0 Pessoas alcançadas

429 Reações, comentários e compartilhamentos

432 Curtir	424 Na publicação	8 Em compartilhamentos
18 Amei	18 Na publicação	0 Em compartilhamentos
8 Triste	8 Na publicação	0 Em compartilhamentos
5 Comentários	5 Em uma publicação	0 Em compartilhamentos
0 Compartilhamentos	0 De uma publicação	0 Em compartilhamentos

0 Cliques em publicações

0 Visualizações da foto

0 Cliques no link

0 Outros cliques (i)

FEEDBACK NEGATIVO

0 Ocultar publicação

0 Ocultar todas as publicações

0 Denunciar como spam

0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

Detalhes da publicação

Travesti Reflexiva

18 de março de 2016

Look do dia.

173.290 pessoas alcançadas

Opção para Impulsionar indisponível

5,5 mil

155 comentários 692 compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar

Desempenho da sua publicação

0 Pessoas alcançadas

6.108 Reações, comentários e compartilhamentos

9.560 Curtir	5.126 Na publicação	4.434 Em compartilhamentos
506 Amei	306 Na publicação	200 Em compartilhamentos
204 Haha	114 Na publicação	90 Em compartilhamentos
9 Uau	1 Na publicação	8 Em compartilhamentos
2 Grr	1 Na publicação	1 Em compartilhamentos
290 Comentários	290 Em uma publicação	0 Em compartilhamentos
692 Compartilhamentos	692 De uma publicação	0 Em compartilhamentos

0 Cliques em publicações

0 Visualizações da foto

0 Cliques no link

0 Outros cliques (i)

FEEDBACK NEGATIVO

0 Ocultar publicação

0 Ocultar todas as publicações

0 Denunciar como spam

0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

Detalhes da publicação

Travesti Reflexiva

19 de março de 2016

Maria Clara Araújo falando um pouco sobre a pedagogia da travestilidade.

EDUCAÇÃO LGBT - Pergunte Às Bee

INSCREVA-SE! <http://goo.gl/bMhKSL> Curta nossa página para muito mais conteúdo!  
<http://goo.gl/VCdwwg> Dé joinha no vídeo para ajudar o Canal! -- Mola conversa ...

YOUTUBE.COM

24.556 pessoas alcançadas

Opção para Impulsionar indisponível

473

15 comentários 26 compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar

Desempenho da sua publicação

24.556 Pessoas alcançadas

589 Reações, comentários e compartilhamentos

498 Curtir	437 Na publicação	61 Em compartilhamentos
37 Amei	36 Na publicação	1 Em compartilhamentos
28 Comentários	21 Em uma publicação	7 Em compartilhamentos
26 Compartilhamentos	26 De uma publicação	0 Em compartilhamentos

1.699 Cliques em publicações

0 Visualizações da foto

591 Cliques no link

1.108 Outros cliques (i)

FEEDBACK NEGATIVO

3 Ocultar publicação

0 Ocultar todas as publicações

0 Denunciar como spam

1 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações



**Detalhes da publicação**

**Travesti Reflexiva**  
19 de março de 2016 · 🌐

Já conhecem o canal da Bruna? Ela é uma mulher trans e estudante de arquitetura. Vem conhecê-la! ❤️

**50 fatos sobre mim**  
Tinha feito essa #tag para que vocês me conheçam mais, e olha que de um trabalho juntei 50 fatos sobre você mesmo, melhor que analise hahah, espero que gostem ...  
YOUTUBE.COM

15.896 pessoas alcançadas **Opção para Impulsionar indisponível...**

👍👎 268 6 comentários 2 compartilhamentos

👍 Curtir 🗨️ Comentar ➦ Compartilhar

**Desempenho da sua publicação**

0 Pessoas alcançadas

**268** Reações, comentários e compartilhamentos

267 Curtir	255 Na publicação	12 Em compartilhamentos
14 Amei	13 Na publicação	1 Em compartilhamentos
11 Comentários	11 Em uma publicação	0 Em compartilhamentos
2 Compartilhamentos	2 De uma publicação	0 Em compartilhamentos

0 Cliques em publicações

0 Visualizações da foto	0 Cliques no link	0 Outros cliques
-------------------------	-------------------	------------------

**FEEDBACK NEGATIVO**

0 Ocultar publicação 0 Ocultar todas as publicações

0 Denunciar como spam 0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

**Detalhes do vídeo compartilhado**

Vídeo **Publicação** Ver as métricas de todos os vídeos

**Travesti Reflexiva** compartilhou o vídeo de Avon.  
Publicado por Sofia Favero · 22 de março de 2016 · 🌐

A Wallace Ruy narrando outras formas de ser mulher.

**AVON Apresenta: "O que você já deixou de fazer por ser mulher?..."**  
de Truques

229.343 visualizações

**Avon**  
21 de março de 2016 · 🌐 **Curtir Página**

A Wallace Ruy chegou com toda a sua leveza por aqui, contou um pouco da sua história e mostrou que vale uma reflexão: no final, sofremos todas opressões e limit...  
Ver mais

13.883 pessoas alcançadas **Opção para Impulsionar indisponível...**

👍👎 270 2 comentários

👍 Curtir 🗨️ Comentar ➦ Compartilhar

**Desempenho da sua publicação**

0 Pessoas alcançadas

**3.431** Visualizações do vídeo

**239** Reações e comentários

**253** Curtir

**11** Amei

**23** Triste

**2** Comentários

0 Cliques em publicações

0 Cliques no link	0 Outros cliques
-------------------	------------------

**FEEDBACK NEGATIVO**

0 Ocultar publicação 0 Ocultar todas as publicações

0 Denunciar como spam 0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

**Detalhes do vídeo compartilhado**

Vídeo **Publicação** Ver as métricas de todos os vídeos

**Travesti Reflexiva** compartilhou o vídeo de Governo de Pernambuco.  
24 de março de 2016 · 🌐

Que iniciativa maravilhosa! ❤️

**Governo de Pernambuco**  
22 de março de 2016 · 🌐 **Curtir Página**

Fernanda gosta de cabelos compridos desde que se entende por gente. Mas passou a infância toda sem poder adotá-los. Era vista como menino. Até que, aos 15 anos...  
Ver mais

47.252 pessoas alcançadas **Opção para Impulsionar indisponível...**

👍👎 2 mil 47 comentários 1 compartilhamento

👍 Curtir 🗨️ Comentar ➦ Compartilhar

**Desempenho da sua publicação**

0 Pessoas alcançadas

**15.160** Visualizações do vídeo

**1.737** Reações e comentários

**1.776** Curtir

**324** Amei

**1** Haha

**4** Uau

**1** Triste

**57** Comentários

0 Cliques em publicações

0 Cliques no link	0 Outros cliques
-------------------	------------------

**FEEDBACK NEGATIVO**

0 Ocultar publicação 0 Ocultar todas as publicações

0 Denunciar como spam 0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações







Detalhes da publicação



**Travesti Reflexiva**  
20 de março de 2018 · 🌐

Acabei de ler que a cantora Anitta cedeu às pressões estéticas quando preencheu os lábios, como se ela fosse apenas o resultado do que foi imposto e não tivesse participação alguma nessa disputa. Não quero ignorar o papel da sociedade no nosso desenvolvimento, de fato, é um papel significativo, mas também é importante levar em conta a resposta que damos a esse padrão. Embora exista uma série de normas sendo empurradas, esse processo nem sempre é exato. Talvez seja hora de rep

... [Ver mais](#)

27.277 pessoas alcançadas

Opção para Impulsionar indisponível

👍👎🗨️

904

💬

37 comentários

🔗

42 compartilhamentos

👍 Curtir

💬 Comentar

🔗 Compartilhar

Desempenho da sua publicação

0 Pessoas alcançadas

958 Reações, comentários e compartilhamentos

987 👍 Curtir	859 Na publicação	128 Em compartilhamentos
46 👎 Amei	40 Na publicação	6 Em compartilhamentos
1 😱 Uau	1 Na publicação	0 Em compartilhamentos
6 😞 Triste	4 Na publicação	2 Em compartilhamentos
1 😡 Grr	0 Na publicação	1 Em compartilhamentos
57 Comentários	57 Em uma publicação	0 Em compartilhamentos
42 Compartilhamentos	42 De uma publicação	0 Em compartilhamentos

0 Cliques em publicações

0 Visualizações da foto

0 Cliques no link

0 Outros cliques ⓘ

FEEDBACK NEGATIVO

0 Ocultar publicação

0 Ocultar todas as publicações

0 Denunciar como spam

0 Descurtir Página

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

## ANEXO B

Apresentamos abaixo os textos autorais da *Travesti Reflexiva* que compuseram nosso *corpus* de trabalho dispostos na íntegra, de acordo com sua ordem de publicação na página.

### JANEIRO DE 2015

#### 9 de janeiro texto 1

“A expectativa de vida de uma travesti e transexual brasileira gira em torno dos 30 anos. Estima-se que 90% das travestis e transexuais brasileiras estejam prostituindo-se atualmente no Brasil de acordo com a Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Nunca houve 90% de um grupo de pessoas prostituindo-se no Brasil além desse.

O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais do mundo, o México é o segundo colocado do ranking e ainda assim o Brasil contabiliza quatro vezes mais mortes do que ele. Apenas 95 travestis, transexuais e transgêneros inscreveram-se para realizar o enem utilizando o nome social em 2014. Contudo, houveram 84 assassinatos desse mesmo contingente populacional no mesmo ano, 11 é o número que separa uma realidade da outra.

Ainda não foi aprovada uma Lei de identidade de gênero no Brasil. Em uma recente parada gay (que se diz lgbt) de São Paulo, o movimento gay boicotou uma petição que havia sido feita para dar visibilidade a Lei João W. Nery no dia do evento. O número de travestis e transexuais que são assassinadas é contabilizado como mortes de homossexuais de acordo com o GGB (Grupo Gay da Bahia), inviabilizando políticas públicas e comoção social.

Apenas em São Paulo há uma fila de 3.200 pessoas que visam realizar a cirurgia de transgenitalização. Somente uma cirurgia é realizada ao mês, 12 cirurgias são realizadas ao ano (caso algum reparo precise ser feito, é somado mais um mês de atraso). Quem entrar na fila agora terá que esperar 266 anos para realizar esse procedimento cirúrgico pelo SUS no Brasil.

Some tudo isso ao abandono familiar, evasão escolar e marginalidade... Somos todos iguais e partimos do mesmo lugar, não é mesmo?”

## 9 de janeiro texto 2

“Eu acompanhei de perto o processo de contratação e demissão de uma amiga transexual, o motivo? A própria existência dela.

Tudo começou quando ela foi participar de uma seleção promovida por uma rede de cinemas, ela passou com uma boa pontuação pelas etapas... tudo fluiu tranquilamente até o momento que os seus documentos - não retificados - foram requisitados pelos contratantes, a partir daí ela passou a ser referenciada como "ele" e a atender pelo nome de registro civil. Muito limitada pela sua situação financeira, ela estava encurralada pela ocasião.

O cargo era pra ser recepcionista e ela receberia um salário mínimo pelo serviço prestado. Estou dando essa informação porque as pessoas costumam acreditar - equivocadamente - que as travestis e as transexuais escolhem qual função irão exercer, como se realmente não trabalhassem porque esperam um emprego na gerência, coordenação, supervisão, etc. A questão não era a remuneração, tratava-se da sua sobrevivência. Junto a essa noção de "escolha", há também a desumanização. As pessoas esquecem que travestis e transexuais precisam se alimentar, medicar, dormir, etc.

No primeiro dia de trabalho: tudo correu razoavelmente bem, ela escondeu o seu crachá e trocou-se no banheiro feminino. A humilhação de ser chamada por um nome que não a representava já era algo esperado. No segundo dia de trabalho: a gerente a comunicou que ela não poderia mais utilizar o banheiro feminino, pois algumas mulheres ficaram ofendidas com a sua presença. Ela tentou retrucar, a gerente foi irredutível:

"Você vai usar o banheiro dos homens!"

No terceiro dia de trabalho: ela passou a esperar todos os homens saírem do banheiro para poder trocar-se, a expectativa de ser humilhada - mesmo com as cabines - a impedia de entrar naquele espaço. No quarto dia de trabalho: ela escreveu o seu nome social em um adesivo e o colou por cima do nome que havia presente no próprio crachá. Ao sair do cinema, um dos seguranças puxou a sua identificação e retirou o adesivo com uma chave de carro, ele estava rindo sarcasticamente enquanto balançava a cabeça em negação.

No quinto dia de trabalho: a gerente a comunicou que ela estava demorando demasiadamente para trocar-se e que isso estava atrasando o fluxo dos clientes. No sexto dia

de trabalho: ela trocou-se na presença dos homens, nenhum deles se manifestou, ela saiu da cabine com aquilo que havia sobrado da sua dignidade e foi trabalhar chorando.

Fraca, cansada, desmoralizada, inferiorizada, encurvada, oprimida, rebaixada, menosprezada e pisoteada... Movida por uma força que não possuía mais. Como correr da margem quando todas as instituições te empurram para ela? Ela não suportou duas semanas nesse emprego. Mas hoje eu vi um rapaz homossexual escrever que ações afirmativas de inclusão social para esse tipo de "gente" era "bolsa travesti", vocês me enojam”.

## **22 de janeiro texto 1**

“Respeitar o gênero das travestis e transexuais brasileiras significa utilizar o artigo feminino ao citá-las. A própria ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) já divulgou uma nota sobre isso, persistir invalidando a autoafirmação das travestis e transexuais significa deslegitimar a identidade das mesmas.

Nesse caso, quando cito “transexual” estou referindo-me ao indivíduo que foi compulsoriamente designado homem ao nascer de acordo com a observação genital. A flexão do artigo masculino existe e deve ser utilizada para referir-se ao indivíduo transexual que foi compulsoriamente designado mulher ao nascer. Os dois casos anteriormente citados são relacionados aos sujeitos binários. A travestilidade é uma identidade tradicionalmente latina e interligada ao gênero feminino, não há de forma histórica essa demarcação para os homens trans.

Podemos entrar em discussões fenomenais sobre qual artigo seria o mais correto de acordo com etimologia da palavra "Travesti", o que entra em questão aqui é a forma que a conjugação masculina fere a dignidade dessas pessoas. Quem decide o que é verdadeiramente representativo - no que corresponde a travestilidade, transexualidade e algumas vezes até mesmo transgeneridade - é o coletivo de travestis e transexuais. Caso alguém identifique-se como travesti e expresse o seu anseio pelo artigo masculino, tal sujeito - apesar de ser uma exceção - deverá ser intitulado como tal.

A linguagem é fluida e mutável, estabelecemos uma relação dialética com ela. Os dicionários não transmitem cordialidade ou sequer abarcam integralmente a sociabilidade das relações humanas. Não basta repassar a mensagem, é preciso comunicar-se respeitosamente”.

## **22 de janeiro texto 2**

“Tem ocorrido no Brasil uma explosão de portarias que promovem a inclusão do nome social, mas o que é o nome social afinal de contas?

Esse paliativo busca diminuir o estigma que é portar um registro civil não representativo, minimizar situações vexatórias e respeitar a auto identificação do sujeito. Atualmente é possível matricular-se em muitas instituições - sejam de ensino ou não - e recorrer ao nome social. Dentro de universidades que promovem esse tipo de ação afirmativa todos os dados do estudante são alterados em simples passos, sem demasiada burocracia. Contudo, essa possibilidade é acidentada na esfera macro da política brasileira, na ausência de leis que permitam a retificação do prenome e do sexo nos documentos do sujeito marginalizado, esse indivíduo estará localizado no centro da exclusão social.

Nesses e em outros casos, a divulgação verbal ou escrita do nome civil agride de forma simbólica a dignidade da pessoa humana, invade a privacidade e configura em um terrível isolamento. O nome social veio para minimizar a publicação daquele que há no registro, facilitando assim a entrada dessas pessoas no mercado de trabalho, âmbito escolar, saúde, etc”.

## **22 de janeiro texto 3**

““Homofobia” não é um termo guarda-chuva que abrange todas as opressões sofridas pelas pessoas que fazem parte do grupo LGBT. As demandas do movimento G diferem das demandas do movimento T, as pautas são baseadas nas especificidades e necessidades nativas de cada fragmento.

Nome social, retificação do registro civil, transgenitalização, uso do banheiro, empregabilidade formal e a criminalização da transfobia são algumas das solicitações próprias do movimento de travestis, transexuais e transgêneros. Casamento igualitário, criminalização da homofobia e adoção homoafetiva fazem parte de outra agenda que diverge da realidade vivida pelas pessoas trans que não são homossexuais e integram o movimento LGBT.

Agressões, insultos, ofensas e/ou ataques direcionados ao grupo de travestis, transexuais e transgêneros não são truculências homofóbicas, são violências transfóbicas. Esse contingente populacional é discriminado em decorrência da sua identidade de gênero, a orientação sexual pouco ou nada tem a ver. A intolerância que pesa acima das pessoas trans

independe de um relacionamento, tais pessoas são atacadas por serem simplesmente quem são, pela forma que relacionam-se com o próprio corpo e não pela maneira que relacionam-se sexualmente ou afetivamente com um outro corpo sexuado”.

#### **22 de janeiro texto 4**

“Orientação sexual é referente ao campo do desejo sexual ou afetivo, diz respeito ao modo que o indivíduo relaciona-se ou não com o outro. Identidade de gênero é referente ao âmbito da subjetividade, há um foco no sujeito e na forma que ocorre a sua autopercepção.

Condição sexual, sexualidade e identidade sexual são alguns termos genéricos que também podem ser utilizados. Orientação sexual não é o mesmo que dizer influência, condução ou até mesmo orientado. Esse termo é uma analogia ao instrumento de localização chamado “bússola”, diz respeito ao posicionamento do desejo e para qual direção ele aponta.

Assexuais (que o senso comum conhece de forma equivocada como assexuados), bissexuais, lésbicas e gays representam alguns exemplos de orientações sexuais. Travestis, transexuais, transgêneros e cisgêneros representam alguns exemplos de identidades de gênero.

Não há, contudo, uma “opção sexual” generalizadamente dita. A possibilidade de escolha encerra-se na exteriorização ou não da própria - na falta de uma palavra melhor - preferência. O controle da atração é inexistente, por essas e outras o termo opção sexual é tão falho”.

#### **22 de janeiro texto 5**

*“FTM - Female To Male (Fêmea P/ Macho)*

*MTF - Male To Female (Macho P/ Fêmea)*

Ambos os termos anteriormente citados são exotificantes e possuem uma carga culpabilizadora. Não devem ser utilizados pois subentendem que algum ser humano, em seus primeiros instantes de vida, é capaz de decidir qual sexo irá portar na certidão de nascimento no momento do preenchimento da mesma.

Esse debate não é pós-moderno como muitas vertentes proclamam, mas antes fosse, não é mesmo? O pós-moderno consegue englobar muito mais a diversidade humana do que o pré-medieval e o seu lixo azul, rosa, carrinho, forninho e bola que moldam crianças depositando em suas identidades valores e prisões de gênero que, olha só, vieram de uma

demarcação prévia biológica de que alguém nasce homem ou mulher, macho ou fêmea. Esse "simples" batismo vai parar na sociedade que acredita em corpos errados, quem nasceu no corpo certo? O certo seria o natural? Depilação é natural? Quem não altera o próprio corpo - contrariando uma lógica de exatidão - em alguma frequência? Contudo, misteriosamente apenas as pessoas trans serão demarcadas como divergentes, ser convergente em uma sociedade com altos padrões estético deve ser bastante enigmático.

Quanto aos termos:

*AFAB - Assigned Female At Birth* (Pessoa que foi designada mulher/fêmea ao nascer)

*AMAB - Assigned Male At Birth* (Pessoa que foi designada homem/macho ao nascer)

Eles evidenciam um problema, a responsabilidade dessa demarcação é completamente coletiva e social. Não personificam a questão ou culpabilizam a pessoa trans da mesma forma que o meio costuma fazer ao tratar esses sujeitos como perversões imorais. O encargo desse sofrimento é completamente cultural e não subjetivo, pessoas trans são vítimas de um ambiente transfóbico que invalida as suas identidades em sua esfera macro. E como diria a nossa colega Simone... "Não se nasce mulher, torna-se mulher".

## **22 de janeiro texto 6**

“Até mesmo antes de nascermos somos batizados com um gênero de acordo com visualização genital, o nosso gênero é definido e compulsoriamente imposto a partir de um órgão. Pessoas cis são aquelas que não são trans e convergem com o gênero que lhes foi atribuído imperativamente ao nascer.

Cisgênero não é o mesmo que Heterossexual.

Gênero e Orientação Sexual não estão alinhados, isso quer dizer que as pessoas trans possuem uma orientação sexual que não depende da sua identidade. Há um grande número de travestis e transexuais que são heterossexuais, mas também existem mulheres trans lésbicas, homens trans gays, travestis bissexuais, etc.

Crescemos achando que o grupo de pessoas que preenchiam o contingente LGBT encerravam-se na homossexualidade e que não passavam de variações da mesma, é preciso assimilar que dentro desse grupo também existem pessoas trans heterossexuais. A sociedade é estruturada de forma que funcione visando acolher as pessoas cis: registro civil, acesso a



saúde, família, empregabilidade e feedback social são fatores que determinam a inclusão de alguns sujeitos em detrimento de outros.

A importância da utilização desse termo, por mais que muitos o considerem superficial e fútil, é a retirada das pessoas trans do campo da anormalidade e da abjeção. Mulher biológica, homem biológico, mulher de verdade, homem de verdade, mulher legítima, homem legítimo, mulher original, homem original, etc. são termos polarizados, rasos e limitados que subentendem uma fraude relacionada ao gênero das pessoas trans, como se esses indivíduos fossem feitos de acrílico, desprovidos de biologia e representassem falsificações personificadas”.

### **29 de janeiro, Visibilidade Trans para quem?**

“Estar visível não significa necessariamente algo que converta-se em um feedback saudável. Eu tenho uma relação agri-doce com a visibilidade, costumo andar pelas bordas quando estou na rua, quase esbarrando nos muros, como se eu quisesse entrar neles e ser invisível. Finjo não estar atenta a qualquer sinal de que a minha identidade foi percebida, ela é berrante! Acho, aliás, chego a ter certeza que a palavra "aberração" está escrita em minha testa. O preço que pago quando observam e apontam a minha travestilidade é muito alto, torno-me alvo de agressões, chacotas e deboches. Descobri que é mais fácil camuflar-me entre os considerados normais e tentar viver em paz. "Olha lá a sua namorada passando!" Gritam para alguém enquanto ferem-me junto. Os dedos que me denunciam e são apontados para mim anunciam uma realidade: é um crime ser travesti. Quer dizer, quem sabe criminosos conseguem ter um reconhecimento social maior!

Ou até mesmo um caso clássico onde uma conhecida afirmava que havia mostrado fotos minhas para um primo, no desejo de ridicularizá-lo. "Bonita, né?" Ela perguntou antes de contar - "É travesti!". Não são todos que podem dizer que já viram travestis durante o dia, a sociedade chega a acreditar que as travestis são criaturas noturnas. Saem do chão quando anoitece, vão prostituir-se e voltam para o chão quando o sol começa a surgir. Afinal, o chão é o lugar determinado previamente para "gente" como eu.

Estudo em uma faculdade na qual sou considerada pelos discentes um corpo estranho que deve ser repellido. As pessoas reduzem a instituição de ensino superior a sala de aula e esquecem dos corredores, praças, banheiros e outros recintos. Em todos eles posso ouvir os

cochichos, as mãos que são usadas para minimizá-los, os cotovelos que são empurrados, os olhos esbugalhados... Expressões corporais que sussurram-me: esse lugar não é pra você.

Quando Jared Leto ganhou o Oscar por interpretar Rayon, imediatamente lembrei-me dos teatros de outrora onde homens interpretavam mulheres pois a apresentação delas era proibida e, sem esquecer, dos negros que eram zombados pelos brancos na caricatura abominável conhecida pelo termo "blackface". Será que não existia nenhuma pessoa trans qualificada para interpretar aquele papel? E a respeito de todos os outros filmes sobre o tema? Quantos foram interpretados por travestis, transexuais ou transgêneros? Dois? Um? Zero?

Se formos pegar a mídia brasileira iremos ter um longo histórico de pessoas cis parodiando pessoas trans em novelas. Em um caso recente uma travesti foi chamada para interpretar - pasmem - uma prostituta. Até porque esse é o destino dogmático de toda travesti, não é mesmo? Não existe travesti gerente, professora, faxineira, vendedora ou empresária. Imagina se colocam uma travesti médica na novela? O revertério que isso não iria dar na cabeça do telespectador! "Quem esse povo da margem pensa que é? Até ontem estavam na esquina! Agora querem dizer na tv que conseguem um emprego formal?"

Eu tinha 18 anos quando assisti a Lea T em uma das suas primeiras entrevistas, até aquele momento eu havia internalizado que o meu ponto de chegada seria - em caso de sorte - o salão de beleza. Ter visto na televisão essa pessoa que compartilhava uma trilha similar deixou-me esperançosa, se ela conseguiu ocupar aquele espaço eu também conseguiria ocupar outros.

Só eu sei como a representatividade importa. Contudo, não quero supor que o papel das pessoas cis deva ser restrito ou que o papel das pessoas trans deva ser exclusivamente esse, eu estaria criando uma barreira indesejada. Quero propor apenas que a nossa inserção ocorra de forma que desconstrua a rede de estereótipos que orbita ao redor das esferas midiáticas. Que a falta - acarretada pela transfobia - de travestis, transexuais e transgêneros em espaços públicos seja preenchida a partir da notabilidade dessas pessoas em locais de disputa. Que essa visibilidade naturalize a nossa presença, não mais causando a tradicional repulsa.

Ótimo filme, mas na minha luta nada acrescentou. Jared Leto imitando uma travesti somente consegue me dizer - novamente - uma coisa, que nem para interpretarmos a nossa própria existência nós prestamos". Foto: Fabiana Wolf. Modelo: Eu.

## FEVEREIRO DE 2015

### 3 de fevereiro

“O carnaval aproxima-se e eu já prevejo as interpretações estereotipadas que farão de mim. As prisões de gênero anunciam três dias de liberdade, mas é apenas o bom e velho machismo maquiado de transgressão. Tornou-se comum aturarmos nessa época do ano todo um conjunto de caricaturas, chacotas e deboches. É pra isso que nós - travestis, transexuais e transgêneros - servimos, não é mesmo? Gerar risadas.

Veremos homens cis partindo do imaginário de uma caricatura do que é ser mulher e/ou travesti, costumeiramente relacionando-nos a prostituição. "Ser mulher" vai ser visto como sinônimo de recrear homens, principalmente entreter e divertir o amigo que não encarou o personagem. Objetificarão a nossa identidade de gênero estabelecendo uma visão reducionista a respeito de quem somos para eles: peças de roupas curtas. Subentendem que a indumentária - que utilizarão da maneira mais sexualizada possível - fundamenta a nossa substância. Suas falas serão um reflexo desse teatro... cobrarão preços, citarão motéis, ruas, pontos, etc.

Toda essa atuação não configura em uma situação palpável e passa longe de contemplar quem eu sou. Dos empregos que nos são recusados, dedos que nos são apontados, das escolas que santificam os banheiros considerando-nos entidades malignas isentas de necessidades fisiológicas, dos abandonos que sofremos, das gozações deferidas enquanto passamos...

Tudo isso transborda porque sobrevivemos - fomos colocadas - na borda, na margem das oportunidades. Em 2015 viraremos novamente uma fantasia carnavalesca porque ninguém quer ser a gente no resto do percurso anual. Utilizar esse disfarce durante alguns dias de fevereiro deve ser o máximo, mas não se enganem... nada disso tem valor real. Nos outros meses do ano esses mesmos rapazes te matam por ser travesti e te culpabilizam pelo uso de roupas curtas. São agentes que perpetuam uma realidade: o riso é uma das melhores armas de exclusão social”.

## 5 de fevereiro

“Propagar que os homofóbicos não passam de gays enrustidos é um desfavor e um desserviço. Não importa a intenção embutida, você está tentando combater homofobia com - pasme! - homofobia.

Culpabilizar a vítima pela opressão que ela sofre é uma clássica forma de alienação. Afinal, se nem a pessoa que é atingida pela homofobia consegue parar de reproduzi-la, por que eu - que não sou gay - pararia? Se os próprios homossexuais são apontados como os agentes desse preconceito, eles que solucionem essa adversidade! Não é mesmo? Vamos crer religiosamente que os gays são os opressores dos próprios gays e tranquilizar a consciência de todo e qualquer outro sujeito homofóbico. Retornando ao antigo histórico inquisitório de que os gays são seres tão patológicos ao ponto de malquererem seus iguais. Pensar o que a heterossexualidade compulsória causa nessas pessoas ninguém quer...

Na mente dos homens brancos dói menos responsabilizar as mães pelo machismo e tachar que o racismo é mantido pelos negros. Essas atribuições estão flutuando entre nós para facilitar o sono dos mesmos, não considero interessante que os verdadeiros beneficiados dessas relações sejam omitidos e absolvidos dessa maneira.

Vejo homossexuais designando homofóbicos de forma vexatória como "gays enrustidos", pressupondo que isso tornaria-se um deboche e legitimando essa - declarada - ofensa ao reiterá-la. Gays considerando que ser gay é algo ridicularizado e qualificado de zombarias. É aí que a gente percebe que a estrutura social homofóbica é tão bem costurada que até entre os próprios ela é difundida. E logo eu que costumava achar que somente na boca dos heterossexuais homofóbicos a palavra "gay" seria depreciada...

Caso pessoal: cresci ouvindo que eu era viado - coitados, sequer sabiam que eu seria tipo... a Sra. Bicha -, mas eu desconhecia o significado disso. Afinal, alguém me situe! O que é isso que tanto me chamam e começam a rir? A dúvida pouco durou, internalizei logo cedo que ser viado era algo negativo, aquilo causava o choro da minha mãe, a revolta do meu pai, a exclusão escolar, o abandono e a repulsa. Eu sofri homofobia em alguma etapa da minha infância, até porque ninguém portava uma bola de cristal e veria a travesti boca-de-confusão que eu externalizaria.

Agora euzinha vou engessar que o termo "viado" é pejorativo? Não mesmo.

Vamos aos questionamentos: é interessante para quem que os oprimidos sejam responsabilizados pelas atrocidades que recaem acima dos mesmos? Pois é, não tirem esse peso das costas de quem verdadeiramente o mantém em pé. É capaz de compreendermos que um homofóbico - partindo da ideia de que ele seja um homossexual enrustido - não lucra exatamente nada com esse sistema que o fez odiar a si mesmo? Ao autoflagelar-se ele está disparando contra a própria orientação sexual.

Que tal combinarmos algo? A última coisa que esse indivíduo precisa nesse momento é ser - como já foi um dia - alvo de chacota e renovar antigas cicatrizes que um dia o fizeram acreditar em mentiras. Cada um lida com o preconceito que sofre de uma maneira diferenciada, de acordo com a própria história de vida e subjetividade. Em que mundo retirar alguém do armário contra a própria vontade não seria danoso? Certamente não no atual.

Quando foi que o alvo do movimento LGBT tornou-se quem é LGBT? Avisem-me antes para que eu possa sair...”.

## **27 de fevereiro**

“Por que não abolir o termo "travesti"?

A argumentação que eu ouço e leio, para justificar a extinção dessa palavra, é sempre baseada nas definições de algumas esferas informativas - O dicionário, aquele que sobrepõe a ideia de Deus e carrega consigo a carga da verdade incondicional e absoluta, descreve as travestis como homens vestidos de mulher. Dicionários não erram nunca, não é mesmo? Eles são configurados por seres humanos perfeitos e imutáveis. A psiquiatria norte americana, movida pela mesma medicina que conduziu milhares de equívocos em seu histórico, promove dois códigos instalados no CID (Classificação Internacional de Doenças), o travestismo bivalente e fetichista, que não representam as relações de sociabilidade que as travestis brasileiras estão inseridas. A etimologia da palavra "travesti" refere-se aos sujeitos que performavam e apresentavam shows. A origem de uma palavra determina o significado que ela terá em todo e qualquer contexto histórico, cultural e social? Creio que não, as noções mudam.

Compreendendo que essa trindade passa longe de repassar as experiências da travestilidade, resta-me pensar que talvez o problema seja outro. Não é com o termo que as pessoas incomodam-se, é com as travestis.

A "favela" deixou de ser conhecida como tal e passou a ser chamada de "comunidade". A mudança que essa higienização trouxe? Nenhuma. Vamos alterar a palavra travesti para "mulher trans"? É mais bonitinho? As pessoas engolem com mais facilidade? Sim. As políticas públicas e os direitos sociais das travestis serão materializados por causa de um saneamento gramatical? Não. As travestis sairão da margem? Da ralé? Do campo do abjeto? Conquistarão empregos formais? Não, não e não. A gente só nomeia o que existe, travestis surgem na marginalidade por responsabilidade das relações de poder. Retificar a forma que essa identidade é escrita ou falada apenas transferiria a carga negativa para o novo termo alterado, criando um ciclo vicioso ineficiente.

"Ela é tão feia que parece uma travesti!" costumam dizer da maior forma pejorativa. Ser eu é associado ao que é feioso, monstruoso e desleixado. Parecer uma travesti é algo indesejado, colocaram-me na mira que ninguém quer acertar. Irei legitimar o mesmo discurso que me fere?

Quando a gente perde a nossa história, mesmo de forma coletiva cada uma vive a própria travestilidade de uma maneira muito peculiar, a gente perde tudo aquilo que nos tornou quem somos. Eu sou verdadeiramente apaixonada pela palavra "travesti", ela brinca com a língua, a sua pronuncia me diverte e a sonoridade me atrai. O estigma que uma de nós carrega é demasiado, não é espantoso encontrarmos travestis e transexuais dissertando sobre a abolição desse conjunto de letras. Mas ter medo de um termo - e do seu significado irreal - não aumentaria a repulsa pela própria coisa?

A sociedade considera essa classe improdutiva e imunda, o meio até permite que a travesti viva, contanto que ela morra. Talvez o significado atual desse termo devesse ser: Empurrada para a margem; Pessoa que deixa de ser acolhida, amada e protegida de acordo com o desenvolvimento dos primeiros sinais da sua travestilidade; Sujeito que passa a vida sem conseguir um contrato formal, um aperto de mão visível, um convite para o aniversário do amigo e um aceno no meio da rua; Indivíduo que foi expulso de casa aos quatorze anos de idade, impedido de utilizar o banheiro de qualquer instituição e que tem o seu direito mais básico, o nome, detido pelo Estado; Ato de morrer sendo espancada, mutilada, arrastada, esfaqueada e estuprada antes dos trinta anos de idade, segundo as estatísticas e matérias jornalísticas; Sinônimo de pertencer aos 90% de outras travestis que prostituem-se, muitas vezes de forma compulsória, no Brasil; Aquela que luta e invade locais de disputa.

Que tal pararmos de ler o que terceiros definem e encararmos a travesti na perspectiva mais visível? Na sua resistência".

## MARÇO DE 2015

### 2 de março

“Preconceito não é doença, eu sei que dói ler isso. Mas por mais que a gente busque diagnosticar as nossas relações e naturalizar aquilo que sofremos, a discriminação não deixa de ser um dado social que, não sendo inato ou crônico, é construído de acordo com as interações humanas. Através da aprendizagem da linguagem são repassados, de forma contextualizada, valores sociais que irão afetar o desenvolvimento daquele ser. Não há como nascer odiando uma minoria sendo que tal minoria, que sequer foi introduzida, é desconhecida pelo sujeito. Se algo foi aprendido, pode existir um novo aprendizado que modifique o precedente. Acreditar em uma cura, para o que não é matemático, seria o mesmo que medicalizar esse processo.

Buscamos patologizar comportamentos socialmente considerados preconceituosos. Designamos como "doente" aquele que, de alguma forma, discrimina uma categoria, na tentativa de nos afastarmos dessa realidade. Só que não existe apenas uma forma de oprimir, a sociedade é transversal, apesar de sofrermos determinado preconceito, nós reproduzimos, configuramos e mantemos outros. Somos todos doentes? Temos dificuldade, nós que fazemos parte de alguma minoria discriminada, de assumir os nossos próprios defeitos, se assim forem encarados. A homofobia, aqui a utilizarei como exemplo, não é uma doença ou um aspecto exato, a pessoa homofóbica faz parte de uma estrutura que, mantida por todos nós, marginaliza os homossexuais dentro desse sistema. Essa perspectiva de exclusão não é irreversível, essa pessoa não encontra-se inalterável e a sua subjetividade continua sendo construída. A responsabilidade é social, e não congênita.

Tudo isso lembra-me dos casos, que são televisionados, de progenitores agressivos. A sociedade passa a vociferar palavras de ódio, correção e punição, deseja fortemente que tais sujeitos sejam castigados. Tal repulsa demonstra, muitas vezes, uma tentativa de esquecer e ocultar as ocasiões em que esse mesmo indivíduo pesou na mão, exagerou na bronca e agrediu o seu próprio filho.

Esse "outro", patológico, que criamos, somente serve para facilitar as nossas noites de sono e nos tranquilizar, apartando-o dessa realidade que compartilhamos e dividimos. "Homem de verdade não faz isso, homem de verdade não assedia, homem de verdade não

estupra, esse aí não é um homem de verdade!" demonizam enquanto teoricamente criam os seres-de-mentira, quando somos ou podemos ser, tão piores quanto”.

### **3 de março texto 1**

“Todos os indivíduos possuem identidade de gênero e orientação sexual, até mesmo os cisgêneros e heterossexuais que, sendo os únicos inteligíveis pela sociedade, são considerados a norma. Isso quer dizer que todo mundo pode usufruir, tranquilamente, das novas ferramentas do facebook que pluralizam essas questões.

Entendo que existam pessoas preocupadas com uma possível banalização desse instrumento e, apesar de lisonjeada com essa apreensão, considero essa aflição desnecessária. Gênero não é uma classificação religiosa, engavetada e santificada, nós precisamos subverter essa categoria, desfazê-la e bagunçá-la. Enquanto gênero for sinônimo de um sistema legitimador, existirão pessoas sendo deslegitimadas, eu.

Se você sente-se confortável com um "destruidora" no local de preenchimento do seu próprio gênero, ótimo! Consagração e respeito deveria ser inexistente quando debatemos uma medida hierarquizante. Quanto mais reverenciamos esse mecanismo, movido pelo facebook, acabamos por demarcar quem são os "estranhos". Essa ferramenta foi feita para todos, não apenas para os vistos, lidos e encarados como anormais.

Vamos parar de pensar que apenas TTT demandam uma identidade de gênero e que apenas LGB possuem orientações sexuais. Dessa forma a gente deixa no passado a noção de naturalidade que as normativas trazem e paramos de nomear apenas o que é tido como divergente”.

### **3 de março texto 2**

“Por quem legislam quando falam em seres humanos? Certamente não pelas travestis e transexuais brasileiras, elas ainda não conseguiram ultrapassar a categoria verme. O dever atual da política, em sua esfera macro, demonstra-se higienista ao tentar limpar a sociedade desse tipo de praga.

Muito recentemente foi aprovado o PL8305/201, que configura o feminicídio e reconhece a materialidade dessa violência específica. Porém, o texto original que continha "gênero feminino" foi alterado, graças aos esforços da bancada fundamentalista, para "sexo feminino" no intuito de excluir as travestis e transexuais. Percebam como esses indivíduos são



informados quanto as diferenciações universalizadas entre, a suposta dicotomia, sexo e gênero quando o assunto serve ao corporativismo religioso.

"Só é mulher se tiver útero!" é a argumentação utilizada para justificar essa retificação. Substanciam a mulheridade, excluem qualquer alternativa de ser mulher após uma histerectomia, apagam as inúmeras possibilidades de possuir um útero não sendo mulher e reduzem esse gênero a um protótipo possuidor de determinado órgão interno. Travestis e transexuais, com útero ou não, continuam sofrendo misoginia socialmente, essas pessoas não vivem em laboratórios.

O Brasil é o primeiro colocado no ranking mundial de assassinatos de travestis, transexuais e transgêneros. Para termos uma ideia da nocividade da situação, o México ocupa a segunda posição dessa lista e o Brasil, ainda assim, consegue matar quatro vezes mais se formos comparar os dados. A ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) afirma uma estimativa de 90% de travestis e transexuais brasileiras prostituindo-se, muitas vezes de forma obrigatória, atualmente no Brasil.

Nunca houve 90% de qualquer contingente populacional nessa mesma situação, mas é praticamente natural, não é mesmo? É o destino biológico de toda travesti e transexual, está escrito em seus genes e nada disso tem relação alguma com a desigualdade, discriminação e exclusão social! A expectativa de vida de uma travesti e transexual brasileira gira em torno dos trinta anos, ao passo que a expectativa dos considerados "normais" está acima dos setenta anos. Contudo, dogmatizam que as travestis e transexuais simplesmente param de respirar quando atingem essa idade, o organismo desses sujeitos nasce programado para interromper o funcionamento aos trinta anos, não sabia?

Contrariando todos esses fatos, a câmara estabelece um modelo que devemos seguir para fazermos parte da categoria humana: não seja travesti e transexual. Não basta assistirmos os crimes, que são alvos de deboche quando televisionados, onde as travestis e transexuais brasileiras são assassinadas de forma diversificada e com uma narrativa assustadora! São espancadas, enforcadas, estupradas, arrastadas pelo asfalto, desfiguradas, mutiladas, chutadas, esmurradas e cuspidas, para então, após uma série de assassinatos simbólicos, serem apresentadas com a morte.

Alguém investiga essas atrocidades? O Estado busca solucionar esses crimes? Não e não. Porque o que morreu foi um tipo de parasita, se fosse um bicho, um gato ou um cachorro doméstico, quem sabe até apurariam os fatos e averiguariam o percurso. "Mas esses travecos? Eu não quero compartilhar um sala de aula com, ser atendido por ou muito menos

recepcionado, quem sabe assim o meu filho não questiona-me mais o que é, afinal, aquela pecaminosidade.

Não tenho medo algum dessa bancada, eu não convivo entre eles. Receio eu tenho, sendo travesti, de viver na mesma sociedade habitada pela população que os elegeu pelo critério da representatividade”.

#### **4 de março**

“"Espero que você tenha um filho gay!" continuam dizendo para os sujeitos homofóbicos. Eu percebo que faz parte da nossa sociedade cultivar medidas punitivas e estabelecer castigos visando progressos socioeducativos, por não vivermos dentro de uma bolha, também reproduzimos esses conceitos. Mas é preciso que a gente enxergue diferentes alternativas para ensinar o outro a reconhecer a pluralidade humana fora desse viés corretivo.

Ao dizer o que foi citado no enunciado, ignoram que aquela relação estabelecida não é unilateral, onde há apenas uma possibilidade de sofrimento e resignação, desejar o que foi tencionado também significa aprisionar esse mesmo filho a um, ou mais de um, genitor homofóbico. Quem é que estará sendo penalizado nessa equação? A pessoa que cede os instrumentos de sobrevivência e socialização, ou a pessoa que necessita desses instrumentos?

Ter, da forma que a posse é encarada socialmente, um filho homossexual não é sinônimo de condenação, tortura ou penitência. Tampouco deve ser visto como um aprendiz exato, matemático, certo e algébrico, não devemos esquecer que os seres humanos são imprevisíveis. Tal dependente poderia, muito facilmente, sofrer diversas represálias, ser agredido, oprimido, expulso de casa, etc. Experimentar ser responsável por alguém, por si só e sem qualquer outra demarcação, já não é um desenvolvimento significativo?

Necessitamos abandonar essa ideia de que os familiares possuiriam tamanho amor incondicional que, apesar do filho possuir tal característica pecaminosa, iriam desconstruir todo e qualquer conceito homofóbico, como se apenas uma enorme quantidade de afabilidade fosse capaz de subjugar demasiada decepção. Sabemos que não é assim que ocorre, porém continuam legitimando esse tipo de discurso ao dizer isso.

Eu não desejo que crianças homossexuais nasçam em lares homofóbico”.

### **10 de março texto 1**

““Feministas querem igualdade, mas não lutam pelo fim do alistamento militar obrigatório!”

Vamos começar compreendendo que o contingente de mulheres inserido em qualquer contexto de tipificação militar era, e muito provavelmente ainda é, inferior ao de homens no momento da caracterização dessa regra, logo, essa população não teria força numérica significativa para estabelecer tal norma. Entender que essa medida foi criada por homens, sendo de responsabilidade inicial majoritária deles, resulta constataremos também a caracterização desse ambiente: mulheres, e não apenas mulheres, são assediadas, perseguidas e estupradas no, e pelo, exército. Não é sequer necessário participar de um para sofrer alguma violência propagada por integrantes dele.

Que esfera é essa que desejam fortemente inseri-las? Talvez, antes de pensar a obrigatoriedade, seja necessário questionar primeiro se esse espaço é saudável para as mulheres ao invés de simplesmente empurrá-las para ele. Mas como esse questionamento, por parte de certos homens, é infundável, a autocrítica com certeza deve ser a melhor resposta. O nosso país não vive a iminência de uma guerra, não há qualquer conflito previsto e nenhum combate beira a realidade brasileira. Se o alistamento militar imposto é lido como uma segregação sexista e atormenta fortemente você que é homem, levante o seu bumbum da cadeira do computador e comece a protestar contra ele! Afinal, as mulheres possuem demandas mais urgentes! Como por exemplo: preocupar-se com a humilhação que as travestis e mulheres trans, que não retificaram os documentos, passarão durante esse processo.

Já que dirigir-se ao local de organização militar e cantar o hino nacional é considerado inaceitável por vocês, lutem pelo fim dessa jornada de um dia só! Ao menos uma batalha vocês irão presenciar em suas vidas...”

### **10 de março texto 2**

“Como muitos homens parecem desconhecer essa realidade, aqui vai uma receita que busca dar independência, auxílio e conhecimento acerca das experiências do lar:

Ingredientes/

- 1/2 xícara de sabão

- Uma bucha

- Água

#### Modo de preparo

Dentro da cozinha, posicione-se na frente da pia. A seguir, abra a torneira e lave as mãos. Após ter realizado esse procedimento inicial, alcance um prato com a mão esquerda e segure a bucha com a direita, ou vice e versa, passe a bucha no sabão e esfregue-a na superfície do prato. Continue com o movimento circular até a sujeira desgrudar do objeto, acione a torneira para retirar todo sabão com a água corrente. Após enxaguar o prato, seque-o, abra o armário e coloque-o dentro dele. Repita essa operação até que todos os utensílios da cozinha, que antes apresentavam alguma sujeira, estejam limpos e ausentes da pia. Pronto, agora você já pode lavar os próprios pratos e protagonizar suas questões pessoais de limpeza excessiva”.

### 10 de março texto 3

“"Não existe feminismo quando é pra pagar menos na entrada da balada!"

Existe machismo e essa é uma questão que costuma ser problematizada pelo(s) feminismo(s) por ser bem matemática: uma entrada mais barata para a mulher irá contabilizar um número maior de mulheres dentro da festa, logo, um sujeito como você irá ser seduzido pela promessa de que haverá diversidade, pluralidade e disponibilidade dentro daquele recinto. Não é raro lermos o jogo de palavras “mulheres grátis” estampado em algum banner, o local vende a ideia subliminar de que todas aquelas mulheres presentes estarão ao seu dispor, como produtos, utensílios e mercadorias. Um bar com muitas mulheres, em decorrência de um ingresso mais econômico, é atrativo para o público que a casa visa atingir, homens heterossexuais.

Não incomum ouvirmos falar de festas em que até determinada hora a bebida é gratuita para a mulher, na intenção de embebedá-la mais cedo. Entrando na questão do abuso e da violação, onde esse homem espera encontrar facilidade, menos resistência, ausência de rechaço e pouca relutância na hora da "conquista". Aliás, conquista não, estupro. Aquele que

parte do pressuposto que, o valor superior pago torna-o merecedor de algo, não considera válida qualquer tentativa que indique descontentamento. Isso é, clichê, caso a moça não esteja acompanhada de um outro homem. Nesse caso, e somente na presença visível dessa outra figura, a aproximação é finalizada e o perdão é requisitado, óbvio, ao parceiro dela”.

#### **10 de março texto 4**

““O cavalheirismo é a parte do machismo que as mulheres gostam!”

Isso não é verdade. Cavalheirismo é diferente de gentileza, favor e educação. Exemplificando: se um homem segura, ou abre, determinada porta ao ver uma mulher aproximar-se, mas não segura essa mesma porta quando é um rapaz dentro dessa equação, resta-nos concluir que esse não é um serviço universal, há uma distinção, por gênero, sendo feita.

Dentro desse contexto, o medo de ser considerado homossexual caso trate civilizadamente algum outro homem, sem parentesco ou faixa etária avançada, é também um fator presente. Se essa preocupação existe, é porque há uma noção de que ser gay é errado sendo atrelada ao tratamento diferenciado. Logo, essa educação seletiva demonstra ser um duplo desfavor ao evidenciar que perpetua outros preconceitos. Tal cortesia que aparece apenas quando há mulheres, que irão interessá-lo, é dispensável. Porque caso essa mulher não esteja dentro de certas normativas, ela irá ser considerada inexistente e indigna do seu cavalheirismo.

Favor a gente faz para toda e qualquer pessoa, não é mesmo? Independente de gênero, raça, etnia, idade, classe, etc. Se a sua urbanidade surge somente quando você espera ganhar algo em troca, isso diz muito a respeito de quem você é. Ter alguma atitude considerada gentil, visando um ganho sexual futuro, é, no mínimo, um comportamento parasita”.

#### **13 de março**

"Foi aprovada a resolução que beneficia alunos travestis e transexuais, ela libera o uso indiscriminado do banheiro e permite que esses sujeitos sejam chamados pelo nome que desejam nas escolas brasileiras." Percebem como a mídia, de forma sorrateira, é uma linha auxiliar da sociedade e consegue ser perversa quando os interesses dessa mesma são contrariados? "Quem é que quer o próprio filho estudando ao lado de travesti e transexual?

Vamos dificultar a vida dessas pecaminosidades ao máximo e, quando elas entrarem em combate com as regras desiguais que criamos, diremos que estão sendo privilegiadas."

Defecar e urinar, isso pode mesmo ser chamado de benefício? Será que só agora, com décadas de atraso, a sociedade compreendeu que travestis e transexuais são, de fato, pessoas? Por que era aceitável que esses indivíduos ficassem cinco dias da semana, durante cinco horas diárias, sem poder defecar ou urinar nas instituições de ensino? Isso não é qualificado de celebração, isso é sintomático. A desumanização é tamanha que acreditavam até semana passada que esses sujeitos não possuíam atividade fisiológica. Até bicho caga e mijá, mas travesti e transexual? Não para a sagrada doutrina brasileira, são aberrações.

Essa resolução, que não chega a ser uma lei e é importante ressaltar isso, publicada no Diário Oficial da União, tem, basicamente, duas finalidades:

- \* Impedir que essa pessoa, no caso uma travesti ou transexual, seja constrangida por causa do seu registro civil, possibilitando a permanência e evitando a, tão alastrada, evasão escolar que assombra essa população.

- \* Desbloquear as barreiras sociais que, apesar da divulgação dessa nota simbólica continuam e irão continuar presentes, impossibilitavam o uso do banheiro.

Qualquer analogia, com outro contingente populacional, que criarmos irá confrontar princípios da dignidade humana, então por que estamos comemorando essa resolução? Seria aceitável lermos "Índios poderão utilizar o banheiro em escolas a partir de determinada data"? Deveríamos estar assustados pela necessidade, escrita e solidificada, dessa resolução que, apesar de odiá-la por representar o quadro social dos dias atuais, é imprescindível".

## **28 de março**

"Percebam, sempre que alguma pessoa, que ocupa uma posição precária dentro de certo contexto social, seja ela negra, travesti, trans, gay, lésbica, etc., publica algo sobre a forma que a sua cidadania vem sendo sabotada pelo estado e pelos seus integrantes, ela é acusada de ser vitimista por algum outro sujeito.

É repetição, esse outro, aquele que estabelece uma relação de alteridade e beneficia-se dessa sabotagem de direitos, coincidentemente gosta de fórmulas prontas. Para ele, elas até funcionam e perpetuam essa estrutura, por isso não é lucrativo fazer entender, que por exemplo:

Nessa lógica, seria interessante compreender o peso da desigualdade social, a repressão, o consumismo midiático, a concentração de renda e as falhas do capitalismo? Não, é muito mais eficiente, no quesito da alienação, propagar a redução da maioridade penal, pelo viés ilusório de que o atual sistema financeiro oferta oportunidades iguais, e vociferar - "bandido bom, é bandido morto!" ao invés de destrinchar as raízes da violência urbana.

Travestis e transexuais na prostituição? É mais reconfortante estigmatizar - "estão se prostituindo porque são safadas e não trabalham porque gostam dessa pecaminosidade!" e omitir os dados de evasão escolar, abandono familiar, falta de empregabilidade formal - nenhum contrante deseja esse tipo de mão de obra, chega a espantar os clientes, não é mesmo? -, e a marginalização compulsória. Ninguém quer assimilar que 90% (números da ANTRA) desse contingente populacional encontra-se na prostituição atualmente no Brasil, e que nem de longe houve na história desse país 90% de qualquer outro grupo de pessoas nessa mesma situação. Não é um determinismo biológico, travestis e transexuais não nascem amaldiçoadas pelos genes, é uma pressão social que empurra essas pessoas para a margem, nada disso representa um destino genético ou natural.

Assimilar a dívida histórica, os anos de escravidão, o racismo enraizado, a presença de pessoas negras em empregos subjugados socialmente e a ausência das mesmas, ao passo que são maioria no Brasil, nas universidades como fatores sintomáticos? Jamais, é bem melhor, quando pretende-se sustentar essa desproporcionalidade e criar/manter subclasses, culpabilizar esses sujeitos pelas forças sociais que os afastam dos locais de disputa - "estudem que conseguem, parem de se inferiorizar!" o(s) outro(s) grita(m).

Eu poderia problematizar a precariedade que encontra-se intrínseca aos abortos realizados de maneira clandestina por falta de aparato estatal, onde essas mulheres são aterrorizadas por essas mesmas fórmulas prontas - "não foi bom na hora? Agora aguenta!" ou os privilégios heterossexuais civis e sociais que segregam as pessoas homossexuais, embasados na mais rasa argumentação religiosa que não deveria sequer afetar o legislativo, pois é subjetiva - "eu aceito o homossexual, mas não as suas praticas!" eles pintam a aversão de amor de tal forma que conseguem fazer o ódio divino transitar pelo meio, alicerçando uma sociedade homofóbica. Ou crime é só quando alguém morre? E criminoso é só quem mata?

Retornando ao enunciado, esse apontamento, ao categorizar o locutor de vitimista, pretende atingir uma só finalidade: fazê-lo parar de falar sobre a opressão que sofre, não há o menor interesse, nesses casos, de desconstrução. Precisamos, no plural porque é necessário

nos reconhecermos enquanto agentes manipuladores, abandonar essas frases de efeito e parar de chamar, aquele que sofre, de vitimista”.

### **29 de março texto 1**

“Primeiro assistam esse curto vídeo e agora vamos abandonar a inocência por um instante, vocês já estão bem inseridos quando o assunto é transfobia: qual é a razão de compartilhar o vídeo de uma travesti ou transexual, marcar um amigo seu nesse compartilhamento, onde ela fala o nome desse rapaz, subentendendo ter algum relacionamento com ele?

(Não tenho o poder de determinar qual é a identidade de gênero da protagonista do vídeo, estou baseando-me em relatos passados, pois ela já apresentou-se dessa forma anteriormente.)

Eu não vou entrar aqui no quesito da própria pessoa colocar-se nesse lugar indesejado, tornando-se alvo de chacota a partir dessa localização, eu quero problematizar uma questão mais profunda e enraizada: é tão engraçado assim que um homem tenha algum envolvimento com uma travesti ou transexual? O riso de vocês surge com tanta facilidade? Basta dizer "fulano, olhe aqui, esse bicho dizendo no vídeo que sente sua falta"? Sendo que inúmeros outros sujeitos carregam o exato mesmo nome em seus documentos e aquela citação, em questão, não foi direcionada a ele? E vamos supor que fosse, mesmo que uma travesti divulgasse estar com um rapaz, qual seria o motivo da chacota?

Ah, é claro, qualquer relação com esse tipo de bicho pode comprometer a reputação do pobre rapaz, não é mesmo? Acenou pra uma delas? Sequer olhou? "Viado!" por mais que, misteriosamente, sejam os homens heterossexuais que atraíam-se por travestis e transexuais. Desconheço dados significativos de homens homossexuais que sintam atração por esse contingente populacional, as travestis e transexuais são mulheres e, caíam da cadeira se vocês ainda desconheciam isso, mulheres não costumam ser, grande parte das vezes, o alvo de desejo constante dos homens homossexuais”.



## **29 de março texto 2**

“A socialização não é o fator majoritário que define quem somos, ela nos influencia, isso é lógico, mas nunca de maneira exata e calculada. Os resultados desses estímulos, que são imprevisíveis por sermos seres subjetivos, não abarcam integralmente a construção da(s) nossa(s) identidade(s). Acreditar que somos exclusivamente um produto do meio, significa não levar em consideração a nossa resistência.

Fosse dessa forma, sequer existiria feminismo, não é mesmo? Todas, exatamente todas, as mulheres seriam passivas, subordinadas, maternas e donas de casa, pois assim foram educadas por uma sociedade machista. Não haveria transgeneridade (travestis, transexuais e transgêneros), já que aprendemos logo cedo que o corpo que nasce com uma vagina é o da mulher, e o corpo que nasce com pênis é o do homem, a justificativa anatômica é transferida até a esfera social e isso torna-se um dado incontestável sem qualquer possibilidade de subversão. Também não seria possível, dentro dessa lógica, a existência de orientações sexuais não heterossexuais (gays, lésbicas, bissexuais, etc.), porque somos condicionados, dentro de uma sociedade religiosa e também coberta de determinismos biológicos, que a vida, o afeto, a procriação, a naturalidade e a transcendência divina somente ocorre na heterossexualidade.

Butler fala que os corpos escapam, nós escapamos. Espero que pra não repetirmos que somos, de forma reducionista, somente aquilo que nos ensinaram a ser”.

## **30 de março**

“A quem pertence o espaço público? Quem não é considerado humano, passa a não ser e deixa de ter necessidades fisiológicas?

Travestis e transexuais ainda sofrem, atualmente no Brasil, uma marginalização compulsória, a esses indivíduos é negada a possibilidade de frequentar todo e qualquer terreno social. Essa noção perpassa a esfera micro e a esfera macro, seja na escola ou no trabalho, essas pessoas acabam vendo-se impedidas de acessar até mesmo os banheiros. Cinco ou seis dias semanais, com duração mínima de um período diário, em que esses indivíduos não poderão urinar ou defecar sem que, com isso, ocorra algum constrangimento, assédio, abuso, expulsão, agressão, humilhação e exposição. Esse tratamento aversivo reflete na resistência

que muitas travestis e transexuais passam a ter, elas simplesmente buscam evitar esse local e isso inclusive encerra em casos graves de incontinência urinária.

Uma simples ida ao banheiro, o que parece ser um ato corriqueiro e habitual para os inteligíveis, os cisgêneros, causa bastante desconforto e aflição para as travestis e transexuais. Qualquer sinal, ou não preenchimento de signos generificados, significará ter a sua identidade deslegitimada por esses outros, finalizando em uma violência transfóbica ao ser, costumeiramente, expulsa daquele ambiente. Travestis e transexuais são ejetadas dos banheiros públicos, como os verdadeiros dejetos que a sociedade encara que são, e isso representa o resultado de um processo de desumanização que, agenciado pelos considerados cidadãos de fato, mantém a existência de um projeto de ser humano que, para os legítimos, deu errado.

Não são gente, sequer precisam alimentar-se: justifica a ausência de empregabilidade formal que rodeia esse contingente. Não são pessoas, nem mesmo demandam um lar: embasa o abandono familiar que integra parte da realidade de muitas travestis e transexuais. Não fazem parte da população, tampouco necessitam estudar com nossos filhos limpinhos: alicerça a evasão escolar e o descaso em relação ao nome social. Não são humanas, seus corpos materializam uma verdadeira aberração: fundamenta o imaginário de que existem os corpos naturais que, mesmo não configurando em naturalidade alguma, possuem aparato estatal para transitar.

Travestis e transexuais estão na mira de diversas violências abstratas, concretas, simbólicas e reais. É preciso desmistificar os espaços de alcance básico para que a pluralidade seja acolhida e resguardada. Infelizmente, como muitas mulheres cis, travestis e transexuais também são estupradas, empurrar essas pessoas para um banheiro frequentado por homens, expressa somente a maneira que a crueldade dos considerados humanos se manifesta. Também não existem dados de homens cis que apresentem-se enquanto travestis ou transexuais para cometer tal crime, esse atentado costuma ocorrer majoritariamente onde menos se espera, em casa. Medidas paliativas que segregam e colocam em perigo um grupo de pessoas em detrimento do outro, não deveriam ser senso comum. Mas, para a sociedade, algumas pessoas possuem mais valor do que outras.

Os banheiros binários possuem cabines em ambos e nos, ditos, femininos não existem mictórios. Anulando qualquer suposta possibilidade de exposição corporal por parte das

travestis e transexuais. Se a sua preocupação é a de que alguém acabe visualizando o seu órgão genital, pasme, não urine ou defeque na pia.

Deixem as travestis e transexuais em paz”.

## MARÇO DE 2016

### 3 de março

“Discordar do caminho que o feminismo tem traçado não é uma tarefa fácil, ainda mais quando todo argumento inicial é transformado em algo que, na verdade, nunca foi dito por mim.

A minha intenção ao dizer que homens devem ser ouvidos não é a de ignorar que nossas vozes continuam subordinadas, uma coisa não depende da outra, para que um fale não é preciso que o outro abdique da própria voz. Pretendo mostrar é como as nossas estratégias estão amortecendo o debate e atrasando as transformações sociais que desejamos. Você acaba em uma política sem lógica quando propõe a discussão, mas sem ter a menor paciência para discutir. Não há troca, tampouco escuta. Em momento algum estive pressuposto em qualquer texto meu que todo homem passará a ser feminista quando se intitular dessa forma, não é simples assim.

Da mesma maneira que se dizer aliado ou coadjuvante não garante nenhum afastamento ou neutralidade por parte deles, engano nosso. Não basta puxar o termo pra si, é preciso ter um posicionamento feminista. O que já presume que a opinião feminina será considerada e que espaços específicos permanecerão respeitados. Militância é uma balança, ela não será equilibrada se apenas um dos lados, o das mulheres, estiver pressuposto. Por isso eu arrisco dizer que sim, discutir com a população masculina é primordial para que nossas ideias escapem da bolha e realmente transcendam, para que mais gente seja feminista e popularize essas ideias.

Falo aqui de discussão, não de monólogo. Empoderar mulheres não é o bastante, além de reproduzir uma lógica individualista, presente também no conceito do "protagonismo", nada disso faz com que alguns deles deixem de se impor sobre nós. Contudo, o machismo não é uma estrutura que beneficia todo e qualquer homem, ainda que pareça chocante dizer isso, esse é um paradoxo que também precisamos solucionar. Homens são plurais, considerar que todo e qualquer homem esteja em situação de privilégio em relação a toda e qualquer mulher nos faz reduzir essa identidade a um único aspecto.

Dito de um modo simples, estamos simplificando os homens em uma essência naturalmente opressora, o que nos coloca numa posição inevitavelmente oprimida. Controverso. São muitas as formas de ser homem, não reconhecer isso é também, cedo ou

tarde, ir de encontro às nossas tentativas de emergir mulheres plurais. Para explicar melhor, como eu acho que só me falta desenhar, também não me serve acreditar numa "minorias sexual" que é unicamente afetada pelas normas de gênero e sexualidade. Mentira, esse é um problema de todos. Você não consegue sair de um hospital sem ter um gênero no prontuário, não é algo que atinge somente 5% da população. Um homem não poder chorar para não ter a sua masculinidade contestada? De qual virilidade nós falamos? Uma que é, sem sombra de dúvidas, benéfica? Será que essa virilidade não gera um assujeitamento doloroso, que o obriga a suprimir uma característica tão humana quanto chorar?

Sem demagogia, discutir as questões de gênero e sexualidade na esfera macro da sociedade não é algo interessante a somente um pequeno grupo. Experimentar, descobrir, explorar e conhecer o próprio corpo é interessante para todos. Não me serve uma estratégia que deposita nas costas de um grupo minoritário o dever de solucionar um problema social, não me cabe essa tarefa, não sozinha. Há algum tempo percebo que o ativismo trans critica a "cultura gay" como algo que conseguiu se infiltrar na sociedade, tendo suas pautas abraçadas amplamente por todos, ou quase todos, que levantem a bandeira da igualdade. São críticas que vão no sentido de mostrar que o casamento e adoção são realidades, mas que a alteração do registro civil ainda não, nesse caso não há amparo legal. O que não é surpresa alguma, o debate sobre o casamento igualitário esteve presente num contexto que valorizava o que a pessoa tinha a dizer, não o que ela era, de onde ela partia.

É preciso notar que nosso atraso tem sido efeito também das nossas práticas isoladas, ele é consequência do protagonismo que brandamos. Fiquem com o palco, me importa é assegurar direitos. Se impedimos que outros façam parte dos feminismos e dos ativismos trans, teremos essa retirada de apoio como sintoma do "local de fala" que tanto nos apegamos.

Agora se você me perguntar o que deve fazer, eu não saberia responder essa pergunta, de fato, fórmulas prontas acabam com toda a graça da mobilização coletiva. Só posso deixar o convite para que travem conosco a luta contra a transfobia, se isso ainda for permitido fazer, e a luta contra o machismo. Tensionem, opinem, discordem, nos mostrem o melhor caminho, não quer dizer que ele será. Nos ajudem a potencializar nossos conceitos, esse é o instrumento das críticas. No fim, quem sabe, depois de muita raiva, nos chamem também pra participar da luta de vocês. E isso vale pra todos. Não subverta os dogmas da sociedade pra cair nos dogmas dos movimentos sociais.

Provoque”.

**17 de março**

“Hoje vou fazer questão de sair com uma blusa azul e rosa, mas com a sigla do PT no meio. Se vierem me agredir, o que é bem capaz acontecer, direi que o PT da sigla é de "Pessoas Trans". Afinal, não é todo dia que o ódio partidário está mais inflamado que a transfobia, né? Vamos aproveitar”.

**20 de março**

“Acabei de ler que a cantora Anitta cedeu às pressões estéticas quando preencheu os lábios, como se ela fosse apenas o resultado do que foi imposto e não tivesse participação alguma nessa disputa. Não quero ignorar o papel da sociedade no nosso desenvolvimento, de fato, é um papel significativo, mas também é importante levar em conta a resposta que damos a esse padrão. Embora exista uma série de normas sendo empurradas, esse processo nem sempre é exato.

Talvez seja hora de repensar as nossas análises quando o próprio feminismo ignora a autonomia das mulheres, quando toda escolha é vista como um produto das opressões. Ninguém se preocupou em ouvir as motivações da maior interessada, a Anitta. Parece-me que ainda é muito sedutor acreditar que a mulher é um ser alienado de si, sem qualquer responsabilidade, mas falar justamente o contrário a respeito dos homens. Esses devem ser julgados individualmente, não há qualquer cenário que justifique suas ações, são os autores exclusivos do discurso machista.

O resultado dessa estratégia é que, cedo ou tarde, a condição de sujeito é dada somente a eles. Não há liberdade quando está presumido que as mulheres não têm opção, que simplesmente cedem. É a já conhecida ideia de submissão incondicional que nós, feministas, deveríamos nos posicionar contra”.